

MICHEL HOUELLEBECQ

PARTÍCULAS ELEMENTARES



Editora Sudina



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*





Michel
Houellebecq

PARTICULAS
ELEMENTARES

Les Particules
élémentaires

1998

Tradução
Juremir Machado

Partículas elementares

Michel Houellebecq

Editora Sulina, 1999

Título original: Les Particules élémentaires, 1998

Tradução de Juremir Machado

© Flammarion, 1998 © Editora Sulina, 1999

Contracapa

Michel, pesquisador em biologia, rigorosamente determinista, incapaz de amar, administra o declínio de sua sexualidade dedicando-se ao trabalho, às compras no supermercado do bairro e aos tranquilizantes. Um ano sabático dá a suas pesquisas um rumo que sacudirá a face da terra. Bruno, por seu lado, obstina-se na busca desesperada do prazer sexual. Uma temporada no Espaço da Mudança, camping pós-68, tendência New Age, mudará a vida dele? Uma noite, na piscina, uma desconhecida de boca ousada deixa-o entrever a possibilidade prática da felicidade. Através de trajetórias familiares e sentimentais caóticas, os dois — irmãos por parte de mãe — ilustram, de modo exemplar, o suicídio ocidental — a não ser que anunciem a iminência de uma mutação jamais imaginada pela ficção. Poeta e romancista, Michel Houellebecq publicou *Extensão do domínio da luta* (1997) antes de explodir com *Partículas elementares* (1998), romance que o transformou num fenômeno cultural internacional, objeto da maior polêmica literária da década de 90 na França. Depois, lançou *Plataforma* e *A possibilidade de uma ilha*. A ironia nunca se dobra.

Prólogo

Este livro é, antes de tudo, a história de um homem que viveu a maior parte da sua vida, durante a segunda metade do século XX, na Europa ocidental. Geralmente só, esteve, entretanto, de longe em longe, em relação com outros homens. Viveu em tempos infelizes e conturbados. O país em que nascera deslizava, lenta mas inexoravelmente, para a zona econômica dos países intermediários; frequentemente açoitados pela miséria, os homens da sua geração passaram, além disso, a vida na solidão e na amargura. Os sentimentos de amor, de ternura e de fraternidade humana tinham, em ampla medida, desaparecido; nas relações entre eles, os seus contemporâneos demonstravam, quase sempre, indiferença ou mesmo crueldade. No momento do seu desaparecimento, Michel Dzerjinski era considerado, por unanimidade, como um biólogo de primeiro plano e pensava-se, seriamente, nele para o Nobel; a sua verdadeira importância só se revelaria um pouco mais tarde. À época em que viveu Dzerjinski, considerava-se, na maior parte do tempo, a filosofia como sendo destituída de qualquer importância prática e até mesmo de objeto. Na realidade, a visão de mundo dominante, em dado momento, numa sociedade, determina-lhe a economia, a política e os costumes. As mutações metafísicas — ou seja, as transformações radicais e globais da visão de mundo adotada pela maioria — são raras na história da humanidade. Pode-se, por exemplo, citar o surgimento do cristianismo.

Desde que uma mutação metafísica acontece, ela se desenvolve, sem encontrar resistência, até as últimas consequências. Varre, sem mesmo prestar-lhes atenção, os sistemas econômicos e políticos, os julgamentos estéticos, as hierarquias sociais. Nenhuma força humana pode interromper-lhe o curso — a não ser o aparecimento de uma nova mutação metafísica. Não se pode dizer que as mutações metafísicas atacam, especialmente, as sociedades enfraquecidas, em declínio. Quando o cristianismo apareceu, o império romano encontrava-se no apogeu; supremamente organizado, dominava o universo conhecido; a sua superioridade técnica e militar era incomparável; dito isso, ele não tinha nenhuma chance. Quando a ciência moderna apareceu, o cristianismo medieval constituía um sistema completo de compreensão do homem e do universo; servia de base ao governo dos povos, produzia conhecimentos e obras, decidia sobre a paz e a guerra, organizava a produção e a repartição das riquezas; nada disso conseguiria impedi-lo de desabar.

Michel Dzerjinski não foi o primeiro nem o principal artífice dessa terceira mutação metafísica, sob muitos aspectos a mais radical, que abriria um período novo na história do mundo; mas por causa de certas circunstâncias, bastante particulares, da sua vida, foi um dos artífices mais conscientes, mais lúcidos.

*Vivemos hoje sob um novo reinado,
E o entrelaçamento das circunstâncias envolve
nossos corpos,
Banha nossos corpos,
Num halo de alegria,
Aquilo que os homens de outrora pressentiram, por
vezes, através da música;
Utilizamos a cada dia na realidade prática.*

Aquilo que era para eles do domínio do inacessível e do absoluto,

Consideramos como algo muito simples e bem conhecido.

*Contudo, não desprezamos esses homens;
Sabemos o quanto devemos aos seus sonhos,
Sabemos que nada seríamos sem o entrelaçamento da dor e da alegria que constitui a história deles,
Sabemos que eram portadores da nossa imagem quando enfrentavam o ódio e o medo, quando se chocavam no escuro,*

Quando escreviam, pouco a pouco, a própria história.

Sabemos que não teriam sido, não poderiam mesmo ter sido o que foram, se não existisse, no fundo deles, essa esperança,

*Não teriam mesmo podido existir se não sonhassem.
Agora que vivemos na luz,
Agora que vivemos na proximidade imediata da luz
E que a luz banha nossos corpos,
Envolve nossos corpos,
Num halo de alegria
Agora que nos estabelecemos na proximidade imediata do rio,*

*Em tardes inesgotáveis
Agora que a luz em torno de nossos corpos tornou-se palpável,*

*Agora que chegamos ao destino
E que deixamos para trás o universo da separação,
O universo mental da separação,
Para submergir na alegria imóvel e fecunda
De uma nova lei
Hoje,
Pela primeira vez, podemos retrair o fim do antigo reinado.*

Parte um

O reino perdido

1

O dia 10 de julho caía numa quarta-feira. Foi, portanto, logicamente, embora de maneira inabitual, que Dzerjinski organizou a sua despedida na terça-feira, à noite. Entre as bandejas de congelamento de embriões, meio espremido pelo volume destas, um refrigerador, marca Brandt, recebeu as garrafas de champanhe; normalmente, servia para a conservação dos produtos químicos de uso rotineiro.

Quatro garrafas para 15, era pouco. Tudo, de resto, era pouco: as motivações para estarem reunidos eram superficiais; uma palavra inoportuna, um olhar de través e o grupo corria o risco de dispersar-se, cada um correndo para o seu carro. Mantinham-se numa peça, com ar condicionado, do subsolo, coberta de azulejos brancos, decorada com um pôster de lagos alemães. Ninguém pensou em tirar fotos. Um jovem pesquisador, que chegara no início do ano, um barbudo de aparência estúpida, desapareceu depois de alguns minutos, alegando problemas de estacionamento. Um mal-estar cada vez mais perceptível espalhou-se entre os convivas; as férias começariam em seguida. Alguns iam ver a família; outros praticavam turismo verde. As palavras trocadas estalavam no ar com lentidão. A separação foi rápida.

As 19h30min, tudo estava encerrado. Dzerjinski atravessou o estacionamento em companhia de uma colega de longos cabelos pretos, pele muito branca, seios volumosos. Era um pouco mais velha do que ele; com certeza, iria sucedê-lo na direção da unidade de pesquisa. A

maioria das suas publicações tratava do gene DAF3 da drosófila. Era solteira.

Em pé, diante da sua Toyota, estendeu, sorrindo, a mão à pesquisadora (fazia alguns segundos que previa a realização desse gesto, acompanhado do sorriso, e preparava-se mentalmente para isso). As palmas das mãos ajustaram-se, sacudindo-se suavemente. Um pouco mais tarde, ele percebeu que faltava calor a esse aperto de mão; dadas as circunstâncias, poderiam ter-se beijado, como fazem os ministros ou certos cantores populares.

Consumada a despedida, ele permaneceu no carro durante cinco minutos que lhe pareceram longos. Por que a mulher não dava a partida? Masturbava-se ouvindo Brahms? Pensava, ao contrário, na sua carreira, nas novas responsabilidades e, em caso afirmativo, sentia prazer? Enfim, o Golf da geneticista deixou o estacionamento. Estava novamente sozinho. O dia tinha sido magnífico e ainda estava quente. Naquelas semanas de começo de verão, tudo parecia congelado numa imobilidade radiante; contudo, Dzerjinski sabia que a duração dos dias já começara a diminuir.

Havia trabalhado num ambiente privilegiado, pensou, ao dar, por sua vez, a partida. À questão "estima, morando em Palaiseau, dispor de um ambiente privilegiado?", 63% dos habitantes respondiam "sim". Podia-se compreender isso: os imóveis eram baixos, separados por gramados. Vários hipermercados permitiam abastecimento fácil; a noção de qualidade de vida quase não parecia excessiva em se tratando de Palaiseau.

Na direção de Paris, a autoestrada do Sul estava deserta. Tinha a impressão de transitar num filme de ficção científica neozelandês que vira quando estudante: o último homem na Terra, após o desaparecimento da vida. Alguma coisa na atmosfera lembrava um apocalipse seco.

Dzerjinski morava, fazia uns dez anos, na rue Frémicourt e estava acostumado ali; o bairro era calmo. Em

1993, sentira necessidade de companhia; alguma coisa que o acolhesse a noite ao chegar. Escolheu um canarinho branco, animal medroso. Cantava todas as manhãs, mas não parecia alegre; pode um canarinho ser alegre? A alegria é uma emoção intensa e profunda, um sentimento de plenitude exaltante experimentado pela consciência inteira, semelhante à embriaguez, ao encantamento, ao êxtase. Uma vez, saiu da gaiola. Aterrorizado, cagou no sofá, antes de atirar-se contra as grades em busca da porta de entrada. Um mês depois, renovou a tentativa. Dessa vez, o pobre bicho caiu pela janela; amortecendo como pôde o tombo, conseguiu pousar na sacada de um edifício em frente, cinco andares abaixo. Michel teve de esperar a volta do morador, torcendo para que não tivesse gato. A moça era redatora na *20 Anos*; morava sozinha, chegava tarde. Não tinha gato.

Caíra a noite. Michel recuperou o bichinho, que tremia de frio e de medo, encolhido contra a parede de concreto. Várias vezes, geralmente ao tirar o lixo, cruzou de novo com a redatora. Ela balançava a cabeça, provavelmente em sinal de reconhecimento; ele fazia o mesmo. Ao fim das contas, o incidente permitira-lhe estabelecer uma relação de vizinhança.

Quanto a isso, foi bom.

Pelas janelas, podia-se avistar uma dezena de imóveis, em torno de 300 apartamentos. Em geral, quando Michel voltava, à noite, o canarinho punha-se a assobiar e a gorjear, por uns cinco ou dez minutos; trocava-lhe, então, os grãos, o milho e a água. Entretanto, naquela noite, Michel foi recebido pelo silêncio. Aproximou-se da gaiola: o pássaro estava morto. O pequeno corpo branco, já frio, jazia de lado sobre o leito de cascalho.

Jantou uma bandejinha de barbo ao cerefólio, Monoprix Gourmet, acompanhada por um Valdepenas medíocre. Depois de uma hesitação, pôs o cadáver do pássaro num

saco plástico e jogou tudo pelo buraco do lixo Que fazer mais? Rezar uma missa?

Nunca soube onde desembocava aquele buraco de lixo de abertura exígua (mas suficiente para conter o corpo de um canarinho). Entretanto, sonhou com lixeiras gigantescas, repletas de filtros de café, de raviólis esmagados e de órgãos sexuais cortados. Vermes gigantes, tão gordos quanto o pássaro, armados de bicos, atacavam-lhe o cadáver.

Arrancavam-lhe as patas, despedaçavam-lhe os intestinos, furavam-lhe os globos oculares. Levantou-se, na madrugada, tremendo; apenas uma e meia.

Engoliu três Xanax. Assim terminou a sua primeira noite de liberdade.

2

Numa comunicação feita na Academia de Berlim, em 14 de dezembro de 1900, intitulada "Zur Théorie des Gesetzes der Energieverteilung in Normalspektrum", Max Planck apresentou, pela primeira vez, a noção de quantum de energia, a qual deveria desempenhar papel decisivo na evolução posterior da física. Entre 1900 e 1920, principalmente sob a impulsão de Einstein e Bohr, modelizações mais ou menos engenhosas tentaram integrar o novo conceito no quadro das teorias anteriores; este só foi visto como irremediavelmente condenado a partir do início dos anos 20.

Se Niels Bohr é considerado como o verdadeiro fundador da mecânica quântica, não é somente em razão de suas descobertas pessoais, mas sobretudo do extraordinário ambiente de criatividade, de efervescência intelectual, de liberdade de espírito e de amizade que soube criar em torno de si. O Instituto de Física de Copenhague, fundado por Bohr em 1919, acolheria todos os jovens pesquisadores europeus. Heisenberg, Pauli, Born, formaram-se ali. Um pouco mais velho do que eles, Bohr era capaz de passar horas a discutir detalhes das hipóteses deles, numa mistura única de perspicácia filosófica, de benevolência e de rigor. Preciso, quase maníaco, não tolerava nada de aproximativo na interpretação das experiências; mas nenhuma ideia nova parecia-lhe a priori absurda, nenhum conceito clássico intangível. Gostava de convidar os estudantes para encontros na sua casa de

campanha, em Tisvilde, onde recebia cientistas de outras disciplinas, políticos, artistas; as conversas passavam livremente da física à filosofia, da história à arte, da religião à vida cotidiana. Nada de comparável tinha-se produzido desde os primeiros tempos do pensamento grego. Foi nesse contexto excepcional que se elaboraram, entre 1925 e 1927, os termos essenciais da interpretação de Copenhague que, em ampla medida, invalidava as categorias anteriores do espaço, da causalidade e do tempo.

Dzerjinski não conseguiu, de modo algum, recriar em torno dele tal fenômeno. O ambiente dentro da unidade de pesquisa que dirigia era, nem mais nem menos, um ambiente de escritório. Longe de serem os Rimbaud do microscópio, segundo a representação de um público sentimental, os pesquisadores em biologia molecular são, na maior parte das vezes, honestos técnicos, sem gênio, que leem *Le Nouvel Observateur* e sonham com férias na Groenlândia. A pesquisa em biologia molecular não exige nenhuma criatividade, nenhuma invenção; é, em realidade, uma atividade quase completamente rotineira que não requer mais do que razoáveis aptidões intelectuais de segundo nível. As pessoas fazem doutorados, defendem teses, enquanto dois anos de estudos depois do segundo grau seriam mais do que suficientes para manobrar os aparelhos. "Para conceber a ideia do código genético, para descobrir o princípio da síntese de proteínas, aí, sim, precisa-se molhar um pouco a camiseta", gostava de dizer Desplechin, diretor do departamento de biologia do CNRS. "De resto, observe-se que foi Gamow, um físico, o primeiro a meter o nariz no caso. Mas a decodificação do DNA, pfff... Decodifica-se, decodifica-se. Faz-se uma molécula, faz-se outra. Alimenta-se um computador com os dados, o computador calcula as subsequências. Envia-se um fax ao Colorado: eles fazem o gene B27, fazemos o C33. Trabalho de cozinha. De tempos em tempos, há um insignificante

progresso de aparelhagem; em geral isso basta para ganhar o Nobel. Bricolagem, brincadeira."

Na tarde de 10 de julho fez um calor esmagador; uma dessas tardes que terminam mal, em que o temporal acaba por desabar, dispersando os corpos nus. A sala de Desplechin dava para o passeio Anatole France. Do outro lado do Sena, no passeio das Tulherias, homossexuais circulavam ao sol, discutiam a dois ou em pequenos grupos, dividiam as toalhas. Quase todos estavam de fio dental. Os músculos, embebidos de protetor solar, brilhavam na luz; as nádegas eram luzidias e torneadas. Jogando conversa fora, alguns massageavam os órgãos sexuais através do náilon das sungas ou deslizavam um dedo, descobrindo os pelos pubianos, o começo do falo. Perto da vidraça, Desplechin havia instalado uma luneta. Ele próprio, segundo os boatos, era homossexual; em realidade, fazia alguns anos, era sobretudo alcoólatra mundano. Numa tarde como aquela, tentou por duas vezes masturbar-se, com o olho colado na luneta, fixando com perseverança um adolescente que deixara escorregar a sunga e cujo pau entabulava uma emocionante ascensão. O seu próprio sexo, porém, recaíra, flácido e enrugado, seco; não insistiu.

Dzerjinski chegou às 16 horas em ponto. Desplechin tinha pedido para vê-lo. O caso dele o intrigava. Era, certo, comum que um pesquisador tirasse um ano sabático para trabalhar noutra equipe, na Noruega, no Japão, enfim, num desses países sinistros onde os quadragenários se suicidam em massa. Outros — caso frequente durante os "anos Mitterrand", época em que a voracidade financeira atingiu proporções inusitadas procuravam capital de risco e fundavam uma empresa para comercializar determinada molécula; alguns, de resto, haviam construído, em pouco tempo, fortunas confortáveis, rentabilizando com mesquinhez os conhecimentos adquiridos durante os anos de pesquisa desinteressada. Mas a disponibilidade de Dzerjinski, sem projeto, sem objetivo, sem a menor ponta

de justificação, parecia incompreensível. Aos 40 anos, era diretor de pesquisa, 15 cientistas trabalhavam sob as suas ordens, e só dependia — em tese, nada mais do que isso — de Desplechin. A sua equipe obtinha excelentes resultados e era considerada como uma das melhores da Europa. Em suma, o que não andava bem? Desplechin forçou o dinamismo da voz: "Você tem projetos?" Houve um silêncio de 30 segundos, antes que Dzerjinski dissesse sobriamente: "Refletir". A coisa iniciada mal. Forçando o entusiasmo, insistiu: "No plano pessoal?" Fixando o rosto sério, de traços agudos, olhos tristes, à sua frente, sentiu-se, repentinamente, soterrado pela vergonha. No plano pessoal, não é? Ele mesmo tinha ido buscar Dzerjinski, 15 anos antes, na Universidade de Orsay. A escolha não podia ter sido melhor: os bons resultados acumularam-se. Se o CNRS mantivera-se bem colocado, entre os europeus, na pesquisa em biologia molecular, devia isso, em grande parte, a Dzerjinski. O contrato tinha sido, amplamente, cumprido.

"Naturalmente manteremos os seus acessos aos dados informatizados", terminou Desplechin. "Deixaremos ativos os seus códigos de acesso aos resultados estocados no servidor e à conexão Internet do Centro; tudo isso por tempo indeterminado. Se tiver necessidade de mais alguma coisa, estou à sua disposição."

Depois que o outro foi embora, Desplechin aproximou-se novamente das vidraças. Transpirava um pouco. Na calçada em frente, um jovem moreno, de tipo norte-africano, tirava o short. Existiam ainda verdadeiros em biologia fundamental. Os biólogos pensavam e agiam como se as moléculas fossem elementos materiais separados, ligados unicamente por atrações e repulsões eletromagnéticas. Estava convencido de que nenhum deles tinha ouvido falar do paradoxo EPR, das experiências de Aspect. Nenhum tinha sequer procurado informar-se dos progressos realizados em física desde o começo do século; possuíam,

mais ou menos, a mesma concepção de átomo de Demócrito. Acumulavam dados, pesados e repetitivos, com o único objetivo de alcançar aplicações industriais imediatas, sem nunca tomar consciência de que a base conceitual de seus procedimentos estava minada.

Dzerjinski e ele mesmo, graças à formação em física, eram provavelmente os únicos no CNRS a se darem conta disso: assim que se abordassem realmente as bases atômicas da vida, os fundamentos da biologia atual explodiriam em cacos. Desplechin meditou sobre essas questões enquanto a noite caía sobre o Sena. Era incapaz de imaginar os caminhos que a reflexão de Dzerjinski poderia tomar; não se sentia nem sequer em condição de discutir com ele a esse respeito; era quase um sexagenário; no plano intelectual, sentia-se completamente esgotado. Os homossexuais já tinham debandado e o passeio estava deserto. Não conseguia lembrar-se da sua última ereção. Esperava a tempestade.

3

O temporal desabou por volta das 21 horas. Dzerjinski, bebendo pequenos goles de um armagnac de má qualidade, escutou a chuva. Acabava de completar 40 anos. Encontrava-se na crise dos 40? Em função da melhoria das condições de vida, as pessoas de 40 anos estão hoje em plena forma, em excelente condição física; os primeiros sinais — seja pela aparência física, seja pela reação dos órgãos ao esforço — de que um patamar acaba de ser ultrapassado, de que a longa descida rumo à morte acaba de ser acionada, só se produzem, em geral, perto dos 45, ou mesmo dos 50 anos. Além disso, a famosa "crise dos 40" aparece, com frequência, associada a fenômenos sexuais, à busca súbita e frenética do corpo de garotas muito jovens. No caso de Dzerjinski, essas considerações estavam fora de propósito: seu pau servia-lhe para mijar, e nada mais.

No dia seguinte, levantou-se pelas sete horas, pegou, na sua biblioteca, *A Parte e o Todo*, autobiografia científica de Werner Heisenberg, e dirigiu-se a pé rumo ao Champ-de-Mars. A aurora estava límpida e fresca. Possuía aquele livro desde a idade de 17 anos. Sentado sob um plátano, na alameda Victor Cousin, releu a passagem do primeiro capítulo em que Heisenberg, reconstituindo o contexto dos anos de formação, relata as circunstâncias do seu primeiro contato com a teoria atômica:

“Isso deve ter se passado, penso, na primavera de 1920. O fim da primeira grande guerra semeou o

distúrbio e a confusão entre os jovens de nosso país. A velha geração, profundamente decepcionada pela derrota, havia deixado cair às rédeas das mãos; e os jovens se reuniam em grupos, em comunidades pequenas ou grandes, para buscar um novo caminho ou, ao menos, para encontrar uma nova bússola que lhes desse orientação, pois a antiga tinha sido quebrada. Foi assim que, numa bela manhã de primavera, eu caminhava com um grupo composto de dez ou 20 camaradas. Se bem me lembro, o passeio nos levava através das colinas que cercam a margem oeste do lago de Starnberg, o qual, cada vez que surgia um buraco nas fileiras de faias de um verde luminoso, aparecia à esquerda, abaixo de nós, e parecia quase estender-se até as montanhas que formavam o fundo da paisagem. Foi, de modo bastante estranho, ao longo daquele passeio, que aconteceu a minha primeira discussão sobre o mundo da física atômica, discussão que teria grande significação para mim no curso de minha carreira posterior”.

Pelas 11 horas, o calor recomeçou a aumentar. De volta para casa, Michel despiu-se completamente antes de se deitar. Nas três semanas seguintes, os seus movimentos foram extremamente reduzidos. Pode-se imaginar que o peixe colocando, de tempos em tempos, a cabeça fora da água, para abocanhar o ar, perceba, durante alguns segundos, um mundo aéreo completamente diferente — paradisíaco. Claro, retornaria em seguida ao seu universo de algas, onde os peixes se devoram. Mas por alguns segundos teria a intuição de um mundo, um mundo perfeito — o nosso.

Na noite de 15 de julho, Michel telefonou para Bruno. Sobre um fundo de jazz cool, a voz de seu irmão emitia uma mensagem sutilmente irônica. Bruno era, certamente, vítima da crise dos 40. Usava impermeáveis de couro,

deixava crescer a barba. Para mostrar que conhecia a vida, exprimia-se como um personagem de série policial de segunda categoria; fumava pequenos charutos, desenvolvia os músculos peitorais. Mas, no que lhe dizia respeito, Michel não acreditava mais nenhum pouco em explicações pela "crise dos 40". Um homem, vítima da crise dos 40, pede apenas para viver, viver mais um pouco; quer justo uma pequena prorrogação. A verdade, no seu caso, é que estava de saco completamente cheio; não via simplesmente mais nenhuma razão para continuar.

Naquela mesma noite, encontrou uma foto, tirada na escola primária de Charny, e começou a chorar. Sentada na sua carteira, a criança segurava uma cartilha aberta. Fixava sorrindo o espectador, cheia de alegria e de coragem; aquela criança, coisa incompreensível, era ele. O menino fazia os deveres, aprendia as lições, com seriedade e confiança. Entrava no mundo, descobria o mundo, e o mundo não o assustava. Estava pronto para ocupar um lugar na sociedade dos homens. Podia-se ler tudo isso no olhar da criança, que usava um avental com uma pequena gola.

Durante vários dias, Michel guardou a foto ao alcance da mão, apoiada contra a lâmpada de cabeceira. O tempo é um mistério banal e tudo estava em ordem, tentava dizer para si mesmo; o olhar apaga-se, a alegria e a confiança desaparecem. Deitado no seu colchão Bultex, buscava, sem sucesso, a impermanência. A face da criança tinha a marca de uma pequena depressão redonda — cicatriz de varicela que atravessara os anos. Onde estava a verdade? O calor do meio-dia enchia a peça.

4

Nascido em 1882, num vilarejo do interior da Córsega, numa família de camponeses analfabetos, Martin Ceccaldi parecia destinado à vida agrícola e pastoril, de raio de ação limitado, que fora a dos seus ancestrais desde uma sucessão indefinida de gerações. Trata-se de uma vida há muito tempo desaparecida de nossas regiões, cuja análise exaustiva não apresenta mais do que um interesse limitado. Como alguns ecologistas radicais manifestam por ela, de vez em quando, uma nostalgia incompreensível, farei, contudo, para ser completo, uma sintética descrição de tal vida. Tem-se a natureza e o ar puro, alguns lotes de terra para cultivar (cujo número é precisamente fixado por um sistema rigoroso de herança), de tempos em tempos, caça-se; trepa-se aqui e ali, especialmente com a própria esposa, gerando filhos, que são educados para ocupar um lugar no mesmo ecossistema; pega-se uma doença e bate-se as botas.

O destino singular de Martin Ceccaldi é, em realidade, perfeitamente sintomático do papel de integração na sociedade francesa e de promoção do progresso tecnológico desempenhado pela escola laica durante a III República. Rapidamente, o professor compreendeu que estava diante de um ser excepcional, dotado de um espírito de abstração e de uma inventividade formal, cuja expressão seria muito difícil no seu âmbito de origem. Inteiramente consciente de que o seu papel não se limitava a fornecer a cada futuro cidadão uma bagagem de conhecimentos

elementares, mas que lhe cabia também detectar os elementos de elite chamados a integrar-se aos escalões da República, conseguiu persuadir os pais de Martin de que o destino do filho seria decidido necessariamente fora da Córsega. Em 1894, graças a uma bolsa, o garoto entrou, portanto, como interno no liceu Thiers, de Marselha (bem descrito nas recordações de infância de Mareei Pagnol, as quais constituiriam, até o fim, em razão da excelente reconstituição realista da trajetória de um rapaz talentoso, oriundo de um meio desfavorecido, a leitura favorita de Martin Ceccaldi). Em 1902, satisfazendo plenamente as esperanças depositadas nele pelo ex-professor, foi admitido na Escola Politécnica.

Foi em 1911 que surgiu a missão que decidiria seu futuro. Tratava-se de criar uma rede eficaz de distribuição de água em todo o território argelino. A isso ele se dedicou durante mais de 25 anos, calculando curvatura de aquedutos e diâmetro de canalizações. Em 1923, casou-se com Geneviève July, uma balconista de longínqua origem do Languedoc, cuja família estava, havia duas gerações, instalada na Argélia. Em 1928, tiveram uma filha: Janine.



A descrição de uma vida humana pode ser tão longa ou tão curta quanto se queira. A opção metafísica ou trágica, limitando-se, em última instância, às datas do nascimento e da morte classicamente inscritas numa lápide, recomenda-se por sua extrema concisão. No caso de Martin Ceccaldi, parece conveniente abordar uma dimensão histórica e social, enfatizando menos as características pessoais do

indivíduo do que a evolução da sociedade da qual constitui um elemento sintomático. Levados, de um lado, pela evolução história da época, tendo além do mais a isso aderido, os indivíduos sintomáticos têm em geral uma existência simples e feliz: a narrativa de uma vida pode então, classicamente, ocupar uma ou duas páginas. Janine Ceccaldi pertencia à desanimadora cate dos precursores. Bastante adaptados, por um lado, ao modo de vida dominante em sua época, preocupados, por outro lado, em superá-la — por cima", pregando novos comportamentos ou popularizando comportamentos ainda pouco praticados, os precursores exigem, em geral, uma descrição um pouco mais longa, ainda mais que têm trajetórias, com frequência, mais atormentadas e confusas. Desempenham, entretanto, apenas um papel de acelerador histórico — em geral, de acelerador de uma decomposição histórica — sem nunca conseguir dar nova direção aos acontecimentos, papel reservado aos revolucionários ou aos profetas.

Cedo, a filha de Martin e Geneviève Ceccaldi manifestou aptidões intelectuais fora do comum, ao menos iguais às do pai, junto com manifestações de um caráter muito independente. Perdeu a virgindade aos 13 anos (o que era excepcional na época e no seu meio), antes de consagrar os anos de guerra (mais para calmos na Argélia) aos bailes dos finais de semana, primeiro em Constantina e depois em Argel; tudo isso sem deixar de alinhar, trimestre após trimestre, impressionantes resultados escolares. Foi, portanto, de posse de um bacharelado¹ com louvor e de uma experiência sexual já sólida que se separou, em 1945, dos pais para estudar medicina em Paris.

Os primeiros anos do pós-guerra foram difíceis e violentos; o índice da produção industrial atingiu o nível mais baixo e o racionamento alimentar só foi abolido em 1948. Entretanto, numa fatia privilegiada da população, já apareciam os primeiros sinais de um consumo libidinal de

entretenimento de massa, proveniente dos Estados Unidos da América, que deveria estender-se ao conjunto da população durante as décadas seguintes. Estudante na Faculdade de Medicina de Paris, Janine Ceccaldi pôde assim conhecer de muito perto os anos "existencialistas" e teve até mesmo a ocasião de dançar um be-bop, no Tabu, com Jean-Paul Sartre. Pouco impressionada pela obra do filósofo, surpreendeu-se, em contrapartida, com a feiura do indivíduo, na beira da deficiência física, e o incidente terminou ali. Linda, de um tipo mediterrâneo pronunciado, teve inúmeras aventuras antes de encontrar, em 1952, Serge Clément, que concluía a especialização em cirurgia.

"Você quer um retrato de meu pai?", gostava de perguntar Bruno, anos mais tarde: "Pegue um macaco, equipe-o com um telefone celular e você terá uma ideia da figura". Na época, Serge Clément não dispunha, evidentemente, de nenhum celular, mas era, de fato, bastante peludo. Em suma, nada bonito. Mas emanava dele uma virilidade potente e sem complicações que seduziria a jovem interna. Além disso, ele tinha projetos. Uma viagem aos Estados Unidos convencera-o de que a cirurgia plástica oferecia consideráveis perspectivas de futuro a um profissional ambicioso. A ampliação progressiva do mercado da sedução, a implosão concomitante do casal tradicional, a provável decolagem econômica da Europa ocidental, tudo conduzia, com efeito, a prever excelentes possibilidades de expansão no setor. Serge Clément teve o mérito de ser um dos primeiros na Europa certamente o primeiro na França — a compreendê-lo. O problema é que lhe faltavam os fundos necessários para começar o negócio. Martin Ceccaldi, favoravelmente impressionado pelo espírito de iniciativa do futuro genro, aceitou emprestar-lhe dinheiro. A primeira clínica foi aberta, em Neuilly, em 1953. O sucesso, impulsionado pelas páginas de informação das revistas femininas, então em pleno desenvolvimento, foi,

realmente, extraordinário e uma nova clínica surgiu, em 1955, nos altos de Cannes.

Os dois formavam o que viria a ser chamado de "casal moderno" e foi antes por inadvertência que Janine engravidou de seu marido. Decidiu, entretanto, ter o filho; a maternidade, pensara, era uma dessas experiências que uma mulher deve viver. A gestação foi, de resto, um período agradável e Bruno nasceu em março de 1956. Os cuidados fastidiosos exigidos pela criação de um bebê pareceram rapidamente ao casal pouco compatíveis com o ideal de liberdade pessoal de ambos. De acordo, expediram, em 1958, Bruno para a casa dos avós maternos, em Argel. Na época, Janine estava outra vez grávida. Mas, desta vez, o pai era Marc Dzerjinski.



Empurrado por uma miséria atroz, nos limites da fome, Lucien Dzerjinski deixou, em 1919, a bacia mineira de Katowice, onde havia nascido 20 anos antes, na esperança de encontrar trabalho na França. Tornou-se ferroviário, primeiro na construção, depois na manutenção das vias, e casou-se com Marie Le Roux, filha de diaristas, originária da Borgonha, também empregada da ferrovia. Ela deu-lhe quatro filhos, antes de morrer, em 1944, durante um bombardeio aliado. O terceiro filho, Marc, tinha 14 anos quando da morte do pai. Era um garoto inteligente, sério, um pouco triste. Graças a um vizinho, entrou, em 1946, como aprendiz de eletricitista nos estúdios Pathé de Joinville. Revelou-se, de imediato, muito talentoso para o trabalho; a partir de instruções sumárias, preparava excelentes

iluminações, antes da chegada do chefe operador. Henri Alekan muito o estimava e queria transformá-lo em seu assistente, quando este decidiu, em 1951, entrar na ORTF,² que iniciava suas transmissões.

Ao encontrar Janine, no começo de 1957, Marc fazia uma reportagem para a televisão sobre Saint-Tropez. Centrada, sobretudo, na personagem de Brigitte Bardot (*E Deus criou a mulher*, lançado em 1956, constituiu o verdadeiro lançamento do mito Bardot), a apuração estendia-se também a certos meios artísticos e literários, em especial o que se chamou depois de "bando de Sagan". Esse mundo que lhe permanecia inacessível, apesar do seu dinheiro, fascinava Janine, que parece ter-se, realmente, apaixonado por Marc. Estava convencida de que ele tinha o estofo de um grande cineasta, o que, de resto, era provavelmente o caso. Trabalhando em condições de reportagem, com um material de iluminação leve, compunha, deslocando alguns objetos, cenas perturbadoras, ao mesmo tempo realistas, tranquilas e perfeitamente desesperadas, que podiam evocar o trabalho de Edward Hopper. Passeava sobre as celebridades, com as quais convivia, um olhar indiferente e filmava Bardot ou Sagan com tanta consideração quanto se se tratasse de lulas ou caranguejos. Não falava nem simpatizava com ninguém; era realmente fascinante.

Janine divorciou-se em 1958, pouco depois de ter despachado Bruno para a casa dos avós. Foi um divórcio amigável, com os erros partilhados. Generoso, Serge cedeu-lhe a sua parte da clínica de Cannes, que podia assegurar-lhe, a ela sozinha, uma renda confortável. Depois de instalados numa mansão de Sainte-Maxime, Marc nada mudou nos seus hábitos solitários. Ela o apressava a cuidar de sua carreira cinematográfica; ele concordava, mas nada fazia, contentando-se em esperar a próxima reportagem. Quando ela dava um jantar, ele preferia, o mais frequente,

comer sozinho, um pouco antes, na cozinha; depois, saía a passear na praia. Voltava pouco antes da partida dos convidados, alegando uma montagem a terminar. O nascimento do filho, em junho de 1958, provocou-lhe uma evidente perturbação. Passava minutos inteiros a olhar para a criança, que se parecia, de modo impressionante, com ele: mesmo rosto de traços afinados e maçãs proeminentes; mesmos olhos verdes. Pouco depois, Janine começou a enganá-lo. Ele certamente sofria, mas é difícil dizer, pois falava realmente cada vez menos. Construía pequenos altares com seixos, ramagens, carapaças de crustáceos; depois, fotografava-os, sob uma luz rasteira.

A reportagem sobre Saint-Tropez teve grande sucesso no meio, mas ele se negou a dar entrevista à *Cahiers du cinéma*. A sua cotação aumentou ainda mais com a difusão de um breve documentário, muito ácido, que havia filmado na primavera de 1959 sobre *Salut les copains* e o aparecimento do fenómeno iê-iê-iê. O cinema de ficção decididamente não o interessava e recusou, por duas vezes, trabalhar com Godard. Na mesma época, Janine começou a frequentar americanos de passagem pela Côte. Nos Estados Unidos, na Califórnia, alguma coisa radicalmente nova estava acontecendo. Em Esalen, perto de Big Sur, criavam-se comunidades baseadas na liberdade sexual e na utilização das drogas psicodélicas, destinadas a provocar a abertura do campo da consciência. Tornou-se amante de Francesco di Meola, um americano de origem italiana que conhecera Ginsberg e Aldous Huxley e era um dos fundadores de uma das comunidades de Esalen.

Em janeiro de 1960, Marc viajou para fazer uma reportagem sobre um novo tipo de sociedade comunista, em construção na China popular. Voltou a Sainte-Maxime, em 23 de junho, no meio da tarde. A casa parecia deserta. Entretanto, uma garota de uns 15 anos, completamente nua, estava em posição de lótus no tapete da sala. "Gone to the beach...", fez, em resposta às questões dele, antes de

recair na apatia. No quarto de Janine, um enorme barbudo, visivelmente bêbado, roncava atravessado na cama. Marc aguçou o ouvido; chegavam-lhe gemidos ou grunhidos.

No quarto de cima, reinava um fedor assustador; o sol, penetrando pelas vidraças, iluminava violentamente as lajotas em preto e branco. Seu filho engatinhava desajeitadamente, resvalando, de vez em quando, numa poça de urina ou excrementos. Piscava os olhos e gemia sem parar. Percebendo uma presença humana, tentou fugir. Marc tomou-o nos braços; aterrorizado, o pequeno tremia.

Marc saiu de novo. Numa loja próxima, comprou uma cadeira de bebê. Escreveu um bilhete para Janine, entrou no carro, prendeu a criança na cadeirinha e partiu em direção ao Norte. Na altura de Valence, bifurcou para o Maciço Central. Caía a noite. De vez em quando, entre duas curvas, dava uma olhada no filho que dormitava no banco de trás; sentia-se invadido por uma estranha emoção.

A partir daquele dia, Michel foi criado pela avó, aposentada, no Yonne, terra dela. Pouco depois, Janine foi viver na Califórnia, na comunidade de di Meola. Michel não a veria antes dos 15 anos de idade. Não viu, tampouco, muito o pai. Em 1964, este foi encarregado de realizar uma reportagem sobre o Tibete, então submetido à ocupação militar chinesa. Numa carta à mãe, afirmava estar bem, declarava-se apaixonado pelas manifestações do budismo tibetano, que a China tentava violentamente erradicar. Depois, não se teve mais notícias dele. Um protesto da França, junto ao governo chinês, não teve qualquer efeito e, embora o corpo não tenha sido encontrado, um ano mais tarde, foi, oficialmente, declarado desaparecido.

¹ Na França, exame e diploma que sancionam o fim dos estudos secundários. (N.T.)

[2](#) Office de Radiodiffusion Télévision Française. (N.T.)

5

Verão de 1968. Michel tem dez anos. Desde os dois anos, vive sozinho com a avó. Moram em Charny, no Yonne, perto da fronteira do Loire. Ele se levanta cedo para preparar o café da manhã da avó. Numa ficha especial, marcou o tempo de infusão do chá, o número de fatias de pão com manteiga e outras coisas.

Com frequência, até o almoço, fica no quarto. Lê Jules Verne, *Pif*, o cão ou *O Clube dos cinco*. Mas, na maior parte do tempo, mergulha na coleção *Todo o Universo*, na qual se fala da resistência dos materiais, da forma das nuvens, da dança das abelhas, do Taj Mahal, palácio construído por um rei muito antigo, em homenagem à sua rainha morta, da morte de Sócrates ou da invenção da geometria por Euclides, há três mil anos.

À tarde, senta-se no quintal. Encostado na cerejeira, de calças curtas, sente a massa elástica da grama. Sente o calor do sol. Alfaces absorvem o sol; absorvem também a água. Sabe que deverá regá-las ao anoitecer. Continuará a ler *Todo o Universo* ou um livro da coleção *Cem questões sobre*. Absorve conhecimentos.

Também com frequência, sai de bicicleta pela campanha. Pedala com todas as suas forças, enchendo os pulmões com o sabor da eternidade. A eternidade da infância é uma eternidade breve, mas ele ainda não sabe disso. A paisagem desfila.

Em Charny, só resta uma mercearia, mas a caminhonete do açougueiro passa nas quartas-feiras, a do vendedor de

peixe, nas sextas. Volta e meia, aos sábados ao meio-dia, a avó faz bacalhau ao creme. Michel está vivendo o seu último verão em Charny, mas ainda não sabe disso. No começo do ano, a avó teve um ataque. As suas duas filhas, que vivem na periferia de Paris, procuram uma casa, não longe de onde moram, para ela, que já não pode continuar sozinha todo o ano, cuidando do quintal.

Michel raramente brinca com os garotos da sua idade, mas não tem más relações com eles. É considerado um pouco à parte. Na escola, tem excelentes notas e compreende tudo sem esforço aparente. Sempre foi o primeiro em todas as matérias; naturalmente, a avó sente-se orgulhosa. Mas ele não é nem odiado nem agredido por seus colegas. Deixa-os, sem dificuldade, colar. Espera que o colega tenha terminado de copiar para virar a página. Apesar dos resultados excelentes, senta-se na última fila. São frágeis as condições do reinado.

6

Numa tarde de verão, quando ainda morava no Yonne, Michel correria pelos arredores com sua prima Brigitte, bela garota de 16 anos, de extrema doçura, que se casaria, alguns anos mais tarde, com um imbecil extraordinário. Foi no verão de 1967. Ela o pegava pelas mãos e o fazia girar em torno dela. Depois, rolavam na grama recém-cortada. Roçava nos seios quentes dela, que vestia uma saia curta. No dia seguinte, estavam cobertos de pequenas manchas vermelhas, os corpos tomados por coceiras atrozes. O *Thrombidium holosericum*, também chamado de micuim, é muito comum, no verão, nos pastos. Com um diâmetro de mais ou menos dois milímetros, tem corpo espesso, carnudo, inchado, de um vermelho vivo. Finca o rostro na pele dos mamíferos, causando irritações insuportáveis. A *Linguatulia rhinaria*, linguatulídeos, vive nas fossas nasais e nas cavidades sinuosas ou maxilares do cão, por vezes do homem. O embrião é oval, com uma cauda atrás; a boca possui um aparelho perfurante. Dois pares de apêndices (ou tocos) contêm longas pinças. O adulto é branco, lanceolado, com um comprimento de 18 a 85 milímetros. Corpo achatado, anelado, transparente, coberto de espículas cutinosas.

Em dezembro de 1968, a avó mudou-se para Sena e Marne, perto das filhas. A vida de Michel, nos primeiros tempos, mudou um pouco. Crécy-en-Brie não fica a mais de 50 quilômetros de Paris. Na época, ainda era campanha. O povoado é belo, composto de casas antigas. Corot pintou ali

alguns quadros. Um sistema de canais desvia as águas do Grand Morin, o que vale a Crécy a abusiva qualificação, em certos prospectos, de Veneza da Brie. Raros são os habitantes que trabalham em Paris. A maioria é empregada nas pequenas empresas locais ou, com mais frequência, em Meaux.

Dois meses mais tarde, a avó comprou uma televisão; a publicidade acabava de ser implantada na principal emissora. Na noite de 21 de julho de 1969, ele pôde acompanhar, ao vivo, os primeiros passos do homem na Lua. Seiscentos milhões de telespectadores disseminados pelo planeta assistiam, ao mesmo tempo que ele, ao espetáculo. As horas da transmissão foram provavelmente o ponto culminante do primeiro período do sonho tecnológico ocidental.

Apesar do seu ingresso com o ano em andamento, Michel adaptou-se bem ao colégio de Crécy-en-Brie e passou sem dificuldade para a sétima série. Todas as quintas-feiras, comprava *Pif*, cujo projeto acabava de ser reformulado. Contrariamente a muitos leitores, não o fazia pelo objeto, mas pelas narrativas completas de aventuras. Através de uma surpreendente variedade de épocas e de cenários, as histórias colocavam em cena valores morais simples e profundos. Ragnar, o Viking, Teddy Ted e o Apache, Rahan, o "filho da idade das trevas", Nadsine Hodja, que zombava dos vizires e dos califas: todos poderiam partilhar uma mesma ética. Michel tomava progressivamente consciência disso e permaneceria marcado. A leitura de Nietzsche não lhe provocou mais do que uma irritação passageira; a de Kant só confirmou o que já sabia. A moral pura é única e universal. Não sofre nenhuma alteração ao longo do tempo, tampouco nenhum acréscimo. Não depende de nenhum fator histórico, econômico ou cultural; não depende de absolutamente nada. Não determinada, determina. Não condicionada, condiciona. Em outros termos, é um absoluto.

Uma moral passível de ser observada na prática é sempre o resultado da mistura, em proporções variáveis, de elementos de moral pura e de outros de origem mais ou menos obscura, o mais frequente religiosa. Quanto mais a parte dos elementos de moral pura for importante, mais a sociedade-suporte da moral considerada terá uma existência longa e feliz. No limite, uma sociedade regida pelos puros princípios da moral universal duraria tanto quanto o mundo.

Michel admirava todos os heróis de *Pif*, mas o seu preferido era sem dúvida Lobo Negro, o índio solitário, nobre síntese das qualidades do Apache, do Sioux e do Cheyenne. Lobo Negro atravessava interminavelmente a pradaria, com seu cavalo Shinook e seu lobo Toopee. Não somente agia, socorrendo sem hesitar os mais fracos, mas comentava, constantemente, as próprias ações com base num critério ético transcendente, por vezes poetizado por diferentes provérbios dakotas ou crees; por vezes, mais sobriamente, em referência à "lei da pradaria". Anos mais tarde, Michel continuaria a considerá-lo como o tipo ideal do herói kantiano, agindo sempre "como se fosse, por suas máximas, um membro legislador no reino universal dos fins". Certos episódios como o Bracelete de couro, com o personagem perturbador do velho chefe cheyenne que procurava as estrelas, ultrapassavam os limites estreitos da narrativa de aventuras para mergulhar num clima puramente poético e moral.

A televisão interessava-lhe menos. Acompanhava, entretanto, com o coração apertado, o programa semanal A vida dos animais. As gazelas e os cervos, mamíferos delicados, viviam aterrorizados. Os leões e as panteras, num embrutecimento apático entrecortado por breves explosões de crueldade. Matavam, destroçavam, devoravam os animais mais fracos, velhos ou doentes; depois, recaíam num sono estúpido, somente perturbado pelos ataques dos parasitas que os devoraram do interior.

Alguns parasitas eram, por sua vez, atacados por parasitas menores, constituindo um terreno de reprodução para os vírus. Os répteis deslizavam entre as árvores, atingindo pássaros e mamíferos com seus dentes venenosos, salvo quando eram, subitamente, estraçalhados pelo bico de um rapace. A voz pomposa e estúpida de Claude Darget comentava as imagens atrozes com uma expressão de admiração injustificável. Michel estremecia de indignação e também ali sentia formar-se nele uma convicção inabalável: tomada em conjunto, a natureza selvagem não era mais do que uma repugnante imundície; no todo, a natureza selvagem justificava uma destruição total, um holocausto universal — e a missão do homem na Terra era provavelmente de realizar tal holocausto.

Em abril de 1970, *Pif* lançou uma novidade que ficaria célebre: o pó da vida. Cada número vinha acompanhado de um saquinho contendo os ovos de um crustáceo marinho minúsculo, a *Artemia salina*. Durante vários milênios, tais organismos permaneceram em estado vegetativo. O procedimento para reanimá-los era razoavelmente complexo: precisava-se decantar a água durante três dias, amorná-la, acrescentar o conteúdo do envelope, agitar levemente. Nos dias seguintes, devia-se manter o recipiente perto de uma fonte de luz e de calor; repor regularmente água na boa temperatura para compensar a evaporação; sacudir delicadamente a mistura para oxigená-la. Algumas semanas mais tarde o frasco fervilhava de uma massa de crustáceos translúcidos, para dizer a verdade, um pouco repugnantes, mas incontestavelmente vivos. Não sabendo o que fazer deles, Michel acabou por atirar tudo no Grand Morin.

No mesmo número, a narrativa completa de aventuras, em 20 páginas, trazia certas revelações sobre a juventude de Rahan, as circunstâncias que o tinham levado à situação de herói solitário no coração da pré-história. Quando ainda era criança, o seu clã tinha sido dizimado por uma erupção

vulcânica. Seu pai, Crao, o sábio, ao morrer, só conseguira legar-lhe um colar de três garras, cada uma representando uma qualidade "dos-que-andam-em-pé", os homens. Havia a garra da lealdade, a da coragem; e, mais importante de todas, a da bondade. Desde então, Rahan usava o colar, tentando mostrar-se digno do que ele representava.

A casa de Crécy tinha um quintal ao comprido, com nina cerejeira um pouco menor do que a do Yonne. Michel continuava a ler *Todo o Universo e Cem questões sobre*. No seu aniversário, quando completou 12 anos, a avó ofereceu-lhe uma caixa de *Pequeno químico*. A química era muito mais cativante do que a mecânica ou a eletricidade; mais misteriosa, mais diversa. Os produtos descansavam em caixas de diferentes cores, forma e textura, como essências eternamente separadas. Contudo, bastava aproximá-los para que reagissem com violência, formando um raio de compostos radicalmente novos.

Numa tarde de julho, enquanto lia no quintal, Michel tomou consciência de que a base química da vida poderia ter sido completamente diferente. O papel desempenhado, nas moléculas dos seres vivos, pelo carbono, pelo oxigênio e pelo azoto poderia ter sido sustentado por moléculas de valência idêntica, mas com pesos atômicos mais elevados. Num outro planeta, em condições de temperatura e pressão diferentes, as moléculas da vida poderiam ter sido o silício, o enxofre e o fósforo ou, quem sabe, o germânio, o selênio e o arsênico; ou, ainda, o estanho, o telúrio e o antimônio. Não havia ninguém com quem pudesse discutir tais coisas: a seu pedido, a avó comprou-lhe várias obras de bioquímica.

7

A primeira lembrança de Bruno datava dos seus quatro anos de idade; era a lembrança de uma humilhação. Estava, então, no jardim da infância do Parque Laperlier, em Argel. Numa tarde de outono, a professora tinha explicado aos garotos como fazer colares de folhas. As meninas esperavam, sentadas mais abaixo, já com os sinais de uma estúpida resignação de fêmeas. A maioria usava vestidos brancos. O solo estava coberto de folhas douradas. Havia, sobretudo, castanheiros e plátanos. Um após o outro os colegas terminavam o colar e iam passá-lo em torno do pescoço da garota preferida. Ele não avançava, as folhas quebravam-se, tudo se destruía entre as suas mãos. Como explicar-lhes que necessitava de amor? Como explicar-lhes sem o colar de folhas? Começou a chorar de raiva. A professora não veio ajudá-lo. Estava acabado, as crianças levantavam-se para deixar o parque. Pouco depois, a escola fechou.

Os seus avós moravam num belíssimo apartamento, no bulevar Edgar Quinet. Os edifícios burgueses do centro de Argel seguiam o modelo dos imóveis hausmannianos de Paris. Um corredor de 20 metros atravessava o apartamento e conduzia a uma sala de cujo balcão dominava-se a cidade branca. Muitos anos depois, transformado num quarentão desabusado e azedo, Bruno reveria esta imagem: ele mesmo, com quatro anos de idade, pedalando com todas as forças no seu triciclo, pelo corredor escuro, até a abertura luminosa do balcão. Foi

provavelmente nesses momentos que conheceu o máximo de felicidade terrestre.

Em 1961, o avô morreu. Em nossos climas, um cadáver de mamífero ou de pássaro atrai primeiro certas moscas (*Musca*, *Curtonevra*). Assim que a decomposição começa, novas espécies aparecem, especialmente as *Calliphora* e *Lucilia*. O cadáver, sob a ação combinada das bactérias e dos sucos digestivos secretados pelas larvas, liquidifica-se mais ou menos e torna-se o centro de fermentações butíricas e amoniacais. Ao fim de três meses, as moscas terminaram a sua obra e são substituídas por esquadrilhas de coleópteros, do gênero *Dermestes*, e pelo lepidóptero *Aglossa pinguinalis*, que se alimentam, sobretudo, de gorduras. As matérias proteicas em via de fermentação são exploradas pelas larvas de *Piophilatetanus* e pelos coleópteros do gênero *Corynetes*. O cadáver, decomposto e contendo ainda alguma umidade, torna-se, em seguida, o reduto dos ácaros, que absorvem as últimas pústulas. Uma vez dessecado e mumificado, abriga ainda alguns parasitas: as larvas dos attagenus e dos anthrenes, as lagartas de *Aglossa cupreatis* e *Tineola bisellelia*. São elas que completam o ciclo.

Bruno revia o caixão do avô, de belo preto profundo, com uma cruz de prata. Imagem calmante e até mesmo feliz. O avô devia estar bem num caixão tão magnífico. Mais tarde, tomaria conhecimento da existência dos ácaros e de todas essas larvas com nomes de estrelinhas italianas. Contudo, ainda hoje, a imagem do caixão do avô permanece uma imagem feliz.

Ainda revia a avó no dia de sua chegada, em Marselha, sentada numa caixa no meio dos ladrilhos da cozinha. Baratas circulavam entre as lajotas. Foi provavelmente nesse dia que a razão a abandonou. No espaço de algumas semanas, conhecera a agonia do marido, a partida precipitada da Argélia, a dificuldade de encontrar apartamento em Marselha. Era um condomínio imundo,

num dos bairros do nordeste. Ela nunca tinha pisado antes na França. E fora abandonada pela filha, que não compareceu ao enterro do pai. Devia ser um engano. Nalguma parte, um erro devia ter sido cometido.

Refez-se e sobreviveu cinco anos. Comprou móveis, instalou uma cama para Bruno na sala de jantar, inscreveu-o na escola primária do bairro. Todas as noites, vinha buscá-lo. Ele sentia vergonha ao ver aquela velhinha, alquebrada, seca, que o tomava pela mão. Os outros tinham pais; os filhos de divorciados ainda eram raros.

A noite, repassava interminavelmente as etapas de sua vida que chegava ao fim tão mal. Apartamento de teto baixo, no verão o calor era sufocante. Ela só conseguia, em geral, dormir um pouco antes do amanhecer. Durante o dia, arrastava-se de chinelos pelo apartamento, falando alto, sem se dar conta, repetindo, de vez em quando, 50 vezes seguidas as mesmas frases. O caso da filha obcecava-a. "Não veio ao enterro do pai..." Andava de uma peça para a outra, segurando, por vezes, um avental ou uma panela cuja necessidade havia esquecido. "Enterro do pai... Enterro do pai..." Os sapatos deslizavam nas lajes, rangendo. Bruno encolhia-se na cama, perturbado. Percebia que tudo aquilo acabaria mal. Por vezes, ela começava já de manhã, ainda de robe de chambre e de rolos nos cabelos. "A Argélia é a França..." Depois o rangido iniciava. Caminhava de um lado para outro, entre as duas peças, a cabeça observando um ponto invisível. "A França... A França...", repetia a sua voz lentamente decrescente.

Sempre cozinhou bem e isso foi a sua última alegria. Preparava refeições suntuosas para Bruno, como se estivesse na cabeceira de uma mesa para dez pessoas. Pimentões ao óleo, anchovas, salada de batata. Certas vezes, havia, antes do prato principal, cinco entradas diferentes — abobrinhas recheadas,, coelho com azeitona, vez ou outra um cuscuz. Só não acertava com os doces.

Mas quando recebia a pensão, voltava para casa com caixas de nuga, arame de castanha, biscoitos de Aix. Pouco a pouco, Bruno tornou-se uma criança obesa e medrosa. A avó não comia quase nada. No domingo de manhã, levantava-se um pouco mais tarde. Ele ia para a cama dela, apertava-se contra o seu corpo descarnado. Por vezes, imaginava-se armado de uma faca, levantando-se durante a noite para apunhalá-la em pleno coração. Via-se, em seguida, em lágrimas, prostrado, diante do cadáver. Imaginava morrer pouco depois.

No fim de 1966, ela recebeu uma carta da filha, que obtivera o endereço com o pai de Bruno, com o qual se correspondia todos os anos, no Natal. Janine não lamentava especialmente o passado, que evocava na seguinte frase: "Soube da morte de papai e da tua mudança". Anunciava, por outro lado, que deixava a Califórnia para voltar a morar no sul da França. Não dava o endereço.

Numa manhã de março de 1967, tentando preparar pastéis de abobrinha, a velha virou uma frigideira com azeite quente. Não teve força para sair ao corredor do prédio. Seus gritos alertaram os vizinhos. À noite, ao sair da escola, Bruno viu a senhora Haouzi, a moradora do andar de cima. Ela o levou diretamente ao hospital, onde teve direito a ver a avó durante alguns minutos. As feridas estavam dissimuladas pelos lençóis. Deram-lhe muita morfina; ainda assim, reconheceu Bruno, pegou-lhe a mão entre as suas. Depois, levaram a criança. O coração parou durante a noite.

Pela segunda vez, Bruno estava diante da morte. Pela segunda vez, o sentido do acontecimento escapou-lhe quase totalmente. Anos mais tarde, quando da entrega de um dever de francês ou de uma redação de história bem-sucedida, ele ainda se prometia contar para a avó. Imediatamente, claro, lembrava-se de que estava morta. Mas era um pensamento intermitente que não interrompia realmente o diálogo deles. Quando foi aprovado para a

agregação em letras modernas, comentou longamente as suas notas com ela. Na época, entretanto, só acreditava naquilo por eclipses. Para a ocasião, comprara duas caixas de creme de castanha. Foi a última grande conversa entre eles. Depois do término dos estudos, uma vez nomeado para o primeiro cargo de professor, percebeu que tinha mudado, que não conseguia mais, de fato, entrar em contato com ela. A imagem da avó desaparecia lentamente atrás da parede.

No dia seguinte ao enterro, aconteceu uma cena estranha. O pai e a mãe, que via pela primeira vez, discutiram sobre o que fariam dele. Estavam na peça principal do apartamento de Marselha. Bruno, sentado na cama, escutava-os. É sempre curioso ouvir falar da gente, sobretudo quando não parece haver consciência da nossa presença. Pode-se ter tendência a perder a própria consciência de si, e não é desagradável. Em suma, não se sentia diretamente afetado. A conversa, contudo, desempenharia um papel decisivo na sua vida e, na sequência, lembrou-se dela inúmeras vezes sem, de resto, nunca sentir uma real emoção. Não conseguia estabelecer uma relação direta, carnal, entre ele e os dois adultos que um dia, na sala de jantar, surpreenderam-no, sobretudo, pela altura e pelo jeito jovem. Em setembro, Bruno entraria na sexta série. Decidiram mandá-lo para um internato. O pai ficaria como ele, em Paris, nos finais de semana. A mãe tentaria, vez ou outra, recebê-lo durante as férias. Bruno não tinha objeção. Aquelas duas pessoas não lhe pareciam diretamente hostis. De toda maneira, a verdadeira vida era a vida com a avó.

8

O animal ômega

Bruno está apoiado na pia. Tirou a parte de cima do pijama. As dobras da pequena barriga branca pesam sobre a louça. Tem 11 anos. Pretende escovar os dentes, como todas as noites. Espera fazer a sua toailete sem incidentes. Entretanto, Wilmart aproxima-se, primeiro sozinho, e o empurra pelo ombro. Bruno, tremendo de medo, começa a recuar. Sabe mais ou menos o que vai acontecer. "Deixem-me...", diz, baixinho.

Pelé também se aproxima. Pequeno, musculoso, extremamente forte.

Esbofeteia, violentamente, Bruno, que começa a chorar. Derrubam-no, agarram-no pelos pés e arrastam-no. Perto dos vasos, arrancam-lhe a calça do pijama. Seu sexo é pequeno, ainda infantil, sem pelos. Agarram-no pelos cabelos e obrigam-no a abrir a boca. Pelé passa-lhe a escova de limpar a patente no rosto. Sente o gosto da merda. Urra.

Brasseur junta-se aos outros. Tem 14 anos. É o mais velho da sua turma.

Mostra a pica, que Bruno acha grossa, enorme. Põe-se na vertical e mija-lhe no rosto. Na véspera, forçara Bruno a chupar-lhe o pau e a lambe-lhe o rabo. Agora, não sente vontade. "Clément, teu pipi está nu", diz, zombando. "É preciso ajudar os pentelhos a crescer..." A um sinal, os

outros passam creme de barba no sexo de Bruno. Brasseur abre uma navalha, aproxima a lâmina. Bruno caga-se de medo.

Numa noite de março de 1968, um inspetor encontrara-o nu, coberto de merda, encolhido na privada do fundo do pátio. Depois de enfiar-lhe um pijama, levava-o a Cohen, o supervisor-geral. Bruno tinha medo de ser obrigado a falar. Temia ter de pronunciar o nome de Brasseur. Mas Cohen, apesar de tirado da cama no meio da noite, acolhera-o com doçura. Contrariamente aos subordinados, tratava os alunos por vós. Era o seu terceiro internato, e não o mais duro. Sabia que, quase sempre, as vítimas recusam-se a denunciar os carrascos. Só podia punir o responsável pelo dormitório das sextas séries. Representava, para aquela maioria de crianças abandonada pelos pais, a única autoridade. Teria sido necessário vigiá-los com mais atenção, intervir antes da falta — mais não era possível, pois só tinha cinco controladores para 200 alunos. Depois que Bruno saiu, ele preparou um café e folheou as fichas dos alunos de sexta série. Suspeitava de Pelé e de Brasseur, mas não tinha nenhuma prova. Se conseguisse encurralá-los, estava decidido até mesmo a expulsá-los. Bastavam alguns elementos violentos e cruéis para arrastar os outros à ferocidade. Os garotos, na maioria, sobretudo quando reunidos em bandos, aspiram a infligir aos seres mais fracos humilhações e torturas. No começo da adolescência, em particular, a selvageria atinge proporções inusitadas. Não alimentava nenhuma ilusão sobre o comportamento do ser humano fora do controle da lei. Desde sua chegada ao internato de Meaux, conseguira ser temido. Sem a última muralha da legalidade que representava, sabia que as sevícias infligidas a garotos como Bruno não teriam nenhum limite.

Bruno sentiu alívio ao ser reprovado. Pelé e Wilmart passavam de ano e iriam para outro dormitório. Infelizmente, em consequência de diretivas tomadas pelo

Ministério depois dos episódios de 68, decidiu-se reduzir os postos de mestre de internato para implantar um sistema de autodisciplina. A medida correspondia ao ar do tempo e tinha a vantagem de reduzir os custos salariais. Tornou-se mais fácil circular entre os dormitórios. Ao menos uma vez por semana, os mais velhos habituaram-se a organizar *razzias* contra os menores. Voltavam para o próprio dormitório com uma, às vezes duas vítimas, e a sessão começava. Pelo fim de dezembro, Jean-Michel Kempf, um garoto magro e medroso, que chegara no começo do ano escolar, atirou-se pela janela para escapar aos torturadores. A queda poderia ter sido mortal, mas ele teve sorte de escapar com fraturas múltiplas. O tornozelo estava bastante machucado e foi difícil recuperar o esfacelamento do osso. Verificou-se que haveria sequelas. Cohen organizou um interrogatório geral que fortaleceu as suas conjecturas. Apesar dos desmentidos suspendeu Pelé por três dias. As sociedades animais funcionam praticamente todas com base num sistema de dominação ligado à força relativa dos seus membros. Esse sistema caracteriza-se por uma hierarquia rigorosa: o macho mais forte do grupo é chamado animal alfa; este é seguido pelo segundo em força, o animal beta, e assim por diante, até o animal menos elevado na hierarquia, o animal ômega. As posições hierárquicas são geralmente determinadas por rituais de combate. Os animais de baixo escalão tentam melhorar de status provocando os animais de situação mais elevada, sabendo que, em caso de vitória, ganharão posições. Um grau elevado possui certos privilégios: alimentar-se antes que os outros, copular com as fêmeas do grupo. O animal mais fraco pode, em geral, evitar o combate pela adoção de uma postura de submissão (abaixar-se, mostrar o ânus). Bruno achava-se numa situação menos favorável. A brutalidade e a dominação, comuns nas sociedades animais, são acompanhadas, já entre os chimpanzés (*Pan troglodytes*), de atos de crueldade gratuita exercidos

contra o animal mais fraco. Essa tendência atinge o apogeu nas sociedades humanas primitivas e, nas sociedades desenvolvidas, entre crianças e adolescentes. Mais tarde aparece a piedade, ou identificação com o sofrimento do outro. Essa piedade é rapidamente sistematizada sob a forma de lei moral. No internato do liceu de Meaux, Jean Cohen representava a lei moral e não tinha nenhuma intenção de eximir-se disso. Não achava de forma alguma abusiva a utilização nazista do pensamento de Nietzsche. Negando a compaixão, situando-se para além da lei moral, estabelecendo o desejo e o reino do desejo, o pensamento de Nietzsche conduzia, segundo ele, naturalmente ao nazismo. Em função do tempo de trabalho e do nível dos seus diplomas, poderia ter sido nomeado diretor, mas voluntariamente escolheu permanecer como supervisor-geral. Enviou várias mensagens à inspeção da academia para queixar-se da diminuição dos cargos de mestre de internato. Não houve resposta. Num zoo, um canguru macho {macrópode) agirá, com frequência, como se a posição vertical do zelador fosse um desafio ao combate. A agressão do canguru pode desaparecer se o homem adota uma postura curvada, característica dos cangurus pacíficos. Jean Cohen não tinha a menor intenção de transformar-se num deles. A maldade de Michel Brasseur, estágio evolutivo normal de um egoísmo já presente nos animais menos evoluídos, transformara um dos colegas em estropiado definitivo. Provocaria, em garotos como Bruno, estragos psicológicos irreversíveis. Quando convocava Brasseur ao seu gabinete, para interrogá-lo, Cohen não pensava em dissimular o seu desprezo, nem a intenção de expulsá-lo.

Todos os domingos, à noite, quando o pai o trazia em sua Mercedes, Bruno começava a tremer com a proximidade de Nanteuil-les-Maux. O parlatório do estabelecimento estava decorado com baixos-relevos representando ex-alunos célebres: Courteline e Moissan. Georges Courteline,

escritor francês, é autor de histórias que apresentam, com ironia, o absurdo da vida burguesa e administrativa. Henri Moissan, químico francês (prêmio Nobel de 1906), desenvolveu o uso do forno elétrico e isolou o silício e o flúor. O pai chegava justo a tempo de pegarem a refeição das sete horas. Em geral, Bruno só conseguia comer ao meio-dia, junto com os semi-internos. À noite, restavam apenas os internos. Eram mesas de oito, com os primeiros lugares ocupados pelos maiores, que se serviam fartamente e depois cuspiam no prato para impedir os menores de tocarem no resto.

Todos os domingos, Bruno hesitava: queria falar ao pai, mas concluía que era impossível. O pai achava que um garoto devia ser capaz de aprender a defender-se. De fato, alguns não muito mais velhos do que ele — replicavam, davam o troco e conseguiam finalmente ser respeitados. Aos 42 anos, Serge Clément era um homem bem-sucedido. Enquanto seus pais tinham uma mercearia em Petit-Clamart, ele possuía agora três clínicas especializadas em cirurgia plástica: uma em Neuilly, outra em Vésinet e a terceira na Suíça, perto de Lausanne. Quando sua ex-mulher foi embora para a Califórnia, ele retomou a gerência da clínica de Cannes, remetendo-lhe a metade dos ganhos. Desde muito tempo, ele mesmo já não operava, mas era, como se diz, um bom administrador. Não sabia exatamente como agir com o filho. Desejava-lhe o bem, sob a condição de que isso não lhe tomasse muito tempo. Sentia-se um pouco culpado. Nos finais de semana em que Bruno vinha, abstinha-se de receber as amantes. Encomendava as refeições e jantavam frente a frente. Depois, olhavam televisão. Serge não sabia jogar coisa alguma. Bruno levantava-se durante a noite e caminhava até a geladeira. Despejava *corn flakes* numa tigela, acrescentava leite e creme; cobria tudo com uma espessa camada de açúcar. Depois, comia. Comia várias porções até

não suportar mais e ficar com o estômago pesado. Sentia prazer.

9

No plano da evolução dos costumes, 1970 foi um ano marcado pela rápida extensão do consumo erótico, apesar das intervenções de uma censura ainda vigilante. A comédia musical *Hair*, destinada a popularizar a "liberação sexual" dos anos 60, teve enorme sucesso. Os seios nus disseminaram-se nas praias do Sul. No espaço de alguns meses, o número de sex-shops em Paris passou de três para 45.

Em setembro, Michel iniciou novo ano escolar e começou a estudar alemão como segunda língua viva. Graças a isso, conheceu Annabelle.

Na época, Michel tinha ideias moderadas sobre a felicidade. Em definitivo, nunca tinha pensado realmente nisso. As ideias que podia ter vinham da avó por transmissão direta. Católica, ela votava em Charles de Gaulle, mas as duas filhas tinham casado com comunistas. Isso não mudava grande coisa. Eis as ideias dessa geração que conhecera, na infância, as privações da guerra e tivera 20 anos na época da Libertação; eis o mundo que desejavam legar aos filhos. A mulher fica em casa e cuida do lar (amplamente ajudada por aparelhos eletrodomésticos, tem muito tempo para a família). O homem trabalha fora (mas a robotização faz com que trabalhe menos tempo e com menos dificuldades). Os casais são fiéis e felizes, vivem em casas agradáveis na periferia das cidades. Durante os momentos de lazer, dedicam-se ao artesanato, à jardinagem, às belas-artes, a

não ser que prefiram viajar e descobrir os modos de vida e as culturas de outras regiões, de outros países.

Jacob Wilkening nasceu em Leeuwarden, na Frísia Ocidental. Ao chegar à França, com quatro anos de idade, tinha apenas uma consciência imprecisa das suas origens holandesas. Em 1946, casou-se com a irmã de um dos seus melhores amigos. Ela tinha 17 anos e não conhecera outro homem. Depois de ter trabalhado algum tempo numa fábrica de microscópios, ele havia criado uma empresa de ótica de precisão que executava tarefas terceirizadas por Angénieux e Pathé. A concorrência japonesa, na época, quase inexistia. A França produzia excelentes objetivas que podiam, algumas, rivalizar com as Schneider e as Zeiss. A empresa funcionava bem. O casal teve dois filhos, em 1948 e em 1951. Depois, muito tempo depois, em 1958, Annabelle.

Nascida numa família feliz (em 25 anos de casamento, os seus pais não tinham brigado seriamente nenhuma vez), Annabelle sabia que o seu destino seria o mesmo. No verão anterior ao encontro com Michel, começou a pensar nisso. Andava pelos 13 anos. Em alguma parte do mundo, existia um garoto que não conhecia, e que não a conhecia tampouco, com o qual viveria. Tentaria fazê-lo feliz e ele tentaria, também, fazê-la feliz. Mas perturbava-a não saber como ele era. Numa carta ao *Jornal do Mickey*, uma leitora de sua idade confessava idêntica perturbação. A resposta pretendia ser tranquilizadora e terminava com as seguintes palavras: "Não te preocupes, Coralinha, saberás reconhecê-lo".

Começaram a encontrar-se para fazer juntos os temas de alemão. Michel morava do outro lado da rua, a menos de 50 metros. Cada vez com mais frequência, passavam juntos as quintas-feiras e os domingos. Ele chegava pouco depois do almoço. "Annabelle, teu namorado", anunciava, depois de dar uma olhada no jardim, o irmão caçula. Ruborizava.

Os pais evitavam zombar dela. Gostavam de Michel, percebia.

Era um garoto curioso: nada entendia de futebol nem de música popular. Não era impopular na aula, falava com várias pessoas, mas tais contatos permaneciam limitados. Antes de Annabelle, nenhum colega o tinha visitado em casa. Habituara-se a reflexões e devaneios solitários. Pouco a pouco, acostumou-se com a presença de uma amiga. Com frequência, subiam de bicicleta a encosta de Voulangis. Depois, caminhavam através dos campos e dos bosques até uma colina de onde se avistava todo o vale do Grand Morin. Andavam entre as ervas, aprendendo a se conhecer.

10

A culpa toda é de Caroline Yessayan

A partir dessa mesma volta às aulas de 1970, a situação de Bruno no internato melhorou ligeiramente. Na oitava série, começava a fazer parte dos grandes, que até o último ano ocupavam os dormitórios da outra ala, com boxes de quatro camas. Para os garotos mais violentos, ele já estava completamente dominado, humilhado. Voltaram-se então para novas vítimas. No mesmo ano, Bruno começou a interessar-se por garotas. De tempos em tempos, raramente, aconteciam saídas conjuntas dos dois internatos. Nas quintas-feiras, à tarde, quando fazia tempo bom, iam até uma espécie de praia arrumada na margem do Marne, no subúrbio de Meaux. Havia um café cheio de mesas de fliperama, cuja atração principal, entretanto, era uma serpente numa caixa de vidro. Os garotos divertiam-se provocando-a. Batiam com os dedos no corpo do animal. As vibrações enlouqueciam-no. Atirava-se contra as paredes com todas as suas forças até cair exausto. Numa tarde de outubro, Bruno falou com Patrícia Hohweiller. Ela era órfã e só saía do internato durante as férias para ir à casa de um tio, na Alsácia. Loura e magra, falava rápido. O seu rosto instável imobilizava-se, por vezes, num sorriso estranho. Na semana seguinte, Bruno sofreu um choque terrível ao vê-la sentada nos joelhos de Basseur, com as pernas abertas. Ele segurava-a pela cintura e beijava-a na

boca. Entretanto, Bruno não tirou disso conclusões definitivas. Se os brutos que o tinham aterrorizado durante anos agradavam às garotas, era simplesmente porque só eles tinham coragem para abordá-las. Observou, de resto, que Pele, Wilmart e mesmo Brasseur evitavam de bater ou humilhar os pequenos quando uma garota estava por perto.

A partir da oitava série, os alunos podiam se inscrever no cineclube. As sessões aconteciam nas quintas-feiras à noite, no salão de festas do internato masculino. Eram mistas. Numa noite de dezembro, antes da projeção de *Nosferatu*, o vampiro, Bruno sentou-se ao lado de Caroline Yessayan. Próximo ao final do filme, depois de ter pensado a respeito durante mais de uma hora, pousou muito suavemente a mão esquerda sobre a coxa dela. Durante alguns segundos maravilhosos (cinco? sete? Certamente não mais do que dez) nada aconteceu. Ela não se mexia. Um imenso calor invadia Bruno, que quase desmaiou. Depois, sem dizer uma palavra, sem violência, ela afastou-lhe a mão. Bem mais tarde, até com muita frequência, fazendo-se chupar por alguma putinha, Bruno pensava naqueles terríveis segundos de felicidade. Pensava também no momento em que Caroline Yessayan afastara-lhe suavemente a mão. Havia naquele garotinho alguma coisa muito pura e doce, anterior a toda sexualidade, a todo consumo erótico. Tivera um simples desejo de tocar um corpo atraente, de apertar-se entre braços atraentes. A ternura é anterior à sedução. Por isso é tão difícil cair no desespero.

Por que Bruno, naquela noite, tocara a coxa de Caroline Yessayan e não o seu braço (o que ela muito provavelmente teria aceitado, constituindo o começo de uma bela história entre eles, pois foi conscientemente que ela lhe dirigiu a palavra pouco antes, na fila, de modo a dar-lhe tempo de se sentar ao seu lado, e que colocou o braço sobre o encosto da cadeira; pois fazia muito tempo que se interessava por Bruno e esperava fortemente que ele pegasse sua mão

naquela noite)? Provavelmente porque a coxa de Caroline Yessayan estava descoberta e ele não imaginava, na simplicidade da sua alma, que fosse por acaso. À medida que Bruno crescia, recaía com desgosto nos sentimentos da infância. O núcleo do seu destino depurava-se e tudo aparecia sob a luz de uma evidência irremediável e fria. Naquela noite de dezembro de 1970, Caroline Yessayan teria podido apagar as humilhações e as tristezas da primeira infância de Bruno. Depois desse primeiro fracasso (pois, depois que ela afastou-lhe suavemente a mão, ele nunca mais ousou dirigir-lhe a palavra), tudo se tornou mais difícil. Contudo, Caroline Yessayan, na sua totalidade humana, nada tinha a ver com isso. Bem ao contrário, Caroline Yessayan — pequena armênia de olhar doce de cordeiro e longos cabelos cacheados e negros, afundada, devido a complicações familiares confusas, nos prédios sinistros do internato feminino de Meaux — constituía, por si só, uma razão para acreditar na humanidade. Se tudo caiu num vazio irritante, foi graças a um detalhe, mínimo e grotesco. Trinta anos mais tarde, Bruno estava convencido disso: dando aos elementos anedóticos da situação a importância que realmente tiveram, podia-se resumir o caso assim: a culpa toda era da minissaia de Caroline Yessayan.

Ao pôr a mão na coxa de Caroline Yessayan, Bruno praticamente a tinha pedido em casamento. Ele vivia o começo da adolescência num período de transição. Afora alguns precursores — dos quais os seus pais representavam um doloroso exemplo —, a geração anterior havia estabelecido um vínculo excepcionalmente forte entre casamento, sexualidade e amor. A ampliação progressiva do trabalho assalariado e o desenvolvimento econômico rápido dos anos 50 levariam com efeito — excetuadas as classes cada vez mais restritas em que a noção de patrimônio possuía real importância — ao declínio do casamento por conveniência. A igreja católica, que

sempre viu com reticência o sexo fora do casamento, acolheu com entusiasmo essa evolução para o casamento por amor, mais de acordo com as suas teorias ("Ele criou Homem e Mulher"), mais em condições de ser um primeiro passo rumo à civilização da paz, da fidelidade e do amor, seu objetivo natural. O Partido Comunista, única força espiritual suscetível de enfrentar a igreja católica, naqueles anos, combatia por objetivos quase idênticos. Portanto, com impaciência unânime, os jovens dos anos 50 esperavam apaixonar-se, ainda mais que a desertificação rural e o desaparecimento concomitante das comunidades fechadas permitiam ao futuro cônjuge realizar a sua escolha num raio quase ilimitado, ao mesmo tempo que lhe davam extrema importância: em setembro de 1955 foi lançada, em Sarcelles, a política dita dos "grandes conjuntos habitacionais", tradução visual óbvia de uma socialidade reduzida aos limites do núcleo familiar. Sem cair no arbitrário, pode-se, portanto, caracterizar os anos 50 e o começo dos anos 60 como uma verdadeira idade de ouro do sentimento amoroso, cuja imagem pode ainda hoje nos ser restituída pelas canções de Jean Ferrat ou da primeira fase de Françoise Hardy.

Entretanto, ao mesmo tempo, o consumo libidinal de massa, originário dos Estados Unidos (canções de Elvis Presley, filmes de Marilyn Monroe), espalhava-se na Europa ocidental. Paralelamente aos refrigeradores e às máquinas de lavar, acompanhamento material da felicidade do casal, disseminavam-se o transistor e o pick-up, que impulsionariam o modelo comportamental do flerte adolescente. O conflito ideológico, latente durante os anos 60, explodiu no começo dos anos 70 com as revistas para adolescentes *Mademoiselle Âge Tendre* e *Vingt Ans*, cristalizando-se na questão, à época, central: "Até onde se pode ir antes do casamento?" Nesses mesmos anos, a opção hedonista-libidinal de origem norte-americana recebeu um apoio poderoso de parte dos órgãos de

imprensa de inspiração libertária (o primeiro número de *Actuel* apareceu em outubro de 1970; o de *Charlie-Hebdo*, em novembro). Se estavam, em princípio, situados numa perspectiva política de contestação do capitalismo, esses periódicos concordavam com a indústria do entretenimento no essencial: destruição dos valores morais judaico-cristãos, apologia da juventude e da liberdade individual. Acossadas por pressões contraditórias, as revistas para garotas estabeleceram, na urgência, um plano de adaptação que pode ser resumido na seguinte história de vida. Num primeiro tempo (digamos, entre 12 e 18 anos), a garota sai com inúmeros garotos (a ambiguidade semântica do termo sair sendo, de resto, o reflexo de uma ambiguidade comportamental real: que significava, exatamente, sair com um garoto? Tratava-se de beijar-se na boca, de gozos mais profundos do *petting* e do *deppeting*, de relações sexuais propriamente ditas? Devia-se permitir que um garoto lhe tocasse os seios? Devia-se tirar a calcinha? E o que fazer com os órgãos dele? Para Patrícia Hohweiller e Caroline Yessayan estava longe de ser simples; as suas revistas favoritas davam respostas vagas, contraditórias. Num segundo momento (pouco depois do BAC), a mesma garota sentia a necessidade de uma história séria (mais tarde caracterizada pelas revistas alemãs como "big love"); a questão pertinente, então, era: "Devo ir morar com Jérémie?" Era um segundo período, no princípio definitivo. A extrema fragilidade da adaptação assim proposta pelas revistas para garotas — tratava-se, com efeito, de justapor, colando-os arbitrariamente sobre dois segmentos de vida consecutivos, modelos comportamentais antagônicos — só seria percebida anos mais tarde, quando se tomou consciência da generalização do divórcio. De toda maneira, esse esquema precário serviu, durante anos, para as meninas ingênuas e atordoadas pelas transformações em torno delas, de modelo de vida aceitável, ao qual tentaram razoavelmente aderir.

Para Annabelle, as coisas eram bem diferentes. Pensava em Michel antes de dormir. Alegrava-se em reencontrá-lo ao acordar. Quando, em aula, acontecia-lhe algo de interessante ou de engraçado, pensava imediatamente em contar-lhe. Nos dias em que, por uma razão qualquer, não tinham podido ver-se, sentia-se inquieta e triste. Durante as férias de verão (os pais tinham uma casa na Gironda), escrevia-lhe todos os dias. Mesmo se não confessava abertamente, para si mesma, mesmo se as cartas nada tinham de inflamado e pareciam-se com as que poderia ter escrito a um irmão de sua idade, mesmo se o sentimento que envolvia a sua vida evocava um halo de doçura mais do que uma paixão devoradora, a realidade que, progressivamente, se iluminava no seu espírito era a seguinte: no primeiro lance, sem ter procurado, sem mesmo o ter realmente desejado, achava-se em presença do grande amor. O primeiro era o bom, não haveria outro, e a questão nem sequer tinha sentido. Segundo *Mademoiselle Âge Tendre*, o caso era possível. Não era preciso esquentar a cabeça, isso quase nunca acontecia, mas, em alguns casos, extremamente raros, quase milagrosos — embora indiscutivelmente comprovados —, chegava a ocorrer. E era a coisa mais maravilhosa que pode acontecer a alguém na Terra.

11

Desse período, Michel conservava uma fotografia, tirada no jardim dos pais de Annabelle, nas férias de Páscoa de 1971. Seu pai tinha escondido ovos de chocolate nos canteiros e nos maciços de flores. Na foto, Annabelle aparece no meio das pascoinhas. Afastava os galhos, concentrada na busca, com a gravidade da infância. Seu rosto começava a afinar e já se podia adivinhar que seria excepcionalmente bela. Os seios desenhavam-se ligeiramente sob o pulôver. Foi a última vez que tiveram ovos de chocolate na Páscoa. No ano seguinte, já eram muito grandes para tal brincadeira.

A partir da idade de 13 anos, sob a influência da progesterona e do estradiol secretados pelos ovários, pneuzinhos de gordura aparecem na altura dos seios e das nádegas das meninas. Esses órgãos adquirem, na melhor das hipóteses, um aspecto pleno, harmonioso e redondo.

Contemplá-los produz no homem um violento desejo. Como a mãe, na mesma idade, Annabelle tinha um belo corpo. Mas o rosto da sua mãe tinha sido afável, simplesmente agradável. Nada indicava o choque doloroso da beleza de Annabelle, mas a mãe começou a sentir medo. Era certamente do pai, do ramo holandês da família, que Annabelle herdara os grandes olhos azuis e massa fascinante de cabelos louros claros. Mas somente um acaso morfogênético inusitado teria podido gerar a dilacerante pureza do seu rosto. Sem beleza, uma garota é infeliz, pois perde qualquer chance de ser amada. Ninguém, a bem da

verdade, debocha ou a maltrata, mas é como se fosse transparente: nenhum olhar acompanha-lhe os passos. Cada um se sente mal na sua presença e prefere ignorá-la. Ao contrário, uma beleza extrema, que supere amplamente a habitual e sedutora frescura das adolescentes, produz um efeito sobrenatural e parece, invariavelmente, ser o presságio de um destino trágico. Aos 15 anos, Annabelle fazia parte dessas raríssimas garotas diante das quais todos os homens param, sem distinção de idade nem de situação; dessas garotas cuja simples passagem, ao longo de uma rua comercial de uma cidade de importância média, acelera o ritmo cardíaco dos rapazes e dos homens maduros e arranca grunhidos de lamentação dos velhotes.

Tomou rapidamente consciência do silêncio que acompanhava cada uma das suas aparições num café ou numa sala de aula. Mas foram necessários alguns anos para que compreendesse totalmente as razões disso. Na escola de Crécy-en-Brie, tinha-se por certo que ela "estava com" Michel. Mas, mesmo sem isso, a bem da verdade, nenhum garoto se atreveria a tentar algo com ela. Eis um dos inconvenientes da extrema beleza nas garotas: somente os caçadores experientes, cínicos e sem escrúpulos se sentem à altura. São pois os seres, em geral, mais vis que lhes saqueiam o tesouro da virgindade, o que se impõe para elas como o primeiro degrau de uma irremediável decadência.

Em setembro de 1972, Michel iniciou o segundo grau. Annabelle ingressou no último ano do primeiro. Ele voltava do colégio de trem; em Esbly, tomava o *autorail*. Em geral, chegava a Crécy no trem das 18h33min. Annabelle esperava-o na estação. Caminhavam juntos ao longo dos canais da cidadezinha. Às vezes, bastante raramente, de fato, iam ao café. Annabelle sabia então que mais dia menos dia Michel teria vontade de beijá-la, de acariciar-lhe o corpo, cuja metamorfose ela sentia. Esperava o momento sem impaciência, tampouco sem muito medo. Confiava.

Se os aspectos fundamentais do comportamento sexual são inatos, a história dos primeiros anos de vida ocupa um lugar importante nos mecanismos que o acionam, especialmente nos pássaros e nos mamíferos. O contato tátil precoce com os membros da espécie parece vital para cães, gatos, ratos, porquinhos da índia, macacos rhésus (*Macaca mulatta*). A privação do contato com a mãe durante a infância produz gravíssimas perturbações do comportamento sexual no rato macho, em particular a inibição da capacidade de cortejar. A vida de Annabelle poderia depender (e, em ampla medida, dependia) da possível incapacidade de Michel para beijá-la. Com frequência, à noite, ela ficava tão feliz ao vê-lo desembarcar, a pasta na mão, que se atirava, literalmente, nos braços dele. Permaneciam, então, enlaçados por alguns segundos, num estado de feliz paralisia. Só depois é que se falavam.

Bruno também estava no começo do segundo grau em Meaux, noutra turma. Sabia que a sua mãe tivera um segundo filho de pai diferente. Apenas isso. Via muito pouco a mãe. Por duas vezes, passou férias na mansão dela em Cassis, onde recebia muitos jovens passantes, viajando de carona, chamados, pela imprensa popular, de hippies. De fato, não trabalhavam. Durante a permanência, eram atendidos por Janine, que se fazia tratar por Jane. Viviam dos ganhos da clínica de cirurgia plástica fundada pelo ex-marido de Janine, ou seja, enfim, do desejo de certas mulheres bem de vida de lutar contra a degradação, acarretada pelo tempo, ou de corrigir certas imperfeições do tempo.

Banhavam-se nus nas enseadas. Bruno recusava-se a despir-se. Sentia-se branquelo, minúsculo, repugnante, obeso. Por vezes, a mãe recebia um dos rapazes na cama. Já tinha 45 anos; a vulva, flácida, um pouco caída; mas os seus traços ainda eram magníficos. Bruno masturbava-se três vezes por dia. As vulvas das garotas eram acessíveis,

encontrando-se, de vez em quando, a menos de um metro, mas compreendia perfeitamente que continuariam fechadas para ele: os outros rapazes eram maiores, mais bronzeados e mais fortes. Muitos anos depois, perceberia que o universo pequeno-burguês, o universo dos empregados e dos chefes de médio escalão, era mais tolerante, mais acolhedor e mais aberto do que o universo dos jovens marginais, representados na época pelos hippies.

"Posso disfarçar-me de executivo respeitável, e ser aceito", gostava de dizer Bruno. "Basta, para isso, que eu compre um terno, uma gravata e uma camisa — tudo por 800 francos na C&A, em época de liquidação; basta, na verdade, que eu aprenda a fazer um nó de gravata; há, claro, o problema do carro — no fundo a única dificuldade na vida de um funcionário médio; mas se pode chegar lá: toma-se um empréstimo, trabalha-se durante alguns anos e chega-se lá. De nada me adiantaria, ao contrário, disfarçar-me de marginal: não sou suficientemente jovem, nem suficientemente belo, nem bastante *cool*. Meus cabelos estão caindo, tenho tendência a engordar; quanto mais envelheço, mais me torno angustiado e sensível e mais os sinais de rejeição e de desprezo me fazem sofrer. Em resumo, não sou suficientemente natural, ou seja, não bastante animal, o que é uma tara irremediável: diga o que eu disser, faça o que eu fizer, compre o que eu comprar, nunca conseguirei superar a deficiência que possui toda a violência de uma deficiência natural."

Desde a sua primeira estada na casa da mãe, Bruno percebeu que nunca seria aceito pelos hippies; não era e nunca seria um belo animal. À noite, sonhava com vulvas abertas. Pela mesma época, começou a ler Kafka. Na primeira vez, experimentou uma sensação de frio, de insidioso gelo. Algumas horas depois de ter terminado O processo, ainda se sentia entorpecido, entediado. Soube imediatamente que aquele universo em câmara lenta,

marcado pela vergonha, onde os seres se cruzam num vazio sideral, sem que nunca uma relação entre eles pareça possível, correspondia exatamente ao seu universo mental. O universo era lento e frio. Havia, entretanto, uma coisa quente, entre as pernas das mulheres; mas essa coisa não lhe era acessível.

Tornava-se cada vez mais evidente que Bruno ia mal. Sem amigos, aterrorizado pelas garotas, a sua adolescência, em geral, era um fracasso lamentável. Seu pai percebia isso e era tomado por um sentimento de culpa crescente. Para o Natal de 1972, exigiu a presença da ex-mulher a fim de discutir o problema. Durante a conversa, soube que Bruno e o irmão estavam no mesmo colégio, na mesma série, embora em turmas diferentes. Nunca se tinham encontrado. O fato marcou-lhe fortemente como o símbolo de um desajuste familiar abjeto do qual os dois eram responsáveis. Pela primeira vez, impondo a sua autoridade, exigiu que Janine retomasse contato com o segundo filho para salvar o que ainda pudesse ser salvo.

Janine alimentava pouco ilusões sobre os sentimentos que a avó de Michel podia ter por ela. Ainda assim, foi pior do que tinha imaginado.

Enquanto estacionava o seu Porsche diante do pavilhão de Crécy-en-Brie, a velha apareceu, com uma cesta na mão. "Não posso impedir a senhora de vê-lo, é seu filho", disse, abruptamente. "Vou fazer compras, volto dentro de duas horas. Quero que não esteja mais aqui quando eu chegar."

Deu meia-volta e desapareceu.

Michel estava no seu quarto. Ela empurrou a porta e entrou. Pensava em beijá-lo, mas quando ensaiou o gesto, ele recuou um bom metro.

Crescendo, começava a assemelhar-se de maneira surpreendente com o pai: os mesmos cabelos louros e finos, o mesmo rosto fino com maçãs salientes. Levava como presente um toca-discos e vários álbuns dos Rolling Stones. Ele pegou tudo sem dizer uma palavra (conservou o

aparelho, mas destruiu os discos alguns dias depois). O quarto era sóbrio, sem cartazes nas paredes. Um livro de matemática estava aberto em cima da tampa da escrivaninha. "Que é isso", perguntou. "Equações diferenciais", respondeu ele, reticente.

Tinha previsto falar-lhe da sua vida, convidá-lo para visitá-la nas férias, mas, evidentemente, não era possível. Contentou-se em anunciar-lhe uma visita do irmão. Aceitou. Estava ali já fazia quase uma hora, e os silêncios eternizavam-se, quando a voz de Annabelle ressoou no jardim. Michel correu para a janela e gritou-lhe para entrar. Janine deu uma olhada na garota ao atravessar o portão do jardim. "Bonita, a tua amiga...", observou com uma leve torção da boca. Michel recebeu a palavra como uma chicotada; seu rosto alterou-se. Ao subir no Porsche, Janine olhou Annabelle nos olhos. Havia ódio naquele olhar.

Em relação a Bruno, a avó de Michel não nutria qualquer aversão. Ele também era uma vítima da mãe desnaturada, conforme a sua versão das coisas, sumária, mas, ao final, exata. Bruno acostumou-se, portanto, a visitar Michel todas as quintas-feiras, à tarde. Tomava o *autorail* à Crécy-la-Chapelle. Sempre que era possível (e quase sempre era), instalava-se diante de uma garota sozinha, de pernas cruzadas, na maioria, ou vestindo uma blusa transparente, algo do gênero. Não se instalava, realmente, em frente, mas antes em diagonal, com frequência no mesmo banco, a menos de dois metros. Somente ao avistar os cabelos longos, louros ou morenos, já tinha uma ereção.

Ao escolher o lugar, circulando entre as fileiras, a dor avivava-se dentro do seu *slip*. No momento de sentar-se, já tinha tirado um lenço do bolso. Bastava abrir um arquivo e colocá-lo sobre as pernas. Com alguns lances, estava feito. Às vezes, quando a garota descruzava as pernas, no momento em que ele tirava o pau, não precisava nem se tocar. Liberava-se num jato ao entrever a calcinha. O lenço

era uma segurança, pois, em geral, ejaculava sobre as páginas do arquivo: sobre equações de segundo grau, classificações de insetos, a produção de carvão na URSS. A garota continuava a ler a sua revista.

Muitos anos depois, Bruno continuava em dúvida. Tais coisas tinham acontecido; possuíam relação direta com o garotinho medroso e obeso do qual conservava as fotografias. Aquele menininho tinha relação com o adulto devorado pelo desejo em que se tornara. A sua infância fora penosa, a adolescência atroz. Tinha agora 42 anos e, objetivamente, estava bem longe da morte. Que lhe restava viver? Talvez algumas felações pelas quais, sabia, aceitaria cada vez mais facilmente pagar.

Uma vida direcionada para um objetivo deixa pouco lugar às lembranças.

À medida que suas ereções ficavam mais difíceis e mais breves, Bruno se deixava invadir por um relaxamento tristonho. O objetivo principal da sua vida era sexual. Sabia que não podia mais mudar. Nisso, bem representava a sua época. Durante a sua adolescência, a competição econômica feroz, experimentada pela sociedade francesa nos últimos dois séculos, atenuara-se um pouco. Admitia-se cada vez mais no imaginário social que as condições econômicas deviam normalmente tender para certa igualdade. Políticos e empresários citavam com frequência o modelo da social-democracia sueca.

Bruno via-se, portanto, pouco encorajado a classificar os seus contemporâneos pelo viés do sucesso econômico. No plano profissional, seu único objetivo era — muito razoavelmente — fundir-se na "vasta classe média de contornos pouco delimitados", assim descrita, mais tarde, pelo presidente Giscard d'Estaing. Mas o ser humano está sempre pronto a estabelecer hierarquias e é com vivacidade que aspira a sentir-se superior aos seus semelhantes. A Dinamarca e a Suécia, que serviam de modelo às democracias europeias na via para a igualdade

econômica, deram também o exemplo da liberdade sexual. De maneira inesperada» na classe média, à qual se integravam progressivamente os operários e os chefes de médio escalão — ou, mais precisamente, entre os filhos dessa classe média — abriu-se um novo campo à competição narcísica.

Durante uma temporada de aprimoramento linguístico que realizou, em julho de 1972, em Traunstein, cidadezinha bávara próxima da fronteira austríaca, Patrick Castelli, jovem francês, conseguiu comer 37 garotas em três semanas. No mesmo tempo, Bruno estampava um escore de zero.

Acabou por mostrar o pau a uma vendedora, num supermercado, que, felizmente, desatou a rir e absteve-se de dar queixa. Como ele, Patrick Castelli era de família burguesa e ia bem na escola: o destino econômico de ambos prometia ser comparável. A maioria das lembranças de adolescência de Bruno eram do mesmo gênero.

Mais tarde, a globalização da economia gerou uma competição muito mais dura, que varreria os sonhos de integração do conjunto da população numa classe média generalizada com poder aquisitivo regularmente crescente.

Camadas sociais cada vez mais amplas mergulharam na precariedade e no desemprego. A aspereza da competição sexual, porém, não diminuiu. Bem ao contrário.

Fazia 25 anos que Bruno conhecia Michel. Nesse meio tempo assustador, tinha a impressão de ter mudado muito pouco. A hipótese de um núcleo de identidade pessoal, núcleo inamovível em suas principais características, parecia-lhe uma evidência. Contudo, vastos pedaços da sua própria história tinham caído no esquecimento definitivo. Meses, anos inteiros pareciam não ter sido vividos por ele. Tal não era o caso dos dois últimos anos de adolescência, tão ricos em lembranças, em experiências formadoras. A memória de uma vida humana, explicou-lhe mais tarde seu irmão, lembra uma história consistente de Griffiths.

Estavam no apartamento de Michel, numa noite de maio, bebendo Campari.

Evocavam raramente o passado. Discutiam mais sobre a atualidade política ou social. Naquela noite, porém, fizeram-no. "Tens recordações de diferentes momentos da tua vida", resumiu Michel. "Essas lembranças apresentam-se sob diversos aspectos. Revês pensamentos, motivações ou rostos. Por vezes, lembras simplesmente de um nome, como o dessa Patrícia Hohweiller da qual me falavas há pouco e que serias incapaz de reconhecer hoje. Por vezes, revês um rosto, sem mesmo poder associá-lo com recordações. No caso de Caroline Yessayan, tudo que sabes está concentrado em alguns segundos de uma precisão total em que tua mão repousava sobre a coxa dela."

"As histórias consistentes de Griffiths foram introduzidas em 1984 para integrar as medidas quânticas em narrativas verossímeis. Constrói-se uma história de Griffiths a partir de uma sequência de medidas mais ou menos comuns ocorrendo em instantes diferentes. Cada medida exprime o fato de que uma quantidade física, eventualmente diferente de uma medida a outra, é compreendida, num instante determinado, num certo campo de valores. Por exemplo, no tempo t_1 , um elétron tem certa velocidade, determinada com uma aproximação dependente do modo de aferição; no tempo t_2 , ele está situado num certo domínio do espaço; no tempo t_3 , tem certo valor de spin."

"A partir de um subconjunto de medidas pode-se definir uma história, logicamente consistente, da qual não se pode dizer, entretanto, que seja verdadeira. Pode apenas ser sustentada sem contradição. Entre as histórias do mundo possível, em determinadas condições experimentais, algumas podem ser rescritas sob a forma racionalizada de Griffiths, sendo chamadas de histórias consistentes de Griffiths, e tudo se passa como se o mundo fosse composto de objetos separados, dotados de propriedades intrínsecas e estáveis. Entretanto, o número de histórias consistentes

de Griffiths, passíveis de serem rescritas a partir de uma série de medidas, é, em geral, sensivelmente superior a um."

"Tens consciência do teu ego. Essa consciência te permite formular uma hipótese: a história que podes reconstituir diretamente a partir das tuas próprias lembranças é uma história consistente, justificável no princípio de uma narrativa unívoca. Enquanto indivíduo isolado, perseverando na existência durante certo lapso de tempo, submetido a uma ontologia de objetos e de propriedades, não tens nenhuma dúvida quanto a isso: correspondeste necessariamente a uma história de Griffiths. Formula essa hipótese a priori para a vida real, não para o sonho."

"Gostaria de pensar que o ego é uma ilusão; em todo caso, é uma ilusão dolorosa", disse suavemente Bruno. Michel não soube responder, pois nada conhecia do budismo. A conversa não era fácil. Viam-se no máximo duas vezes por ano. Jovens, tiveram discussões apaixonadas. Mas isso já era coisa do passado. Em setembro de 1973, começaram os dois últimos anos de formação secundária, na fileira científica. Acompanharam juntos os cursos de matemática e de física. Michel estava muito acima dos demais.

O universo humano — começava a perceber — decepcionava, cheio de angústia e de amargura. As equações matemáticas davam-lhe alegrias serenas e vivas. Avançava na semiobscuridade e, de repente, encontrava uma passagem. Com algumas fórmulas, com algumas fatorações ousadas, elevava-se a um patamar de serenidade luminosa.

A primeira equação da demonstração era a mais comovente, pois a verdade que borboleteava a meia distância ainda era incerta. A última equação era mais fascinante, mais alegre. Naquele mesmo ano, Annabelle

começou o segundo grau em Meaux. Os três viam-se com frequência após as aulas.

Depois, Bruno voltara ao internato, enquanto Annabelle e Michel dirigiam-se 'para a estação. A situação tomava um aspecto estranho e triste. No início de 1974, Michel mergulhou nos espaços de Hilbert.

Depois, passou à teoria da medida, descobriu as integrais de Riemann, de Lebesgue e de Stieltjes. No mesmo período, Bruno lia Kafka e masturbava-se no *autorail*.

Numa tarde de maio, na piscina recém-aberta de La Chapelle-sur-Crécy, experimentou a alegria de afastar a toalha para mostrar o pau a duas meninas de 12 anos. Gostou sobretudo de ver que elas se acotovelavam e interessavam-se pelo espetáculo. Trocou um longo olhar com uma delas, uma moreninha de óculos. Demasiado infeliz e frustrado para interessar-se realmente pela psicologia do próximo, Bruno percebia, entretanto, que o irmão estava numa situação ainda pior. Com frequência, iam juntos a um café. Michel usava anoraques ou bonés ridículos. Não sabia jogar futebol de mesa. Era sobretudo Bruno quem falava.

Michel não se mexia; falava cada vez menos; dirigia a Annabelle um olhar atento e inerte. Annabelle não desistia. Para ela, o rosto de Michel parecia-se com o comentário de um outro mundo. Pela mesma época, leu a Sonata a Kreutzer e acreditou, por um instante, compreendê-lo através do livro. Passados 25 anos, parecia evidente a Bruno que eles tinham vivido numa situação desequilibrada, anormal, sem futuro. Considerando o passado, tem-se sempre a impressão — provavelmente falaciosa — de certo determinismo.

12

REGIME STANDARD

*Nas épocas revolucionárias,
os que se atribuem, com tão estranho orgulho,
o mérito fácil de ter desenvolvido nos contemporâneos o
apogeu das paixões anárquicas
não percebem que esse deplorável triunfo aparente se
deve, sobretudo,
a uma disposição espontânea, determinada pelo
conjunto da situação correspondente.*

(Auguste Comte — *Curso de filosofia positiva*, lição 48)

A metade dos anos 70 foi marcada, na França, pelo escandaloso sucesso alcançado por *Fantasma do paraíso*, *Laranja mecânica* e *Corações loucos*: três filmes extremamente diferentes cujo êxito comum estabeleceria, entretanto, a pertinência comercial de uma cultura "jovem", essencialmente baseada no sexo e na violência, que não pararia de abocanhar fatias de mercado ao longo das décadas seguintes. Já os trintões enriquecidos dos anos 60 acharam-se plenamente em *Emmanuelle*, lançado em 1974. Propondo a ocupação do tempo, lugares exóticos e fantasias, o filme de Just Jaeckin representava, por si só,

numa cultura ainda profundamente judaico-cristã, um manifesto pela entrada na civilização do lazer.

De maneira mais geral, o movimento favorável à liberação dos costumes obteve, em 1974, importantes vitórias. Em 20 de março, abriu em Paris o primeiro clube Vitatop, que desempenharia um papel de pioneiro no campo da forma física e do culto do corpo. Em 5 de julho, foi adotada a lei sobre a maioridade cívica aos 18 anos de idade; em 11 de julho, a do divórcio por consentimento mútuo — o adultério desapareceu do código penal. Enfim, em 28 de novembro, a lei Veil, autorizando o aborto, foi aprovada graças ao apoio da esquerda, ao final de um violento debate — qualificado de "histórico" pela maioria dos comentaristas. Com efeito, a antropologia cristã, durante muito tempo majoritária nos países ocidentais, dava importância ilimitada a toda vida humana, da concepção à morte; importância ligada ao fato de que os cristãos acreditavam na existência, dentro do corpo humano, de uma alma — alma, por princípio, imortal e destinada a ser posteriormente unida a Deus. Sob o impulso dos avanços da biologia, desenvolveu-se, pouco a pouco, nos séculos XIX e XX uma antropologia materialista, radicalmente diferente em seus pressupostos e muito mais modesta nas suas recomendações éticas. Por um lado, o feto, montinho de células em estado de diferenciação progressiva, só se via atribuir uma existência individual autônoma à condição de obter certo consenso social (ausência de deformações genéticas graves, acordo dos pais). Por outro lado, o velho, amontoado de órgãos em estado de degeneração contínua, só poderia, realmente, fazer valer seu direito à sobrevivência sob a condição de uma coordenação suficiente das suas funções orgânicas — introdução do conceito de dignidade humana. Os problemas éticos assim postos pelas idades extremas da vida (o aborto e, alguns anos depois, a eutanásia) deveriam constituir fatores de oposição incontornáveis entre duas

visões de mundo, duas antropologias no fundo radicalmente antagônicas.

O agnosticismo por princípio da República Francesa facilitaria o triunfo hipócrita, progressivo e mesmo levemente dissimulado da antropologia materialista. Nunca abertamente evocados., os problemas de valor da vida humana nem por isso deixaram de trilhar um caminho nos espíritos. Pode-se, sem hesitação, afirmar que contribuíram, por um lado, ao longo das últimas décadas da civilização ocidental, para estabelecer um clima de depressão geral, quem sabe até mesmo masoquista.



Para Bruno, que acabava de completar 18 anos, o verão de 1974 foi um período importante e mesmo crucial. Tendo decidido, vários anos mais tarde, tratar-se com um psiquiatra, voltaria a ele inúmeras vezes, modificando este ou aquele detalhe, para satisfação do outro, que parecia apreciar bastante a história. Eis a versão canônica que Bruno adorava apresentar:

"Tudo aconteceu pelo fim de julho. Eu estava passando uma semana na casa da minha mãe, na Côte. Havia, sempre, muita gente de passagem. Naquele verão, ela transava com um canadense — um tipo jovem e muito forte, com um verdadeiro físico de lenhador. Na manhã de minha partida, acordei muito cedo. O sol já estava quente. Entrei no quarto deles. Dormiam. Hesitei alguns segundos antes de levantar o lençol. Minha mãe se mexeu. Pensei que ia abrir os olhos. Abriu ligeiramente as pernas. Ajoelhei-me diante da sua vulva. Aproximei a mão alguns centímetros,

mas não ousei tocá-la. Saí para me masturbar. Havia muitos gatos, mais ou menos selvagens, recolhidos por ela. Aproximei-me de um, preto, que se esquentava sobre uma pedra. O solo em torno da casa era pedregoso, muito branco, impiedosamente branco. O gato olhou-me várias vezes enquanto eu me masturbava, mas fechou os olhos antes que eu ejaculasse. Abaixei-me, peguei uma pedra grande. O crânio do gato esfacelou-se, aspergindo miolos em torno. Cobri o cadáver com pedras e voltei para dentro. Todos continuavam dormindo. Mais tarde, minha mãe levou-me para a casa de meu pai, a uns 50 quilômetros. No carro, pela primeira vez, falou-me de di Meola. Ele também havia abandonado a Califórnia quatro anos antes e comprado uma grande propriedade perto de Avignon, nas encostas do Ventoux. No verão, recebia jovens vindos de todos os países da Europa e também da América do Norte. Ela achava que eu poderia ir até lá num verão em busca de novos horizontes. O ensinamento de di Meola baseava-se, sobretudo, na tradição bramânica, mas, segundo ela, sem fanatismo nem exclusivismo, pois levava também em consideração os avanços da cibernética, da PNL e das técnicas de desprogramação concebidas em Esalen. Tratava-se, antes de tudo, de liberar o indivíduo, seu potencial criativo profundo. 'Só utilizamos 10% dos nossos neurônios'.

"Além disso, podes encontrar gente da tua idade", acrescentou Jane (atravessavam então uma floresta de pinheiros. "Enquanto estiveste conosco, ficamos com a impressão de que tens dificuldade no plano sexual". A maneira ocidental de viver a sexualidade era completamente desviada e pervertida, acrescentou. Em muitas sociedades primitivas, a iniciação fazia-se naturalmente, no começo da adolescência, sob o controle dos adultos da tribo; 'Sou tua mãe', precisou ainda. Absteve-se de dizer que tinha, ela mesma, iniciado David, o filho de di Meola, em 1963. David, na época, estava com 13

anos. Na primeira tarde, tirara a roupa na frente dele, antes de encorajá-lo na sua masturbação. Na segunda tarde, ela mesma o masturbou e chupou. Enfim, no terceiro dia, ele pôde penetrá-la.

Agradável lembrança para Jane; o pau do garoto era rígido e parecia infinitamente disponível na sua rigidez, mesmo depois de várias ejaculações. Foi, sem dúvida, a partir dali que ela se voltou definitivamente para homens jovens. "Entretanto, a iniciação se faz sempre fora do sistema familiar direto. É indispensável para permitir a abertura ao mundo", completou. Bruno teve um sobressalto, perguntando-se se ela estaria efetivamente acordada, de manhã, quando mergulhou o olhar na sua vulva. A observação da mãe, contudo, nada tinha de surpreendente. O tabu do incesto já foi verificado entre os gansos e os mandris. O carro aproximava-se de Sainte-Maxime.

"Ao chegar na casa de meu pai, percebi que ele não estava bem", prosseguia Bruno. "Naquele verão, só tinha conseguido tirar duas semanas de férias. Na época, eu não estava consciente, mas ele enfrentava problemas de dinheiro. Pela primeira vez, os seus negócios iam mal. Mais tarde, contou-me tudo. Tinha deixado escapar, completamente, o mercado dos seios de silicone. Para ele, era uma moda passageira que não ultrapassaria o mercado americano. Grande idiotice. Não há exemplo de moda surgida nos Estados Unidos que não tenha conseguido submergir a Europa ocidental alguns anos mais tarde. Nenhum. Um dos seus jovens sócios aproveitou a oportunidade, instalou-se por conta própria e arrancou-lhe grande parte da clientela utilizando os seios de silicone como produto de apelo."

No momento dessa confissão, o pai de Bruno tinha 70 anos e deveria sucumbir, em seguida, a um ataque de cirrose. Acrescentou, sombriamente, fazendo tilintar os cubos de gelo no copo: "A história se repete. O idiota do

Poncet acaba de se recusar a investir no alongamento de picas" (tratava-se de um jovem cirurgião cheio de vontade que, 20 anos antes, estivera na origem de sua ruína). "Acha que isso se parece muito com salsicharia. Não crê que o mercado masculino vá sobreviver na Europa. O imbecil. Tão imbecil quanto eu na época. Se eu tivesse 30 anos hoje, ah eu me lançaria no alongamento de picas!" Liberado da mensagem, recaía, em geral, num devaneio obscuro, no limite da sonolência. A conversa patinava um pouco, forçosamente, na sua idade. Naquele mês de julho de 1974, o pai de Bruno só estava no primeiro estágio de sua decadência. Fechava-se no quarto com uma pilha de San-Antonio e uma garrafa de bourbon. Reaparecia pelas sete horas para esquentar, com mão trêmula, um prato pronto. Não tinha desistido de falar com o filho, mas não o conseguia de fato. Ao fim de dois dias, a atmosfera tornou-se realmente opressora. Bruno começou a sair as tardes inteiras. Ia simplesmente à praia.

O psiquiatra apreciava menos a parte seguinte da narrativa, mas Bruno fazia questão e não tinha nenhuma intenção de silenciar. Afinal de contas, o babaca estava ali para escutá-lo; era um empregado, não? "Ela estava sozinha", prosseguia, portanto, Bruno. "Ela estava sozinha todas as tardes na praia. Uma pobre garotinha de ricos, como eu. Tinha 17 anos. Era de fato uma bolota, um montinho com um rosto tímido, uma pele demasiado branca e espinhas. Na quarta tarde, justo na véspera de minha partida, peguei a toalha e sentei-me ao lado dela, que estava de bruços, com a parte de cima do maiô desprendida. A única coisa que achei para dizer foi: 'Estás em férias?' Ergueu os olhos. Não esperava, seguramente, nada brilhante, mas quem sabe tampouco algo tão imbecil. Em seguida, nos apresentamos. Chamava-se Annick. Em certo momento, precisou se levantar. Eu me perguntava se tentaria fechar o sutiã sozinha por trás. Fez algo intermediário. Voltou-se segurando pela metade as alças.

Na posição final, os porta-seios estavam um pouco repuxados e só lhe cobriam pela metade. Tinha, realmente, peitos enormes, já mesmo um pouco caídos, o que se agravaria terrivelmente depois. Pensei que era muito corajosa. Enfiei a mão sob o sutiã, descobrindo aos poucos o seio. Ela não se mexeu, mas ficou um pouco rígida. Fechou os olhos. Continuei a passar a mão. Os mamilos estavam duros. Foi um dos mais belos momentos da minha vida."

"A seguir, ficou mais difícil. Levei-a para a minha casa. Fomos logo para o meu quarto. Temia que meu pai a visse. Era, apesar de tudo, um homem que tivera belíssimas mulheres. Mas ele dormia. Estava, de fato, naquela tarde, completamente bêbado e só acordou às dez horas da noite. Estranhamente, ela não aceitou que eu lhe tirasse o biquíni. Nunca tinha transado, disse-me. Nunca tinha feito nada com um garoto, a bem da verdade. Mas me masturbou sem hesitação, com muito entusiasmo. Lembrome de que sorria. Aproximei o pau da sua boca. Chupou um pouco, mas não gostou muito. Não insisti. Montei nela. Quando apertei o meu sexo contra os seus seios, senti que ela estava realmente feliz. Soltou um pequeno gemido, o que me excitou terrivelmente. Levantei-me e baixei-lhe a calcinha. Não reclamou e até ergueu as pernas para me ajudar. Não era de fato uma bela garota, mas sua boceta era atraente, tanto quanto a de qualquer mulher. Fechara os olhos. No momento em que deslizei as mãos sob as suas nádegas, afastou completamente as pernas. O efeito foi tal que ejaculei imediatamente, antes mesmo de ter podido entrar nela. Havia um pouco de esperma sobre os seus pentelhos. Fiquei arrasado, mas ela disse que não tinha importância, que estava contente."

"Não chegamos a ter tempo de conversar, já eram oito horas e ela precisava voltar para a casa dos pais. Disse-me, não sei bem a razão, que era filha única. Parecia tão feliz, tão orgulhosa de ter uma razão de estar atrasada para o

jantar, que quase chorei. Beijamo-nos interminavelmente no jardim, na frente da casa. Na manhã seguinte, voltei a Paris."

Ao final dessa pequena narrativa, Bruno dava um tempo. O terapeuta agitava-se com discrição, antes, em geral, de dizer: "Bem". Conforme o tempo gasto, pronunciava uma se de retomada ou contentava-se em acrescentar: "Ficamos por aqui, hoje?" Subia ligeiramente no *finale* para dar uma nuance de interrogação. O sorriso que acompanhava tais palavras era de uma leveza deliciosa.

13

No mesmo verão de 1974, Annabelle deixou-se beijar por um garoto numa discoteca de Saint-Palais. Acabara de ler em *Stéphanie* um dossiê sobre a amizade entre rapazes e moças. Abordando a questão do amigo de infância, a revista desenvolvia uma tese particularmente repugnante: era extremamente raro que o amigo de infância se transformasse em namoradinho; o seu destino natural era tornar-se um companheiro, um companheiro fiel; podia até mesmo servir de confidente e de apoio na hora das perturbações emocionais provocadas pelos primeiros flertes.

Nos segundos posteriores ao primeiro beijo, apesar das asserções do periódico, Annabelle sentiu-se atrozmente triste. Alguma coisa de doloroso e de novo enchia-lhe rapidamente o peito. Saiu do Kathmandou recusando que o garoto a seguisse. Tremia levemente ao retirar a proteção contra roubo da sua mobilete. Usava o seu mais belo vestido. A casa do irmão ficava a menos de um quilômetro. Eram somente onze horas quando chegou. Ainda havia luz na sala. Ao percebê-la, começou a chorar. Foi nessas circunstâncias, numa noite de julho de 1974, que Annabelle acedeu à consciência dolorosa e definitiva de sua existência individual. Primeiro revelada ao animal sob a forma de dor física, a existência individual só acede nas sociedades humanas à plena consciência de si mesma através da mentira, com a qual pode, na prática, confundir-se. Até a idade de 16 anos, Annabelle não tivera segredos para os

pais. Não tivera tampouco — e isso, percebia então, tinha sido algo raro e precioso — segredos para com Michel. Em algumas horas de uma noite, tomou consciência de que a vida dos homens era uma sucessão ininterrupta de mentiras. Na mesma ocasião, conscientizou-se da sua beleza.

A existência individual e o sentimento de liberdade decorrente dela constituem o fundamento natural da democracia. Em regime democrático, as relações entre os indivíduos são classicamente reguladas pela forma do contrato. Todo contrato ultrapassando os direitos naturais de um dos contratantes, ou não comportando cláusulas claras de revogação, é por isso mesmo considerado nulo.

Se evocava de boa vontade e nos detalhes o verão de 1974, Bruno mostrava-se pouco loquaz sobre o ano escolar vindo logo depois. Não lhe restavam mais do que as lembranças de um mal-estar crescente. Um segmento temporal indefinido, mas de tonalidade um pouco glauca. Continuava a ver com frequência Annabelle e Michel. Estavam, em princípio, muito próximos. Entretanto, iam prestar o exame e inevitavelmente o fim do ano escolar ia separá-los. Michel tinha mudado: escutava Jimi Hendrix e rolava no carpete. Era muito intenso. Muito tempo depois dos outros, começava a dar sinais evidentes de adolescência. Annabelle e ele pareciam constrangidos. Davam-se a mão com menos facilidade. Em resumo, como Bruno resumiu uma vez para o psiquiatra, "tudo ia para o saco".

Desde a sua história com Annick, que tinha tendência a enfeitar nas lembranças (de resto, prudentemente evitara telefonar-lhe), Bruno sentia-se um pouco mais seguro de si. A primeira conquista, contudo, não se seguiram outras e foi brutalmente espinafado quando tentou beijar Sylvie, uma bela morena, muito gatinha, da mesma turma de Annabelle. Entretanto se uma garota o quisera, poderiam existir outras. Assim, começou a experimentar um vago

sentimento com relação a Michel. Afinal de contas, era seu irmão, além de dois anos mais moço. "Deves fazer alguma coisa com Annabelle", repetia. "Ela não espera outra coisa, está apaixonada por ti e é a mais bela garota do liceu." Michel dobrava-se na cadeira e respondia "sim". As semanas passavam. Ele hesitava visivelmente no limiar da idade adulta. Beijar Annabelle, entretanto, teria sido, para os dois, o único meio de escapar a essa passagem. Mas ele não tinha consciência disso. Deixava-se embalar por um falacioso sentimento de eternidade. No mês de abril, indignou os professores ao preencher um formulário de inscrição para as classes preparatórias. Evidentemente, contudo, mais do que qualquer outro, tinha boas chances de integrar uma Grande Escola. O bac aconteceria em um mês e meio e ele passava, cada vez mais, a sensação de flutuar. Através das janelas gradeadas da sala de aula, olhava as nuvens, as árvores do pátio, os outros alunos. Nenhum outro acontecimento humano parecia capaz de realmente tocá-lo.

Bruno, por seu lado, decidira inscrever-se numa faculdade de letras.

Começava a encher o saco dos desenvolvimentos de Taylor-Maclaurin. Mas, sobretudo, nas faculdades de letras havia garotas, muitas garotas. Seu pai não tinha nenhuma objeção. Como todos os velhos libertinos, tornara-se sentimental tardiamente e condenava-se por ter estragado, por egoísmo, a vida do filho, o que, de resto, não era de todo falso. No início de maio, separou-se de Julie, sua última amante, uma mulher esplêndida, contudo. Chamava-se Julie Lamour, mas seu nome artístico era Julia Love. Participou dos primeiros pornôs à francesa, os filmes, hoje esquecidos, de Burd Tranbaree ou de Francis Leroi. Lembrava um pouco Janine, mas era muito mais imbecil. "Estou condenado... Estou condenado", repetiu o pai de Bruno ao perceber a semelhança, ao ver uma foto de juventude da ex-mulher.

Durante um jantar, na casa de Bénazéraf, sua amante encontrara Deleuze. Depois disso, mergulhava regularmente em justificações intelectuais do pornô. Não era mais suportável. Além disso, ela lhe custava caro, acostumada, nas filmagens, com Rolls alugados, com casacos de pele, com toda a quinquilharia erótica que, com o avanço da idade, era para ele cada vez mais desagradável. No fim de 1974, precisou vender a casa de Sainte-Maxime. Alguns meses depois, comprou um JK para o filho, perto dos jardins do Observatório; um belo JK, claro, calmo, sem nada na frente. Ao mostrá-lo a Bruno, não tinha de forma alguma a impressão de estar dando um presente excepcional, mas antes de tentar, na medida do possível, corrigir. De toda maneira, era um bom negócio. Cobrindo o espaço com o olhar, entretanto, animou-se um pouco. "Tu poderás receber garotas!", deixou escapar por inadvertência. Ao ver o rosto do filho, lamentou imediatamente. Michel inscreveu-se finalmente na faculdade de Orsay, na seção de matemática-física. Fora seduzido antes de tudo pela proximidade de uma cidade universitária; era assim que raciocinava. Sem surpresa, ambos passaram no *bac*. Annabelle acompanhava-os no dia dos resultados, com o rosto grave, num ano tinha amadurecido muito. Um pouco mais magra, com um sorriso mais interior, estava infelizmente ainda mais bela. Bruno decidiu tomar uma iniciativa: como não havia mais a casa de Sainte-Maxime, podia ir visitar di Meola, como lhe propusera a mãe. Estendeu a proposta aos dois. Partiram um mês depois, no fim do mês de julho.

14

Verão de 75

*Suas obras não lhes permitem retornar a Deus,
pois o espírito da prostituição está entre eles,
e porque não conhecem o Eterno.*

(Oseias, 5, 4)

Foi um homem enfraquecido, doente, que os recebeu na descida do ônibus de Carpentras. Filho de um anarquista italiano emigrado para os Estados Unidos nos anos 20, Francesco di Meola tinha, sem dúvida nenhuma, vencido na vida, no plano financeiro, entenda-se. Como Serge Clément, o jovem italiano compreendera, ao final da Segunda Guerra Mundial, que começava um mundo radicalmente novo e que atividades, durante muito tempo consideradas como elitistas ou marginais, ganhariam um peso econômico considerável.

Enquanto o pai de Bruno investia na cirurgia plástica, di Meola lançava-se na produção de discos. Alguns ganharam muito mais dinheiro do que ele, certo, mas conseguiu, ainda assim, ficar com uma bela fatia do bolo. Chegado aos 40 anos, teve, como muitos californianos, a intuição da nova onda, bem mais profunda que um simples movimento de moda, vinda para varrer a totalidade da civilização

ocidental. Foi assim que, na sua mansão de Big Sur, pôde conversar com Allan Watts, Paul Tillich, Carlos Castañeda, Abraham Maslow e Carl Rogers. Algum tempo depois, teve até mesmo o privilégio de encontrar Aldous Huxley, o verdadeiro pai espiritual do movimento. Envelhecido e quase cego, Huxley não lhe concedeu mais que uma atenção limitada. O encontro, entretanto, deixou-lhe uma impressão decisiva.

As razões que o levaram, em 1970, a deixar a Califórnia para comprar uma propriedade em Haute-Provence não lhe eram muito claras. Mais tarde, quase no fim da vida, concluiu que tinha desejado, por razões obscuras, morrer na Europa. Mas, no momento da decisão, só teve consciência das motivações mais superficiais. O movimento de maio de 68 impressionara-o e, quando a onda hippie começou a refluir na Califórnia, pensou que, talvez, houvesse algo a fazer com a juventude europeia. Jane estimulou-o nesse sentido. A juventude francesa, em particular, estava bloqueada, sufocada pelo tacão paternalista do gaullismo, mas, segundo ela, bastaria uma faísca para colocar fogo em tudo. Fazia alguns anos que o maior prazer de Francesco era fumar maconha com garotinhas atraídas pela aura espiritual do movimento, antes de comê-las no meio de mandalas e do cheiro de incenso. As garotas que apareciam em Big Sur eram, em geral, imbeciloides protestantes. Ao menos a metade delas era virgem. Pelo fim dos anos 60, o fluxo começou a esgotar-se. Ele se disse então que era, talvez, tempo de voltar para a Europa. Achou, porém, estranho pensar nisso daquela forma, pois tinha saído da Itália com apenas cinco anos de idade. Seu pai não fora apenas um militante revolucionário, mas também um homem culto, amante da língua, um esteta. Isso deve ter, provavelmente, deixado marcas nele. No fundo, sempre havia considerado os americanos um pouco idiotas.

Ainda era um belo homem, com um rosto burilado e jambo, longos cabelos brancos, ondulados e espessos. Contudo, no interior do seu corpo, as células proliferavam de qualquer maneira, destruindo o código genético das vizinhas, libertando toxinas. Os especialistas que consultara se contradiziam sobre inúmeros aspectos, exceto quanto ao essencial: morreria em breve. Seu câncer era inoperável e continuaria, inexoravelmente, a desenvolver as suas metástases. A maioria dos médicos apostava numa agonia tranquila e mesmo, com alguns medicamentos, isenta até o fim de sofrimentos físicos.

De fato, até ali, ele não sentia mais do que uma grande fadiga generalizada. Entretanto, não aceitava; não conseguia nem sequer imaginar a aceitação. Para o ocidental contemporâneo, mesmo quando está bem de saúde, o pensamento da morte constitui uma espécie de ruído que vem encher o cérebro quando os projetos e os desejos acabam. Com a idade, a presença desse barulho torna-se cada vez mais forte. Pode-se compará-la a um ronco surdo, às vezes acompanhado de um rangido. Em outras épocas, o ruído correspondia à espera do reino do Senhor; hoje, corresponde à espera da morte. É assim.

Huxley, nunca esqueceria, parecera-lhe indiferente à perspectiva da própria morte; mas estava, quem sabe, simplesmente embrutecido ou drogado. Di Meola lera Platão, a Bhagavad Gita e o Tao-te-King. Nenhum desses livros tinha-lhe trazido o menor alívio. Com apenas 60 anos, estava, contudo, morrendo; os sintomas não permitiam o engano. Começava até mesmo a desinteressar-se do sexo e foi distraidamente que constatou a beleza de Annabelle. Quanto aos garotos, nem sequer os notou. Fazia muito tempo que vivia cercado de jovens e foi talvez por hábito que manifestara vaga curiosidade diante da ideia de encontrar os filhos de Jane. No fundo, era evidente, nem ligava. Largou-os no meio da propriedade, indicando-lhes que podiam instalar a barraca onde bem entendessem.

Sentia vontade de deitar-se, de preferência sem encontrar ninguém. Fisicamente, ainda representava perfeitamente o tipo de homem antenado e sensual, de olhar brilhante de ironia, sabe até mesmo de sabedoria. Algumas garotas especialmente estúpidas haviam mesmo julgado o seu olhar luminoso e benévolo. Não sentia em si mesmo nenhuma benevolência e, disso, tinha a impressão de ser um ator de valor mediano: todo mundo pudera deixar-se enganar? Decididamente, se, por vezes com certa tristeza, os jovens em busca de novos valores espirituais eram realmente uns babacas.

Nos segundos seguintes à descida do jeep, Bruno compreendeu que cometera um erro. O domínio descia numa suave encosta, levemente sulcada por vales, para o Sul. Não havia arbustos nem flores. Uma cascata mergulhava num abismo de água, verde e calmo. Justo ao lado, estendida sobre uma pedra chata, nua, uma mulher secava-se ao sol, enquanto outra ensaboava-se antes de mergulhar. Mais perto deles, ajoelhado sobre uma esteira, um tipo alto, barbudo, meditava ou dormia. Também estava nu, e muito bronzeado. Os seus longos cabelos, de um louro pálido, desprendiam-se de maneira surpreendente sobre a pele morena. Lembrava vagamente Kris Kristofferson. Bruno sentia-se desanimado: que mais podia esperar? Ainda era, talvez, tempo de bater em retirada, desde que imediatamente. Deu uma olhada para os companheiros. Com uma calma surpreendente, Annabelle tinha começado a desdobrar a barraca. Sentado num tronco, Michel brincava com os cordões da mochila, completamente distraído.

A água escorre ao longo da linha de menor inclinação. Determinado, em sua natureza e quase em cada um dos seus atos, o comportamento humano só admite bifurcações pouco numerosas, as quais são pouco seguidas. Em 1950, Francesco di Meola tivera um filho, de uma atriz italiana de segunda categoria, que nunca foi além dos papéis de

escrava no apogeu da carreira, conseguido duas falas em *Quo Vadis?* A criança recebeu o nome de David. Aos 15 anos, este sonhava em tornar-se rock star. Não era o único. Muito mais ricos do que grandes executivos e banqueiros, os rock stars não deixavam de conservar a imagem de rebeldes. Jovens, belos, célebres, desejados por todas as mulheres e invejados por todos os homens, os rock stars ocupavam o cume absoluto da hierarquia social. Nada na história humana, desde a divinização dos faraós no antigo Egito, podia comparar-se ao culto da juventude europeia e americana aos rock stars. Fisicamente, David tinha tudo para alcançar os seus objetivos: era de uma beleza total, ao mesmo tempo animal e diabólica; um rosto viril, mas, contudo, de traços extremamente puros; longos cabelos negros, muito espessos, levemente encaracolados; grandes olhos de um azul profundo.

Graças às relações do pai, David pôde gravar um primeiro 45 rotações com apenas 17 anos. Fracasso absoluto. E preciso dizer que foi lançado no mesmo ano de *Sgt Peppers*, *Days of Future Passed* e tantos outros. Jimi Hendrix, Rolling Stones, Doors estavam no apogeu. Neil Young começava a gravar, e esperava-se ainda muito de Brian Wilson. Não havia lugar naqueles anos para um baixista cumpridor mas pouco inventivo. David obstinou-se, trocou quatro vezes de grupo, tentou diferentes fórmulas; três anos depois da partida do pai, decidiu também tentar a sorte na Europa. Arranjou facilmente um emprego num clube da Côte. Isso não era problema. Gatinhas esperavam-no a cada noite no camarim. Isso tampouco era um alemã. Mas ninguém, em nenhuma gravadora, prestou a atenção às suas demonstrações.

Quando David encontrou Annabelle, já havia transado com mais de 500 mulheres. Contudo, não se lembrava de outra com tal perfeição plástica. Annabelle, por seu lado, sentiu-se atraída por ele como haviam sido todas as outras. Resistiu vários dias e só cedeu uma semana depois da

chegada. Eram uns 30 dançando atrás da casa, numa noite estrelada e doce. Annabelle usava uma saia branca e uma miniblusa com um sol desenhado. David dançava muito perto dela e fazia-a, por vezes, girar num passo de rock. Dançavam sem fadiga havia mais de uma hora, num ritmo de tamborim, ora rápido, ora lento.

Bruno permanecia imóvel contra uma árvore, o coração apertado, atento, vigilante. Ora Michel aparecia no limiar do círculo luminoso, ora desaparecia na noite. De repente, estava ali, a apenas cinco metros. Bruno viu Annabelle deixar os que dançavam para plantar-se diante de Michel. Ouviu quando ela perguntou: "Tu não danças?" Havia tristeza no seu rosto. Michel, para recusar o convite, fez um gesto de uma lentidão inacreditável, como um animal pré-histórico recém-trazido à vida. Annabelle continuou parada diante dele durante cinco ou dez segundos; depois, deu meia-volta e retornou ao grupo. David pegou-a pela cintura e apertou-a com força contra ele. Ela colocou a mão no seu ombro. Bruno olhou de novo para Michel. Teve a impressão de que um sorriso vagava em seu rosto; baixou os olhos. Quando os levantou, Michel desaparecera. Annabelle estava nos braços de David. Tinham os lábios próximos.

Deitado na barraca, Michel esperou a aurora. Pelo fim da noite, caiu um temporal violento. Surpreendeu-se ao constatar que sentia um pouco de medo. Depois, o céu acalmou-se e começou uma chuva regular e lenta. As gotas batiam na lona da barraca com um barulho surdo, a alguns centímetros de seu rosto, sem poder atingi-lo. Teve subitamente o pressentimento de que a sua vida inteira se pareceria com aquele momento. Atravessaria as emoções humanas, por vezes delas estaria próximo; outros conheceriam a felicidade ou o desespero. Nada disso nunca poderia dizer-lhe exatamente respeito ou atingi-lo. Várias vezes durante a noite, Annabelle, enquanto dançava, lançara-lhe olhares. Gostaria de ter feito algo, mas não pôde. Tivera a nítida sensação de afundar na água gelada.

Tudo, contudo, estava excessivamente calmo. Sentia-se separado do mundo por alguns centímetros de vazio que formavam em torno dele uma carapaça ou uma armadura.

15

Na manhã seguinte, a barraca de Michel estava vazia. Todas as suas coisas tinham desaparecido, mas ele deixara um bilhete que dizia simplesmente: "NÃO SE PREOCUPEM".

Bruno partiu uma semana mais tarde. Ao subir no trem, percebeu que, durante alguns dias, não tinha tentado "caçar" nem mesmo, no fim, falar com alguém.

Pelo fim do mês de agosto, Annabelle percebeu que sua menstruação estava atrasada. Achou que era melhor assim. Não houve problema algum: o pai de David conhecia um médico, um militante do Planejamento familiar, que operava em Marselha. Era um tipo de uns 30 anos, entusiasta, com um bigodinho ruivo, que se chamava Laurent. Fazia questão que ela o chamasse pelo nome: Laurent. Mostrou-lhe os seus diferentes instrumentos, explicou-lhe os mecanismos de aspiração e de curetagem. Tentava estabelecer um diálogo democrático com as clientes, que considerava antes como amigas. Desde o princípio, apoiava a luta das mulheres e, no seu entender, ainda havia muito a fazer. Fixou-se a operação para o dia seguinte; as despesas seriam pagas pelo Planejamento familiar.

Annabelle voltou para o quarto de hotel à beira de uma crise nervosa. No dia seguinte, abortaria, dormiria mais uma noite no hotel e voltaria para casa. Era o que tinha decidido. Todas as noites, durante três semanas, fora ao encontro de David na sua barraca. Na primeira vez, sentira

um pouco de dor, mas depois veio o prazer, muito prazer; nem sequer suspeitava que o prazer sexual pudesse ser tão intenso. Contudo, não tinha nenhuma afeição por aquele tipo. Sabia que ele a substituiria rapidinho e que provavelmente já o estava fazendo. a Na mesma noite, durante um jantar entre amigos, Laurent evocou com entusiasmo o caso de Annabelle. Era por garotas como ela que tinham lutado, observava; para evitar que uma menina de apenas 17 anos ("e além do mais bonita", quase acrescentou) tenha a vida destruída por uma aventura de férias.

Annabelle estava muito apreensiva por causa do retorno a Crécy-en-Brie, mas nada aconteceu. Era 4 de setembro. Os pais cumprimentaram-na pelo bronze. Contaram-lhe que Michel tinha partido e já ocupava um quarto na casa de estudantes de Bures-sur-Yvette; não suspeitavam, claro, de nada.

Ela foi ver a avó de Michel. A velha senhora parecia cansada, mas a recebeu bem e deu-lhe, sem dificuldades, o endereço do neto. Havia achado sim um pouco estranho que Michel voltasse antes dos outros; havia também achado estranho que fosse instalar-se um mês antes do começo das aulas; mas Michel era um garoto estranho.

No meio da grande barbárie natural, os seres humanos, às vezes (raramente), puderam criar lugarzinhos quentes, irradiados pelo amor. Pequenos espaços fechados, reservados, dominados pela intersubjetividade e pelo amor.



As duas semanas seguintes, Annabelle ocupou escrevendo para Michel. Foi difícil, teve de rasurar e recomeçar muitas vezes. Terminada, a carta tinha quatro páginas; pela primeira vez, era realmente uma carta de amor. Colocou-a no correio, em 17 de setembro, dia da volta às aulas no liceu; depois, esperou.

A faculdade de Orsay, Paris XI, é a única na região parisiense realmente concebida segundo o modelo americano wrrrrrrrrrr do campus. Várias residências disseminadas num parque acolhem os estudantes do primeiro ao terceiro ciclo. Orsay não é apenas um lugar de ensino, mas também um centro de pesquisas de altíssimo nível em física das partículas elementares.

Michel morava num quarto de esquina, no quarto e último andar do edifício 233. Sentiu-se, rapidamente, bem ali. Havia uma cama de solteiro, uma escrivaninha, estantes para livros. A janela dava para um gramado que ia até o rio. Debruçando-se um pouco, bem à direita, podia-se reconhecer a massa de concreto do acelerador de partículas. Um mês antes da volta às aulas, a casa estava quase vazia; havia apenas alguns estudantes africanos, cujo problema era sobretudo onde morar em agosto, quando tudo fechava. Michel trocava algumas palavras com a zeladora. Durante o dia, caminhava ao longo do rio. Não desconfiava ainda de que passaria ali mais de oito anos.

Numa manhã, pelas 11 horas, deitou-se na grama, no meio das árvores indiferentes. Profundamente distanciada das categorias cristãs da redenção e da graça, estranha à própria noção de liberdade e de perdão, sua visão de mundo assumia algo de mecânico e de impiedoso. As condições iniciais estando dadas, pensava, a rede de interações iniciais obedecendo a um parâmetro, os acontecimentos desenvolvem-se num espaço desencantado e vazio; o determinismo é inelutável. O que acontece tinha de acontecer, não podia ser diferente; ninguém era responsável. À noite, Michel sonhava com espaços

abstratos, cobertos de neve; seu corpo enfaixado derivava sob um céu baixo, entre usinas siderúrgicas. De dia, encontrava, às vezes, um dos africanos, um pequeno malinês de pele acinzentada. Balançavam a cabeça. O restaurante universitário ainda não estava aberto; Michel comprava latas de atum no Continent de Courcelles-sur-Yvette e voltava para casa. A noite caía. Caminhava pelos corredores vazios.

Pela metade de outubro, Annabelle escreveu-lhe uma segunda carta, mais breve do que a anterior. Antes, telefonara a Bruno, que também não tinha notícias: sabia apenas que Michel telefonava regularmente para a avó, mas que, provavelmente, não voltaria antes do Natal.

Numa noite de novembro, ao sair de um TD de análise, Michel encontrou uma mensagem na sua caixinha da casa de estudantes: "Telefona para a tua tia Marie-Thérèse. URGENTE". Fazia dois anos que quase não via a tia Marie-Thérèse nem a prima Brigitte. Telefonou imediatamente. A avó sofrera um novo ataque e fora hospitalizada em Meaux. Era grave, provavelmente mesmo muito grave. A aorta estava fraca, o coração ameaçava parar.

Atravessou Meaux a pé; passou em frente ao liceu. Eram mais ou menos 10 horas. No mesmo momento, numa sala de aula, Annabelle estudava um texto de Epicuro — pensador luminoso, moderado, grego e, para ser franco, um pouco chato. O céu estava sombrio, as águas do Marne revoltas e sujas. Achou facilmente o complexo hospitalar Santo Antônio — um edifício ultramoderno, todo em vidro e aço, inaugurado no ano anterior. A tia Marie-Thérèse e a prima Brigitte o aguardavam no hall do sétimo andar; era visível que tinham chorado. "Não sei se deves vê-la...", disse Marie-Thérèse. Desconsiderou. Aquilo que devia ser vivido, enfrentaria.

A avó estava sozinha num quarto de observação intensiva. O lençol, de uma brancura extrema, deixava descobertos os seus braços e ombros. Foi-lhe difícil desviar

o olhar daquela carne exposta, enrugada, esbranquiçada, terrivelmente velha. Os braços injetados estavam amarrados nas bordas da cama. Um tubo estriado penetrava-lhe na garganta. Fios, ligados a aparelhos de controle, passavam sob o lençol. Haviam tirado-lhe a camisola. Não lhe tinham deixado, como todas as manhãs, depois de muitos anos, refazer o coque. Com os longos cabelos grisalhos soltos, não era mais exatamente a sua avó, mas uma pobre criatura de carne, ao mesmo tempo muito jovem e muito velha, abandonada nas mãos da medicina. Michel pegou-lhe a mão: apenas a sua mão, conseguia de fato reconhecer. Pegava-a, com frequência, mesmo com 17 anos feitos. Seus olhos não se abriram; mas, talvez, apesar de tudo, ela reconhecesse seu toque. Não apertava muito; tomava-lhe simplesmente a mão na sua, como fazia antes; esperava muito que reconhecesse o seu toque.

Aquela mulher tivera uma infância atroz, com os trabalhos da granja desde a idade de sete anos, no meio de semibrutos alcoólatras. A adolescência fora demasiado breve para que guardasse uma verdadeira lembrança. Depois da morte do marido, trabalhara numa fábrica enquanto criava os quatro filhos; em pleno inverno, buscava água no pátio para a higiene da família. Com mais de 60 anos, recém-aposentada, aceitara tomar conta de uma criança pequena — o filho de seu filho. Não lhe deixou faltar nada — nem roupas limpas, nem bons almoços dominicais, nem amor. Fizera tudo isso na vida.

Uma análise, por pouco exaustiva que seja, da humanidade deve levar em consideração esse tipo de fenômeno. Tais seres humanos que trabalhavam duro toda a vida unicamente por devoção e por amor, dando literalmente a própria vida aos outros, num espírito de devoção e de amor, sem, entretanto, nenhuma impressão de sacrifício; sem pretender, em realidade, outra maneira de viver que não fosse a de dar a vida aos outros num

espírito de devoção e de amor. Na prática, tais seres humanos eram, em geral, mulheres.

Michel permaneceu na sala em torno de 15 minutos, segurando a mão da avó; depois, um residente veio avisá-lo de que deveria sair para não incomodar. Havia, talvez, alguma coisa a fazer; não, não uma operação, isso era impossível; mas, talvez, assim mesmo, alguma coisa, em suma, nem tudo estava perdido.

O trajeto de volta aconteceu sem nenhuma palavra. Marie-Thérèse dirigia mecanicamente a Renault 16. Comeram também sem falar muito, evocando, de vez em quando, uma recordação. Marie-Thérèse, que sentia necessidade de mover-se, os servia. De tempos em tempos, parava, chorava um pouco e voltava para a cozinha.

Annabelle assistira à saída da ambulância e, depois, ao retorno da Renault 16. Pela uma hora da manhã, quando os pais já dormiam, levantou-se e vestiu-se. Caminhou até a grade do bloco de Michel. Todas as luzes permaneciam acesas; eles estavam, provavelmente, na sala; mas, através das cortinas, era impossível distinguir qualquer coisa. Caía, então, uma chuva fina. Passaram-se uns dez minutos. Annabelle sabia que podia tocar a campainha e ver Michel; podia também não fazer nada. Não sabia que estava vivendo a experiência concreta da liberdade; em todo caso, era completamente atroz e nunca mais, depois daqueles dez minutos, ela seria a mesma. Vários anos depois, Michel esboçaria uma breve teoria da liberdade humana baseada na analogia com o comportamento do hélio superfluido. Fenômenos atômicos discretos, as trocas de elétrons entre os neurônios e as sinapses no interior do cérebro estão, em princípio, submetidas à imprevisibilidade quântica; o grande número de neurônios faz, entretanto, por anulação estatística das diferenças elementares, com que o comportamento humano seja — nas características principais assim como nos detalhes — tão rigorosamente determinado quanto o de qualquer outro sistema natural.

Contudo, em certas circunstâncias, extremamente raras, os cristãos falavam de operação da graça — uma onda de nova coerência surge e propaga-se dentro do cérebro; aparece um comportamento novo, de forma temporária ou definitiva, regido por um sistema inteiramente diferente de osciladores harmônicos. Observa-se, então, o que se convencionou chamar de ato livre.

Nada disso aconteceu naquela noite, e Annabelle voltou para a casa do pai. Sentia-se nitidamente mais velha. Mais ou menos 25 anos se passariam antes que revisse Michel.

O telefone tocou pelas três horas; a enfermeira parecia, sinceramente, sentir muito. Tinha-se feito, realmente, o possível; mas, no fundo, praticamente nada era possível. O coração era demasiado velho, eis tudo. Ao menos, ela não tinha sofrido, podia-se dizer isso. Mas, também era necessário dizer, estava acabado.

Michel caminhou para o seu quarto aos passinhos, 20 centímetros no máximo. Brigitte quis levantar-se, Maria Thérèse impediu-a com um gesto. assaram-se em torno de dois minutos; depois, vindo do quarto, ouviu-se uma espécie de miado ou de uivo. Brigitte correu. Michel estava enroscado sobre si mesmo junto ao pé da cama, com os olhos ligeiramente arregalados. Seu rosto não refletia nada parecido com a tristeza, nem com qualquer outro sentimento humano, mas estava cheio de um terror animal e abjeto.

Parte dois

Os momentos estranhos

1

Bruno perdeu o controle do veículo pouco depois de Poitiers. O Peugeot 305 derrapou no meio da pista, bateu levemente no cordão de segurança e imobilizou-se depois de um cavalo de pau. "Putá que me pariu!", exclamou ele, de maneira surda, "bosta de Deus!" Um Jaguar, que vinha a 200 km/h, freou brutalmente, quase acertou o outro cordão e retomou a corrida numa estridência de buzina. Bruno sacudiu o punho na direção do outro. "Puto!", gritou, "Puto de merda!" Depois, fez meia-volta e seguiu seu caminho.

O Espaço da Mudança foi criado em 1975, por um grupo de remanescentes de 68 (a bem da verdade, nenhum deles fez nada em 68; digamos que tinham o espírito de 68), num vasto terreno, coberto de pinheiros, pertencente aos pais de um deles, um pouco ao sul de Cholet. O projeto, fortemente marcado pelos ideais libertários em voga no começo dos anos 70, consistia em instalar uma utopia concreta, ou seja, um espaço onde todos se esforçariam para, "aqui e agora", viver segundos os princípios da autogestão, do respeito à liberdade individual e da democracia direta. Entretanto, o Espaço não era uma nova comunidade; tratava-se, mais modestamente, de criar um lugar de férias, isto é, um lugar onde os simpatizantes desse procedimento teriam a oportunidade, durante os meses de verão, de aplicar os princípios propostos; tratava-se também de provocar sinergias, encontros criativos, tudo num espírito humanista e republicano; tratava-se, enfim,

segundo os termos de um dos fundadores, de "dar uma boa".

Bruno deixou a autoestrada na saída de Cholet e percorreu uma dezena de quilômetros numa estrada costeira. O mapa não era claro e ele estava com muito calor. Foi quase por acaso, pareceu-lhe, que avistou a placa. Em letras coloridas, sobre um fundo branco, anunciava-se: "ESPAÇO DA MUDANÇA". Abaixo, numa placa menor de madeira, estava escrito o que parecia ser a divisa do lugar: "A liberdade dos outros estende a minha ao infinito." (Bakunin). À direita, um caminho devia levar ao mar; duas adolescentes arrastavam um pato de plástico. As vadias não usavam nada sob as camisetas. Bruno seguiu-as com os olhos, sentindo dores no pau. Camisetas molhadas, pensava sombriamente, têm o seu valor. Em seguida, elas dobraram; iam, visivelmente, para o camping ao lado.

Estacionou o seu 305 e dirigiu-se para uma pequena guarita de madeira com uma placa: "Bem-vindo". Dentro, uma mulher de uns 60 anos estava sentada em posição de lótus. Os seios magros e enrugados escapavam levemente da túnica de algodão. Bruno sentiu pena. Ela sorriu com uma benevolência um pouco artificial. "Bem-vindo ao Espaço", disse, finalmente. Depois, sorriu de novo, fartamente. Seria idiota? "Tens o comprovante de reserva?" Bruno tirou os papéis da sua mochila de couro sintético. "Perfeito", articulou a vagabunda, sempre com um sorriso de demente.

A circulação de carros estava proibida no camping; ele decidiu agir em dois tempos. Antes de tudo, encontrar um lugar para montar a barraca; em seguida, pegar as suas coisas. Justo antes de partir, comprara um "iglu" na Samaritaine (fabricado na China popular, dois a três lugares, 449 francos).

A primeira coisa que Bruno percebeu, ao desembocar na clareira, foi a pirâmide. Vinte metros de base por uma altura de 20 metros: a coisa era perfeitamente equilátera.

Todas as paredes eram de vidro, divididas em caixilhos por esquadrias de madeira escura. Alguns caixilhos reverberavam vivamente os raios do sol em declínio. Outros deixavam perceber a estrutura interna: patamares e tabiques, também de madeira escura. O conjunto pretendia evocar uma árvore e o conseguia bastante bem — o tronco sendo figurado por um grande cilindro que atravessava a pirâmide e devia abrigar a escadaria central. Pessoas saíam do edifício, sozinhas ou em pequenos grupos; uns vestidos, outros nus. Ao pôr-do-sol, que fazia cintilar as plantas, tudo isso lembrava um filme de apocalipse. Bruno observou a cena durante dois ou três minutos. Depois, recolocou a barraca embaixo do braço e empreendeu a ascensão da primeira colina.

A área tinha várias colinas arborizadas. O solo coberto de agulhas de pinheiros era entrecortado por clareiras. Banheiros coletivos estavam espalhados aqui e ali. Os espaços de camping não eram delimitados. Bruno transpirava ligeiramente; tinha gases. A refeição, num restaurante da estrada, fora, parecia evidente, demasiado copiosa. Pensava com dificuldade; contudo, percebia, a escolha de lugar de instalação podia ser um elemento decisivo para o sucesso de sua estada ali.

Foi nessa altura das reflexões que avistou um fio estendido entre duas árvores. Calcinhas terminavam de secar, suavemente agitadas pela brisa da noite. Era, quem sabe, um prenúncio, pensou. Entre vizinhos, surgem relações num camping; não necessariamente para trepar, mas é um começo possível. Largou a barraca e começou a estudar o manual de instalação. A tradução francesa era deplorável; a tradução inglesa não valia muito mais. Para as outras línguas europeias, devia ser igual. Amarelos safados. Mas o que podia significar "inverta os semirrígidos para concretizar a abóbada"?

Olhava os esquemas com um desespero crescente quando uma espécie de squaw apareceu a sua direita,

vestida com uma minissaia de pele, com os enormes seios balançando ao crepúsculo. "Acaba de chegar?", balbuciou a aparição. "Precisa de ajuda para montar a barraca?" "Não tem problema", respondeu ele, com uma voz apertada, "Vai funcionar, obrigado". Ainda acrescentou, com um suspiro: "Valeu..." Farejava a armadilha. Com efeito, alguns segundos mais tarde, uivos subiram do *wigwam* ao lado (onde poderiam ter comprado aquele troço? Teria sido construído por eles mesmos?). A *squaw* precipitou-se e reapareceu com dois pirralhos minúsculos, um em cada anca, que começou a balançar molemente. Os urros redobraram. O macho da *squaw* chegou trotando, pica ao vento. Era um barbudo muito forte, de uns 50 anos, com longos cabelos grisalhos. Pegou um dos macaquinhos no colo e começou a fazer-lhe cócegas. Era repugnante. Bruno afastou-se alguns metros. Sentira um calorão. Com parelhos monstros, era noite em claro certa. A vaca amamentava, estava claro. Belos seios ainda assim.

Bruno andou alguns metros em diagonal, distanciando-se sorrateiramente da tenda; não queria, entretanto, afastar-se demais das calcinhas. Eram objetos delicados, rendados e transparentes; não achava que pudessem pertencer à "índia". Descobriu um lugar entre duas canadenses (Primas? Irmãs? Colegas de aula?) e atirou-se ao trabalho.

Quando terminou, a noite já tinha quase caído. Desceu para buscar as malas com a tarde apagando-se. Cruzou com várias pessoas no caminho: casais, pessoas sozinhas; inúmeras mulheres sós, pelos 40 anos. Cartazes, a intervalos regulares, pregados nas árvores, alertavam: "RESPEITO MÚTUO". Aproximou-se de um deles. Abaixo do cartaz, um vasilho estava cheio até a borda de preservativos, segundo a regulamentação Abaixo, uma lixeira em plástico branco. Pisou no pedal, apontou a lanterna: havia sobretudo latas de cerveja, mas também

algumas camisinhas usadas. Era tranquilizador, pensou Bruno; as coisas pareciam funcionar ali.

A subida foi penosa; as malas cortavam-lhe as mãos; ofegava. Teve de parar na metade da encosta. Alguns humanos circulavam no camping; os raios das lanternas cruzavam-se na noite. Mais adiante, ficava a estrada costeira; o trânsito ainda era intenso. Havia uma noite dos seios nus no Dynasty, na estrada de Saint-Clément, mas não tinha mais forças para ir até lá, nem a lugar algum. Bruno permaneceu assim durante uma meia hora. Olho os faróis entre as árvores, dizia-se, e eis a minha vida.

De volta à barraca, serviu-se um uísque e masturbou-se suavemente, folheando *Swing Magazine*, "o direito ao prazer". Havia comprado o último número numa parada de descanso perto de Angers. Não pensava realmente responder aos diferentes anúncios; não se sentia à altura para um *gang bang* ou uma ducha de esperma. As mulheres que aceitavam encontrar homens só preferiam, em geral, os *blacks* e, de toda maneira, exigiam medidas mínimas que estava longe de atingir. Número depois de número, devia resignar-se; para quem pretendesse realmente infiltrar-se na rede pornô, tinha uma pica demasiado pequena.

Contudo, de maneira geral, não estava descontente de seu físico. Os implantes capilares, graças a um especialista competente, tinham pego. Ia regularmente ao Gymnase Club e, francamente, para um homem de 42 anos, não se achava tão mal. Serviu-se um segundo uísque, ejaculou sobre a revista e dormiu quase aliviado.

2

Treze horas de voo

Rapidamente, o Espaço da Mudança teve de enfrentar um problema de envelhecimento. Os ideais fundadores que o norteavam pareciam datados para os jovens dos anos 80. Afora os ateliês de teatro espontâneo e de massagem californiana, o Espaço não passava, no fundo, de um camping. Do ponto de vista de conforto da hospedagem ou da qualidade da comida, não podia rivalizar com os centros de férias convencionais. Além disso, uma certa cultura anarquista, característica do lugar, tornava difícil um controle preciso das entradas e dos pagamentos; o equilíbrio financeiro, precário desde o começo, tornou-se, portanto, cada vez mais difícil. Uma primeira medida, adotada por unanimidade pelos fundadores, consistiu em estabelecer tarifas altamente especiais para os jovens; não bastou.

Foi no início do exercício de 1984, durante a assembleia geral anual, que Frédéric le Dantec propôs a transformação que iria assegurar a prosperidade do lugar. A empresa — conforme a sua análise — era o novo espaço de aventura dos anos 80. Juntos, tinham adquirido uma experiência preciosa nas técnicas e terapias oriundas da psicologia humanista {gestalt, rebirth, do in, caminhar sobre brasas, análise transacional, meditação zen, PNL...}. Por que não reinvestir essas competências na elaboração de um

programa de estágios residenciais destinados às empresas? Depois de um violento debate, o projeto foi adotado. Empreendeu-se, então, a construção da pirâmide, assim como de uns 50 bangalôs, de conforto limitado mas aceitável, para receber os estagiários. Ao mesmo tempo, endereçou-se um *mailing* intensivo, mas dirigido, aos diretores de recursos humanos de diversas grandes empresas. Certos fundadores, politicamente bastante à esquerda, viveram mal a transição. Uma breve luta interna de poder aconteceu e a associação Lei 1901, que administrava o lugar, foi dissolvida, substituída por uma sociedade limitada da qual Frédéric Dantec era o principal acionista. Afinal de contas, seus pais eram os proprietários do terreno, e o Crédito Mutualista de Maine-et-Loire parecia disposto a financiar o projeto.

Cinco anos depois, o Espaço tinha conseguido formar um belo catálogo de referências (BNP, IBM, Ministério da Fazenda, RATP, Bouygues...). Estágios inter ou intraempresas eram organizados ao longo do ano e a atividade "espaço de férias", conservada sobretudo por nostalgia, não representava mais do que 5% da receita anual.

Bruno acordou com uma forte dor de cabeça e sem excessivas ilusões. Tinha ouvido falar do lugar por uma secretária recém-chegada de um estágio de "Desenvolvimento pessoal pensamento positivo", a cinco mil francos por dia. Pediu-lhe a brochura sobre as férias de verão: legal, associativo, libertário; compreendia o gênero da coisa. Entretanto, uma nota estatística de pé de página chamou-lhe a atenção: no verão anterior, julho — agosto, o Espaço recebera 63% de mulheres. Praticamente duas mulheres para cada cara; média excepcional. Imediatamente, decidiu reservar uma semana, em julho, para ver. Além do mais, a opção camping saía mais barato

do que o Clube Med ou mesmo UCPA. Evidentemente, adivinhava o tipo de mulher: ex-esquerdistas deprimidas, provavelmente soropositivas. Mas, bom, duas mulheres por cara, ele tinha chances; virando-se bem, poderia mesmo arranjar duas.

Sexualmente, seu ano tinha começado bem. A chegada de garotas dos países do Leste fizera cair os preços: conseguia-se, sem problema, um relaxamento personalizado por 200 francos, contra 400 alguns meses antes. Infelizmente, em abril, sofrera sérios danos no carro; além do mais, a culpa era dele. O banco começara a pressioná-lo, obrigando-o a apertar o cinto.

Apoiou-se num cotovelo e serviu-se um primeiro uísque. *Swing Magazine* continuava aberta na mesma página. Um tipo que não havia tirado as meias, apontava, com visível esforço, o sexo para a objetiva. Chamava-se Hervé. Não é meu negócio, repetiu Bruno para si mesmo. Enfiou um calção antes de dirigir-se ao bloco de sanitários. Afinal de contas, dizia-se com esperança, a índia de ontem, por exemplo, era relativamente comível. Seios enormes, um pouco caídos, o ideal mesmo para uma punheta espanhola; e fazia três anos que não tinha uma. Contudo, adorava punhetas espanholas; mas as putas, em geral, não gostam disso. Será que as irrita receber o esperma no rosto? Será que isso exige mais tempo e investimento pessoal do que uma cachimbada? Seja como for, era atípico; a punheta espanhola não estava, em geral, incluída no preço, logo não prevista e, portanto, difícil de conseguir. Para as garotas, era antes um troço privado. Somente privado, aí está. Mais de uma vez, Bruno, em busca, na realidade, de uma punheta espanhola, tivera de contentar-se com uma punheta simples ou até mesmo com uma cachimbada. Por vezes, de resto, bem-sucedida. Não importa, a oferta era estruturalmente insuficiente em matéria de punhetas espanholas, eis o que pensava Bruno.

Nesse ponto das suas reflexões, chegou ao espaço-corpo nº 8. Mais ou menos resignado com a ideia de cruzar com carnes velhas, sofreu um choque terrível ao descobrir as adolescentes. Eram quatro, entre 15 e 17 anos, perto dos chuveiros, justo diante da fileira de lavatórios. Duas delas esperavam só com a parte de baixo do biquíni; as outras debatiam-se como lambaris, tagarelavam, jogavam-se água, davam gritinhos. Estavam completamente nuas. O espetáculo era de uma graça e de um erotismo sem nome. Não tinha merecido tanto. O pau saltou dentro do calção. Tirou-o para fora com uma mão e colou-se contra o suporte da pia, tentando limpar os dentes. Feriu a gengiva. Sangrou. A ponta do sexo estava quente, inchada, formigando terrivelmente; uma gota começou a formar-se.

Uma das meninas, morena delicada e esbelta, saiu da água e apanhou uma toalha-esponja; enxugou os seios duros com satisfação. Uma ruivinha tirou a calcinha e tomou o lugar da outra embaixo do chuveiro; os pelos da sua xoxota eram de um louro dourado. Bruno soltou um leve gemido e teve uma vertigem. Mentalmente, via-se avançar. Tinha direito de tirar o calção e de esperar perto das duchas. Tinha direito de esperar para tomar uma ducha. Via-se de pau duro na frente delas. Imaginava-se pronunciando uma frase do tipo: "Está quente a água?" As duas duchas estavam separadas por um espaço de 50 centímetros. Se ele tomasse um banho perto da ruivinha, talvez, acidentalmente, ela lhe roçasse a pica. Esse pensamento levou-o a uma vertigem mais intensa. Agarrou-se na louça.

No mesmo instante, duas adolescentes despencaram pela direita soltando risadas muito barulhentas. Vestiam shorts pretos com faixas fluorescentes. Bruno debandou de imediato, arranjou o sexo no calção e concentrou-se na sua higiene dentária.

Mais tarde, ainda sob o choque do encontro, desceu para as mesas do café. Instalou-se a distância e não tentou

conversar com ninguém. Mastigando cereais vitaminados, pensava no vampirismo da sua caçada sexual, no lado faustiano. Era inteiramente falso, pensava, por exemplo, falar-se em homossexuais. Ele mesmo nunca tinha, ou praticamente nunca, encontrado homossexuais; em contrapartida, conhecia inúmeros pederastas. Alguns pederastas — felizmente pouco numerosos — preferem os garotinhos; acabam na prisão, com penas de segurança sem redução, e não se fala mais nisso. A maioria dos pederastas, entretanto, prefere os jovens entre 15 e 25 anos; fora disso, consideram que só há velhas bundas caídas. Observem duas velhas bichas entre elas, gostava de dizer Bruno, observem com atenção: às vezes, existe simpatia, até mesmo afeição recíproca; mas será que elas se desejam? De jeito nenhum. Assim que um cuzinho redondo de 15-25 anos passa, elas se estraçalham como velhas panteras decadentes; estraçalham-se para possuir . bundinha redonda; eis o que pensava Bruno. !Como em muitos outros casos, os pretensos homossexuais desempenharam um papel de modelo para o resto da sociedade, pensava ainda Bruno. Ele mesmo, por exemplo, tinha 42 anos; desejava, apesar disso, as mulheres da sua idade? De jeito nenhum. Em contrapartida, por uma bocetinha escondida atrás de uma minissaia, ainda se sentia pronto a ir até o fim do mundo. Enfim, ao menos até Bangcoc: 13 horas de voo ainda assim.

3

O desejo sexual volta-se essencialmente para os corpos jovens, e a ocupação progressiva do campo da sedução por garotas muito novas não foi, no fundo, mais do que um retorno à normalidade, um retorno à verdade do desejo, análogo ao retorno à verdade dos preços posterior a uma alta anormal da bolsa. Apesar disso, as mulheres que tinham 20 anos por volta de 1968 se acharam, chegadas aos 40, numa situação insuportável. Geralmente divorciadas, quase não podiam contar com a relação conjugal — calorosa ou abjeta — cujo desaparecimento fizeram tudo para acelerar. Parte de uma geração que — pela primeira vez num grau tão elevado — proclamou a superioridade da juventude sobre a idade madura, quase não podiam surpreender-se, por seu turno, de ser desprezadas pela geração chamada a substituí-las. Enfim, o culto do corpo, que contribuíram fortemente para estabelecer, só podia, na medida do aumento da flacidez das suas carnes, levá-las a experimentar por elas mesmas um desgosto cada vez mais forte — rejeição, de resto, semelhante à que podiam ler nos olhos dos outros.

Os homens da mesma idade achavam-se, grosso modo, na mesma situação; mas essa comunidade de destino não engendraria nenhuma solidariedade entre tais seres. Os 40 anos chegados, os homens, na maioria, continuaram a procurar mulheres jovens — por vezes, com algum sucesso, ao menos para, os que, deslizando com habilidade no jogo social, haviam alcançado certa posição intelectual,

financeira ou na mídia; para as mulheres, na quase totalidade dos casos, os anos de maturidade foram os do fracasso, da masturbação e da vergonha.

Lugar privilegiado da liberdade sexual e da expressão do desejo, o Espaço da Mudança teria, naturalmente, mais do que qualquer outro, de tornar-se um lugar de depressão e de amargura. Adeus aos membros humanos entrelaçando-se, sob a lua cheia, na clareira! Adeus às celebrações, quase dionisiacas, dos corpos cobertos de creme, sob o sol do meio-dia! Assim repetiam os quarentões observando seus paus caídos e seus pneus de gordura.

Em 1987, surgiram os primeiros ateliês de inspiração semirreligiosa no Espaço. Naturalmente, o cristianismo ficou excluído; mas uma mística exótica, suficientemente vaga, podia — para aqueles seres de espírito no fundo bastante fracos — harmonizar-se com o culto do corpo que continuavam, contra toda lógica, a sustentar. Os ateliês de massagem sensitiva ou de liberação do orgônio, claro, continuaram; mas se desenvolveu o espetáculo de um interesse cada vez mais forte pela astrologia, pelo tarô egípcio, pela meditação sobre chakras, pelas energias sutis. "Encontros com o Anjo" passaram a acontecer. Aprendeu-se a sentir a vibração dos cristais. O xamanismo siberiano teve uma repercussão notável, em 1991, quando o retiro de iniciação, prolongado num *sweat lodge* alimentado por brasas sagradas, resultou na morte de um dos participantes em função de uma parada cardíaca. O tantra — que aliava esfregação sexual, espiritualidade difusa e egoísmo profundo — conheceu um sucesso particularmente expressivo. Em poucos anos, o Espaço, como tantos outros lugares na França ou na Europa ocidental, tornou-se um centro New Age relativamente na moda, embora conservando um rótulo hedonista e libertário, mais para "anos 70", que lhe garantia a singularidade no mercado.

Depois do café da manhã, Bruno voltou para a barraca, pensou em masturbar-se (a imagem das adolescentes continuava viva), mas finalmente desistiu. Aquelas desconcertantes garotas deviam ser os frutos dos remanescentes de 68 que se acotovelavam pelo camping. Algumas das putas velhas tinham conseguido então, apesar de tudo, reproduzir-se. O fato afundou Bruno em meditações vagas, mas desagradáveis. Abriu com violência o fecho da tenda-iglu; o céu estava azul. Nuvens pequenas flutuavam, como manchas de esperma, entre os pinheiros; o dia seria lindo. Consultou o programa da semana; escolhera a opção número 1: Criatividade e relaxamento. Pela manhã, havia três ateliês: mímica e psicodrama, aquarela, escrita relaxante.

Psicodrama, não, obrigado; já tinha participado de um, num final de semana, num castelo perto de Chantilly. Professores assistentes de sociologia, quinquagenários, rolavam-se sobre tapetes de ginástica, reclamando aos papais suas babás; melhor evitar isso. A aquarela era tentadora, mas aconteceria no lado de fora: acocorar-se sobre galhos de pinheiros, com insetos e demais problemas, para produzir bostas, seria a coisa a fazer? A animadora da oficina de redação tinha longos cabelos pretos, uma boca grande, realçada com carmim (do tipo chamado, popularmente, de "boca de chupadora"); usava uma túnica e uma calça fuseau pretas. Bela mulher, de classe. Uma puta velha, de qualquer maneira, pensou Bruno, agachando-se, sem ver bem onde, no vago círculo delimitado pelos participantes. Na sua direita, uma gorda de cabelos grisalhos, óculos com lentes de fundo de garrafa, tez horrivelmente terrosa, arfava. Fedia a vinho. Eram, contudo, apenas dez e meia.

"Para saudar nosso encontro", começou a animadora, "para saudar a Terra e as cinco direções, começaremos a nossa oficina por um movimento de hatta-yoga, a saudação ao sol".

Seguiu-se a descrição de uma postura incompreensível. A bêbada ao lado soltou um arrotto. "Estás cansada, Jacqueline...", comentou a mestra em ioga. "Não precisas fazer o exercício, se não o sentes. Deita, o grupo vai te encontrar um pouco mais tarde." De fato, foi preciso deitar-se enquanto a professora cármica vomitava um discurso lenitivo e vazio, estilo Contrexéville: "Vocês estão entrando numa água maravilhosa e pura. Esta água banha os seus membros, o ventre. Agradeçam à mãe Terra. Abracem com confiança a mãe Terra. Sintam o seu desejo. Agradeçam a vocês mesmos por esse desejo", *etc.* Deitado sobre um tatame imundo, Bruno sentia os dentes rangerem de irritação; a bêbada arrotava a intervalos regulares. Entre dois arrotos, expirava com longos "Haaahh" que deviam simbolizar a materialização do seu estado de descontração.

A baleia cármica continuava o sketch, evocando as forças telúricas que energizam o ventre e o sexo. Depois de ter percorrido os quatro elementos, satisfeita com a performance, concluiu: "Agora, vocês ultrapassaram a barreira do mental racional; vocês estabeleceram contato com seus planos profundos. Peço-lhes que se abram para o espaço ilimitado da criação". Levantando-se com grande dificuldade, Bruno pensou com raiva: "Que pentelhada!".

A sequência de redação aconteceu, seguida de uma apresentação geral e de uma leitura dos textos. Havia uma única mina comível na oficina: uma ruivinha de jeans e camiseta, bem torneada, chamada Emma, autora de um poema perfeitamente estúpido sobre ovelhas lunares. Em geral, todos babavam de gratidão e de alegria pelo encontro, a mãe Terra, o pai Sol, em suma. Chegou a vez de Bruno. Com uma voz morna, ele leu um texto curto:

Os táxis são mesmo uns putos
Não param, pode-se acabar de pés juntos.

"É o que sentes...", balbuciou a professora. "Se sentes isso é porque não superaste as tuas más energias. Eu te sinto carregado de planos profundos. Podemos te ajudar, aqui e agora. Vamos levantar e nos recentrar no grupo." Ficaram em pé, deram-se as mãos, formando um círculo. Contra a vontade, Bruno agarrou a mão da bêbada da direita; com a esquerda, pegou a do repugnante velho barbudo que lembrava Cavanna. Concentrada, porém calma, a professora soltou um "ôm!" prolongado. Dada a largada, todos passaram a repetir "ôm!", como se só tivessem feito aquilo na vida. Corajosamente, Bruno tentava integrar-se ao ritmo sonoro da demonstração quando se sentiu, repentinamente, despencar para a direita. A bêbada, hipnotizada, desabava como um pedaço de carne. Soltou-lhe a mão, mas não conseguiu evitar a queda e acabou de joelhos diante da galinha velha, deitada de costas, que se debatia sobre o tatame. A instrutora de ioga interrompeu-se por um momento para constatar calmamente: "Sim, Jacqueline, tens razão em deitar, se sentes vontade". As duas pareciam conhecer-se muito bem.

A segunda etapa de redação desenvolveu-se um pouco melhor; inspirado por uma visão fugitiva da manhã, Bruno conseguiu produzir o seguinte poema:

*Bronzeio meu pau
(pelo no pau!)
Na piscina
(pelo na quina)*

*Encontro Deus
No solário,
Ele tem belos olhos,
Come maçãs*

*Onde ele mora?
(pelo na tora!)*

*No paraíso
(pelo no guizo!)*

"Há muito humor...", comentou a professora com uma leve reprovação. "Uma mística...", chutou a do arrote. "Mais do que tudo, uma mística do vazio." Que seria dele? Até quando suportaria aquilo? Valia a pena? Bruno questionava-se realmente. Terminada a oficina, correu para a barraca, sem mesmo tentar conversar com a ruivinha. Precisava de um uísque antes de almoçar. Ao chegar perto de onde estava instalado, encontrou uma das adolescentes que tinha espiado sob a ducha. Com um gesto cheio de graça, que lhe fazia subir os seios, ela recolhia as calcinhas rendadas, estendidas na véspera. Bruno sentiu-se prestes a explodir no ar e a espalhar-se em filamentos gordurosos pelo camping. Que havia, exatamente, mudado desde a sua própria adolescência? Tinha os mesmos desejos, com a mesma consciência de que, provavelmente, não poderia satisfazê-los. Num mundo que só respeita a juventude, os seres são, pouco a pouco, devorados. No almoço, identificou uma católica. Não era muito difícil, pois ela carregava uma grande cruz de ferro no pescoço; além disso, tinha as olheiras, dando profundidade ao olhar, que caracterizam, com frequência, as católicas, ou mesmo as místicas (de vez em quando também, é bem verdade, as alcoólatras). Longos cabelos pretos, pele muito branca, um pouco magra, mas nada mal. Diante dela, estava sentada uma moça de cabelos avermelhados, tipo suíça-californiana, com, ao menos, 1m80, corpo perfeito, impressão chocante de saúde. Era a responsável pelo ateliê tantra. Na realidade, nascera em Créteil e chamava-se Brigitte Martin. Na Califórnia, refez os seios e iniciou-se nas místicas orientais; além disso, trocou de nome. De volta a Créteil, dirigiu durante o ano o ateliê tantra do Flanades sob o nome de Shanti Martin. A católica parecia admirá-la enormemente. No começo, Bruno pôde participar da

conversa, que tratava da dietética natural — ele se documentara sobre os germes de trigo. Mas rapidamente se deslizou para assuntos religiosos e aí não havia como acompanhar. Podia-se identificar Jesus com Krishna ou, em contrário, com o quê? Devia-se preferir Rintintin a Rusty? Mesmo católica, a católica não gostava do papa; com sua mentalidade medieval, João Paulo II retardava a evolução espiritual do Ocidente, essa era a tese dela. "De fato, é um pacóvio", concordou Bruno. A expressão, pouco conhecida, valeu-lhe um acréscimo de interesse das duas. "E o dalai lama sabe mexer as orelhas...", concluiu tristemente, acabando seu bife de soja.

Animada, a católica levantou-se sem tomar café. Não queria chegar atrasada ao ateliê de desenvolvimento pessoal, As regras do sim-sirn. "Ah, sim, o sim-sim é demais!", entoou a suíça com entusiasmo, também se erguendo. "Obrigada por esta troca...", disse a católica com um belo sorriso. Vamos, ele não se saiu mal. Falar com essas cagalhonas, pensava Bruno, atravessando o camping, é como mijar dentro de um mictório cheio de baganas; ou, ainda, como cagar numa patente cheia de papel higiênico: as coisas não entram e começam a feder. O espaço separa os corpos. A palavra atravessa elasticamente o espaço, o espaço entre os corpos. Não percebidas, desprovidas de eco, como que estupidamente suspensas no ar, as suas palavras começavam a apodrecer e a feder, era indiscutível. Posta em relação, a palavra pode também separar.

Na piscina, instalou-se numa cadeira longa. As adolescentes agitavam-se como idiotas para que os garotos lhes jogassem água. O sol estava a pino; corpos luzidios e nus se cruzavam em torno da superfície azul. Sem se importar, Bruno mergulhou em *Les Six Compagnons et l'Homme au gant*, provavelmente a obra-prima de Paul-Jacques Bonzon, que acabava de ser reeditada na Biblioteca verde. Sob o sol apenas suportável, era

agradável achar-se nas brumas de Lyon, na companhia tranquilizadora do cão Kapi.

O programa da tarde oferecia-lhe a escolha entre sensitive gestalmassage, terapia do grito e rebirth na água quente. Em princípio, a massagem parecia mais hot. Teve um thriller da terapia do grito ao subir para o ateliê de massagem: umas dez pessoas, muito excitadas, saltavam por toda parte, conduzidas pela tantrista, esganiçando-se como perus assustados.

No alto da colina, mesas sobre cavaletes, cobertas com toalhas de banho, formavam um amplo círculo. Os participantes estavam nus. No meio do círculo, o animador do ateliê, um moreninho ligeiramente vesgo, engatilhou um breve histórico da sensitive gestalmassage: derivada das pesquisas de Fritz Péris sobre a gestalmassage ou "massagem californiana", tinha progressivamente incorporado algumas descobertas do sensitivo até se tornar — era, ao menos, a sua opinião — o método de massagem mais completo. Sabia que alguns no Espaço não concordavam com tal ponto de vista, mas não desejava polemizar. Seja como for — e terminaria ali — havia massagem e massagem; podia-se até mesmo dizer, no limite, que não existiam duas massagens idênticas. Concluído o preâmbulo, começou a demonstração, fazendo uma das participantes deitar-se. "Sentir as tensões da parceira", observou, acariciando-lhe os ombros; seu pau balançava a alguns centímetros dos longos cabelos louros da garota. "Unificar, sempre unificar...", prosseguiu, derramando óleo nos seios dela. "Respeitar a integridade do esquema corporal..." Suas mãos desciam pela barriga da garota, que tinha fechado os olhos e aberto as pernas, com visível prazer.

"É isso", concluiu, 'vocês agora vão trabalhar a dois; circulem, encontrem-se no espaço, deem-se tempo de se encontrar'. Hipnotizado pela cena anterior, Bruno reagiu atrasado, quando era ali que tudo se decidia. Cabia

aproximar-se tranquilamente da parceira cobiçada, parar diante dela, sorrindo, e pedir-lhe com calma: "Queres trabalhar comigo?" Os outros pareciam conhecer a música e em 30 segundos tudo estava no bolso. Bruno olhou apavorado em torno e viu-se na frente de um homem, um moreninho atarracado, peludo, sexo grosso. Não tinha percebido, mas eram cinco garotas para sete caras.

Graças a Deus, o outro não tinha ar de bicha. Visivelmente furioso, deitou-se de barriga para baixo sem dar uma palavra, pôs a cabeça sobre os braços cruzados e esperou. "Sentir as tensões... Respeitar a integridade do esquema corporal..." Bruno colocava mais óleo sem conseguir passar dos joelhos; o tipo estava mais imóvel do que uma estaca. Mesmo as nádegas dele eram peludas. O óleo começava a pingar na toalha de banho; a barriga das suas pernas deviam estar completamente empapadas.

Bruno levantou a cabeça. Bem próximo, havia dois homens deitados. O da esquerda fazia-se massagear os peitorais; os seios da garota balançavam suavemente; o cara estava com o nariz na altura da sua xoxota. O tocafitas do animador espalhava amplos fragmentos de sintetizador; o céu era de um azul absoluto. Paus brilhantes de óleo erguiam-se lentamente na luz. Tudo cruelmente real. Não dava para continuar. No outro lado do círculo, o animador dava conselhos a um casal. Bruno pegou rapidamente a sua mochila e desceu rumo à piscina. Na beira da água, era a hora de ponta. Deitadas na grama, mulheres nuas tagarelavam, liam ou simplesmente tomavam sol. Onde ele ia ficar? Com a toalha na mão, iniciou um percurso qualquer através do gramado; vacilava, de toda maneira, entre vaginas. Começava a dizer-se que precisava tomar uma decisão quando avistou a católica conversando com um moreninho atarracado, esperto, de cabelos pretos encaracolados e olhos risonhos. Fez um sinal vago de reconhecimento para a católica — que não o viu — e atirou-se nas proximidades. Um tipo saudou o

moreninho ao passar: "Oi, Karim!" Este agitou a mão em resposta, sem interromper seu discurso.

Deitada, ela escutava em silêncio. Entre as coxas magras, tinha um belo torrão, bem torneado, com pelos deliciosamente cacheados e pretos. Enquanto lhe falava, Karim massageava-se suavemente o saco. Bruno deitou a cabeça no chão e concentrou-se nos pelos pubianos da católica, a um metro dele: era um mundo de suavidade. Dormiu como uma pedra.

Em 14 de dezembro de 1967, a Assembleia Nacional adotou, em primeira leitura, a lei Neuwirth sobre a legalização da contracepção. Embora ainda não reembolsada pela Previdência Social, a pílula passou desde então a ser vendida livremente nas farmácias. A partir desse momento amplas camadas da população tiveram acesso à liberação sexual, antes reservada aos estamentos superiores, profissões liberais e artistas — assim como a alguns proprietários de Pequenas e Médias Empresas. É provocante constatar que a liberação sexual foi apresentada, por vezes, sob a forma de um sonho comunitário, enquanto se tratava, na realidade, de um novo patamar na ascensão histórica do individualismo. Como indica a bela palavra "casamento", o casal e a família representavam a última ilha de comunismo primitivo no coração da sociedade liberal. A liberação sexual provocou a destruição dessas comunidades intermediárias, as últimas a separarem o indivíduo do mercado. Tal processo de destruição continua atualmente. Depois da refeição, o comitê de pilotagem do Espaço da Mudança organizava, com mais frequência, reuniões dançantes. Em princípio surpreendente, num lugar tão aberto às novas espiritualidades, a escolha confirmava claramente o aspecto insuperável da reunião dançante como modo de encontro sexual em sociedades não comunistas. As

sociedades primitivas, observava Frédéric Le Dantec, tomavam por eixo de suas festas a dança, ou mesmo o transe. Uma aparelhagem de som e um bar estavam, portanto, instalados no gramado central; e as pessoas viravolteavam, sob a lua, até uma hora tardia. Para Bruno, era uma segunda chance. A bem da verdade, as adolescentes presentes no camping pouco frequentavam essas noitadas. Preferiam ir às discotecas da região {Bilboquet, Dynasty, 2001 e, eventualmente, Piratas) que ofereciam noites temáticas mousse, strip-tease masculino ou stars do X. Só ficavam no Espaço dois ou três garotos de temperamento sonhador e de sexo pequeno. Contentavam-se em permanecer nas barracas arranhando com moleza um violão desafinado, enquanto os demais os desprezavam abertamente. Bruno sentia-se próximo desses jovens, mas, seja como for, na falta das adolescentes, de resto quase impossíveis de capturar, teria mesmo, para retomar os termos de um leitor de Newlook encontrado na cafeteria Angers-Norte, "plantado seu dardo num pedaço de banha qualquer". Foi com base nessa esperança que desceu, às 23 horas, vestindo uma calça branca e uma camisa polo azul-marinho, rumo ao centro gerador do barulho.

Lançando um olhar semicircular sobre a multidão que dançava, avistou primeiro Karim, que, deixando um pouco de lado a católica, concentrava seus esforços junto a uma esplêndida rosa-cruz; ela e o marido tinham chegado à tarde; altos, sérios e magros, pareciam de origem alsaciana. Estavam instalados numa barraca imensa e complexa, cheia de toldos e de aberturas, em cuja montagem o marido gastara quatro horas. No começo da noite, este havia iniciado Bruno nas belezas escondidas da Rosa-Cruz. Seu olhar brilhava atrás das pequenas lentes redondas; tinha tudo de um fanático. Bruno escutou sem escutar. Segundo os ditos do indivíduo, o movimento nascera na Alemanha; inspirava-se, claro, em certas descobertas da alquimia, mas era preciso relacioná-lo com

a mística renana. Truques de bichas e de nazistas, com certeza. "Enfia a tua cruz no rabo, meu amigo", devaneou Bruno, observando com o canto do olho a bunda da bela mulher, ajoelhada diante do fogão. "E coloca a rosa em cima...", concluiu mentalmente quando ela se levantou, com os seios no ar, para mandar o marido trocar a criança.

Agora, ela dançava com Karim. Formavam um par estranho; Gorducho e esperto, ele era 15 centímetros mais baixo do que aquela alta vagem germânica. Sempre dançando, sorria e falava sem parar, arriscando-se a esquecer o objetivo inicial de caça; apesar disso, as coisas pareciam avançar: ela sorria também, olhava-o com uma curiosidade quase fascinada e chegou mesmo a dar uma gargalhada. Na outra ponta do gramado, o marido explicava a um novo adepto em potencial as origens do movimento, em 1530, num *land* da Baixa-Saxônia. A intervalos regulares, seu filho de três anos, um insuportável louro ranhento, urrava para que o fizessem dormir. Em suma, mais uma vez, assistia-se a um autêntico momento da vida real.

Perto de Bruno, dois magricelas, de aparência eclesiástica, comentavam as performances do conquistador. "Ele é envolvente, compreendes...", disse um deles. "Na ponta do lápis, ela está acima das suas posses, pois ele não é tão bonito, tem barriga, é até mesmo mais baixo. Mas é envolvente, o safado, é assim que faz a diferença." O outro concordou, com um ar morno, desfiando entre os dedos as contas de um rosário imaginário. Terminando seu hi-fi, Bruno percebeu que Karim tinha conseguido arrastar a rosa-cruz para a ladeira cheia de mato. Sem parar de falar, com uma mão, envolvia-lhe o pescoço, enquanto enfiava suavemente a outra sob a saia dela. "Ela abre, apesar de tudo, as pernas, a bêbada nazista...", pensou, afastando-se dos que dançavam. Justo antes de sair do círculo luminoso, teve a visão fugidia da católica sendo bolinada por uma

espécie de monitor de ski. Restavam-lhe os raviólis enlatados na barraca.

Antes de voltar para casa, por um reflexo de puro desespero, consultou a secretária-eletrônica. Havia uma mensagem: "Tu deves estar em férias. Me telefona na volta. Também estou em férias, e por muito tempo", anunciava a voz calma de Michel.

4

Caminha, alcança a fronteira. Voos de rapaces fazem um turbilhão em torno de um centro invisível — provavelmente uma carniça. Os músculos das suas coxas respondem com elasticidade aos desníveis do caminho. Uma estepe amarelada cobre as colinas. A vista estende-se ao infinito em direção ao Leste. Não come desde a véspera; não sente mais medo. Acorda vestido, atravessado na cama. Diante da entrada de serviço do Monoprix, um caminhão descarrega mercadorias. São sete e pouco.

Fazia anos que Michel levava uma vida puramente intelectual. Os sentimentos que constituem ávida dos homens não eram o seu objeto de observação; conhecia-os mal. Ávida atual pode ser organizada com uma precisão perfeita. As caixas dos supermercados respondiam ao seu rápido cumprimento. Houve, nos dez anos que estava no edifício, muito vaivém. De vez em quando, formava-se um casal. Observava então a mudança; nas escadas, amigos transportavam caixas e lâmpadas. Eram jovens e, às vezes, riam. Com frequência (mas não sempre), no momento seguinte, de separação, os dois concubinos mudavam-se ao mesmo tempo. Ficava, então, um apartamento livre. Que conclusão tirar? Como interpretar tais comportamentos? Era difícil. Também ele só queria amar, mas não pedia nada. Nada de preciso. A vida, pensava Michel, devia ser alguma coisa simples; alguma coisa que se pudesse viver como a soma de pequenos rituais, indefinidamente repetidos. Rituais eventualmente um pouco simplórios, mas

nos quais, entretanto, fosse possível acreditar. Uma vida sem riscos e sem dramas. Mas a vida dos homens não estava organizada assim. As vezes, saía e ficava observando os adolescentes e os edifícios. Uma coisa era certa: ninguém mais sabia como viver. Enfim, exagerava; alguns pareciam mobilizados, empurrados por uma causa, com a vida carregada de sentido. Assim, os militantes de *Act Up* consideravam importante veicular na televisão certos anúncios publicitários, julgados pornográficos por outros, representando diferentes práticas homossexuais filmadas em *close*. De maneira geral, a vida deles parecia agradável e ativa, salpicada de acontecimentos variados. Tinham múltiplos parceiros, enrabavam-se em *backrooms*. Às vezes, os preservativos caíam ou estouravam; então, morriam de AIDS; mas a própria morte tinha um sentido militante e digno. Em geral, a televisão, principalmente TF1¹, oferecia uma lição permanente de dignidade. Adolescente, Michel acreditava que o sofrimento concedia ao homem uma dignidade suplementar. Tinha agora de convir: enganara-se. Aquilo que dava ao homem uma dignidade suplementar era a televisão.

Apesar das alegrias repetidas e puras que a televisão lhe dava, achava certo sair. De resto, precisava fazer as compras. Sem referenciais precisos, o homem dispersa-se e nada mais pode-se obter dele.

Na manhã de 9 de julho (dia de Santa Amandina), observou que os cadernos, os arquivos e os estojos já estavam colocados nas prateleiras do seu Monoprix. O gancho publicitário da operação, "a volta às aulas sem ter de quebrar a cabeça", não lhe pareceu totalmente convincente. O que era o ensino, o que era o saber, senão um interminável quebra-cabeça?

Na manhã seguinte, encontrou na caixa de correspondência o catálogo outono-inverno 3 Suisses. O forte volume de capa dura não continha nenhum endereço:

teria sido enviado por um portador? Desde muito tempo cliente do vendedor por correspondência, estava habituado às pequenas atenções que testemunhavam uma fidelidade recíproca. Decididamente a estação avançava e as estratégias comerciais orientavam-se para o outono; contudo, o céu continuava esplêndido, afinal de contas era apenas o começo de julho.

Ainda rapaz, Michel lera os diferentes romances sobre o tema do absurdo, do desespero existencial, da imóvel vacuidade dos dias; essa literatura extremista só o convencera parcialmente. Na época, via com frequência Bruno, que sonhava em tornar-se escritor: enchia páginas e páginas e masturbava-se muito. Este o fizera descobrir Beckett, provavelmente o que se chama de grande escritor, contudo, Michel não conseguiu terminar nenhum dos seus livros. Era pelo fim dos anos 70. Ele e Bruno tinham 20 anos e já se achavam velhos. Isso continuaria: sentir-se-iam cada vez mais velhos e teriam vergonha. A época deles geraria, em seguida, uma transformação inédita: afogar o sentimento trágico da morte na sensação mais geral e mais flácida do envelhecimento. Passados 20 anos, Bruno ainda não tinha realmente pensado na morte; e começava a duvidar de que fosse um dia pensar. Até o fim, gostaria de viver; até o fim, estaria na vida; até o fim, lutaria contra os incidentes e as infelicidades da vida concreta, e do corpo que decai. Até o último instante, pediria uma prorrogaçãozinha, um suplementozinho de existência. Até o último instante, em particular, buscaria um último momento de gozo, uma satisfação a mais. Seja qual for a sua inutilidade a longo termo, uma felação bem conduzida era um real prazer; e isso, pensava agora Michel, folheando as páginas de lingerie (Sensual! Cintura de vespa!) do catálogo, seria um despropósito negar.

Michel masturbava-se pouco. As fantasias que, jovem pesquisador, o tinham assaltado através do Minitel, ou mesmo com autênticas garotas (frequentemente

divulgadoras de grandes laboratórios farmacêuticos), apagaram-se aos poucos. Administrava agora tranquilamente o declínio da sua virilidade com ajuda de anódinas punhetas para as quais o catálogo 3 Suisses, ocasionalmente complementado por um CD-ROM de charme, a 79 francos, era um suporte mais do que suficiente. Bruno, em contrapartida, sabia-o, dissipava sua idade madura na perseguição de incertas Lolitas de seios duros, nádegas redondas, boca acolhedora. Graças a Deus, era funcionário público. Mas não vivia num mundo absurdo; vivia num mundo melodramático composto de cânones e de dragões, de caras top e de hipopótamos; eis o mundo de Bruno. Por seu lado, Michel vivia num mundo preciso, historicamente fraco, mas ritmado por algumas cerimônias comerciais — o torneio de Roland Garros, Natal, 31 de dezembro, a bienal dos catálogos 3 Suisses. Se fosse homossexual, poderia participar do Sidathon ou da Gay Pride. Libertino, teria se entusiasmado com o Salão do Erotismo. Mais esportivo, viveria neste exato minuto uma etapa mediterrânea da Volta da França. Consumidor sem características, recebia, entretanto, com alegria o retorno das quinzenas italianas no Monoprix do bairro. Tudo era bem organizado, de maneira humana, e podia existir felicidade ali. Mesmo se quisesse, não conseguiria fazer melhor.

Na manhã de 15 de julho, recolheu na lixeira da entrada um prospecto cristão. Diversas histórias de vida convergiam para um fim idêntico e feliz: o encontro com Cristo ressuscitado. Interessou-se, alguns instantes, pela história de uma jovem ("Isabelle estava em estado de choque, pois seu ano de estudos universitários corria perigo"); teve, porém, de reconhecer-se mais próximo da experiência de Pavel ("Para Pavel, oficial do exército tcheco, estação antimísseis era o apogeu da carreira militar"). Transpunha sem dificuldade para o seu próprio caso a seguinte observação: "Na condição de técnico

especializado, formado numa escola reputada, Pavel deveria apreciar a existência. Apesar disso, era infeliz, sempre em busca de um sentido para a vida".

O catálogo 3 Suisses, por seu lado, parecia fazer uma leitura mais histórica do mal-estar europeu. Implícita desde as primeiras páginas, a consciência de uma mutação civilizacional futura encontra a formulação definitiva na página 17. Michel meditou várias horas sobre a mensagem contida nas duas frases que definiam a temática da coleção: "Otimismo, generosidade, cumplicidade e harmonia fazem avançar o mundo. O AMANHÃ "SERÁ FEMININO".

No telejornal das 20 horas, Bruno Masure anunciou que uma sonda americana acabava de detectar rastros de vida fóssil em Marte. Tratava-se de formas bacterianas, ao que tudo indicava, arqueobactérias metânicas. Assim, num planeta próximo da Terra, macromoléculas biológicas tinham conseguido organizar-se e elaborar vagas estruturas autorreprodutíveis compostas de um núcleo primitivo e de uma membrana pouco conhecida; em seguida, tudo parou, sem dúvida sob o efeito de uma variação climática: a reprodução tornara-se cada vez mais difícil, antes de interromper-se completamente. A história da vida em Marte manifestava-se como uma história modesta. Entretanto (e Bruno Masure parecia não ter a clara consciência disso) esse minirrelato de um fracasso meio chocho contradizia violentamente todas as construções místicas ou religiosas que fazem classicamente as delícias da humanidade. Nada de ato único, grandioso e criador; nada de povo eleito, nem mesmo de espécie ou de planeta eleitos. Só havia, mais ou menos por toda parte no universo, tentativas incertas e, em geral, pouco convincentes. Tudo isso, além do mais, era de uma monotonia atroz, O DNA das bactérias marcianas parecia exatamente idêntico ao DNA das bactérias terrestres. Esta constatação, sobretudo, mergulhou-o numa ligeira tristeza, o que já era em si mesmo um sinal depressivo. Um

pesquisador em estado normal, em bom funcionamento, teria de alegrar-se com essa identidade, vendo ali a promessa de sínteses unificadoras. Se o DNA era por toda a parte idêntico, deviam existir razões para isso, profundas razões ligadas à estrutura molecular dos peptídeos ou, talvez, às condições topológicas de autorreprodução. Devia ser possível descobrir essas razões profundas; mais jovem, lembrava-se, tal perspectiva o teria coberto de entusiasmo.

No momento do encontro com Desplechin, em 1982, Dzerjinski terminava sua tese na Universidade de Orsay. Nessa condição, participaria das magníficas experiências de Alain Aspect sobre a não-separabilidade do comportamento de dois fótons sucessivamente emitidos por um mesmo átomo de cálcio; era o mais jovem pesquisador da equipe.

Precisas, rigorosas, perfeitamente documentadas, as experiências de Aspect teriam uma considerável repercussão na comunidade científica; pela primeira vez, na opinião geral, alcançava-se uma refutação completa das objeções feitas por Einstein, Podolsky e Rosen ao formalismo quântico. As desigualdades de Bell, derivadas das hipóteses de Einstein, eram claramente violadas; os resultados concordavam perfeitamente com a predição da teoria dos quanta. Desde então, só restaram duas hipóteses. Ou as propriedades escondidas, determinando o comportamento das partículas, eram não-locais, isto é, as partículas podiam ter umas sobre as outras influência instantânea a uma distância arbitrária; ou devia-se abandonar o conceito de partícula elementar possuindo, sem qualquer observação, propriedades Intrínsecas; estava-se então num vazio ontologia» profundo — a não ser que se adotasse um positivismo radical e bastasse desenvolver o formalismo matemático preditivo dos observáveis, com a renúncia definitiva à ideia de realidade subjacente. Foi esta última opção que a maioria dos pesquisadores escolheu.

A primeira resenha das experiências de Aspect apareceu no número 48 da *Physical Review*, sob o título "*Experimental realization of Einstein-Podolsky-Rosen Gedankexperiment: a new violation of Bell's inequalities*". Dzerjinski era coautor do artigo. Alguns dias depois, ele recebeu a visita de Desplechin. Aos 43 anos, este dirigia então o Instituto de Biologia Molecular do CNRS, em Gif-sur-Yvette. Tinha cada vez mais consciência de que algo lhe escapava no mecanismo das mutações dos genes; e isso tinha certamente a ver com os fenômenos mais profundos aparecendo ao nível atômico.

O encontro inicial aconteceu no quarto de Michel na residência universitária. Desplechin não se surpreendeu com a tristeza e a austeridade do cenário, pois esperava algo do gênero. A conversa estendeu-se até tarde da noite. A existência de uma lista completa de elementos químicos fundamentais, recordou Desplechin, foi o que determinou as primeiras reflexões de Niels Bohr nos anos dez. Uma teoria planetária do átomo baseada nos campos eletromagnéticos e gravitacionais levaria, normalmente, a uma infinidade de soluções e de corpos químicos possíveis. Contudo, o universo inteiro estava composto a partir de uma centena de elementos; essa lista era inamovível e rígida.

Tal situação, profundamente anormal do ponto de vista das teorias eletromagnéticas clássicas e das equações de Maxwell, conduziria, finalmente, lembrou ainda Desplechin, ao desenvolvimento da mecânica quântica. A biologia, na sua opinião, achava-se na atualidade em situação análoga. A existência, nos reinos animal e vegetal, de macromoléculas idênticas, de ultraestruturas celulares invariáveis, não podia, segundo ele, ser explicada através dos limites da química clássica. De algum modo, ainda impossível de elucidar, o nível quântico devia intervir diretamente na regulação dos fenômenos biológicos. Abria-se ali todo um campo de pesquisa, absolutamente novo.

Naquela primeira noite, Desplechin surpreendeu-se com a abertura de espírito e a calma do jovem interlocutor. Convidou-o para jantar em sua casa, na rua da École-polytechnique, no sábado seguinte. Um dos seus colegas, autor de trabalhos sobre os RNA-transcriptases, também estaria presente.

Ao chegar à casa de Desplechin, Michel teve a impressão de achar-se no cenário de um filme. Móveis de madeira clara, lajotas, tapetes afegãos, reproduções de Matisse... Até ali, apenas desconfiava da existência desse meio social favorecido, culto, de gosto refinado e seguro; agora, podia imaginar o resto, a propriedade da família na Bretanha, talvez o sítio no Lubéron. "E vamos para os quintetos de Bartok...", pensou de refilão no impulso da entrada. Era um jantar regado a champanhe; acompanhava a sobremesa — uma charlotte com frutas vermelhas um rosé meio seco. Foi nesse momento que Desplechin expôs-lhe o seu projeto. Podia conseguir-lhe um contrato na unidade de pesquisa de Gif; Michel precisaria adquirir algumas noções complementares de bioquímica, mas isso poderia andar rápido. Ao mesmo tempo, Desplechin supervisionaria a preparação da sua tese de doutorado de Estado; depois da defesa, Michel poderia candidatar-se a um cargo definitivo.

Com linhas muito puras, uma estatueta khmer, em cima da lareira, representando Buda numa atitude de invocação da terra, atraiu o olhar de Michel. Ele pigarreou, depois aceitou a proposta.



O extraordinário progresso da instrumentalização e das técnicas de marcação radioativa permitiu, ao longo da década seguinte, acumular resultados em número considerável. Contudo, pensava hoje Dzerjinski, em relação às questões teóricas levantadas por Desplechin no primeiro encontro que tiveram, não tinham avançado um milímetro.

No meio da noite, voltou a preocupar-se com as bactérias marcianas; encontrou umas 15 mensagens na Internet, a maioria provenientes de universidades americanas. Adenina, guanina, timina e citosina foram achadas em proporções normais. Um pouco por desânimo, entrou no site de Ann Arbor; havia uma comunicação relativa ao envelhecimento. Alicia Marcia Coelho evidenciara a perda de sequências codificadoras de DNA quando da divisão repetida de fibroblastos oriundos de músculos lisos; também ali não havia surpresa. Conhecia Alicia; era a mesma que o descabara, dez anos antes, depois de um jantar bem regado, durante um congresso de genética, em Baltimore. Estava tão bêbada, que fora incapaz de ajudá-lo a abrir-lhe o sutiã. Momento laborioso, penoso. Acabava de separar-se do marido, confessou, enquanto ele brigava com os colchetes; surpreendeu-se de poder ter uma ereção e ejacular na vagina da pesquisadora sem experimentar o menor prazer.

¹ Principal emissora (privada) de televisão da França: a Globo francesa (N.T.).

5

Muitos veranistas que frequentavam o Espaço da Mudança estavam, como Bruno, na casa dos 40 anos; muitos trabalhavam, como ele, no setor social ou educativo e achavam-se protegidos da pobreza pelo estatuto de funcionário público. Praticamente todos poderiam ter sido de esquerda; praticamente todos viviam sós, o mais frequente depois de um divórcio. Em suma, ele era bastante representativo do lugar e, ao fim de alguns dias, conscientizou-se de que começava a sentir-se ali menos mal do que de hábito. Insuportáveis na hora do café, as cagalhonas místicas voltavam, na hora do aperitivo, a ser mulheres engajadas numa competição, sem esperança, com outras mais jovens.

A morte tudo iguala. Assim, na tarde de quarta-feira, conheceu Catherine, uma cinquentona, ex-feminista, que fizera parte das "Marias não claras". Morena, muito cacheada, jambo; devia ter sido muito atraente aos 20 anos. Os seios ainda se conservavam nos trilhos, mas a bunda era enorme, constatou, na piscina. Convertera-se ao simbolismo egípcio, aos tarôs solares, *etc.* Bruno tirou o calção no momento em que ela falava do deus Anúbis; sentia que ela não se constrangeria com uma ereção; talvez nascesse uma amizade entre eles. Infelizmente a ereção não aconteceu. Ela tinha pneus entre as coxas, que mantinha apertadas.

Separaram-se com frieza.

Na mesma noite, pouco antes do jantar, um tipo chamado Pierre-Louis dirigiu-lhe a palavra. Apresentou-se como de matemática; de fato, era bem o gênero. Bruno o tinha avistado dois dias antes durante a sessão de criatividade. Lançara-se num *sketch* sobre uma demonstração aritmética que não avançava, no gênero cômico do absurdo sem nenhuma graça.

Escrevia a toda velocidade num quadro branco, interrompendo-se, às vezes, bruscamente; seu grande crânio careca estava todo enrugado pela reflexão, as sobrancelhas erguidas numa mímica que se pretendia divertida; com o pincel na mão, permanecia imóvel por alguns segundos; em seguida, cinco ou seis pessoas aplaudiram antes por compaixão. Ele ficou num vermelhão. Já era.

Nos dias seguintes, Bruno conseguiu, muitas vezes, evitá-lo. Geralmente, usava um boné. Mais para magro, muito alto, ao menos 190m, com um pouco de barriga; quando avançava no trampolim, a sua barriguinha era um espetáculo curioso. Devia andar pelos 45 anos.

Naquela noite, mais uma vez, Bruno desapareceu rapidamente, aproveitando que o paspalhão se afundava numa improvisação de danças africanas, e subiu a ladeira em direção ao restaurante comunitário. Havia um lugar livre junto à ex-feminista, sentada ao lado de uma colega simbolista. Tinha apenas começado a atacar um refogado de pasta de soja quando Pierre-Louis surgiu na ponta da fileira de mesas; seu rosto brilhou de alegria ao ver um lugar vazio ao lado de Bruno. Começou a falar antes que este se conscientizasse da situação; não era pouco o que gaguejava; as babacas do lado soltavam cacarejos

estridentes. E a reencarnação de Osíris, e as marionetes egípcias... elas não prestavam a menor atenção nele.

Em certo momento, Bruno compreendeu que o outro *clown* lhe questionava sobre suas atividades profissionais. "Oh, nada demais...", respondeu vagamente; sentia vontade de falar de tudo, menos da educação nacional. O jantar começava a dar-lhe nos nervos; levantou-se para ir fumar um cigarro. Infelizmente, no mesmo instante, as duas simbolistas, numa rabanada, saíram da mesa, sem sequer olhar para o outro; foi provavelmente o que determinou o incidente.

Bruno estava a mais ou menos dez metros da mesa quando ouviu um violento assobio ou antes uma estridulação, alguma coisa superaguda, realmente inumana. Voltou-se. Pierre-Louis estava escarlate, com os punhos fechados. Num salto, subiu na mesa, sem tomar impulso, com os pés juntos. Retomou fôlego; o chiado que lhe escapava do peito parou. Em seguida, começou a andar de um lado para outro na mesa, dando socos na própria cabeça; os pratos e os copos valsavam em torno dele; dava pontapés em todos os sentidos, repetindo aos gritos: "Vocês não podem fazer isso! Vocês não podem me tratar assim!..." Por uma vez, não gaguejava. Foram necessárias cinco pessoas para dominá-lo. Na mesma noite, foi internado no hospital psiquiátrico de Angoulême.



Bruno acordou, pelas três horas, num sobressalto; saiu da barraca; suava. O camping, sob a lua cheia, estava calmo; escutava-se o coaxar monótono das rãs. Na beira da

água, esperou a hora do café. Justo antes do amanhecer, sentiu um pouco de frio. As oficinas da manhã começavam às 10 horas. Pelas 10h15, dirigiu-se à pirâmide. Hesitou diante da porta da oficina de redação; desceu um andar. Durante uns 20 segundos, decifrou o programa do ateliê de aquarela, antes de subir de volta alguns degraus. A escada tinha corrimãos retos separados, à meia altura, por breves segmentos curvos. No interior de cada segmento, a largura dos degraus aumentava, depois, novamente, diminuía. No ponto de inflexão da curva, havia um degrau mais largo do que os outros. Sentou-se ali. Encostou-se na parede. Começou a sentir-se bem. Os raros momentos de felicidade dos anos de segundo grau, Bruno passara assim, sentado num degrau entre dois andares, pouco depois do recomeço das aulas. Calmamente, encostado na parede, a meio caminho entre dois patamares, com os olhos ora semicerrados ora arregalados, esperava. Claro, alguém podia aparecer; precisava então se levantar, juntar a pasta, caminhar a passos rápidos até a sala onde a aula já tinha começado. Mas, com frequência, ninguém aparecia; tudo era tão calmo; então, suavemente, como que de maneira furtiva, por pequenos voos breves, sobre os degraus ladrilhados e cinzas (não fazia a disciplina de história, não seguia ainda a de física), seu espírito elevava-se até a alegria.

Agora, naturalmente, as circunstâncias eram diferentes: escolhera vir participar da vida do centro de férias. No andar de cima, havia um grupo de redação; justo abaixo, um ateliê de aquarela; mais abaixo, massagens ou respiração holotrópica; mais abaixo ainda, o grupo de danças africanas tinha-se, com certeza, reconstituído. Por toda parte, seres humanos viviam, respiravam, tentavam sentir prazer ou melhorar seus potenciais pessoais. Em todos os andares, seres humanos progrediam ou tentavam progredir na integração social, sexual, profissional ou cósmica. "Trabalhavam sobre si mesmos", retomando a

expressão mais usada. Ele mesmo começava a sentir um pouco de sono; não queria mais nada, não procurava mais nada, não estava em lugar algum; lentamente, e por degraus, seu espírito subia para o reino do não-ser, rumo ao êxtase puro da não presença no mundo. Pela primeira vez desde a idade de 13 anos, Bruno sentiu-se quase feliz.

Poderia indicar-me os principais pontos de venda de doces?

Entrou na barraca e dormiu três horas. Ao despertar, estava de novo em plena forma, e de pau duro. A frustração sexual cria no homem uma angústia que se manifesta por uma crispação violenta, localizada na altura do estômago; o esperma parece subir para o baixo-ventre e lançar tentáculos na direção do peito. O próprio órgão fica dolorido, sempre quente, estremecendo. Não se tinha masturbado desde domingo; cometera, certamente, um erro. Último mito do Ocidente, o sexo era uma coisa a fazer; uma coisa possível, uma coisa a fazer. Enfiou um calção de banho, meteu alguns preservativos na sacola, com um gesto que lhe arrancou uma risadinha. Durante anos, carregara preservativos sem que servissem para nada. De toda maneira, as putas tinham.

A praia estava coberta de bofes de short e de ninfetas de fio dental; acalmava. Comprou um saquinho de batatas fritas e circulou entre os veranistas antes de grudar os olhos numa garota de uns 20 anos, seios extraordinários, redondos, firmes, em pé, com amplas auréolas caramelo.

"Bom dia...", disse. Deu um tempo; o rosto da garota enrugou-se de preocupação. "Bom dia...", insistiu. "Poderia me indicar os principais pontos de venda de doces?" "Hein?", exclamou ela, apoiando-se num cotovelo para levantar-se. Percebeu então que estava com fones nos ouvidos. Restou-lhe dar o fora, agitando o braço como Peter

Falk em *Columbo*. Inútil insistir: complicado demais, irônico demais.

Avançando em diagonal rumo ao mar, tentava guardar na memória a imagem dos seios da garota. De repente, bem na frente dele, três adolescentes saíram das ondas. Dava-lhes no máximo 14 anos. Avistou as toalhas delas e estendeu a sua a alguns metros; não lhe deram a menor bola. Despiu rapidamente a camiseta, cobriu os flancos, virou-se de lado e tirou o pau. Num conjunto perfeito, as ninfetas baixaram a parte de cima do maiô para bronzear os seios. Antes mesmo de ter tempo de tocar-se, Bruno descarregou-se violentamente sobre a camiseta. Solto um gemido, caiu na areia. Estava acabado.

Rituais primitivos no aperitivo

Momento de encontro do dia, o aperitivo, no Espaço da Mudança, tinha, em geral, música. Naquela noite, três tipos faziam tam-tam para uns 50 usuários do espaço que se sacudiam no mesmo lugar, balançando os braços em todos os sentidos. Tratava-se, em verdade, de danças da colheita, já praticadas em certos ateliês de danças africanas; classicamente, passadas algumas horas, alguns participantes caíam, ou fingiam cair, em transe. Num sentido literário ou anacrônico, o transe designa uma inquietação extremamente forte, um temor diante da ideia de um perigo iminente. "Prefiro passar a chave na porta do que continuar a viver nestes transes" (Emile Zola). Bruno ofereceu um cálice de pineau à católica. "Como te chamas?", perguntou-lhe. "Sophie", foi a resposta. "Não danças?", continuou ele. "Não, não gosto das danças africanas, é demasiado..." Demasiado quê? Compreendia a perturbação dela. Demasiado primitivo? Evidentemente que não. Demasiado ritmado? Já estava no limite do racismo. Decididamente nada se podia dizer sobre aquelas danças africanas idiotas. Pobre Sophie, tentava fazer o

melhor possível. Tinha um belo rosto, com os cabelos pretos, olhos azuis, a pele muito branca. Devia ter seios pequenos, mas muito sensíveis. Era certamente da Bretanha. "Tu és bretã?", perguntou ele. "Sim, de Saint-Brieue!", respondeu ela com alegria. "Mas adoro as danças brasileiras...", acrescentou, na tentativa, com certeza, de fazer-se perdoar por não apreciar as danças africanas. Não era preciso mais para irritar Bruno. Começava a encher o saco dessa estúpida mania pró-Brasil. Por que o Brasil? Conforme tudo o que sabia, o Brasil era um país de merda, povoado de brutos fanáticos por futebol e por corridas de automóvel. A violência, a corrupção e a miséria estavam no apogeu. Se havia um país detestável, era justamente, e especificamente, o Brasil. "Sophie", exclamou Bruno com força. "Eu poderia partir para o Brasil, em férias. Passearia nas favelas, num micro-ônibus blindado; observaria os pequenos assassinos de oito anos, que sonham em se tornar chefes de bando aos 13 anos; não sentiria medo, protegido pela blindagem; à tarde, iria à praia, entre riquíssimos traficantes de droga e de proxenetas; no meio dessa vida desenfreada, dessa urgência, esqueceria a melancolia do homem ocidental; tens razão, Sophie: ao voltar, pegarei informações numa agência Nouvelles Frontières."

Sophie observou-o, um tempo, com o rosto fechado; uma ruga de preocupação cortava-lhe a fronte. "Tu deves ter sofrido muito...", disse, finalmente, com tristeza.

"Sophie, sabes o que Nietzsche escreveu sobre Shakespeare?", persistiu Bruno. "O quanto deve ter sofrido esse homem para sentir tal necessidade de bancar o palhaço!... Sempre me pareceu exagerada a fama de Shakespeare como autor; mas é, realmente, um palhaço considerável." Parou, percebendo, com surpresa, que começava de fato a sofrer. As mulheres, às vezes, eram tão gentis; respondiam à agressividade com a compreensão, ao cinismo com a ternura. Que homem se comportaria assim?

"Sophie, estou com vontade de lambar a tua xoxota...", disse ele, emocionado; mas, desta vez, ela não o escutou, pois voltara-se para o monitor de ski, que a tinha bolinado três dias antes, e conversava com ele. Bruno ficou imóvel alguns segundos. Depois, atravessou, outra vez, o gramado em direção ao estacionamento. O centro comercial Leclerc de Cholet ficava aberto até as 22 horas. Circulando entre as gôndolas, pensou que, a crer em Aristóteles, uma mulher de baixa estatura pertence a uma espécie diferente do resto da humanidade. "Um homem baixo ainda me parece um homem, mas uma mulher baixa parece-me pertencer a uma nova espécie de criatura", escreveu o filósofo. Como explicar essa estranha asserção, tão contrastante com o costumeiro bom senso do estagirita? Comprou uísque, raviólis enlatados e biscoitos com gengibre. Ao voltar, a noite caíra. Diante do jacuzzi, ouviu sussurros,, rama riso abafado. Parou, com o saco Leclerc na mão, e espiou entre os galhos. Pareciam ser dois ou três casais; não faziam mais barulho; escutava-se somente o leve rumor da água impulsionada. A lua saiu de trás das nuvens. Chegou outro casal; despiram-se. Os sussurros recomeçaram. Bruno largou o saco plástico, tirou o pau e começou a masturbar-se. Ejaculou bem rápido, na hora em que a mulher entrava na água quente. Era a noite de sexta-feira; precisava prolongar a sua temporada em uma semana. Ia reorganizar-se, arrumar alguém, falar com as pessoas.

6

Na noite de sexta para sábado, dormiu mal e teve um sonho ruim. Via-se sob os traços de leitão de carnes gorduchas e imberbes; Com seus companheiros suínos, era arrastado através de um túnel enorme e obscuro, de paredes enferrujadas, em forma de vórtex. A corrente aquática que o puxava não era muito forte; as vezes, conseguia repousar as patas no solo; depois, vinha uma onda mais forte e de novo ele descia alguns metros. De vez em quando, distinguia a carne esbranquiçada de um dos parceiros, brutalmente aspirado para baixo. Lutavam na penumbra e no silêncio, somente perturbados pelos breves rangidos dos cascos nas paredes metálicas. Perdendo altura, entretanto, distinguia, vindo do fundo do túnel, um surdo barulho de máquinas. Tomava, aos poucos, consciência de que o turbilhão os levava para turbinas com hélices enormes e afiadas. Mais tarde, sua cabeça cortada jazia numa clareira, vários metros abaixo da embocadura do vórtex. Seu crânio fora dividido, verticalmente, em dois; contudo, a parte intacta, posta no meio das ervas, ainda estava consciente. Sabia que as formigas iam, aos poucos, entrar na matéria cervical exposta para devorar-lhe os neurônios; cairia então numa inconsciência definitiva. No momento, seu único olho observava o horizonte. A vegetação parecia estender-se até o infinito. Imensas rodas dentadas giravam ao contrário sob um céu de platina. Achava-se, quem sabe, no fim dos tempos; ao menos, o mundo, tal qual o conhecera, tinha chegado ao fim.

No café da manhã, conheceu uma espécie de remanescente bretão de 68, que animava o ateliê de aquarela. Chamava-se Paulo Le Dantec; era irmão do diretor do Espaço e fazia parte do grupo de fundadores. Com sua túnica indígena, a longa barba grisalha e uma *triskèle* céltica pendurada no pescoço, evocava com perfeição a pré-história bicho-grilo. Aos 50 anos passados, o velho caco ainda levava uma existência tranquila.

Levantava-se ao nascer do dia, caminhava entre as colinas, observava os pássaros. Depois, instalava-se diante de uma taça de café com calvados e enrolava cigarros em meio aos movimentos humanos. O ateliê de aquarela só começava às 10 horas; tinha mesmo tempo para bater papo. "Na condição de velho frequentador do Espaço, debes lembrar dos primeiros tempos do lugar, liberação sexual, anos 70..." (Bruno riu para estabelecer uma cumplicidade, ao menos imaginária). "Liberação do caralho", rosou o decano. "Sempre existiram minas segurando vela em bacanais. Sempre teve caras sacudindo a pingola, meu rapaz."

— No entanto, ouvi dizer que a AIDS tinha mudado as coisas, insistiu Bruno...

— Para os homens — reconheceu o aquarelista, limpando a garganta — é verdade que era mais simples. Por vezes, havia bocas e vaginas abertas; podia-se entrar direto, sem se apresentar. Mas precisava ser um verdadeiro bacanal, e aí já havia seleção na entrada; em geral, eram reuniões de casais. E algumas vezes vi mulheres abertas, lubrificadas a morrer, que passavam a noite a masturbar-se; ninguém as penetrava, cara; mesmo para agradar a elas, não era possível; precisava-se um mínimo de tesão.

— Em suma — retorquiu Bruno, pensativo — nunca houve comunismo sexual, mas simplesmente um sistema ampliado de sedução.

— Isso sim... — admitiu o velho teimoso — sedução sempre houve.

Tudo aquilo não estimulava muito. Entretanto, era sábado e haveria novas chegadas. Bruno decidiu relaxar e aceitar as coisas como elas viessem, rock'n roll; assim, o dia passou sem incidentes e, a bem da verdade, sem qualquer acontecimento. Pelas 11 horas da noite, passou de novo diante do jacuzzi. Acima do suave ronronar da água, subia um fraco vapor, transpassado pela luz da lua cheia. Aproximou-se silenciosamente. O tanque tinha três metros de diâmetro. Um casal abraçava-se na outra borda; a mulher parecia a cavalo sobre o homem. "É meu direito...", pensou Bruno com raiva. Despiu-se rapidamente e entrou na banheira. O ar da noite estava fresco, mas a água, em contraste, deliciosamente quente. No alto, galhos de pinheiros entrelaçados deixavam ver as estrelas. Relaxou um pouco. O casal não lhe dava a mínima: a garota, começando a gemer, continuava a mexer-se em cima do cara. Não se distinguiam os traços do seu rosto. O homem também começou a arfar. Os movimentos da garota aceleraram-se; um instante, atirou-se para trás; a lua iluminou-lhe brevemente os seios; o rosto permaneceu escondido pela massa de cabelos escuros. Em seguida, envolvendo-o com os braços, ela se colou no companheiro, que respirou ainda mais rápido, soltou um grunhido e calou-se.

Permaneceram enlaçados dois minutos; depois o homem levantou-se e saiu do jacuzzi. Antes de vestir-se, retirou a camisinha. Com surpresa, Bruno constatou que a mulher não se mexia. Os passos do homem afastaram-se, o silêncio voltou. Ela espichou as pernas na água. Bruno fez o mesmo. Um pé pousou-lhe na coxa, raspou-lhe o sexo. Com um ligeiro marulho, soltou-se da borda e veio ao encontro dele. Nuvens encobriam então a lua; a mulher estava a 50 centímetros, mas ele ainda não lhe distinguia os traços. Colocou um braço nas suas coxas; com o outro, envolveu-

lhe os ombros. Bruno esfregou-se nela, com o roscos na altura do seu peito. Os seios eram pequenos e firmes. Soltou-se da borda, entregando-se ao abraço. Sentiu que ela voltava para o meio e começava a girar. Os músculos do seu pescoço distenderam-se bruscamente; a cabeça ficou muito pesada. O barulho da água, fraco na superfície, transformava-se, alguns centímetros abaixo, num potente ronco submarino. As estrelas giravam suavemente acima do seu rosto. Relaxou nos braços dela; seu pênis apontou na superfície. Ela movimentou ligeiramente as mãos; mal sentia as carícias dela; levitava. Os cabelos longos roçaram-lhe a barriga; em seguida, a língua da garota lambeu-lhe a glândula. Todo o corpo dele estremeceu de prazer. Os lábios dela fecharam-se e lenta, muito lentamente, ela o abocanhou por completo. Tomado de estremecimentos de êxtase, ele fechou os olhos. O ronco submarino era infinitamente calmante. Quando os lábios da garota atingiram-lhe a raiz do sexo, começou a sentir-lhe os movimentos da garganta. As ondas de prazer intensificaram-se; sentia-se ao mesmo tempo embalado pelos turbilhões submarinos; de repente, teve um calorão; ela contraía suavemente a garganta; toda a energia dele afluiu, de um golpe, para a genitália. Gozou num urro. Nunca tinha sentido tanto prazer.

7

Conversa de trailer

O trailer de Christiane estava a uns 50 metros da barraca de Bruno.

Acendeu a luz, ao entrar, pegou uma garrafa de Buhsmills, encheu dois copos. Esbelta, mais baixa do que Bruno, devia ter sido muito bonita; mas os traços do seu rosto estavam enrugados, levemente avermelhados pela acne. Apenas a cabeleira permanecia esplêndida, sedosa e preta. Os seus olhos azuis eram doces, um pouco tristes. Devia andar pelos 40 anos.

"De tempos em tempos, isso me acontece; trepo com todo mundo", disse ela. "Para a penetração, exijo somente um preservativo."

Umedeceu os lábios, bebeu um gole. Bruno olhou para ela, que só tinha coberto a parte de cima do corpo, com um sweat-shirt cinza. Seu monte de vênus tinha uma linda curvatura, infelizmente os grandes lábios estavam um pouco caídos.

"Gostaria de te fazer gozar também", disse ele. "Descansa. Termina de beber. Podes dormir aqui, tem lugar...", respondeu ela, mostrando a cama dupla.

Falaram dos preços de aluguel de trailers. Christiane não podia acampar, pois tinha um problema nas costas. "Muito sério", explicou. "A maioria dos homens prefere a chupada", disse ainda. "A penetração os entedia, ficam sem

tesão. Mas quando os chupamos, voltam a ser como crianças. Tenho a impressão de que o feminismo os atingiu duramente, mais do que admitiram.”

“Existe coisa pior do que o feminismo...”, disse sombriamente Bruno.

Esvaziou metade do copo antes de decidir-se a continuar: “Faz muito tempo que conheces o Espaço?”

— Praticamente desde o começo. Parei de vir quando me casei. Agora, venho duas ou três semanas por ano. No começo, era mais um lugar alternativo, nova esquerda; agora, tornou-se New Age; não mudou muita coisa. Nos anos 70, já havia interesse pelo misticismo oriental; hoje, continua a ter um jacuzzi e massagens. É um lugar agradável, mas meio triste; há menos violência do que lá fora. O ambiente religioso dissimula um pouco a brutalidade das relações de caça. Existem, entretanto, mulheres que sofrem aqui. Os homens que envelhecem na solidão têm menos do que se queixar. Bebem vinho ruim, caem no sono e seus dentes fedem; depois, acordam e recomeçam; morrem bem rápido. As mulheres tomam calmantes, praticam ioga, consultam psicólogos; duram demais e sofrem muito. Vendem um corpo enfraquecido, sem mais encantos; sabem disso e sofrem. Contudo, persistem, pois não conseguem desistir de ser amadas. Até o fim, são vítimas da mesma ilusão. A partir de certa idade, uma mulher continua a ter a possibilidade de esfregar-se num pau, mas nunca mais a de ser amada. É isso.

— Christiane — disse suavemente Bruno, tu exageras...

— Por exemplo, agora, sinto vontade de te dar prazer.

— Acredito em ti. Tenho a impressão de que és mesmo um homem gentil. Egoísta e gentil.

Tirou o sweat-shirt, deitou-se atravessada na cama, colocou um travesseiro sob as nádegas, abriu as pernas. Bruno lambeu-lhe demoradamente a entrada da boceta, antes de excitar-lhe o clitóris com batidinhas rápidas de língua. Christiane expirou profundamente. “Mete um

dedo...", disse. Bruno obedeceu, voltando-se para continuar a chupá-la ao mesmo tempo em que lhe acariciava os seios. Sentiu os mamilos endurecerem; levantou a cabeça.

"Continua, por favor...", pediu ela. Ajeitou a cabeça mais confortavelmente e afagou-lhe o clitóris com o indicador. Os lábios pequenos começaram a inchar. Tomado de alegria, lambeu-os com avidez.

No espaço de um instante, retornou à vulva, magra e enrugada, da mãe. A lembrança apagou-se, mas continuou a massagear o clitóris cada vez mais rápido, sempre lambendo os lábios com grandes linguadas fraternas. Com o ventre num vermelhão, ela ofegava cada vez mais forte. Estava molhada, agradavelmente salgada. Bruno fez uma breve pausa, meteu-lhe um dedo no ânus, outro na vagina, e recomeçou a lambe-lhe o clitóris com a ponta da língua, a golpes curtos e rápidos. Ela gozou tranquilamente, com longos sobressaltos. Parado, com o rosto contra a vulva úmida, estendeu-lhe a mão; sentiu os dedos de Christiane apertarem os seus. "Obrigada", disse ela. Depois, levantou-se, enfiou o sweat-shirt e encheu de novo os copos.

"Foi mesmo legal, na jacuzzi, antes", disse Bruno. "A gente não disse uma palavra; quando senti a tua boca, ainda nem tinha visto o teu rosto. Não havia nenhum elemento de sedução; foi alguma coisa muito pura."

"Tudo se baseia nos corpúsculos de Krause..." Christiane sorriu. "E preciso me desculpar, sou professora de ciências naturais". Bebeu um gole de Bushmills. "A haste do clitóris, a coroa e o sulco da glândula são forrados de corpúsculos de Krause, muito ricos em terminações nervosas. Acariciados, detona-se no cérebro uma potente liberação de endorfinas. Todos os homens, todas as mulheres têm o clitóris e a glândula cobertos de corpúsculos de Krause — em número mais ou menos parelho, até nisso é muito igualitário; mas há outra coisa, tu sabes bem. Eu estava apaixonada pelo meu marido. Acariciava e chupava-lhe o pau com veneração; adorava senti-lo em mim; ficava orgulhosa de

provocar-lhe ereções; tinha uma foto, na carteira, do pênis dele, duro; para mim, era como se fosse uma relíquia; dar-lhe prazer era a minha maior alegria. Finalmente, ele me trocou por uma mais jovem. Notei agora há pouco que a minha boceta não te atraía muito; já é a xoxota de uma velha. O aumento das pontes de colágenos, com a idade, e a fragmentação da elastina durante as mitoses fazem com que, progressivamente, os tecidos percam firmeza e flexibilidade. Aos 20 anos, eu tinha uma belíssima vulva; hoje, vejo bem que os lábios e as ninfas estão um pouco caídos." Bruno terminou de beber. Não achou absolutamente nada para responder. Pouco depois, deitaram-se. Envolveu-a com um braço. Dormiram.

8

Bruno acordou primeiro. Muito alto nas árvores, um pássaro cantava. Christiane destapara-se durante a noite. Tinha belas nádegas, ainda bem redondas, muito excitantes. Lembrou-se de uma frase da *Pequena sereia*; tinha em casa um 45 rotações com a *Canção dos marujos*, interpretada pelos irmãos Jacques. Foi depois que ela enfrentou todas as provações, renunciou a sua voz, ao país natal, à bela cauda de sereia; tudo isso na esperança de tornar-se uma verdadeira mulher, por amor ao príncipe. Jogada pela tempestade numa praia, no meio da noite, bebia o elixir da feiticeira. Sentia-se dividida, o sofrimento era tanto que desmaiava. Vinham em seguida alguns acordes musicais muito diferentes que pareciam abrir uma nova paisagem; depois a recitante pronunciava a frase que tão fortemente tinha impressionado Bruno: "Quando ela acordou, o sol brilhava, e o príncipe estava diante dela .

Repensou, em seguida, na conversa da véspera com Christiane e disse a si mesmo que conseguiria, talvez, amar-lhe os lábios um pouco caídos, mas suaves. Como a maioria dos homens, cada manhã ao acordar, estava com tesão. Na semiclaridade da aurora, no meio da massa espessa e desgrenhada dos cabelos pretos, o rosto de Christiane parecia muito pálido. Abriu ligeiramente os olhos no momento em que ele a penetrava. Pareceu meio surpresa, mas afastou as pernas. Começou a mexer-se dentro dela, mas percebeu que se tornava cada vez mais mole. Sentiu uma grande tristeza, misturada com

inquieta e vergonha. *Preferes que eu coloque uma camisinha?", perguntou. "Sim, por favor, elas estão na bolsinha ao lado." Rasgou a embalagem. Era Durex Technica. Obviamente, desde que se sentiu no látex, broxou completamente. "Sinto muito, sinto muito mesmo", disse. "Não importa, vem deitar", respondeu ela docemente. Decididamente, a AIDS fora uma verdadeira bênção para os homens dessa geração. Bastava sacar a camisinha para que tudo amolecasse. "Nunca me adaptei... Cumprida a minicerimônia, com a virilidade deles ressalvada na essência, podiam descansar, esfregar-se na mulher, dormir em paz.

Depois do almoço, desceram; passaram na frente da pirâmide. Não havia ninguém na beira do lago. Deitaram-se na clareira ensolarada. Christiane tirou-lhe a bermuda e começou a masturbá-lo, com muita suavidade, muita sensibilidade. Mais tarde, quando, graças a ela, entraram no circuito dos casais abertos, Bruno deu-se conta: era uma qualidade extremamente rara. A maioria das mulheres do meio masturbava com brutalidade, sem a menor nuance. Apertavam muito, sacudiam o pau com uma fúria estúpida, provavelmente na intenção de imitar as atrizes dos filmes pornográficos. Talvez fosse espetacular na tela, mas o resultado tátil era francamente medíocre, ou mesmo doloroso. Christiane, ao contrário, procedia por apalpadelas, molhava seguidamente os dedos, percorria com suavidade as zonas sensíveis. Uma mulher de túnica indiana passou perto deles e foi sentar-se na beira da água. Bruno respirou profundamente; impediu-se de gozar. Christiane sorriu-lhe; o sol começava a esquentar. Constatou que sua segunda semana no Espaço ia ser muito doce. Talvez fossem mesmo se rever, envelhecer juntos. De vez em quando, ela lhe daria um pequeno instante de prazer físico; juntos, viveriam o declínio do desejo. Alguns anos assim; depois, seria o fim, estariam velhos; para eles, a comédia do amor físico estaria acabada.

Enquanto Christiane tomava uma ducha, Bruno estudou a fórmula de "proteção da juventude em microcápsulas" que comprara na véspera, no Leclerc. Enquanto a parte externa da embalagem destacava a novidade do conceito de microcápsulas, a bula, mais completa, distinguia três ações: filtragem dos raios solares nocivos; difusão, durante todo o dia, de princípios hidratantes ativos; eliminação dos radicais livres. Na metade da leitura, foi interrompido pela chegada de Catherine, a ex-feminista convertida aos tarôs egípcios. Não fez mistério: voltava de um ateliê de desenvolvimento pessoal. Dance seu job. Tratava-se de descobrir a vocação através de uma série de jogos simbólicos que permitiam, aos poucos, liberar o "protagonista interior" de cada participante. Ao final do primeiro dia, parecia que Catherine era meio feiticeira, mas também meio leoa; isso devia, normalmente, orientá-la para um cargo de responsabilidade no setor de ponta, de venda.

— Hmm, fez Bruno.

Nesse momento, Christiane voltou, com uma toalha em torno da cintura.

Catherine interrompeu-se, visivelmente crispada. Sob pretexto de ir a um ateliê de Meditação zen e tango argentino, bateu rapidamente em retirada. "Pensei que fazias Tantra e contabilidade...", provocou-a Christiane, antes que a outra desaparecesse.

— Tu a conheces?

— Oh, sim, faz 20 anos que conheço essa idiota. Ela também vem desde o começo, praticamente desde a fundação do Espaço.

Sacudiu os cabelos, amarrou a toalha na cabeça, como um turbante.

Subiram juntos. Bruno, de repente, sentiu vontade de pegá-la pela mão.

Assim foi.

"Nunca consegui entender as feministas", recomeçou Christiane, quando estavam na metade da subida. "As safadas não param de falar em louça e divisão de tarefas; eram literalmente obcecadas pela louça. As vezes, pronunciavam algumas palavras sobre cozinha ou aspiradores; mas o grande assunto era a louça. Em poucos anos, conseguiam transformar os caras em neuróticos impotentes e rabugentos. A partir de então — era absolutamente sistemático — começavam a sentir a nostalgia da virilidade. Ao final das contas, chutavam os caras para se fazer atracar por estúpidos machões latinos. Sempre me chocou a atração das intelectuais pelos vagabundos, grossos e babacas. Em resumo, comiam dois ou três, às vezes mais, em se tratando dos muito gostosos, depois se deixavam embarrigar e passavam a preparar doces caseiros com as fichas de receitas *Marie-Claire*. Vi o mesmo filme dezenas de vezes."

— Faz parte do passado — disse Bruno, conciliador.

Passaram a tarde na piscina. Diante deles, do outro lado, as adolescentes saltitavam, disputando um walkman. "Que gracinhas, hein?" — observou Christiane. "A loura de seios pequenos é realmente bonita..."; deitou-se, então, sobre a toalha: "Passa creme em mim..."

Christiane não participava de nenhum ateliê. Sentia mesmo certo desprezo por aquelas atividades esquizofrênicas, disse. "Talvez eu seja meio dura, mas conheço essas mulheres de 68 que passaram dos 40, pois estou quase na mesma. Elas envelhecem na solidão, com a vagina virtualmente morta. Basta questioná-las durante cinco minutos para ver que não acreditam porra nenhuma nessas histórias de chakras, de cristais, de vibrações luminosas. Esforçam-se para crer nisso e conseguem, às vezes, por duas horas, tempo de um ateliê. Sentem a presença do Anjo e da flor interior que desperta no ventre de cada uma; depois, terminado o ateliê, redescobrem-se sozinhas, decadentes e feias. Têm crises de choro. Nunca

notou? Tem muita choradeira aqui, sobretudo depois do ateliê: da verdade, elas não têm escolha, pois, além do mais, estão sem grana. Em geral, fizeram análise, o que as depenou completamente. Mantras e tarôs são muito babacas, mas custam, apesar disso, mais barato do que uma análise."

— Sim, isso e o dentista — bocejou Bruno. Pousou a cabeça entre as suas coxas abertas e sentiu que ela também cochilava.

Veio a noite. Voltaram para o jacuzzi. Pediu-lhe que não o fizesse gozar. De retorno ao trailer, transaram. "Deixa pra lá", disse Christiane, quando ele estendeu a mão para agarrar os preservativos. Quando a penetrou, sentiu que ela estava feliz. Uma das características mais surpreendentes do amor físico é, apesar de tudo, a sensação de intimidade, desde que haja um mínimo de afetividade recíproca. Desde os primeiros minutos, esquece-se todo formalismo e a amante, mesmo encontrada na véspera, parece ter direito a certas confidências que não se faria a mais nenhuma pessoa. Assim, Bruno, naquela noite, contou a Christiane coisas das quais nunca tinha falado com ninguém, nem mesmo com Michel — e menos ainda com seu psiquiatra. Falou-lhe da sua infância, da morte da avó e das humilhações no internato. Falou-lhe da adolescência e das masturbações no trem, a poucos metros das garotas; contou-lhe sobre os verões na casa do pai.

Christiane escutava acariciando-lhe os cabelos.

Passaram a semana juntos. Na véspera da partida de Bruno, jantaram num restaurante de frutos do mar, em Saint-George-de-Didonne. O ar estava calmo e quente. A chama da vela que iluminava a mesa praticamente não tremia. Tinham a vista do estuário da Gironda. Distinguiase, ao longe, a ponta de Grave. "Vendo a lua brilhando sobre o mar, percebo, com uma clareza inabitual, que não temos absolutamente ver com este mundo", disse Bruno.

— Precisas mesmo ir embora?

— Sim, tenho de passar 15 dias com meu filho. Na verdade, deveria ter ido embora na semana passada, mas não posso mais adiar. A mãe dele parte depois de amanhã.

— Que idade tem o teu filho?

— Doze anos.

Christiane refletiu. Bebeu um gole de muscadet. Usava um vestido branco longo. Tinha-se maquilhado e parecia uma garota. Percebia-se-lhe o contorno dos seios através do tecido transparente. A luz das velas acendia-lhe pequenas chamas nos olhos. "Acho que estou meio apaixonada." Bruno aguardou sem ousar fazer um gesto, numa perfeita imobilidade. "Moro em Noyon", continuou ela. "Tudo correu mais ou menos bem com meu filho até os 13 anos. Faltou-lhe, talvez, o pai, mas não sei... Será que as crianças precisam mesmo de um pai? Certo é que ele não precisava nenhum pouco do filho. No começo, cuidou um pouco dele; iam ao cinema ou ao McDonald's; trazia-o de volta sempre antes do tempo. Depois, mesmo isso começou a rarear; quando foi morar no Sul, com a nova namorada, deixou de vê-lo. Criei-o, de fato, quase sozinha. Talvez me tenha faltado autoridade. Há dois anos, ele começou a sair com más companhias. Para surpresa de muita gente, Noyon é uma cidade violenta. Há muitos negros e árabes; a extrema direita fez 40% dos votos na última eleição. Moro na periferia. A tampa da minha caixa de correspondência foi arrancada. Não posso deixar nada no depósito. Sinto, com frequência, medo. Às vezes, acontecem tiroteios. Ao voltar da escola, eu me tranco em casa. Nunca saio à noite. De vez em quando, satisfaço-me com o erotismo do Minitel rosa, e é tudo. Meu filho volta tarde, ou nem volta. Não me atrevo a dizer nada. Tenho medo que me bata."

— Moras longe de Paris?

Sorriu: "De jeito nenhum, fica no Oise, somente a 80 quilômetros..."

Calou-se e sorriu novamente. Tinha o rosto pleno de ternura e de esperança. "Eu amava a vida", continuou.

"Amava a vida, era de índole sensível e afetiva e sempre gostei de transar. Alguma coisa deu errado; não sei bem o que, mas algo deu errado na minha vida."

Bruno já tinha dobrado a barraca e arrumado as coisas no carro. Passou a última noite no trailer. De manhã, tentou penetrar Christiane, mas fracassou. Estava emocionado e nervoso. "Goza em cima de mim", pediu ela. E aspergiu o esperma sobre o rosto e os seios. "Vem me ver", pediu ainda quando ele saía. Promessa feita. Era sábado, 1º de agosto.

9

Ao contrário do que sempre fazia, Bruno seguiu por estradas secundárias. Parou pouco antes de chegar a Parthenay. Precisava refletir: sim, mas sobre o quê? Estacionara no meio de uma paisagem tediosa e calma, perto de um canal de águas quase imóveis. Plantas aquáticas cresciam ou apodreciam, difícil dizer. Vagas crepitações quebravam o silêncio — devia haver insetos no ar. Deitou-se no barranco coberto de grama. Percebeu uma fraca corrente aquática: o canal corria lentamente para o Sul. Não se sentia a presença de nenhuma rã.

Em outubro de 1975, pouco antes de entrar na faculdade, Bruno instalou-se no JK comprado pelo pai; teve, então, a impressão de que uma vida nova ia começar para ele. Desencantou-se rapidamente. Certo, havia garotas, até mesmo muitas garotas, inscritas em letras, em Censier, mas todas pareciam comprometidas ou, ao menos, não pareciam interessadas nele. Com o objetivo de fazer relações, ia a todas sessões de trabalho dirigido e seguia todas as disciplinas; rapidamente, tornou-se um bom aluno. No bar, via-as, ouvia-as conversar; elas saíam, encontravam amigos, trocavam convites para festas. Bruno passou a comer muito. Acostumou-se a um itinerário alimentar que descia o bulevar Saint-Michel. Começava com um hot-dog, na esquina da rua Gay-Lussac; prosseguia, mais abaixo, com uma pizza ou, às vezes, um sanduíche grego. No McDonald's, na esquina do bulevar Saint-Germain, engolia vários cheeseburgers com coca-cola e milk-shakes de bana

depois, descia, titubeando, a rua da Harpe, antes de terminar nas confeitarias tunisianas. Ao voltar para casa, parava na frente do Latin, que oferecia dois filmes pornográficos no mesmo programa. Ficava, certas vezes, uma meia hora na frente do cinema, fingindo examinar o trajeto dos ônibus, na esperança de ver, a qualquer momento, entrar uma mulher ou um casal. Na maior parte das vezes, acabava, apesar de tudo, por comprar ingresso; sentia-se melhor dentro da sala; a lanterninha era muito discreta. Os homens sentavam-se uns longe dos outros, com várias cadeiras de intervalo. Masturbava-se tranquilamente olhando Enfermeiras lúbricas, A caroneira sem calcinha, A professora de pernas abertas, As chupadoras e tantos outros filmes. O único momento delicado era o da saída: o cinema dava diretamente para o bulevar Saint-Michel; podia tropeçar numa garota da faculdade. Em geral, esperava que um tipo se levantasse e saía no seu calção; parecia-lhe menos desvalorizante ver filmes pornográficos entre amigos. Chegava em casa por volta da meia-noite; lia Chateaubriand ou Rousseau.

Uma ou duas vezes por semana, Bruno decidia mudar de vida, tomar uma direção radicalmente diferente. Eis como procedia. Antes de mais nada, ficava completamente nu e olhava-se no espelho: era preciso ir até o fim na autodepreciação; contemplar plenamente a abjeção da barriga inchada, das bochechas, da bunda já caída. Depois, apagava todas as luzes, juntava os pés, cruzava as mãos na altura do peito, inclinava ligeiramente a cabeça para a frente, buscando entrar melhor em si mesmo. Então, inspirava lenta, profundamente, inflando ao máximo a barriga asquerosa; em seguida, expirava, também bem devagar, pronunciando mentalmente um número. Todos os números eram importantes; não podia perder a concentração; mas os mais importantes eram quatro, oito e, obviamente, 16, o último número. Quando se levantasse, depois de ter contado o número 16, expirando com todas as

forças, seria um homem radicalmente novo, enfim pronto para viver, para mergulhar na corrente da existência. Não sentiria mais medo nem vergonha; comeria normalmente, agiria normalmente com as garotas: "Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida".

A pequena cerimônia não produzia nenhum efeito sobre a sua timidez, mas se mostrava, às vezes, eficaz contra a bulimia. Passavam-se, certas vezes, dois dias antes da recaída. Atribuía o fracasso a uma falha de concentração; depois, rapidamente, recomeçava a acreditar. Ainda era novo.

Uma noite, ao sair da confeitaria do Sul Tunisiano, encontrou Annick. Não a tinha visto depois do breve encontro do verão de 1974. Ainda mais feia, estava agora quase obesa. Os óculos quadrados, de aro preto e lentes grossas, diminuía-lhe ainda mais os olhos escuros, destacando-lhe a palidez doentia da pele. Tomaram um café juntos. Houve um momento de nítido constrangimento. Ela também estudava letras, na Sorbonne. Morava num quarto, ali mesmo, justo ao lado, que dava para o bulevar Saint-Michel. Deixou-lhe seu número de telefone.

Viu-a inúmeras vezes nas semanas seguintes. Demasiado humilhada pelo seu físico, recusava-se a ficar nua; mas, na primeira noite, propôs-lhe uma chupada. Não falou do aspecto físico; alegou que não estava tomando pílula. "Prefiro, garanto..." Nunca saía, passava as noites em casa. Preparava-se infusões; tentava fazer um regime; mas nada funcionava. Várias vezes, Bruno tentou despir-lhe a calça. Encolhia-se, afastava-o sem uma palavra, com violência. Batido, tirava o pau. Ela o chupava rapidamente, com muita força, até receber a ejaculação na boca. Vez ou outra, falavam dos estudos, mas não muito. Em geral, ele ficava pouco tempo. E bem verdade que não era horrível; mas dificilmente se imaginaria com ela na rua, num restaurante, na fila de um cinema. Empanturrava-se de guloseimas

tunisianas até quase vomitar; subia até a casa dela. depois de chupar ia embora. Era, provavelmente, melhor assim.

Na noite da morte de Annick, fazia um tempo agradável. Estava-se apenas no final de março, mas já era uma noite de primavera. Na confeitaria de sempre, Bruno comprou um longo cilindro recheado de amêndoas e desceu pela beira do Sena. O som dos alto-falantes de um barco de passeio retumbava no ar, reverberando nas paredes da Notre-Dame. Mastigou até o fim o seu doce pegajoso, coberto de mel, e sentiu, outra vez, um forte desprezo por si mesmo. Talvez fosse uma boa ideia, pensou, tentar ali mesmo, no coração de Paris, no meio do mundo e dos outros. Fechou os olhos, agachou-se, cruzou as mãos no peito. Lentamente, com determinação, começou a contar, num estado de concentração total.

Pronunciado o 16 mágico, abriu os olhos e ergueu-se com firmeza. O barco desaparecera. Não havia ninguém por perto. O tempo continuava agradável. Na frente do edifício de Annick, havia um pequeno aglomerado de gente contido por dois policiais. Bruno aproximou-se. O corpo da garota estava esmagado no chão, estranhamente retorcido. Os braços quebrados formavam dois apêndices em torno do crânio; uma poça de sangue cobria o que sobrara do rosto. Antes do impacto, num último reflexo, tinha tentado proteger a cabeça com as mãos. "Pulou do sétimo andar. Morreu na hora...", disse uma mulher perto dele, com estranha satisfação. Uma ambulância chegou. Desceram dois homens com uma maca. No momento em que a levantavam, viu o crânio esfacelado. Virou a cabeça. A ambulância partiu num uivo de sirenes. Assim terminou o primeiro amor de Bruno.



O verão de 1976 foi, provavelmente, o período mais atroz da sua vida; acabava de completar 20 anos. O calor era canicular, nem as noites traziam algum frescor. Desse ponto de vista seria um verão histórico. As garotas usavam vestidos curte 5 e transparentes, colados ao corpo pelo suor. Caminhava dias inteiros, com os olhos esbugalhados de desejo. Levantava-se de noite, atravessava Paris a pé, parava nos cafés ao ar livre, espreitava na entrada das discotecas. Não sabia dançar. Estava sempre com tesão. Tinha a impressão de carregar entre as pernas um pedaço de carne pulsante e putrefato, devorado pelos vermes. Inúmeras vezes, tentou falar com garotas na rua, só obtendo humilhações como respostas. À noite, olhava-se no espelho: os cabelos, grudados na cabeça pelo suor, começavam a cair na frente; as dobras da barriga apareciam sob a camiseta. Passou a frequentar os sex-shops e os peep-shows, só tendo por resultado a exacerbação dos sofrimentos. Pela primeira vez, foi às putas.

Um deslocamento sutil e definitivo produziu-se na sociedade ocidental em 1974-1975, pensou Bruno. Continuava deitado no barranco à beira do canal. O blusão servia-lhe de travesseiro. Arrancou um tufo de grama. Experimentou a rugosidade úmida. Naqueles mesmos anos em que tentava ter acesso à vida, as sociedades ocidentais deslizavam para alguma coisa sombria. No verão de 1976, já era evidente que tudo terminaria mal. A violência física,

manifestação mais perfeita da individuação, reapareceria no Ocidente depois do desejo.

10

Julian e Aldous

Quando é preciso modificar ou renovar a doutrina fundamental, as gerações sacrificadas, no meio das quais ocorrem as transformações, permanecem essencialmente alheias e, com frequência, tornam-se abertamente hostis a isso.

(Auguste Comte — *Apelo aos conservadores*)

Pelo meio-dia, Bruno voltou ao carro e entrou no centro de Parthenay. Bem pensado, decidiu pegar a autoestrada. De uma cabine, telefonou ao irmão — que atendeu imediatamente. Retornava a Paris e gostaria de vê-lo na mesma noite. Na manhã seguinte não seria possível, tinha o filho. Mas naquela noite, sim, parecia-lhe importante. Michel mostrou pouco entusiasmo. "Se tu queres...", disse, depois de um longo silêncio. Como a maioria das pessoas, considerava detestável a tendência à atomização social bem descrita pelos sociólogos e pelos comentaristas. Como a maioria das pessoas, achava necessário manter algumas relações familiares, mesmo ao custo de algum aborrecimento. Assim, durante anos, sentiu-se obrigado a passar o Natal na casa da tia Marie-Thérèse, que envelhecia ao lado do marido, gentil e quase surdo, num pavilhão de Rancy. O tio continuava a votar nos comunistas

e recusava-se a ir à missa da meia-noite; era a oportunidade, a cada vez, um discurso. Michel escutava o velho falar da emancipação dos trabalhadores bebendo licor de genciana; de vez em quando, gritava uma banalidade como resposta.

Depois, chegavam os demais, entre os quais a prima Brigitte. Gostava dela e desejava que fosse feliz, mas com um marido tão babaca era realmente muito difícil. Representante da Bayer, enganava a mulher sempre que possível. Bonito e sempre em deslocamento, era frequentemente possível. Cada ano, o rosto de Brigitte murchava um pouco mais.

Michel desistiu da visita anual em 1990. Restava-lhe Bruno. As relações familiares persistem alguns anos, por vezes algumas dezenas de anos; resistem, em verdade, muito mais tempo do que todas as outras; depois, finalmente, apagam-se.

Bruno chegou pelas 21 horas. Já tinha bebido um pouco e desejava abordar assuntos teóricos: "Sempre me impressionei com a precisão extraordinária das previsões de Aldous Huxley em *Admirável mundo novo*", começou, antes mesmo de sentar-se. "Quando se pensa que o livro foi escrito em 1932, é alucinante. Depois disso, a sociedade ocidental fez tudo para corresponder a esse modelo. Controle cada vez seguro da procriação, que acabará, um dia desses, totalmente separada do sexo, com a reprodução da espécie humana em laboratório, sob condições de segurança e de confiabilidade genética absolutas. Desaparecimento, por consequência, das relações familiares, das noções de paternidade e de filiação. Eliminação, graças aos progressos farmacêuticos, da distinção entre as idades da vida. No mundo descrito por Huxley, os homens de 60 anos têm as mesmas atividades, a mesma aparência física, os mesmos desejos que um rapaz

de 20 anos. Depois, quando não é mais possível lutar contra o envelhecimento, consente-se em desaparecer por eutanásia; muito discretamente, com muita rapidez, sem dramas. A sociedade descrita por *Brave New World* é uma sociedade feliz, livre da tragédia e dos sentimentos extremos. A liberdade sexual nela é total; nada mais serve de obstáculo à satisfação e ao prazer. Restam pequenos momentos de depressão, de tristeza e de dúvida que são facilmente tratados por via medicamentosa; a química e os ansiolíticos progrediram consideravelmente. 'Com um miligrama, curam-se dez sentimentos.' É exatamente o mundo ao qual, hoje, aspiramos, o mundo no qual, hoje, desejamos viver."

"Sei bem", continuou Bruno, com um gesto para descartar uma objeção não feita por Michel, "que se descreve, em geral, o universo de Huxley como um pesadelo totalitário, sendo o livro considerado como uma virulenta denúncia". "Trata-se pura e simplesmente de uma hipocrisia. Em todos os pontos, controle genético, liberdade sexual, luta contra o envelhecimento, civilização do lazer, *Brave New World* é para nós um paraíso, exatamente o mundo que tentamos, até agora sem sucesso, atingir. Só há uma coisa que contraria um pouco nosso sistema de valores igualitário — ou mais precisamente meritocrático: a divisão da sociedade em castas, destinadas a trabalhos diferentes em função de natureza genética. Mas foi justamente o único ponto sobre o qual Huxley se mostrou mau profeta; com o desenvolvimento da robotização e da automação, isso se tornou até certo ponto inútil. Aldous Huxley é, sem nenhuma dúvida, um péssimo escritor, de frases pesadas e sem graça, com personagens insípidos e mecânicos, mas teve a intuição — fundamental — de que a evolução das sociedades humanas era desde muitos séculos atrás, e seria cada vez mais, pilotada exclusivamente pela evolução científica e tecnológica. Faltou-lhe certamente elegância, psicologia, estilo; tudo isso, porém, conta pouco em

comparação com a pertinência da intuição inicial. E, antes de qualquer outro escritor, inclusive de ficção científica, compreendeu que, depois da física, caberia agora à biologia desempenhar um papel motor."

Bruno fez uma pausa. Percebeu então que o irmão tinha emagrecido ligeiramente. Parecia cansado, preocupado, mesmo um pouco desatento. De fato, fazia alguns dias que descuidava das compras. Ao contrário dos anos anteriores, havia muitos mendigos e jornaleiros diante do Monoprix. Estava-se, contudo, em pleno verão, estação na qual normalmente a pobreza faz-se menos impressionante. Como seria quando houvesse guerra?, perguntava-se Michel, observando pela vidraça o lento deslocamento dos pedintes. Como seria quando estourasse a guerra e fosse a volta das férias? Bruno serviu-se outro copo de vinho. Começava a sentir fome e surpreendeu-se um pouco quando o irmão lhe respondeu com uma frase cansada:

"Huxley pertencia a uma grande família de biólogos ingleses. Seu avô era amigo de Darwin e muito escreveu para defender as teses evolucionistas. Seu pai e seu irmão Julian também eram biólogos renomados. Faz parte da tradição inglesa ter intelectuais pragmáticos, liberais e céticos; muito diferente do Século das Luzes na França; muito mais baseado na informação, no método experimental. Durante toda a juventude, Huxley teve oportunidade de ver, em casa, economistas, juristas e, sobretudo, cientistas, convidados pelo pai. Entre os escritores da sua geração, era certamente o único capaz de pressentir os avanços que a biologia faria. Mas tudo isso teria andado mais rápido sem o nazismo. A ideologia nazista muito contribuiu para desacreditar as ideias de eugenia e de melhoria da raça. Foram necessárias várias décadas antes de voltar-se a isso".

Michel levantou-se, tirou da estante um volume intitulado Aquilo que ousou pensar. "Foi escrito por Julian Huxley, o irmão mais velho de Aldous, e publicado em 1931,

um ano antes de Admirável mundo novo. Todas as ideias sobre controle genético e aperfeiçoamento das espécies, inclusive da humana, estão sugeridas nele e postas em prática pelo irmão em seu romance. Tudo isso é apresentado sem ambiguidade, como um objetivo a ser alcançado."

Michel sentou-se de novo. Enxugou a testa. "Depois da guerra, em 1946, Julian Huxley foi nomeado diretor-geral da UNESCO, que acabava de ser criada. No mesmo ano, o irmão publicou Retorno ao admirável mundo novo, no qual tenta apresentar seu primeiro livro como uma denúncia, uma sátira. Alguns anos mais tarde, Aldous Huxley tornou-se uma referência teórica fundamental da experiência hippie. Sempre fora partidário da inteira liberdade sexual e desempenhara papel de pioneiro no uso de drogas psicodélicas. Todos os fundadores de Esalen o conheciam e tinham sido influenciados por seu pensamento. O New Age, na sequência, retomou integralmente os temas essenciais de Esalen. Aldous Huxley, na realidade, é um dos pensadores mais influentes do século."

Foram jantar no restaurante da esquina, onde se comia uma fondue chinesa para duas pessoas por 270 francos. Fazia três dias que Michel não saía.

"Não comi hoje", observou com leve surpresa; ainda tinha na mão o livro.

"Huxley publicou *A ilha*, seu último livro, em 1962", prosseguiu, mastigando o arroz empapado. "A ação ocorre numa ilha tropical paradisíaca — a vegetação e a paisagem refletem, provavelmente, o Sri Lanka. Nessa ilha, desenvolveu-se uma civilização original, fora das grandes correntes comerciais do século XX, ao mesmo tempo bastante avançada no plano tecnológico e protetora da natureza; tranquila, completamente livre das neuroses familiares e das inibições judaico-cristãs. Lá, a nudez era

natural; a volúpia e o amor, praticados livremente. Esse livro medíocre, mas fácil de ler, desempenhou uma enorme influência Junte aos hippies e, através deles, sobre os adeptos do New Age. Bem observada, a comunidade harmoniosa descrita em *A ilha* tem muitos pontos em comum com a de *Admirável mundo novo*. De fato, o próprio Huxley, vítima da paparicação, parece não ter tomado consciência da semelhança, mas a sociedade descrita em *A ilha* está tão próxima do *Admirável mundo novo* quanto a sociedade hippie libertária está próxima da sociedade burguesa liberal ou, antes, da sua variante social-democrata sueca."

Parou de falar, molhou um camarão enorme no molho picante, soltou os pauzinhos. "Como o irmão, Aldous Huxley era um otimista", disse, finalmente, com uma ponta de desgosto. "A mutação metafísica que gerou o materialismo e a ciência moderna teve duas grandes consequências: o racionalismo e o individualismo. Huxley errou na avaliação da relação de forças entre essas duas consequências. Especificamente, errou ao subestimar o crescimento do individualismo, produzido por uma maior consciência da morte. Do individualismo nascem a liberdade, a consciência do eu, a necessidade de distinguir-se e de ser superior aos outros. Numa sociedade racional como a descrita em *Admirável mundo novo*, a luta pode ser atenuada. A competição econômica, metáfora da dominação do espaço, não tem mais sentido numa sociedade rica, na qual os fluxos econômicos estão sob controle. A competição sexual, metáfora pelo viés da procriação do controle do tempo, não tem mais sentido numa sociedade em que a separação sexo-procriação realizou-se perfeitamente; mas Huxley esquece-se de considerar o individualismo. Não compreendeu que o sexo, dissociado da procriação, subsiste menos como princípio do prazer do que como princípio de diferenciação narcísica; o mesmo vale para o desejo de riqueza. Por que o modelo da social-democracia

sueca nunca conseguiu suplantar o liberal? Por que nunca foi sequer experimentado no campo da satisfação sexual? Porque a mutação metafísica desencadeada pela ciência moderna leva somente à individuação, à vaidade, ao ódio e ao desejo. Em si, o desejo — ao contrário do prazer — é fonte de sofrimento, ódio e infelicidade. Isso, todos os filósofos — não apenas os budistas, não somente os cristãos, mas todos os filósofos dignos desse nome — souberam e ensinaram. A solução dos utopistas — de Platão a Huxley, passando por Fourier — consiste em eliminar o desejo e os sofrimentos consequentes através da satisfação imediata. Ao contrário, a sociedade erótico-publicitária em que vivemos dedica-se a organizar o desejo, a desenvolvê-lo em proporções inusitadas, sempre mantendo a satisfação na esfera privada. Para que a sociedade funcione, para que a competição continue, o desejo deve crescer, estender-se e devorar a vida dos homens." Secou a testa, extenuado. Não havia tocado na comida.

"Existem corretivos, pequenos corretivos humanos", balbuciou Bruno. "Enfim, coisas que permitem esquecer a morte. Em Admirável mundo novo, são os ansiolíticos e os tranquilizantes. Em A Ilha, a meditação, as drogas psicodélicas, alguns vagos elementos de religiosidade hindu. Na prática, hoje, as pessoas tentam fazer uma pequena mistura dos dois."

— Julian Huxley também aborda as questões religiosas em Aquilo que ousou pensar. Dedicou a isso toda a segunda parte do livro — retorquiu Michel, com desgosto cada vez maior. — Tem clara consciência de que os progressos da ciência e do materialismo minaram as bases das religiões tradicionais; mas sabe também que nenhuma sociedade pode subsistir sem religião. Por mais de 100 páginas, tenta assentar as bases de uma religião compatível com o desenvolvimento da ciência. Não se pode dizer que o resultado seja muito convincente; não se pode tampouco dizer que a evolução das nossas sociedades tenha tomado

esse rumo. Na realidade, toda esperança de fusão tendo sido liquidada pela evidência da morte física, a vaidade e a crueldade só podem ampliar-se. Em compensação — concluiu estranhamente — o mesmo vale para o amor.

11

Depois da visita de Bruno, Michel passou deitado duas semanas inteiras. De fato, perguntava-se, como poderia uma sociedade subsistir sem religião? Já, no caso de um indivíduo, isso parecia difícil. Durante vários dias, contemplou o aquecedor situado à esquerda da sua cama. Em uso, as estrias enchiam-se de água quente; era um mecanismo útil e engenhoso; mas quanto tempo poderia a sociedade ocidental resistir sem uma religião qualquer? Criança, gostava de regar as plantas da horta. Guardava uma foto quadrada, em preto-e-branco, na qual segurava um regador sob o olhar atento da avó; devia ter uns seis anos. Mais tarde, adorava fazer as compras; com o troco do pão, tinha o direito de comprar uma bala Carambar.¹ Em seguida, buscava o leite na granja; balançava o tarro de alumínio com o líquido ainda quente; sentia um pouco de medo, ao cair da noite, ao longo do caminho vazio bordado de espinheiros. Agora, cada ida ao supermercado era para ele um calvário. Contudo, mudavam os produtos e apareciam, incessantemente, novas linhas de congelados para celibatários. Recentemente, vira, no Monoprix, pela primeira vez, um *steak* de avestruz.

Para permitir a reprodução, as duas placas componentes do DNA separam-se antes de atrair, cada uma do seu lado, nucleídeos complementares. Perigoso, no momento da separação podem ocorrer mutações incontroláveis, o mais frequente nefastas. Os efeitos de estimulação intelectual do

jejum são reais e, ao final da primeira semana, Michel intuiu que uma reprodução perfeita seria impossível enquanto a molécula do DNA tivesse a forma de hélice. Para obter uma réplica não degradada numa sucessão indefinida de gerações celulares, seria, provavelmente, necessário que a estrutura contendo a informação genética tivesse uma topologia compacta — por exemplo a de uma fita de Moebius ou de um toro.

Menino, não podia suportar a degradação natural dos objetos, as quebras, o desgaste pelo uso. Assim, conservava durante anos, reparando-os ao infinito, enfaixando-os com *scotch*, os dois pedaços quebrados de uma pequena régua branca de plástico. Por causa da espessura da fita acrescentada, a régua não era mais reta, não servia mais para desenhar linhas, não preenchia mais a sua função de régua; contudo, guardava-a. Nova quebra. Mais um pouco de fita. E de volta para o estojo.

Um dos traços de gênio de Dzerjinski, escreveria Frédéric Hubczejak muitos anos depois, foi ter conseguido superar a sua primeira intuição que via na reprodução sexual uma fonte de mutações deletérias. Desde milhares de anos, sublinhava ainda Hubczejak, todas as culturas humanas carregavam essa intuição, mais ou menos formulada, de uma relação indissociável entre o sexo e a morte; um pesquisador que acabasse de estabelecer esse vínculo, com argumentos irrefutáveis tirados da biologia molecular, ficaria normalmente por ali, considerando a tarefa como cumprida. Dzerjinski, entretanto, intuiu que seria preciso ultrapassar os limites da reprodução sexuada para examinar, em todos os seus aspectos, as condições topológicas da divisão celular.

Desde o primeiro ano na escola primária de Charny Michel chocara-se com a brutalidade dos garotos. É verdade que se tratava de filhos de camponeses, logo de

pequenos animais, ainda próximos da natureza. Mas dava mesmo para surpreender a alegria natural, instintiva, com que picavam sapos com a ponta dos compassos ou das canetas. A tinta violeta disseminava-se na pele do animal infeliz que expirava, lentamente, por asfixia. Em círculo, com os olhos brilhantes, contemplavam-lhe a agonia. Outra das brincadeiras prediletas era cortar as antenas dos caracóis com as tesouras de aula. Toda a sensibilidade do caracol concentra-se nas antenas, terminadas por olhinhos. Sem elas, o bicho não é mais do que uma massa mole, doente e desamparada. Rapidamente Michel compreendeu que seria bom manter certa distância dos pequenos brutos; em contrapartida, havia pouco a temer das garotas, seres mais doces. Essa primeira intuição da vida foi completada pela Vida dos animais, que passava na televisão todas as quartas-feiras à noite. Em meio a essa imundície cruel, à carnificina da natureza animal, o único traço de devoção e de altruísmo vinha do amor materno, ou de um instinto de proteção, enfim alguma coisa que insensível e gradualmente levava ao amor materno. A fêmea calamar, uma coisinha patética de 20 centímetros de comprimento, ataca sem hesitar o mergulhador que se aproxima dos seus ovos.

Passados 30 anos, mais uma vez só podia chegar à mesma conclusão: decididamente as mulheres eram melhores do que os homens: mais carinhosas, mais amantes, mais compreensivas e mais doces; menos inclinadas à violência, ao egoísmo, à autoafirmação, à crueldade. Além disso, mais razoáveis, mais diligentes e mais trabalhadoras.

No fundo, perguntava-se Michel, observando o movimento do sol sobre as cortinas, para que serviam os homens? É que, em épocas anteriores, quando os ursos eram numerosos, a virilidade tenha desempenhado um papel específico e insubstituível; mas já fazia alguns séculos que os homens visivelmente não serviam para mais

nada. Matavam o tédio, às vezes, mal menor, jogando tênis, mas, outras vezes, acharam útil fazer avançar a história, ou seja, essencialmente, provocar revoluções e guerras. Afora os absurdos sofrimentos que provocavam, as revoluções e as guerras destruíam o melhor do passado, obrigando, a cada vez, a fazer tábula rasa para reconstruí-lo. Não inscrita no curso regular de uma ascensão progressiva, a evolução humana tornava-se assim caótica, desestruturada, irregular e violenta.

Os homens (com o gosto pelo risco e pelo jogo, com a vaidade grotesca, a irresponsabilidade e a violência inerente) eram direta e exclusivamente os responsáveis por tudo isso. Um mundo composto de mulheres seria, sob todos os pontos de vista, infinitamente superior; evoluiria mais lentamente, mas com regularidade, sem retrocessos e reviravoltas nefastas, rumo a um estado de felicidade comum.

Na manhã de 15 de agosto, levantou-se e saiu, esperando não encontrar ninguém na rua; quase isso. Fez algumas anotações, que reencontraria uns 15 anos mais tarde, quando redigia a sua publicação mais importante, Prolegômenos à replicação perfeita.

No mesmo momento, Bruno levava, à casa da ex-mulher, o seu filho; sentia-se esgotado e desesperado. Anne devia estar de volta de alguma expedição Nouvelle Frontières à ilha de Páscoa ou ao Benin, não lembrava mais; teria, provavelmente, feito amigas — trocado endereços — que veria duas ou três vezes antes de deixar pra lá; mas não devia ter arranjado homens. Bruno tinha a impressão de que, em se tratando de homens, tinha desistido completamente. Ela o reteria, à parte, durante dois minutos para saber "como tinha sido". "Bem", seria a resposta, num tom calmo e confiante, como as mulheres gostam; mas, com

um toque de humor, acrescentaria: "Victor, apesar de tudo, olhou bastante televisão".

Sentir-se-ia mal rapidamente, pois Anne, depois de parar, não suportava que ninguém fumasse na casa dela; seu apartamento exibia o bom gosto na decoração. Na hora de ir embora, sentiria remorsos e se perguntaria como fazer para que as coisas fossem diferentes. Beijaria rapidamente Victor e partiria. Pronto: as férias com o filho estariam terminadas.

Em realidade, as duas semanas tinham sido um calvário. Deitado no seu colchão, com uma garrafa de Bourbon ao alcance, Bruno escutava os ruídos do filho na peça ao lado: a descarga que puxava depois de mijar, os bips do controle remoto. Exatamente como o irmão, no mesmo instante, contemplava estupidamente, sem o saber, durante horas, as tubulações do aquecedor. Victor dormia no sofá-cama da sala e olhava televisão 15 horas por dia. De manhã, quando Bruno acordava, a televisão já estava ligada nos desenhos animados de M6. Victor usava um fone; não era violento nem tentava ser desagradável; mas ele e o pai não tinham mais absolutamente nada para dizer-se. Duas vezes por dia, Bruno esquentava um prato pronto; comiam, face a face, praticamente sem falar.

Como as coisas tinham chegado a esse ponto? Fazia alguns meses que Victor estava com 13 anos; ainda alguns anos antes, fazia desenhos que mostrava ao pai. Copiava personagens de *Marvel Comics: Fatalis, Fantastik, o Faraó do Futuro* que recolocava em cena em situações inéditas. Às vezes, jogavam uma partida de "*mille bornes*" ou iam ao Museu do Louvre aos domingos pela manhã. Para o aniversário de Bruno, Victor, então com dez anos, escreveu numa folha de papel canson, com grandes letras multicoloridas: "PAPAI, EU TE AMO". Nada mais restava disso. Tinha realmente acabado. E, Bruno bem o sabia, as coisas ainda iriam agravar-se: a indiferença recíproca ia, progressivamente, transformar-se em ódio. Em dois anos,

quando muito, o filho tentaria sair com meninas de 15 anos de idade; essas meninas, de 15 anos, Bruno também desejaTM Aproximavam-se do estado de rivalidade, estado natural das homens. Eram como animais em luta na mesma jaula, o tempo.

Ao voltar para casa, Bruno comprou duas garrafas de licor de anis num mercado árabe; depois, antes de cair de bêbado, telefonou ao irmão para vê-lo no dia seguinte. Quando chegou na casa de Michel, este, tomado de uma fome voraz, findo o período de jejum, devorava fatias de salsichão italiano, empurradas por grandes copos de vinho. "Bebe, Bebe...", disse vagamente. Bruno teve a impressão de que quase não era ouvido. Era como falar com um psiquiatra ou com uma parede. Falou, apesar de tudo.

"Durante vários anos meu filho pediu-me que o amasse; eu estava deprimido, descontente com a vida e rejeitei-o — esperando melhorar. Não sabia, então, que aqueles anos seriam breves. Entre sete e 12 anos, a criança é um ser maravilhoso, gentil, razoável e aberto. Vive na razão perfeita e na alegria. Cheio de amor, contenta-se com o amor que se queira dar-lhe. Depois, tudo se estraga. Irremediavelmente tudo se estraga."

Michel engoliu as últimas fatias de salsichão e serviu-se outro copo de vinho. As mãos tremiam-lhe bastante. Bruno prosseguiu: "É difícil imaginar alguém mais babaca, mais agressivo, mais insuportável e mais odioso do que um pré-adolescente, especialmente quando está junto com outros garotos de sua idade. O pré-adolescente é um monstro duplicado em imbecil, de um conformismo quase inacreditável; parece a cristalização súbita, maléfica (e imprevisível, considerando-se a criança) do que há de pior no homem. Como, a partir daí, duvidar que a sexualidade não seja uma força absolutamente má? E como as pessoas suportam viver sob o mesmo teto que um pré-adolescente?"

"Minha tese é que só conseguem porque também levam uma vida absolutamente vazia. A minha vida também é vazia e, contudo, não consegui suportar isso. De toda maneira, todo mundo mente, de maneira grotesca. Estamos divorciados, mas somos bons amigos. Fica-se com o filho um final de semana a cada 15 dias; calhordice. Inteira e completa calhordice. Na realidade, nunca os homens se interessaram pelos filhos, nunca sentiram por eles amor, sentimentos que lhes é totalmente estranho. Conhecem apenas o desejo, o desejo sexual em estado bruto e a competição entre machos; e mais tarde, muito mais tarde, dentro do casamento, podiam, outrora, chegar a sentir algum reconhecimento pela companheira — quando esta lhes deu filhos, cuidou bem da família, mostrou-se boa cozinheira e boa amante; sentiam então prazer em dormir na mesma cama."

"Talvez não fosse isso que as mulheres desejavam; talvez houvesse um mal-entendido, mas esse sentimento podia ser muito forte — e mesmo se sentiam uma excitação, de resto decrescente, a matar uma bundinha de vez em quando, não podiam, literalmente, viver sem a esposa; quando, por infelicidade, esta falecia, começavam a beber e morriam rapidamente, em geral, em poucos meses. Já os filhos representavam a transmissão de uma situação, de regras e de um patrimônio. Era bem o caso nas camadas feudais, mas também entre os comerciantes, os camponeses, os artesãos, em todas as classes da sociedade, de fato. Hoje, nada disso existe mais: sou assalariado, inquilino, nada tenho para transmitir a meu filho. Não tenho nenhuma profissão para ensinar-lhe, nem sequer sei o que ele poderá fazer mais tarde; as regras que conheci, de toda maneira, não valerão mais para ele, que viverá noutro universo. Aceitar a ideologia da mudança permanente significa aceitar que a vida de um homem seja estritamente reduzida à existência individual, e que as gerações passadas e futuras não tenham mais nenhuma importância. Vivemos

assim e ter um filho, hoje, não tem mais nenhum sentido para o homem. O caso das mulheres é diferente, pois elas continuam a sentir a necessidade de ter um ser para amar — o que não é e nunca foi o caso dos homens. É falso pretender que os homens também precisam embalar, brincar com os filhos, afagar-lhes. Por mais que se repita isso nos últimos anos, continua falso. Consumado o divórcio, a estrutura familiar rompida, as relações com os filhos perdem o sentido. O filho torna-se a armadilha que prende, o inimigo a ser sustentado e que sobreviverá ao genitor."

Michel levantou-se, andou até a cozinha, serviu-se um copo de água. Via círculos coloridos rodopiando a meia altura e começava a sentir vontade de vomitar. Precisava, em primeiro lugar, interromper o tremor das mãos. Bruno tinha razão, o amor paterno era uma ficção, uma mentira. Uma mentira é útil quando permite transformar a realidade, pensou; mas quando a transformação fracassa, só restam a mentira, a amargura e a consciência da mentira.

Voltou para a sala. Bruno estava atirado no sofá, como morto. A noite caía entre os edifícios. Depois de mais um dia asfixiante, a temperatura voltava a ser suportável. Michel observou, de repente, a gaiola vazia na qual o seu canarinho vivera durante muitos anos. Precisava jogar aquilo fora, pois não pretendia arranjar outro bicho. Fugazmente, pensou na vizinha da frente, a redatora de 20 Anos. Fazia meses que não a via; devia ter-se mudado. Obrigou-se a prestar atenção nas próprias mãos; constatou que a tremedeira tinha diminuído ligeiramente. Bruno permanecia imóvel. O silêncio entre eles durou ainda alguns minutos.

¹ Espécie de balas, muito populares, que trazem na embalagem piadas e adivinhações. (N.T.)

12

"Conheci Anne em 1981", prosseguiu Bruno, com um suspiro. "Não era muito bonita, mas eu estava de saco cheio de me masturbar. Bom era que ela tinha seios fartos. Sempre gostei de seios grandes...", suspirou de novo, longamente. "Minha BCBG¹ protestante de seios fartos..." Para grande surpresa de Michel, ficou com os olhos cheios de lágrimas. "Mais tarde, os seios caíram, e nosso casamento também foi para o saco. Estraguei a vida dela. Nunca esquecerei isso: destruí a vida dessa mulher. Ainda tem vinho?"

Michel foi buscar uma garrafa na cozinha. Tudo aquilo era meio absurdo; sabia que Bruno tinha frequentado por algum tempo um psiquiatra. Sempre se tenta minimizar o sofrimento. Enquanto o sofrimento da confissão parece menos forte, fala-se; depois, a gente cala, desiste, fica-se sozinho. Se Bruno sentia de novo a necessidade de revisitar o fracasso da sua vida, era por, certamente, esperar algo, um novo começo; bom sinal, provavelmente.

"Não é que fosse feia", continuou Bruno, "mas seu rosto era banal, sem graça". "Nunca teve a fineza, a luz irradiadas, por vezes, pelo rosto das moças. Com suas pernas pesadonas, não podia usar minissaia; ensinei-lhe a usar miniblusas, sem sutiã; é muito excitante ver os seios grandes de baixo. Meio incomodada, acabou por aceitar. Não conhecia nada de erotização, de lingerie, não tinha experiência. Aliás, falo dela mas acho que tu a conheces?"

— Fui ao teu casamento...

— É verdade — assentiu Bruno, com uma estupefação próxima da estupidez. — Lembro que a tua presença me surpreendeu. Eu pensava que não querias mais conversa comigo.

— Eu não queria mais conversa contigo.

Michel pensou naquele momento e perguntou-se o que o teria levado a uma cerimônia tão sinistra. Revia o templo em Neuilly, a sala quase nua, de uma austeridade deprimente, mais da metade preenchida por uma assembleia sem ostentação. O pai da noiva atuava nas finanças. "Eram de esquerda, de resto todo mundo era de esquerda na época", disse Bruno. "Achavam normal que eu vivesse com a filha deles antes do casamento; casamos porque ela estava grávida, enfim, o de sempre." Michel lembrou-se das palavras do pastor que ressoavam com nitidez na sala fria: tratavam de Cristo homem verdadeiro e Deus verdadeiro, da nova aliança do Eterno com o seu povo; enfim, era difícil saber do que se tratava realmente. Ao final de 45 minutos nesse regime, estava num estado próximo da sonolência; acordou-se bruscamente ao ouvir esta fórmula: "Que o Deus de Israel vos abençoe, ele que teve piedade das crianças abandonadas". Teve dificuldade para situar-se: estava-se entre judeus? Levou um minuto antes de compreender que se tratava do mesmo Deus. O pastor, suavemente, encadeava as coisas, sempre com mais convicção: "Amar a mulher é amar a si mesmo. Nenhum homem jamais odiou a sua própria carne; ao contrário, alimenta-a e cuida dela, como fez Cristo com a Igreja; pois somos membros de um mesmo corpo, somos da sua carne e dos seus ossos. Eis por que o homem deixará pai e mãe e se unirá à mulher, e juntos se tornarão uma só carne. Esse mistério é grande, afirmo, em relação ao Cristo e à Igreja". Com efeito, a fórmula acertava na mosca: juntos se tornam

uma só carne. Michel meditou sobre essa perspectiva algum tempo; deu uma olhada para Arme: calma e concentrada, parecia reter a respiração; estava quase bela. Provavelmente estimulado pela citação de São Paulo, o pastor continuava com uma energia crescente. "Senhor, olha com bondade a tua serva; no momento de unir-se ao esposo pelo casamento, ela pede a tua proteção. Faz com que reste em Cristo uma esposa fiel e casta, e que sempre siga os exemplos das mulheres santas: que seja amável com o esposo como Raquel; sensata como Rebeca; fiel como Sara. Que reste obediente aos mandamentos, unida ao esposo, que evite toda má relação; que sua reserva mereça a estima; que seu pudor inspire o respeito; que seja instruída das coisas de Deus. Que tenha uma maternidade fecunda; que os dois vejam os filhos dos seus filhos até a terceira e quarta gerações. Que alcancem uma velhice feliz; e que conheçam o repouso dos eleitos no Reino dos céus." Michel abriu espaço na multidão para aproximar-se do altar, provocando em torno dele olhares irritados. Parou a três fileiras de distância; assistiu à troca das alianças. O pastor pegou as mãos dos esposos, a cabeça baixa, numa concentração impressionante. O silêncio dentro do templo era total. Depois, levantou a cabeça e em voz alta, ao mesmo tempo enérgica e desesperada, de surpreendente intensidade expressiva, exclamou com violência: "Que o homem não separe o que Deus uniu!"

Mais tarde, Michel aproximou-se do pastor que arrumava seus instrumentos. "Fiquei muito interessado no que o senhor disse há pouco..." O homem de Deus sorriu com urbanidade. Michel enveredou então pelas suas experiências de Aspect e pelo paradoxo EPR: quando duas partículas foram reunidas, formam um todo inseparável, "o que me parece totalmente em relação com a história de uma só carne". O sorriso do pastor crispou-se ligeiramente. Michel, animado, prosseguiu: "Quero dizer que, no plano ontológico, pode-se associar-lhes um vetor de estado único

num espaço de Hilbert. Compreende o que quero dizer?" Olhando em torno, o servidor de Cristo murmurou: "Claro, claro..." "Desculpe-me", disse, bruscamente, antes de virar-se para o pai da noiva. Apertaram-se longamente a mão, abraçaram-se. "Belíssima celebração, magnífica...", disse, com emoção, o especulador.

— Não ficaste na festa... — lembrou-se Bruno. — Era meio constrangedor, eu não conhecia ninguém, apesar de ser meu casamento. Meu pai chegou muito atrasado, mas, pelo menos, apareceu. Mal barbeado, com a gravata torta, parecia um velho caco libertino. Tenho certeza de que os pais de Anne teriam preferido outro partido, mas, bom, burgueses protestantes de esquerda, guardavam, apesar de tudo, certo respeito pelo magistério. Além disso, eu era *agrégé* e ela só possuía o CAPES.² Terrível mesmo é que sua irmã mais nova era linda. Parecia-se com ela; também tinha seios fartos; mas em vez de ser banal, o seu rosto era esplêndido. Coisa de detalhe, da composição dos traços... É duro. Suspirou mais uma vez e serviu-se outro copo.

"Tive meu primeiro emprego no início do escolar de 1984, no Liceu Carnot, em Dijon. Anne estava com seis meses de gravidez. Aí está: éramos professores, um casal de professores; restava-nos levar uma vida normal. Alugamos um apartamento na rua Vannerie, a dois passos do trabalho. 'Não são os preços de Paris, tampouco a vida de Paris, mas, esperem para ver, é muito alegre no verão, com os turistas e muitos jovens durante o festival de música barroca', explicou a garota da agência. Música barroca?"

"Compreendi imediatamente que estava perdido. Não era a vida de Paris', isso tanto me fazia, pois tinha sido contentemente infeliz em Paris. Simplesmente, eu desejava todas as mulheres, exceto a minha. Em Dijon, como em

todas as cidades do interior, existem muitas ninfetas; é bem pior do que em Paris. A moda, naqueles anos, tornava-se cada vez mais sexy. Era insuportável todas aquelas garotas com seus rostinhos, saias curtas e risinhos. Eu as via durante o dia, na aula; eu as via ao meio-dia, no Penalty, o bar ao lado do liceu, onde conversavam com os garotos, enquanto eu ia almoçar em casa. Eu as via ainda no sábado à tarde, nas ruas comerciais da cidade, comprando roupas e discos. Anne olhava coisas de bebê. Tudo ia bem na gravidez; provavelmente, ela estava feliz; dormia muito, comia tudo o que queria, não transávamos mais, mas acho que nem percebia. Durante as sessões preparatórias ao parto, simpatizara com outras mulheres; andava sociável, sociável e simpática, mulher de trato fácil. Quando soube que esperava um menino, sofri um choque terrível. Não podia ser pior. Eu deveria estar feliz, mas, aos 28 anos, já me sentia morto."

"Victor nasceu em dezembro. Lembro-me do seu batizado, na igreja Saint-Michel. Perturbador. 'Os batizados tornam-se pedras vivas para a construção de um edifício espiritual, para um santo sacerdócio', disse o padre. Victor estava vermelho e todo apertado na sua roupinha de renda branca. Havia uma dezena de famílias no batizado coletivo, como na Igreja primitiva. 'O batismo incorpora à Igreja', afirmou o padre, 'faz-nos membros do corpo de Cristo'. Anne segurava-o no colo. Victor pesava quatro quilos. Comportado, não chorou nada. 'Desde então, não somos membros uns dos outros?', indagou o padre. Olhamo-nos, entre pais, meio em dúvida. Depois, o padre derramou a água benta, por três vezes, na cabeça de meu filho. Em seguida, ungiu-o com o santo óleo, perfumado, que, consagrado pelo bispo, simbolizava o dom do Espírito Santo, disse o padre. Dirigiu-se então ao menino: 'Victor, tornaste-te agora um cristão. Por esta unção do Espírito Santo, és incorporado ao Cristo. Participas doravante da sua missão profética, sacerdotal e real'. Isso me

impressionou tanto que entrei para o grupo Fé e Vida, que se reunia todas as quartas-feiras. Havia uma jovem coreana, muito bonita, que imediatamente tive vontade de comer. Situação delicada, pois ela sabia do meu casamento. Anne recebeu o grupo em nossa casa, num sábado, e a coreana sentou-se no sofá, com uma saia curta; olhei para as pernas dela a tarde inteira, mas ninguém percebeu."

"Durante as férias de fevereiro, Anne foi, com Victor, para a casa dos pais. Fiquei sozinho em Dijon. Fiz uma nova tentativa para tornar-me católico; deitado em meu colchão Épéda, lia O Mistério dos santos inocentes, bebendo licor de anis. Péguy é belíssimo, realmente esplêndido, mas isso terminou por deprimir-me completamente. Todas aquelas histórias de pecado e de perdão dos pecados, e Deus que se regozija mais com o retorno do pecador do que com a salvação de mil justos... Eu adoraria ser um pecador, mas não o conseguia. Sentia que me tinham roubado a juventude. Todo o meu desejo era de que vadias com lábios polpudos me chupassem o pau. Havia muitas assim nas discotecas e, durante a ausência de Anne, fui várias vezes ao Slow Rock e ao Inferno; mas elas saíam com outros e chupavam outros paus; e isso, eu quase não conseguia suportar."

"Era a época da explosão do Minitel rosa, havia muita efervescência em torno disso, e passei noites inteiras conectado. Victor dormia em nosso quarto, mas não incomodava, não havia problema. Senti muito medo quando chegou a primeira conta do telefone. Peguei-a na caixa de correspondência e abri o envelope a caminho do trabalho: 14 mil francos. Felizmente, tinha dinheiro na poupança e transferi tudo para a nossa conta corrente. Anne não percebeu nada." "A possibilidade de viver começa no olhar do outro. Progressivamente, percebi que meus colegas, os professores do Liceu Carnot, olhavam-me sem ódio nem acrimônia. Não se sentiam em competição comigo; integrávamos a mesma equipe; eu era um deles."

Ensinaram-me a importância das coisas simples. Tirei carteira de motorista e comecei a interessar-me pelos catálogos CAMIF de venda por correspondência. Chegada a primavera, passamos algumas tardes no gramado dos Guilmard, que moravam numa casa muito feia, em Fontaine-les-Dijon, mas com um gramado extenso, arborizado e muito agradável. Guilmard lecionava matemática e tínhamos mais ou menos as mesmas turmas. Alto, magro, vergado, cabelos avermelhados, com uma mecha caída, lembrava um pouco um contador alemão. Junto com a mulher, assava a carne ao ar livre."

"A tarde passava, falávamos de férias, estávamos meio fodidos; em geral, éramos quatro ou cinco casais de professores. Enfermeira, a mulher de Guilmard tinha a reputação de ser uma supervadia; de fato, quando se sentava na grama, via-se que não usava nada sob a saia. Eles passavam as férias no Cabo de Agde, no setor naturista. Creio também que frequentavam uma sauna para casais, na praça Bossuet — enfim, foi o que ouvi dizer. Nunca ousei falar disso com Anne, mas eu os achava simpáticos, com aquele ar social-democrata — nada a ver com os hippies que andavam grudados na minha mãe nos anos 70. Bom professor, Guilmard nunca deixava de ficar depois da aula para ajudar um aluno em dificuldade. Ensinava também os deficientes, acho."

Bruno calou-se de repente. Ao final de alguns minutos, Michel levantou-se, abriu a porta da sacada e saiu para respirar o ar da noite.

A maioria das pessoas que conhecia tinha vivido como Bruno. Afora alguns setores de altíssimo nível, entre os quais a publicidade ou a moda, é relativamente fácil ser aceito fisicamente no meio profissional, os *dress-codes* sendo limitados e implícitos. Depois de alguns anos de trabalho, o desejo sexual desaparece, as pessoas voltam-se para a gastronomia e os vinhos; alguns dos seus colegas, muito mais jovens do que ele, já haviam começado a formar

uma cave. Não era o caso de Bruno, que não fizera nenhuma observação sobre o vinho um Vieux Papes de 11,95 francos. Meio que se esquecendo da presença do irmão, Michel, apoiando-se no parapeito, olhou os edifícios. Já era noite; quase todas as luzes estavam apagadas naquele último dia do final de semana de 15 de agosto.

Voltou para junto de Bruno. Sentou-se perto dele. Ficaram com os joelhos quase colados. Podia-se considerar Bruno como um indivíduo? O apodrecimento dos seus órgãos pertencia-lhe; era a título individual que experimentaria o declínio físico e a morte. Por outro lado, sua visão hedonista da vida, os campos de força que lhe estruturavam a consciência e os desejos pertenciam ao conjunto da sua geração. Assim como a instalação de um experimento e a escolha de um ou de vários observáveis permitem estabelecer num sistema atômico determinado comportamento — seja corpuscular, seja ondulatório —, também Bruno podia aparecer como um indivíduo, mas de outro ponto de vista, não era mais do que um elemento passivo do desdobramento de um movimento histórico. As suas motivações, valores, desejos, nada disso o diferenciava, por pouco que fosse, dos seus contemporâneos. A primeira reação de um animal frustrado é geralmente tentar, com mais força, alcançar o objetivo. Por exemplo, uma galinha com fome (*Gallus domesticus*), impedida de alcançar o alimento por uma tela de arame, tentará, com esforços cada vez mais frenéticos, vencer a grade. Pouco a pouco, no entanto, esse comportamento será substituído por outro, aparentemente sem objeto. Assim os pombos [*Columba livid*] bicam incessantemente o chão quando não podem obter a comida desejada, ainda que no solo não exista qualquer objeto comestível. Não apenas se entregam a essas bicadas indiscriminadas, mas: chegam mesmo a limpar as asas. Tal comportamento, fora de propósito, frequente em situações de frustração ou de conflito, é chamado de atividade de substituição. No

começo de 1986, pouco antes de completar 30 anos, Bruno começou a escrever.

¹ "Bon chic bon genre". Forma francesa consagrada para designar alguém de uma elegância clássica um tanto afetada.

² Agrégé: que passou no concurso de agrégation, um dos mais prestigiosos da França, pelo qual o candidato se torna apto a ser titular de um cargo de professor secundário ou de algumas faculdades. CAPES: Certificado de Aptidão ao Ensino Secundário.

13

"Nenhuma mutação metafísica se realiza sem ter sido anunciada, preparada e facilitada por um conjunto de transformações menores que, frequentemente, passaram despercebidas quando aconteceram", observaria Dzerjinski vários anos mais tarde. "Considero-me como uma dessas mutações menores."

Errando entre os humanos europeus, Dzerjinski foi mal compreendido em vida. Um pensamento desenvolvendo-se na ausência de interlocutor efetivo, sublinha Hubczejak, em sua introdução a Clifden Notes, pode, às vezes, escapar das armadilhas da idiosincrasia ou do delírio. Mas não existe exemplo de escolha, para exprimir-se, da forma do discurso refutável. Pode-se acrescentar que Dzerjinski se consideraria, até o fim, como um cientista; o essencial da sua contribuição para a evolução humana parecia-lhe constituído pelas publicações em biofísica — muito classicamente submetidas aos critérios habituais de autoconsistência e de refutabilidade. Os elementos mais filosóficos contidos nos seus últimos escritos não eram vistos por ele mais do que como proposições aleatórias, ou mesmo meio doidas, menos justificáveis por exigências lógicas do que por motivações puramente pessoais.

Sentia um pouco de sono. A lua deslizava acima da cidade em repouso. Bastaria uma palavra sua para que Bruno se levantasse, vestisse o blusão e desaparecesse no

elevador. Sempre se achava um táxi em La Motte-Picquet. Considerando os acontecimentos presentes da nossa vida, oscilamos incessantemente entre a crença no acaso e a evidência do determinismo. Contudo, quando se trata do passado, não temos mais nenhuma dúvida: parece-nos evidente que tudo ocorreu como devia, efetivamente, ser. Essa ilusão perceptiva, ligada a uma ontologia de objetos e de propriedades, solidária do postulado da identidade forte, Dzerjinski tinha, em ampla medida, superado; por essa razão, sem dúvida, não disse as palavras simples e habituais que teriam interrompido a confissão daquele ser — lacrimajante e acabado, ligado a ele por uma origem genética metade comum — que, naquela noite, escarrapachado no sofá, ultrapassara amplamente os limites da decência requeridos, de forma implícita, numa conversa humana. Não se sentia guiado nem pela paixão nem pelo respeito. Tinha, entretanto, uma intuição fraca e indiscutível: através da narração patética e tortuosa de Bruno iria desenhar-se uma mensagem; palavras seriam pronunciadas e teriam — pela primeira vez — um sentido definitivo. Levantou-se e encerrou-se no banheiro. Muito discretamente, sem fazer barulho, vomitou. Depois, passou água no rosto e voltou para a sala.

"Não és humano", disse suavemente Bruno, levantando os olhos para ele. "Senti isso desde o começo, vendo como te comportavas com Annabelle. No entanto, és o interlocutor que a vida me deu. Suponho que não tenhas ficado surpreso, na época, ao receber meus textos sobre João Paulo II."

— Todas as civilizações tiveram de enfrentar a necessidade de dar uma justificativa para o sacrifício parental. Dadas as circunstâncias históricas, tu não tinhas escolha — respondeu Michel, com tristeza.

c"Realmente admirei João Paulo II!", protestou Bruno. "Lembro bem, foi em 1986. Naquela mesma época deu-se a "Na volta, pedi-lhe somente que me chupasse. Chupava

mal, a gente sentia-lhe os dentes; mas fechei os olhos e visualizei a boca de uma das meninas do primeiro ano do liceu, uma ganesa. Imaginando-lhe a língua rosa e um pouco áspera, consegui liberar-me da boca da minha mulher. Não pensava em ter mais filhos. Na manhã seguinte, escrevi o texto sobre a família, o que foi publicado."

— Ainda o tenho — interveio Michel, levantando-se para procurar a revista na estante. Bruno folheou-a com ligeira surpresa e achou a página.

*Subsistem, em certa medida, famílias
(lampejos de fé no meio dos ateus,
Fagulhas de amor no fundo da náusea),
Não se sabe como
Essas faíscas brilham.*

*Escravos no trabalho de organizações
incompreensíveis,
Nossa única possibilidade de realização e de vida é o
sexo
(Ainda aqui se trata somente daqueles a quem o
sexo é permitido,
Daqueles para quem o sexo é possível.)*

*O casamento e a fidelidade separam-nos hoje de
toda possibilidade de existência,
Não é num escritório ou numa sala de aula que
reencontraremos essa força em nós exigida pelo jogo,
pela luz e pela dança;
Assim, tentamos atingir os nossos destinos através
de amores cada vez mais difíceis
Tentamos vender um corpo cada vez mais esgotado,
resistente, indócil
E desaparecemos Na sombra da tristeza*

Até o verdadeiro desespero,

*Descemos o caminho solitário até o lugar onde tudo
é escuro,*

Sem filhos e sem mulheres,

Entramos no lago

No meio da noite

(E a água, em nossos velhos corpos, é tão fria).

Logo depois de ter escrito esse texto, Bruno caiu numa espécie de coma etílico. Foi acordado, duas horas mais tarde, pelos berros do filho. Entre dois e quatro anos, as crianças atingem uma consciência maior do próprio eu, provocando crises de megalomania egocêntrica. O objetivo delas, então, é transformar o meio social (em geral composto pelos pais) em escravos submetidos ao menor sinal dos seus desejos; o egoísmo delas não tem mais limites; eis a consequência da existência individual. Bruno levantou-se do carpete da sala; os berros aumentavam, revelando uma raiva louca. Esmagou dois Lexomil num pouco de geleia e foi até o quarto de Victor, que tinha feito cocô. Onde andaria Anne? As tais sessões de alfabetização de negros terminavam cada vez mais tarde. Agarrou a fralda cagada e jogou-a no parque; o fedor era atroz. O menino engoliu sem dificuldade a mistura e caiu duro, como se tivesse levado uma paulada. Bruno pôs o blusão e dirigiu-se ao Madison, um bar noturno da rua Chaudronnerie. Com o cartão de crédito, pagou três mil francos por uma garrafa de Dom Pérignon que dividiu com uma belíssima loura. Num quarto de cima, a garota masturbou-o longamente, estancando, de vez em quando, a subida do desejo. Chamava-se Hélène, era da região e estudava Turismo; tinha 19 anos. Quando a penetrou, ela contraiu a vagina, dando-lhe ao menos três minutos de prazer total. Ao ir embora, Bruno beijou-a na boca e insistiu

para dar-lhe uma gorjeta — restavam-lhe 300 francos na carteira.

Na semana seguinte, decidiu mostrar os seus textos a um colega — um professor de letras de uns 50 anos, marxista, sofisticado, que tinha a reputação de ser homossexual. Fajardie ficou agradavelmente surpreso "Uma influência de Claudel... ou, talvez, antes de Péguy, o Péguy dos versos livres... Mas justamente é original, algo que quase não se encontra." Sobre os procedimentos a realizar, não tinha nenhuma dúvida: "*L'Infini*. É lá que se faz a literatura de hoje. Tens que enviar teus textos a Sollers". Meio surpreso, Bruno pediu para que repetisse o nome, percebendo que o confundia com uma marca de colchões. Depois, enviou os textos. Passadas três semanas, telefonou para a Denoél. Sollers, para sua grande surpresa, atendeu e propôs-lhe um encontro. Como não tinha aula nas quartas-feiras, era fácil ir e voltar no mesmo dia. No trem, tentou concentrar-se em Uma curiosa solidão, mas desistiu rapidamente, conseguindo, apesar de tudo, ler algumas páginas de Mulheres — sobretudo as partes sobre sexo. Tinham encontro no café da rua de 1'Université. O editor chegou dez minutos atrasado, brandindo a piteira que o tornaria célebre. "Mora no Interior? Ruim, isso. É preciso voltar para Paris, já. O senhor tem talento." Anunciou a Bruno que publicaria o texto sobre João Paulo II no número seguinte de *L'Infini*. Bruno ficou abobado. Ignorava que Sollers estava em pleno período "contrarreforma católica" e que multiplicava as declarações em favor do papa. "Péguy, isso me agrada!", disse o editor num impulso. "E Sade! Sade! Leia Sade, sobretudo!..."

— Meu texto sobre as famílias...

— Sim, muito bom também. O senhor é reacionário, é bom. Todos os grandes escritores são reacionários. Balzac, Flaubert, Baudelaire, Dostoievski: todos reacionários. Mas se deve trepar também, hein? As surubas são importantes.

Sollers largou Bruno depois de cinco minutos, deixando-o num estado de embriaguez narcísica. Acalmou-se um pouco durante o trajeto de retorno. Philippe Sollers parecia ser um escritor conhecido; contudo, a leitura de *Mulheres* mostrava com evidência que só conseguia traçar putas velhas integrantes dos meios culturais: as ninfetas, visivelmente, preferiam os cantores. Nessas condições, para que publicar poemas babacas numa revista de merda?

"No momento da publicação", prosseguiu Bruno, "apesar de tudo comprei comprei cinco exemplares de *L'Infini*". Suspirou: "Felizmente não tinham publicado o texto sobre João Paulo II. Era mesmo um péssimo texto... Ainda tem vinho?"

"Somente uma garrafa". Michel foi até a cozinha e trouxe a sexta e última garrafa do engradado de Vieux Papes. Começava a se sentir realmente cansado. "Trabalhas amanhã, acho?", interveio. Bruno não reagiu. Contemplava um ponto bem definido do parque; mas ali não havia nada, nada de bem definido; apenas alguns montinhos de sujeira. Entretanto, reanimou-se ao ouvir o barulho da rolha e estendeu o copo. Bebeu lentamente, em pequenos goles; seu olhar desviara-se agora e flutuava na altura do aquecedor; não parecia mais disposto a continuar. Michel hesitou antes de ligar a televisão: havia um programa sobre coelhos. Tirou o som. No fundo, tratava-se, talvez, de lebres — confundia-os. Surpreendeu-se ao ouvir de novo a voz de Bruno.

"Tentava lembrar quanto tempo fiquei em Dijon: quatro anos? Cinco anos? Desde que se entra no mundo do trabalho, todos os anos se parecem. Os únicos acontecimentos que restam a viver são de ordem médica — e as crianças que crescem. Victor crescia; chamava-me de 'papai'."

De repente, começou a chorar. Encolhido no sofá, soluçava, fungando. Michel olhou o relógio; quatro e pouco.

Na tela, um gato selvagem carregava, na boca, o cadáver de um coelho.

Bruno tirou um lenço de papel e enxugou o canto dos olhos. As lágrimas continuavam a rolar. Pensava no filho. Pobre pequeno Victor, que desenhava Strange e o amava. Dera-lhe tão poucos momentos de felicidade, tão poucos momentos de amor — agora, faria 15 anos, e o tempo da felicidade estava acabado para ele.

"Anne gostaria de ter outros filhos, pois no fundo a vida do lar servia-lhe perfeitamente. Eu a forcei a pedir uma vaga na região parisiense. Claro, não ousou recusar, dado que, todo mundo pensava ou fingia pensar na época, a realização das mulheres passava pela vida profissional. E ela, mais do que tudo, queria pensar a mesma coisa que todo mundo. Eu percebia bem que voltávamos a Paris para um divórcio tranquilo. No Interior, todas as pessoas se conhecem, falam; e não queria que meu divórcio suscitasse comentários, mesmo de aprovação ou pacíficos. No verão de 1989, fomos ao Clube Med, nossas últimas férias juntos. Lembro-me dos jogos babacas, dos aperitivos, e das horas passadas na praia a secar as ninfetas. Anne conversava com outras mães de família. Quando se deitava de costas, via-se sua celulite. De frente, apareciam as estrias. Era no Marrocos, os árabes mostravam-se desagradáveis e agressivos, o sol quente demais. Não valia a pena pegar um câncer de pele para passar todas as noites a masturbar-me na cabana. Victor aproveitou bem a temporada; divertia-se muito no Mini Clube..." A voz de Bruno ficou de novo entrecortada.

"Eu era um safado e sabia disso. Normalmente os pais se sacrificam, é o caminho normal. Eu não conseguia suportar o fim da minha juventude; suportar a ideia de que meu filho cresceria, seria jovem no meu lugar, daria certo na vida, enquanto eu tinha fracassado. Sentia vontade de voltar a ser um indivíduo."

— Uma mônada — disse Michel, docemente.

Bruno não replicou. Esvaziou o copo. "A garrafa está vazia", observou com um tom ligeiramente distraído. Levantou-se, vestiu o blusão. Michel acompanhou-o até a porta. "Amo meu filho. Se acontecesse um acidente, se algo de ruim o atingisse, eu não poderia suportar", disse Bruno. "Amo-o mais do que tudo. No entanto, nunca consegui aceitar a existência dele." Michel concordou. Bruno dirigiu-se para o elevador.

Michel voltou à escrivaninha e escreveu numa folha de papel: "Anotar alguma coisa sobre o sangue". Depois, deitou-se, sentindo necessidade de refletir, mas dormiu quase de imediato. Alguns dias depois, encontrou a mesma folha e registrou justo abaixo: "A lei do sangue". Ficou, uns dez minutos, perplexo.

14

Na manhã de 10 de setembro, Bruno foi esperar Christiane na Gare du Nord, Ela tinha tomando um ônibus de Noyon a Amiens e dali o trem direto a Paris. O dia estava lindo. O trem chegou às 11h37. Ela usava um vestido comprido, floreado, com punhos de renda. Apertou-a nos braços. Os corações batiam muito forte.

Almoçaram num restaurante indiano, antes de ir à casa dele transar. Bruno tinha encerado o piso, espalhado vasos de flores, colocado lençóis limpos, que cheiravam bem. Conseguiu penetrá-la por muito tempo, esperando o momento do gozo; o sol entrava pelas frestas das cortinas, fazendo brilhar a sua cabeleira preta, na qual se percebiam alguns reflexos grisalhos. Christiane teve um primeiro orgasmo; logo depois um segundo: sua vagina foi sacudida por violentas contrações; naquele instante, ele ejaculou. Colados, adormeceram.

Quando acordaram, o sol caía entre os edifícios; eram umas sete horas. Bruno abriu uma garrafa de vinho branco. Os anos seguintes ao seu retorno de Dijon, nunca os tinha relatado para ninguém. Ia fazê-lo agora.

"Na volta às aulas, em 1989, Anne conseguiu uma vaga no Liceu Condorcet. Alugamos um apartamento, sala e dois quartos, bastante sombrio, na rua Rodier. Victor estava no jardim de infância; eu tinha os dias livres. Foi naquela época que comecei a frequentar as putas. Havia muitas

casas de massagem tailandesa no bairro — New Bangkok, Lótus de ouro, Mai Lin. As garotas eram gentis e sorridentes; tudo corria bem. Na mesma época passei a ter sessões com um psiquiatra. Não me lembro mais muito bem, mas acho que ele era barbudo — talvez o confunda com um filme. Comecei a contar-lhe minha adolescência; falava muito também da casa de massagem — sentia que ele me desprezava e isso me fazia bem. De toda maneira, troquei, em janeiro. O novo era bom, tinha consultório perto de Strasbourg-Saint-Denis, o que me permitia, ao sair, dar umas voltas nos peep-shows. Chamava-se doutor Azoulay e sempre tinha exemplares de *Paris-Match* na sala de espera; em resumo, dava a impressão de ser um bom médico. Meu caso não lhe interessava muito, mas não o quero mal por isso — é verdade que era terrivelmente banal, pois eu era apenas um babaca frustrado e decadente que não desejava mais a mulher. Pela mesma época, foi chamado como *expert* no processo do grupo de adolescentes satanistas que havia esquartejado e devorado uma deficiente mental — isso era certamente mais impressionante. Ao fim de cada sessão, aconselhava-me a praticar esportes, era a sua obsessão — deve-se dizer que ele próprio começava a ter uma barriguinha. Enfim, os encontros eram agradáveis, mas meio mornos; a única coisa que o animava um pouco era o tema das minhas relações com meus pais. No início de fevereiro, contei-lhe uma anedota realmente interessante. Passava-se na sala de espera do Mai Lin. Ao entrar, sentei-me ao lado de um tipo cujo rosto me dizia vagamente alguma coisa — mas muito vagamente, apenas uma impressão difusa. Em seguida, subiu. Chamaram-me justo depois dele. As duas únicas cabines de massagem eram separadas por cortinas de plástico; fiquei, obrigatoriamente, ao lado dele. No momento em que a garota começou a acariciar-me o baixo-ventre, com os seios untados de sabão, tive uma iluminação: o tipo da cabine ao lado, no qual faziam um

body body, era meu pai. Envelhecera. Parecia agora realmente um aposentado, mas era ele, não havia nenhuma dúvida. Naquele instante, ouvi-o gozar com um barulhinho de vesícula que se esvazia. Esperei alguns minutos para me vestir depois de eu mesmo ter gozado. Não sentia vontade de encontrá-lo na saída. Mas, no dia em que contei a anedota ao psiquiatra, ao voltar para casa, telefonei ao velho. Pareceu surpreso — e, mais do que tudo, feliz — de me ouvir. Com efeito, estava aposentado, tinha vendido sua parte na clínica de Cannes e, nos últimos anos, não fora pouco o que perdera de dinheiro, mas não era o fim, outros tinham mais do que se queixar. Acertamos de nos ver um dia ou outro, o que não ocorreu imediatamente."

"No começo de março, recebi um telefonema da administração educacional. Uma professora entraria em licença maternidade antes do previsto. Havia uma vaga, no liceu de Meaux, até o fim do ano escolar. Hesitei um pouco, pois tinha péssimas lembranças de Meaux; enfim, depois de três horas de vacilação, percebi que tanto fazia. A velhice é provavelmente isso: as reações emocionais atenuam-se, guardam-se poucos rancores e poucas alegrias; o interesse recai sobretudo no funcionamento dos órgãos, no precário equilíbrio destes. Ao descer do trem, depois ao atravessar a cidade, fiquei, mais do que tudo, surpreso com sua pequenez e feiura — sem absolutamente nada que interessasse. Ao chegar a Meaux, aos domingos à noite, na minha infância, tinha a impressão de penetrar num imenso inferno. Eh, bem, não, nada mais do que um inferninho, destituído do menor aspecto distintivo. As casas, as ruas... nada disso me evocava coisa alguma. Mesmo o liceu tinha sido modernizado. Visitei os pavilhões do internato, fechado, transformado em museu da história local. Naquelas salas, garotos batiam em mim, humilhavam-me, sentiam prazer em cuspir e mijar em cima de mim, em enfiar-me a cabeça no vaso sanitário. Apesar disso, não sentia, ao voltar, nenhuma emoção, apenas uma ligeira

tristeza — de ordem extremamente geral. 'Mesmo Deus não pode desfazer o acontecido', afirma, em algum lugar, não sei mais qual autor católico. Ao ver o que restava da minha infância em Meaux, contudo, isso não me parecia tão difícil."

Caminhei pela cidade durante horas e até mesmo retornei ao Bar da Praia. Lembrava-me de Caroline Yessayan, de Patrícia Hohweiller; a bem da verdade, nunca as esqueci. Nada nas ruas me fazia, particularmente, lembrar delas. Passei por muitos jovens, imigrantes, sobretudo negros, muito mais do que em minha adolescência; havia uma verdadeira mudança. Depois, apresentei-me no liceu. O diretor achou engraçado que eu fosse um ex-aluno e pensou em localizar o meu dossiê, mas mudei de assunto, conseguindo evitar isso. Deram-me três turmas: uma de debutantes e duas de segundo ano — uma de orientação literária, a outra científica. A pior, compreendi imediatamente, seria a do segundo ano literário: eram três caras e umas 30 garotas. Umas 30 garotas de 16 anos. Louras, morenas, ruivas. Francesas, árabes nascidas na França, asiáticas... Todas deliciosas, todas desejáveis. E elas transavam, isso se via, transavam, trocavam de garoto, aproveitavam a juventude. Todos os dias, eu passava diante do distribuidor de preservativos; elas não se constrangiam em servir-se na minha frente.

O detonador de tudo foi que comecei a achar que, talvez, eu tivesse alguma chance. Devia haver muitas filhas de divorciados; conseguiria encontrar uma em busca da imagem paterna. Podia dar certo. Sentia que podia funcionar. Mas precisava um pai viril, tranquilizador, espadaúdo. Deixei crescer a barba e inscrevi-me numa academia de ginástica. A barba não passou de um sucesso pela metade, pois, rala, dava-me um ar meio estranho, à Salman Rushdie. Em compensação, meus músculos reagiram bem, em algumas semanas, obtive um bom desenvolvimento dos deltoides e dos peitorais. O problema,

o novo problema, era o meu sexo. Isso pode parecer absurdo agora, mas nos anos 70, não havia preocupação com o tamanho do órgão sexual masculino. Durante a minha adolescência, tive todos os complexos físicos possíveis, menos esse. Não sei quem começou a falar disso, provavelmente as bichas. Enfim, encontra-se também o tema abordado em romances policiais americanos. Em contrapartida, não aparece na obra de Sartre. Seja como for, nas duchas da academia de ginástica, tomei consciência de possuir um pauzinho. Medi-o, em casa: 12 centímetros, talvez 13 ou 14, forçando ao máximo o centímetro junto à raiz da pica. Descobri uma nova fonte de sofrimento; e, no caso, nada havia a fazer, era uma deficiência radical, definitiva. Foi a partir dali que comecei a odiar os negros. Bom, não havia muitos no liceu, a maioria estudando no liceu técnico Pierre-de-Coubertin, o mesmo onde o ilustre Defrance fazia strip-tease filosófico e do puxa-saquismo pró-jovem. Só tinha um nas minhas turmas, no segundo literário, um corpulento chamado Ben. Usava sempre um boné e tênis Nike. Tenho certeza de que tinha um pau enorme. Evidentemente todas as garotas ajoelhavam-se diante do babuíno. Enquanto isso, eu tentava fazê-lo, veja-se a falta de sentido, estudar Mallarmé. Assim deveria acabar a civilização ocidental, eu me dizia com amargura: prosternar-se novamente diante dos caralhos enormes, como o do babuíno hamadryas. Acostumei-me a dar aula sem cuecas. O negro saía justamente com a garota que eu teria escolhido para mim: gatinha, muito loura, rosto infantil, belos seios redondos. Entravam na aula de mãos dadas. Durante a elaboração dos temas, eu deixava sempre as janelas fechadas; as garotas, com calor, tiravam os pulôveres e ficavam com os seios colados nas camisetas. Eu me masturbava protegido pela minha mesa. Lembro-me ainda do dia em que pedi um comentário sobre uma frase do *Caminho de Guermantes*: 'A pureza de um sangue no qual, desde várias gerações, só se encontrava o que há de

maior na história da França tirara da sua maneira de ser tudo o que as pessoas do povo chamam *maneiras* e dera-lhe a mais perfeita simplicidade.’

Fiquei olhando para Ben, que coçava a cabeça, coçava as bolas, mascava seu chiclete. O que poderia compreender disso, aquele macacão? Que poderiam, de resto, entender daquilo os outros? Eu mesmo comecei a ter dificuldade em compreender o que Proust queria dizer exatamente. Aquelas dezenas de páginas sobre a pureza do sangue, a nobreza do espírito comparada com a nobreza da raça, o meio específico dos grandes professores de medicina... Tudo isso me parecia papo-furado. Vive-se hoje, nada mais evidente, num mundo simplificado. A duquesa de Guermantes tinha muito menos grana que Snoop Doggy Dog. Snoop Doggy Dog tinha muito menos grana que Bill Gates, mas deixava mais as garotas molhadas. Dois parâmetros, nada mais. Claro, poderíamos ter pensado em escrever um romance proustiano jet set, confrontando celebridade e riqueza, opondo-se uma celebridade grande público e uma celebridade mais reservada, restrita aos *happy few*. Não haveria o menor interesse. A celebridade cultural não era mais do que um medíocre sucedâneo à verdadeira glória, a glória de mídia; esta, ligada à indústria do entretenimento, drenava somas de dinheiro maiores do que em qualquer outra atividade. Que importância tinha um banqueiro, um ministro, um empresário, em relação a um ator de cinema ou a um rock star? Financeira, sexualmente e sob todos os pontos de vista, nenhuma. Zero. As estratégias de distinção, tão sutilmente descritas por Proust, não têm mais nenhum sentido hoje. Considerando-se o homem como um animal hierárquico, como um animal construtor de hierarquias, existe a mesma relação, entre a sociedade contemporânea e o século XVIII, que do edifício GAN com o Petit Trianon. "Proust permaneceu radicalmente europeu, um dos últimos europeus, com Thomas Mann; o que escrevia não tinha mais nenhuma

relação com uma realidade qualquer. A frase sobre a duquesa de Guermantes continuava, evidentemente, magnífica. Ainda assim, tudo isso se tornava meio deprimente e acabei por me voltar para Baudelaire. A angústia, a morte, a vergonha, a embriaguez, a nostalgia, a infância perdida... Somente assuntos inquestionáveis, temas sólidos. Estranho, apesar de tudo. A primavera, o calor, todas as gatinhas excitantes, e eu que lia:

Sossega minha dor, e não percas mais a
tranquilidade.

Pedias o anoitecer; ei-lo que vem descendo:

Uma atmosfera sombria envolve a cidade,

A alguns a paz, a outros a dor trazendo.

Enquanto dos mortais a multidão vil,

Sob o flagelo do Prazer, carrasco nefando

Vai colher remorsos na festa servil,

Minha dor, dá-me a mão; vamos andando

Fiz uma pausa. Elas sensibilizavam-se com o poema, eu bem o sentia, o silêncio era total. Estávamos na última hora de aula; em meia hora, eu pegaria o trem para, mais tarde, encontrar a minha mulher.

“De repente, vinda do fundo da sala, escutei a voz de Ben: ‘Tens o princípio da morte na cabeça, ô, velho!...’ Falara alto, mas sem insolência, o tom tinha algo até mesmo de admirativo. Nunca compreendi se falava de Baudelaire ou de mim. No fundo, como comentário do texto, não estava nada mal. Não importa, cabia-me intervir. Simplesmente, disse: ‘Fora’. Não se mexeu. Esperei 30 segundos, transpirando de cagaço, sentindo o momento em que não poderia mais falar; consegui, apesar de tudo, repetir: ‘Fora’. Levantou-se, juntou lentamente as suas coisas e avançou para mim. Em todo confronto violento, há como que um instante de graça, segundo mágico no qual os poderes suspensos se equilibram. Parou diante de mim. Era

uma cabeça mais alto do que eu. Pensei que ia soltar a mão, mas, finalmente, nada disso; dirigiu-se para a porta. Ganhei. Pequena vitória. No dia seguinte, voltou à aula. Parecia ter compreendido alguma coisa, captado um dos meus olhares, pois começou a bolinar a namoradinha dentro da sala. Puxava-lhe a saia, colocava a mão o mais acima que podia na sua coxa e olhava para mim, sorrindo, muito *cool*. Eu desejava aquela gatinha a um ponto atroz. Passei o final de semana redigindo um panfleto racista, num estado de ereção quase constante. Na segunda-feira, telefonei a *L'Infini*. Sollers recebeu-me no seu gabinete, bem-humorado, malicioso, como na tevê, melhor até do que na tevê. 'O senhor é autenticamente racista, sente-se isso, isso o impulsiona, muito bom. Bum, bum!' Com um pequeno gesto muito delicado, puxou uma folha. Havia marcado, na margem, uma passagem: 'Invejamos e admiramos os negros porque desejamos, a exemplo deles, voltar a ser animais dotados de um pau enorme e de um pequeníssimo cérebro de réptil, apêndice do pau'. Sacudiu a folha com entusiasmo. 'É forte, denso, *talon rouge* a não poder mais.¹ O senhor tem talento. Algumas facilidades, às vezes; gosto menos do subtítulo não se nasce racista, chega-se a ele; a inversão, a ironia, é sempre um pouco... Humm...' Seu rosto ficou sombrio, mas, depois de fazer uma pirueta com a piteira, ele sorriu de novo. Um verdadeiro *clown* — gentil como ninguém. 'Nada de influências em demasia, além disso, nada de asfixiante. Por exemplo, o senhor não é antissemita!' Puxou outra passagem: *Somente os judeus escapam ao ressentimento de não ser negros, pois, faz muito tempo, escolheram a via da inteligência, da culpa e da vergonha. Nada na cultura ocidental pode igualar, nem sequer aproximar-se do que os judeus conseguiram fazer a partir da culpa e da vergonha; por isso, os negros odeiam-nos mais do que tudo.* Com um ar muito satisfeito, ajeitou-se na cadeira e cruzou as mãos

atrás da cabeça. Achei que ia colocar os pés em cima da mesa, mas não o fez. Atirou-se de novo para a frente. Não parava no lugar.

— Então? Que fazemos?

— Não sei. O senhor poderia publicar o meu texto.

— *Ouh là là* — ele gargalhou como se eu tivesse feito uma boa pantomina. — Uma publicação em *L'Infini*. Mas, meu camaradinho, não percebe... Não estamos mais no tempo de Céline, sabia? Não se escreve mais o que se quer, hoje, sobre certos assuntos... Um texto destes poderia valer-me realmente muitos aborrecimentos. Acha que já não os tenho em quantidade suficiente? Porque trabalho na Gallimard, pensa que posso fazer qualquer coisa? Sou controlado, sabia? Espreita-se a falha. Não, não, isso será difícil. Que mais o senhor tem para mostrar?

“Pareceu realmente surpreso pelo fato de que eu não tinha outro texto comigo. Senti muito decepcioná-lo. Teria gostado de ser o seu camaradinho, que me levasse para dançar, que me oferecesse uísques no Pont Royal. Ao sair, na calçada, tive um forte momento de desespero. Mulheres passavam no bulevar Saint-Germain, o fim da tarde estava quente e compreendi que nunca seria um escritor; compreendi também que cagava e andava para isso. E então? O sexo já me custava a metade do salário; era incompreensível que Anne não desconfiasse de nada. Poderia ter aderido ao Front Nacional, mas para que comer chucrute com imbecis? De qualquer maneira, as mulheres de direita não existem, e trepam com paraquedistas. Texto absurdo. Joguei-o na primeira lata de lixo. Precisava conservar o meu posicionamento de ‘esquerda humanista’, era a única maneira de sobreviver, estava convencido disso. Sentei numa mesa da calçada do Escurial. Meu pênis estava quente, doloroso, inchado. Tomei duas cervejas, depois voltei a pé para casa. Ao atravessar o Sena me lembrei de Adjila, uma arabezinha do primeiro ano, muito bonita, muito delicada. Boa aluna, séria, adiantada em um

ano. Rosto inteligente e doce, sem zombaria. Tinha muita vontade de progredir nos estudos, isso se via. Com frequência, essas garotas viviam entre brutos e assassinos. Bastava ser um pouco gentil com elas. De novo, acreditei. Durante duas semanas, falei com ela, chamei-a ao quadro. Correspondia aos meus olhares, não parecia achar estranho. Já estávamos no começo de junho, precisava me apressar. Quando ela voltava para o lugar, eu contemplava sua bundinha moldada pelo jeans. Agradava-me tanto que larguei as putas. Imaginava a minha pica entrando na suavidade dos seus longos cabelos pretos. Cheguei mesmo a me masturbar em cima de um de seus trabalhos.



"Na sexta-feira, 11 de junho, veio com uma saia preta. A aula terminava às 10 horas. Sentou-se na primeira fila. No momento em que cruzou as pernas sob a mesa, quase desmaiei. Estava ao lado de uma loura gorda que saiu rapidamente quando bateu o sino. Levantei e pus a mão no arquivo dela. Permaneceu sentada. Não parecia nem um pouco apressada. Todos os alunos saíram. O silêncio recaiu sobre a sala. Com o seu material na mão, podia até mesmo ler algumas palavras: 'Remember... o inferno...' Sentei-me ao lado dela, mas não consegui falar nada. Ficamos assim, em silêncio, durante, ao menos, um minuto. Várias vezes, mergulhei meu olhar nos seus grandes olhos negros; mas também observava o menor dos seus gestos, a mais fraca palpitação dos seios dela. Meio virada para mim, entreabriu as pernas. Não me lembro de ter realizado o gesto seguinte, me parece ter sido um gesto

semivoluntário. Um instante depois senti sua coxa sob a palma da minha mão esquerda, as imagens embaralharam, revi Caroline Yessayan e congelei de vergonha. O mesmo erro, exatamente o mesmo erro vinte anos depois. Como Caroline Yessayan vinte anos antes, ela permaneceu alguns segundos sem fazer nada, corou um pouco. Então, muito gentilmente, ela retirou minha mão; mas não se levantou, não fez um gesto para sair dali. Através da janela vi uma menina atravessar o pátio, correr para a estação. Com a mão direita, abri o zíper da minha braguilha. Ela abriu os olhos, o olhar dela pousou no meu pênis. De seus olhos emanavam vibrações quentes, eu quase gozei só com a força de seu olhar, ao mesmo tempo em que sabia que ela precisava fazer um gesto cúmplice... Minha mão direita se moveu para a dela, mas não tive força para ir até o fim: suplicante, segurei meu sexo para lhe oferecer. Ela caiu na risada. Creio que também ri, começando a me masturbar. Continuei a rir e a me masturbar enquanto ela catava suas coisas e se levantava para sair. Da porta, virou-se para me olhar uma última vez. Ejaculei e não vi mais nada. Mal ouvi o barulho da porta que se fechava, de seus passos se distanciando. Estava aturdido, como que atingido por um gongo. Mas consegui telefonar para Azoulay da estação. Não tenho nenhuma lembrança da viagem de volta no trem, do trajeto de metrô. Ele me recebeu às oito horas. Não conseguia parar de tremer; ele me deu uma injeção para me acalmar.”

“Passei três noites em Sainte-Anne, depois me transferiu para uma clínica psiquiátrica do Ministério da Educação, em Verrières-le-Buisson. Azoulay estava visivelmente inquieto; os jornais começavam a falar muito de pedofilia naquele ano, como se os jornalistas exortassem: "Deem duro nos dos pedófilos." Estava virando uma obsessão nacional, graças ao ódio aos velhos e o desgosto com a velhice. A menina tinha quinze anos, eu era professor, eu tinha abusado de minha autoridade sobre ela; Além disso,

era de origem árabe. Em resumo, a ficha ideal para uma demissão seguida de linchamento. Ao fim de 15 dias, ele começou a se acalmar. O ano letivo estava acabando e, visivelmente, Adjila nada tinha contado. Eu me tornava um caso típico. Professor deprimido, meio suicida, necessitado de reconstituir seu psiquismo... O surpreendente na história é que o liceu de Meaux não figurava entre os especialmente duros. Mas Azoulay destacou os traumatismos ligados à primeira infância, reativados pelo retorno, enfim, arrumou bem as coisas."

"Fiquei pouco mais de seis meses na clínica. Meu pai me visitou muitas vezes, com um ar cada vez mais bondoso e cansado. Eu estava tão entupido de neurolépticos que não sentia mais nenhum desejo sexual, embora, de vez em quando, as enfermeiras me abraçassem. Eu me apertava contra elas, ficava imóvel durante um ou dois minutos e depois me deitava de novo. Isso me fazia tão bem que o chefe da psiquiatria recomendou que permitissem, se não vissem inconveniente. Eu suspeitava que Azoulay não tinha contado tudo; mas precisava cuidar de casos mais graves, esquizofrênicos e delirantes perigosos, e não podia perder muito tempo comigo. Para ele, cumpria-se o essencial, um médico cuidava de mim."

"O ensino agora estava fora de questão para mim, mas no começo de maio de 1991 o ministério conseguiu me colocar na Comissão dos Programas de Francês. Eu perderia os horários de sala de aula e as férias escolares, mas o salário continuaria o mesmo. Pouco depois me divorciei de Anne. Concordamos com a fórmula mais clássica para a pensão alimentar e a guarda alternada. De qualquer maneira, os advogados não dão escolha; é quase um contrato padrão. Fomos recebidos em primeiro lugar pelo juiz, que lia os papéis a toda velocidade, e o divórcio não levou mais de 15 minutos. Descemos juntos os degraus do Palácio da Justiça ao meio-dia e pouco, daquele começo

de março. Aos 35 anos, eu sabia que a primeira parte da minha vida estava terminada."

Bruno fez uma pausa. Era agora noite fechada. Nem ele nem Christiane tinham colocado a roupa. Olhou-a. Ela, então, fez algo surpreendente: aproximou-se, passou os braços em torno do pescoço dele e beijou-o nas duas faces.

"Nos anos seguintes, tudo continuou igual", recomeçou lentamente Bruno. "Fiz implante de cabelo, tudo correu bem, o cirurgião era amigo de meu pai. Segui na academia de ginástica. Nas férias, experimentei Nouvelles Frontières, novamente o Clube Med, UCPA. Tive algumas aventuras, enfim, muito poucas. No conjunto, as mulheres da minha idade não têm mais grande vontade de trepar. Claro, fingem o contrário e, de fato, às vezes, gostavam de viver uma emoção, uma paixão, um desejo. Mas isso eu não estava em condições de provocar. Nunca tinha encontrado uma mulher como tu. Nem sequer pensava que pudesses existir."

— É preciso — disse ela, com a voz um pouco alterada — um pouco de generosidade. Alguém precisa começar. Se eu estivesse no lugar da arabezinha, não sei como teria reagido. Mas devias ter algo de tocante, estou convencida disso. Acho, enfim, parece que teria aceitado te dar prazer.

Deitou-se, pousou a cabeça entre as coxas de Bruno, deu-lhe algumas lambidas na glândula.

— Gostaria de comer alguma coisa — disse ela, de repente. — Já são duas horas da manhã, mas em Paris isso deve ser possível, não?

— Claro.

— Eu te faço gozar agora ou preferes que te masturbe no táxi?

— Não, agora.

¹ *Talon rouge*: designação dos nobres elegantes do século XVIII, que usavam salto alto vermelho (N.T.).

15

A hipótese MacMillan

Pegaram um táxi para Les Halles. Jantaram numa cervejaria que ficava aberta a noite toda. Como entrada, Bruno pediu *rollmops*.¹ Concluiu que, dali em diante, tudo podia acontecer. Mas logo percebeu que exagerava. Na sua cabeça, sim, as possibilidades continuavam ricas. Podia se identificar com uma ratazana, com um saleiro ou um campo de energia. Na prática, entretanto, seu corpo continuava engajado num processo de destruição lenta; o mesmo valia para o corpo de Christiane. Apesar do retorno alternado das noites, uma consciência individual persistiria até o fim na carne de cada um deles. Os *rollmops* não constituíam, de forma alguma, a solução; um barbo ao cerefólio tampouco. Christiane permanecia num silêncio perplexo e, acima de tudo, misterioso. Degustaram juntos um chucrute real, com salsichas caseiras de Montbéliard. No estado agradável de descontração de homem que acabou de se fazer gozar, com afeição e volúpia, Bruno pensou rapidamente nas suas preocupações profissionais, as quais se resumiam nisto: que papel devia Paul Valéry desempenhar na formação dos estudantes de orientação científica? Terminado o chucrute, tendo escolhido um *munster*,² sentia-se tentado a responder: "Nenhum".

"Não sirvo para nada", disse Bruno, com resignação. "Sou incapaz, de criar porcos. Não tenho a menor noção de como se produzem salsichas, garfos ou telefones celulares. Sou incapaz de produzir qualquer um dos objetos que me cercam, que utilizo ou devoro. Não sou nem mesmo capaz de compreender os seus processos de produção. Se a indústria parasse, se os engenheiros e técnicos especializados desaparecessem, eu seria incapaz do menor recomeço. Fora do complexo econômico-industrial, não conseguiria nem sequer sobreviver; não saberia como me alimentar, vestir, proteger-me das intempéries; as minhas competências técnicas pessoais são amplamente inferiores às do homem de Neandertal. Totalmente dependente da sociedade que me cerca, sou quase inútil. Tudo que sei fazer é produzir comentários duvidosos sobre objetos culturais ultrapassados. Recebo, porém, um salário, amplamente superior à média. A maioria das pessoas em torno de mim está na mesma situação. No fundo, meu irmão é a única pessoa útil que conheço."

— O que ele faz de tão extraordinário?

Bruno refletiu. Virou, no prato, o pedaço de queijo, em busca de uma resposta de impacto.

— Criou novas vacas. Enfim, é um exemplo, mas lembro que suas pesquisas permitiram o nascimento de vacas geneticamente modificadas, com maior produção de leite e qualidades nutricionais superiores. Transformou o mundo. Eu não fiz nada; não criei nada. Não dei absolutamente nada ao mundo.

— Não fizeste mal a ninguém.

O rosto de Christiane sombreou-se. Ela terminou rapidamente o sorvete. Em julho de 1976, tinha passado 15 dias na casa de di Meola, nas encostas do Ventoux, lá mesmo onde Bruno estivera, no ano anterior, com Annabelle e Michel. Quando contou a Bruno sobre aquele verão, espantaram-se com a coincidência; em seguida, sentiu um forte pesar. Se o encontro deles tivesse

acontecido em 1976, quando ele tinha 20 anos, e ela 16, a vida deles, pensou, poderia ter sido inteiramente diferente. Reconheceu, com esse primeiro sinal, que estava ficando apaixonada.

"No fundo, é uma coincidência, mas uma coincidência desconcertante", retomou Christiane. "Os imbecis dos meus pais pertenciam ao meio libertário, vagamente beatnik, nos anos 50, frequentado pela tua mãe. É possível que se conheçam, mas não tenho vontade de saber. Desprezo essa gente, chego mesmo a odiá-los. Representam o mal, geraram o mal, e sei do que falo. Lembro-me bem do verão de 1976. Di Meola morreu 15 dias depois da minha chegada. Tinha câncer generalizado e não parecia interessado em nada. Ainda assim, tentou me ganhar; na época, eu não era de se jogar fora. Mas não insistiu. Acho que começava a sofrer fisicamente. Fazia 20 anos que brincava de velho sábio, de iniciação espiritual, etc, para traçar ninfetas. Deve-se reconhecer que sustentou o personagem até o fim. Quinze dias depois da minha chegada, tomou veneno, algo muito doce que levava várias horas para fazer efeito. Em seguida, recebeu todos os visitantes, concedendo alguns minutos a cada um, no gênero 'morte de Sócrates', sacas? De resto, falava de Platão, mas também dos Upanishads, de Lao-Tsé, enfim, o circo de costume. Também falava muito de Aldous Huxley. Lembrava que o conhecia, contava os encontros deles. Exagerava, talvez, um pouco, mas, afinal de contas, o homem estava morrendo. Quando chegou a minha vez, achei aquilo muito impressionante. Mandou-me apenas abrir a blusa. Olhou os meus seios, tentou dizer alguma coisa, mas não compreendi, pois ele já falava com dificuldade. De repente, ergueu-se na poltrona e estendeu as mãos para os meus seios. Pôs o rosto entre eles. Aceitei. Depois, caiu de novo. Com a cabeça, fez-me sinal para ir embora. No seu olhar, não lia nenhuma iniciação espiritual, nenhuma sabedoria; no seu olhar, eu lia apenas o medo."

"Morreu ao anoitecer. Pediu que fosse erguida uma fogueira funerária no alto da colina. Todos juntaram galhos e a cerimônia teve início. O filho, David, acendeu o fogo. Tinha uma luz meio estranha nos olhos. Eu não sabia nada a respeito dele, salvo que tocava rock. Andava com tipos inquietantes, motoqueiros americanos tatuados, vestidos de couro. Eu estava com uma amiga. À noite, ficávamos preocupadas."

"Vários percussionistas instalaram-se diante do fogo e começaram a bater, lentamente, num ritmo grave. Os participantes dançavam. Ficou muito quente. Como de hábito, tiraram a roupa. Para uma cremação, em princípio se precisa de incenso e sândalo. Ali só havia os galhos recolhidos, provavelmente misturados com ervas locais — tomilho, alecrim e segurelha. Ao final de meia hora, o cheiro lembrava um churrasco. Foi um companheiro de David que fez essa observação, um grandalhão de colete de couro, cabelos longos e engordurados, sem alguns dentes na frente. Outro, meio hippie, explicou que entre muitas tribos primitivas a manducação do chefe desaparecido constituía um rito de união extremamente forte. O desdentado balançou a cabeça e soltou um cacarejo. David se aproximou e começou a discutir com eles.

Completamente nu, à luz das chamas, tinha um corpo realmente extraordinário. Acho que fazia musculação. Senti que as coisas podiam desandar seriamente. Corri para a cama. Pouco depois, caiu um temporal. Não sei por que, levantei-me e voltei para a fogueira. Uns 30 ainda dançavam completamente nus, sob a chuva. Um cara me agarrou brutalmente pelos ombros e me arrastou até a fogueira para ver o que sobrava do corpo. Via-se o crânio, com as órbitas. A carne, não totalmente consumida, misturada com terra, formava uma espécie de monte de lama. Comecei a gritar. O cara me soltou. Consegui fugir. Fomos embora no dia seguinte. Nunca mais ouvi falar daquela gente."

— Não leste o artigo da *Paris-Match*?

— Não.

Christiane fez um gesto de surpresa. Bruno parou. Pediu dois cafés antes de continuar. Ao longo dos anos, desenvolvera uma concepção de vida cínica e violenta, tipicamente masculina. O universo era um campo fechado, um fervilhar repugnante. Tudo limitado por um horizonte fechado e duro — nitidamente perceptível, mas inacessível: o da lei moral. Está, porém, escrito que o amor contém a lei e realiza-a. Christiane olhava-o com ternura e atenção. Seus olhos estavam um pouco cansados.

"Era uma história tão suja", recomeçou Bruno, com enfado, "que estranhei o fato de os jornalistas não falarem mais. Enfim, isso aconteceu há cinco anos, com o julgamento em Los Angeles. As seitas satânicas ainda eram assunto novo na Europa. David di Meola era um dos doze acusados — reconheci o nome imediatamente. Tinha sido um dos únicos a escapar da polícia. Segundo o artigo, estava refugiado no Brasil. As acusações contra ele eram arrasadoras. Foram encontradas na casa dele, cuidadosamente classificadas e etiquetadas, uma centena de fitas de vídeo de mortes e tortura. Em algumas delas, ele aparecia com o rosto descoberto. A fita exibida na audiência representava o suplício de uma velha, Mary Mac Nallahan, e de sua neta, um bebê. Di Meola esquartejava o bebê, diante da avó, com ajuda de um tesourão. Depois, arrancava, com os dedos, um olho da velha, antes de ejacular na órbita sangrando. Ao mesmo tempo usava o controle remoto para obter um close do rosto dela. Estava acocorada, estreitamente fixada à parede por correntes, num lugar que parecia uma garagem. No final, aparecia deitada sobre os próprios excrementos. O filme durava mais de 45 minutos, mas somente a polícia o tinha visto inteiro. Os jurados quiseram parar depois de dez minutos."

"O artigo publicado na *Match* era, em grande parte, a tradução de uma entrevista dada à *Newsweek* por Daniel

Macmillan, promotor do estado da Califórnia. Segundo ele, não se tratava apenas de julgar um grupo de homens, mas a sociedade como um todo. O caso parecia sintomático da decadência sociológica e moral na qual se afundava a sociedade americana desde o final dos anos 50. Várias vezes o juiz pediu que se ativesse aos fatos da incriminação; o paralelo que estabelecia com o caso Manson parecia-lhe descabido, pois somente em relação a di Meola, entre os acusados, podia-se estabelecer uma vaga filiação com os movimentos beatnik e hippie. No ano seguinte, Macmillan publicou um livro intitulado *From Lust to Murder: a Generation*, traduzido na França, de modo bem idiota, como *Geração homicídio*. O livro me surpreendeu; esperava as divagações habituais dos fundamentalistas religiosos sobre o retorno do Anticristo e o restabelecimento da reza na escola. Na verdade, era um livro preciso, bem documentado, que analisava com detalhes inúmeros casos. Macmillan dava especial atenção ao de David, do qual, com enorme trabalho de investigação, estabelecia toda a biografia."

"Logo depois da morte do pai, em setembro de 1976, David vendeu a casa e os 30 hectares de terreno para comprar, em Paris, espaços em imóveis antigos. Reservou para si um JK na rua Visconti e reformou os demais para alugar. Os apartamentos antigos foram divididos; os quartos de empregada, de último andar, às vezes, interligados. Mandou instalar quitinetes e duchas. Tudo pronto, obteve uns 20 apartamentinhos capazes de lhe assegurar uma renda confortável. Ainda não tinha desistido de alcançar êxito no rock e achava que poderia ter uma chance em Paris; mas já estava com 26 anos. Antes de passar em revista as gravadoras, decidiu diminuir a idade em dois anos. Fácil: bastava, quando lhe perguntavam, responder: '24 anos'. Obviamente, ninguém conferia. Muito antes dele, Brian Jones tivera a mesma ideia. Conforme o depoimento de Macmillan, uma noite, numa party em

Cannes, David encontrara Mick Jagger. Dera um salto para trás de dois metros, como se estivesse frente a frente com uma víbora. Mick Jagger era a maior estrela do mundo; rico, adulado e cínico, representava tudo o que David sonhava ser. Seduzia porque era o mal, o qual representava com perfeição. As massas adulam acima de tudo a imagem do mal impune. Um dia, Mick Jagger tivera um problema de poder, um problema de ego dentro do grupo, justamente com Brian Jones; mas tudo se resolveu com a piscina. Não se tratava da versão oficial, certo, mas David sabia que Mick Jagger jogara Brian Jones na piscina. Podia imaginá-lo em ação. Foi assim, graças a esse crime inicial, que se tornou o líder do maior grupo de rock do mundo. Todas as coisas importantes no mundo assentam-se, no princípio, sobre um crime, disso David estava convencido. No final de 1976, já se sentia pronto para jogar nas piscinas necessárias quantas pessoas fosse preciso. Só conseguiu, ao longo dos anos seguintes, participar em alguns discos como baixista complementar — e nenhum desses discos teve o menor sucesso. Em compensação, continuava a agradar às mulheres. As suas exigências eróticas aumentaram e acostumou-se a ir para a cama com duas garotas ao mesmo tempo — de preferência uma loura e outra morena. A maioria aceitava, pois ele era realmente lindo — num gênero potente e viril, quase animal. Sentia orgulho do seu fim e grosso, e dos colhões enormes e peludos. Perdia, a mais, o interesse pela penetração, mas sentia grande pia ver as garotas ajoelharem-se para chupar-lhe o pau."

"No começo de 1981, um californiano de passagem por Paris informou-lhe que estavam procurando grupos para disco heavy-metal em homenagem a Charles Manson. Mais uma vez, decidiu tentar a sorte. Vendeu todos os apartamentos, cujo preço havia quase quadruplicado, e foi morar em Angeles. Estava na realidade com 31 anos; oficialmente, 29. Ainda era muito. Antes de se apresentar

aos produtores americanos, cortou mais três da idade. Fisicamente, podia-se dar a ele perfeitamente 26 anos. A produção se arrastou. Do fundo da penitenciária, Manson exigia somas exorbitantes. David fazia cooper e frequentava os círculos satanistas. A Califórnia sempre foi um dos lugares prediletos das seitas dedicadas ao culto de Satã, desde as primeiras, First Church of Satan, fundada em 1966 em Los Angeles, por Anton La Vey, e Process Church of the Final Judgment, instalada em São Francisco, em 1967, no distrito de Haight Ashbury. Esses grupos ainda existiam e David travou contato com eles. Limitavam-se, em geral, às orgias rituais e, às vezes, a sacrifícios animais. Mas, através deles, teve acesso a círculos muito mais fechados e duros. Conheceu, especialmente, John di Giorno, um cirurgião que organizava *aborto-parties*. Depois da operação, o feto era moído, amassado e misturado com massa de pão para ser dividido entre os participantes. David compreendeu em seguida que os satanistas mais avançados não acreditavam em Satã. Eram, como ele, materialistas absolutos que desistiam rapidamente do cerimonial um pouco kirsch dos pentáculos, das velas, dos longos vestidos pretos. Esse cenário tinha por objetivo, acima de tudo, ajudar os debutantes a vencerem as inibições morais. Em 1983, foi adicionado, pela primeira vez, num assassinato ritual de um bebê porto-riquenho. Enquanto castrava o menino, com ajuda de uma faca de serra, John di Giorno arrancava e mastigava-lhe os globos oculares."

"Na época, David tinha quase desistido de se tornar rock star, mesmo se sentia um terrível aperto no coração ao ver Mick Jagger na MTV. O projeto *Tribute to Charles Manson*, de qualquer maneira, capotara; mesmo se confessava 28 anos, tinha cinco a mais e começava a sentir-se velho demais. Nas suas fantasias de dominação e de poder, acontecia-lhe de se identificar com Napoleão. Admirava o homem que havia espalhado fogo e sangue pela Europa,

acarretado a morte de centenas de milhares de seres humanos, sem ter sequer a desculpa de uma ideologia, de uma crença, de uma convicção qualquer. Contrariamente a Hitler, contrariamente a Stálin, Napoleão só acreditava nele mesmo, estabelecendo uma separação radical entre ele e o resto do mundo, considerando os outros como meros instrumentos a serviço da sua vontade dominadora. Pensando em suas longínquas origens genovesas, David inventava-se um laço de parentesco com o ditador que, passeando, ao amanhecer, nos campos de batalha, contemplando os milhares de corpos mutilados e destripados, observava com negligência: 'Bah... Uma noite de Paris repovoará tudo isso'."

"Com o passar dos meses, David e mais alguns companheiros mergulharam cada vez mais na crueldade e no horror. Às vezes, filmavam as carnificinas, cobrindo-se com máscaras. Um dos participantes, produtor de vídeo, reproduzia o material. Um bom *snuff movie* podia atingir um valor muito alto, em torno de 20 mil dólares a cópia. Certa noite, convidado para um bacanal na casa de um amigo advogado, David reconheceu, na televisão de um dos quartos, um dos seus filmes. Na fita, gravada um mês antes, cortava um membro masculino com uma motosserra. Muito excitado, agarrou uma menina de uns 12 anos, amiga da filha do anfitrião. A garotinha se debateu um pouco antes de começar a chupar-lhe o pau. Na tela, ele aproximava lentamente a motosserra, roçando as pernas de um homem de uns 40 anos, completamente amarrado, com os braços em cruz, urrando de medo. David gozou na boca da garota no momento em que a lâmina decepava o sexo do outro. Pegou a menina pelos cabelos, virou-lhe brutalmente a cabeça e forçou-a a olhar o longo plano fixo do toco que mijava sangue. Os depoimentos recolhidos sobre David terminavam ali. A polícia interceptara, por acaso, o original de um vídeo de tortura, mas David tinha sido, provavelmente, alertado e conseguira, em todo caso,

escapar. Daniel Macmillan retomava então a sua tese. Seu livro demonstrava que os pretensos satanistas não acreditavam em Deus nem em Satã, nem em qualquer outra potência supraterrrestre; a blasfêmia, de resto, só entrava nas cerimônias que praticavam como um condimento erótico menor, cujo gosto se perdia rapidamente. Eram, de fato, como o mestre, o Marquês de Sade, materialistas absolutos, hedonistas em busca de sensações cada vez mais violentas."

"Segundo Daniel Macmillan, a destruição progressiva dos valores morais, ao longo dos anos 60,70, 80 e, enfim, 90, constituía um processo lógico e inexorável. Depois de terem esgotado o gozo sexual, era normal que os indivíduos, liberados de todas as interdições morais correntes, procurassem os prazeres mais amplos da crueldade. Sade, dois séculos antes, seguira um percurso semelhante. Nesse sentido, os *serial killers* dos anos 90 eram os filhos naturais dos hippies dos anos 60; podia-se tomar como ancestrais comuns a eles os representantes do Wiener Aktionismus dos anos 50. Sob a fachada de performances artísticas, gente como Nitsch, Muehl ou Schwarzkogler massacraram animais em público; diante de cretinos, arrancaram e despedaçaram órgãos e vísceras, enfiaram as mãos na carne e no sangue, levando o sofrimento de animais inocentes até os últimos limites — enquanto um comparsa fotografava ou filmava a carnificina para expor o material obtido numa galeria de arte. Essa vontade dionisíaca de liberação da bestialidade e do mal, iniciada pelos vienenses, reapareceu durante as décadas seguintes. Conforme Daniel Macmillan, esse sobressalto da civilização ocidental, pós-1945, nada mais era do que o retorno ao culto brutal da força e a rejeição de regras seculares construídas lentamente em nome da moral e do direito. Acionistas vienenses, beatniks, hippies e assassinos em série tinham em comum a condição de libertários integristas, que pregavam a afirmação integral dos direitos

do indivíduo face a todas as normas sociais, a todas as hipocrisias que, segundo eles, constituíam a moral, o sentimento, a justiça e a piedade. Nesse sentido, Charles Manson não era, de forma alguma, um desvio horroroso da experiência hippie, mas a sua realização lógica. E David di Meola limitou-se a prolongar e a praticar os valores de liberação individual sustentados pelo pai. Macmillan pertencia ao partido conservador e algumas das suas diretrizes contra a liberdade individual fizeram ranger dentes nas suas próprias hostes. Enriquecido com os direitos de autor, lançou-se, em tempo integral, na política. No ano seguinte, elegeu-se para a Câmara dos Representantes."

Bruno se calou. Fazia muito tempo que terminara o café; eram quatro horas da manhã e não havia nenhum ativista vienense na sala. De resto, Hermann Nitsch apodrecia numa prisão austríaca, condenado por violação de menor. Com mais de 60 anos, não tardaria a morrer. Assim, uma fonte de mal seria eliminada. Não havia razão para nervosismo. Tudo estava calmo, agora. Um garçom solitário circulava entre as mesas. Apesar de serem os únicos clientes, a cervejaria teria de continuar aberta, 24 horas por dia, estava escrito na frente, repetido nos cardápios, era quase uma obrigação contratual. "Que não venham encher o saco, esses veados", resmungou Bruno, mecanicamente.

Uma vida humana, nas sociedades contemporâneas, passa necessariamente por um ou vários períodos de crise, de forte questionamento pessoal, logo é normal que se tenha acesso, numa grande capital europeia, a ao menos um estabelecimento aberto durante a noite. Pediu uma torta bávara com framboesas e dois copos de kirsch. Christiane havia escutado com atenção; seu silêncio tinha algo de doloroso. Era preciso voltar aos prazeres simples.

¹ Filé de arenque enrolado, ao molho de vinho branco, em torno de um pepino em conserva. (N.T.)

² Queijo mole, fermentado, do vale do Munster, na Alsácia (N.T.).

16

Por uma estética da boa vontade

*Assim que a aurora desponta,
as moças vão colher rosas.
Uma corrente de intelectuais percorre os pequenos
vales, capitais,
socorre a inteligência dos poetas mais entusiastas,
distribui proteção aos berços,
coroas à juventude,
crenças na imortalidade aos velhos.*

(Lautréamont, Poesias II)

Os indivíduos com quem Bruno conviveu, ao longo dos anos, eram, na maioria, movidos exclusivamente pela busca do prazer — se, claro, inclui-se na ordem do prazer as gratificações de ordem narcísica, tão ligadas à estima ou à admiração pelos outros. Assim, montavam-se diferentes estratégias, qualificadas de vidas humanas.

A essa regra, entretanto, convinha fazer uma exceção, em se tratando de seu irmão; o próprio termo prazer dificilmente poderia ser associado a ele. Aliás, a bem da verdade, seria Michel movido por alguma coisa? Um movimento retilíneo uniforme persiste indefinidamente, na ausência de atrito ou de aplicação de uma força externa.

Organizada, racional, sociologicamente situada na mediana das categorias superiores, a vida do irmão parecia, até ali, realizar-se sem fricção. Talvez aconteçam lutas terríveis no campo fechado dos pesquisadores em biologia molecular. Bruno, entretanto, duvidava.

"Tens uma visão muito sombria...", disse Christiane, cortando um silêncio pesado. "Nietzschiã", precisou Bruno, "mais ainda, nietzschiã de baixa categoria", achou útil acrescentar. "Vou te ler um poema." Tirou um bloco do bolso e declamou estes versos:

*E sempre o mesmo velho rango
Do eterno retorno, etc.
E eu como sorvete de morango
Na calçada do Zaratustra.*

"Sei o que se deve fazer", disse ela, depois de um novo silêncio. "Vamos fazer surubas no Cabo de Agde, no setor naturista. Há enfermeiras holandesas, funcionários alemães, todos bastante aceitáveis, burgueses, no gênero países nórdicos ou Benelux. Por que não uma suruba com policiais de Luxemburgo?"

— Acabaram minhas semanas de férias.

— As minhas também. As aulas recomeçam na terça-feira. Mas ainda preciso de férias. Estou de saco cheio de lecionar para crianças babacas. Tu necessitas também de férias, de gozar com muitas mulheres diferentes. É possível. Sei que não acreditas, mas te asseguro: é possível. Tenho um amigo médico que nos dará um atestado.

Chegaram à estação de Agde na segunda-feira, pela manhã, e tomaram um táxi para o setor naturista. Christiane tinha pouquíssima bagagem, pois não houvera tempo para voltar a Noyon. "Preciso mandar grana para meu filho", disse ela.

"Ele me despreza, mas ainda serei obrigada a suportá-lo por alguns anos. Meu único medo é que se torne violento.

Anda com tipos esquisitos, muçulmanos, nazistas... Se morresse num acidente de moto, eu lamentaria, mas creio que me sentiria mais livre."

Já se estava em setembro. Encontram facilmente um lugar. O complexo naturista de Cap d'Agde, dividido em cinco residências, construídas nos anos 70 e no começo dos anos 80, oferece uma capacidade hoteleira total de dez mil camas, um recorde mundial. Os apartamentos, de 22 metros quadrados, possuíam um quarto-sala com sofá-cama, uma cozinha, um beliche, W.C. e lavatório separados, sacada. Capacidade máxima: quatro pessoas — quase sempre, uma família com dois filhos. Sentiram-se, de imediato, muito bem. Voltada para oeste, a sacada permitia tomar o aperitivo aproveitando os últimos raios de sol. Havia de três centros comerciais, de um minigolfe e de locação de bicicletas, á estação naturista de Agde conta, em primeiro lugar, para seduzir os veranistas, com as alegrias mais elementares da praia e do sexo. Constitui, em definitivo, o lugar de uma proposição sociológica particular, ainda mais surpreendente porque parece encontrar suas referências fora de qualquer carta preestabelecida, simplesmente com base em iniciativas individuais convergentes. Ao menos, foi com esses termos que Bruno abriu o artigo, no qual sintetizava duas semanas de repouso, intitulado "AS DUNAS DA PRAIA DE MARSEILLAN: POR UMA ESTÉTICA DA BOA VONTADE". O texto foi quase aceito pela revista *Esprit*.

"O que surpreende, em primeiríssimo lugar, no Cabo de Agde, é a coexistência entre lugares banais de consumo, absolutamente análogos aos encontrados nas demais estações balneárias europeias, com outros comércios explicitamente voltados para a libertinagem e o sexo", observava Bruno. "Por fim, surpreende ver, lado a lado, uma padaria, um mercadinho e uma loja oferecendo, essencialmente, minissaias transparentes, roupas ínfimas

em látex, vestidos concebidos para deixar de fora os seios e a bunda. Interessante também é ver os casais acompanhados ou não dos filhos, bisbilhotarem nas práticas, perambulando sem constrangimento por esses diversos estabelecimentos. Surpreende, enfim, ver as editoras, na estação» apresentarem, afora a amostragem habitual de diários e de revistas, uma oferta particularmente ampla de publicações de troca, de parceiros, entre casais, e pornográficas, assim como *gadgets* eróticos; tudo isso sem provocar a menor comoção entre os consumidores."

"Os centros de férias institucionais, classicamente, distribuem-se num eixo indo do estilo 'familiar' (miniclube, Kids Club, esquentamamadeira, fraldinha) ao estilo 'jovem' (patinação, festas noturnas, desaconselháveis para menores de 12 anos). Por causa de seu público, em grande parte familiar, pela importância do lazer sexual fora do contexto habitual da 'caça', o centro naturista de Agde escapa amplamente a tal dicotomia. Diferencia-se, surpreendendo os visitantes, dos centros naturistas tradicionais, que enfatizam uma concepção 'sadia' da nudez, excluindo qualquer interpretação sexual direta, valorizando a alimentação natural e praticamente banindo o fumo. De sensibilidade ecologista, seguidamente, os frequentadores destes praticam ioga, pintura em seda, ginásticas orientais. Adaptam-se facilmente a um habitat rudimentar no meio de um lugar selvagem. Os apartamentos alugados no Cabo, ao contrário, correspondem amplamente às normas padronizadas de conforto das estações de férias. A natureza está presente sob a forma de gramados e canteiros de flores. Enfim, a comida, clássica, justapõe pizzarias, restaurantes de frutos de r.i.: -i nau i sorveterias. A própria nudez, digamos assim, assume caráter diferente. Num centro naturista tradicional, é, sempre que as condições atmosféricas o permitem, obrigatória. Essa obrigação é objeto de vigilância rigorosa,

sofrendo forte reprovação todo comportamento tido por voyeurismo. No Cabo de Agde, ao contrário, assiste-se à convivência pacífica, tanto nos supermercados quanto nos bares, de maneiras de vestir-se extremamente variadas, indo da nudez total às roupas tradicionais, passando por formas abertamente eróticas (minissaias de crochê, lingerie, bermudas de couro). O voyeurismo é tacitamente admitido. Costuma-se ver homens pararem, na praia, para admirar a genitália feminina exposta ao olhar de todos. Algumas mulheres chegam mesmo a dar a essa contemplação um aspecto mais íntimo, através da depilação, que facilita o exame do clitóris e dos grandes lábios. Tudo isso gera, mesmo para quem não participou das atividades específicas do centro, um clima bastante singular, tão distanciado da atmosfera erótica e narcísica das discotecas italianas, quanto do ambiente 'sórdido' da zona, nas cidades grandes. Em suma, trata-se de uma estação balneária clássica, mais para bem-comportada, a não ser pelo fato de que os prazeres sexuais ocupam nela um lugar importante e aceito. Daí a tentação, a esse respeito, de falar em alguma coisa como uma atmosfera sexual 'social-democrata, ainda mais que o público estrangeiro, considerável, vem essencialmente da Alemanha, além de fortes contingentes de holandeses e de escandinavos."

No segundo dia, Bruno e Christiane conheceram na praia um casal, Rudi e Hannelore, que os ajudou a compreender melhor o funcionamento sociológico do lugar. Rudi era técnico num centro de controle de satélites, responsável, em especial, pelo posicionamento geoestacionário do satélite de telecomunicações Asitra. Hannelore trabalhava numa importante livraria de Hamburgo. Frequentadores habituais do Cace de Agde havia mais de dez anos, tinham dois filhos pequenos, que deixaram com os pais de Hannelore para viajar sós por uma semana. Na mesma noite, jantaram juntos num restaurante

de peixes onde se comia uma excelente *bouilabaisse*. Em seguida, foram para o apartamento do casal alemão.

Bruno e Rudi penetraram sucessivamente Hannelore, enquanto esta chupava Christiane. Depois, trocaram as posições das mulheres. Hannelore fez uma felação em Bruno. Tinha um belo corpo, abundante mas firme, visivelmente mantido pela prática esportiva. Além disso, chupava com muita sensibilidade. Bastante excitado, Bruno, infelizmente, gozou rápido demais. Rudi, mais experiente, conseguiu reter a ejaculação durante 20 minutos, enquanto Hannelore e Christiane o chupavam em parceria, entrecruzando as línguas sobre a sua glande. Hannelore propôs uma rodada de kirsch para encerrar a noitada.

As duas discotecas para casais, situadas no centro, desempenhavam um papel fraco na vida libertina do casal alemão. Le Cléopâtre e l'Absolu enfrentavam a dura concorrência de Extasia, localizada fora do perímetro naturista, no município de Marseillan. Dotada de equipamentos espetaculares (black room, peep room, piscina quente, jacuzzi e, mais recentemente, a mais bela *mirror-room* do Languedoc-Roussillon, Extasia, longe de dormir sobre os louros conquistados no começo dos anos 70, com um espaço maravilhoso, soubera conservar o status de "boate mítica". Hannelore e Rudi os convidaram, entretanto, para ir, na noite seguinte, à Cléopâtre. Menor, caracterizada por um ambiente caloroso, funcionava como excelente ponto de partida para um casal noviço, além de estar situada bem no meio da estação: ótima para um drinque entre amigos, depois do jantar, bem à vontade; ótima também para as mulheres testarem, numa atmosfera simpática, os trajes eróticos recém-adquiridos.

Rudi fez circular de novo a garrafa de kirsch. Nenhum dos quatro tinha colocado a roupa. Bruno sentiu, com alegria, uma nova ereção, menos de uma hora depois de ter gozado entre os lábios de Hannelore.

Explicou-se com um entusiasmo ingênuo. Emocionada, Christiane começou a masturbá-lo, sob o olhar enternecido dos novos amigos. Quase no fim, Hannelore ajoelhou-se entre as pernas dele e chupou-lhe em pequenos sorvos, enquanto Christiane o acariciava. Meio alto, Rudi repetia mecanicamente: "Gut... gut..." Separaram-se meio bêbados, mas de excelente humor. Bruno evocou para Christiane o Clube dos Cinco, a semelhança entre ela e a imagem que tinha, desde sempre, de Claude. Só faltava, disse, o bravo cão Dago.

No dia seguinte, à tarde, foram juntos à praia. Estava, para setembro, muito quente e bonito. Seria agradável, pensou Bruno, caminharmos, todos, nus à beira da água. Era agradável saber que não haveria desentendimento, que os problemas sexuais já estavam resolvidos; era agradável saber que cada um, na medida das suas possibilidades, tentaria dar prazer aos outros.

Com mais de três quilômetros, a praia naturista do Cap d'Agde ganha, suavemente, profundidade, o que possibilita banho sem riscos inclusive para as crianças pequenas. Reserva-se a extensão maior para as famílias e as brincadeiras esportivas (prancha a vela, frescobol, pandorgas). Admitia-se, tacitamente, que os casais em busca de experiências libertinas ficariam na parte oriental da praia, um pouco depois da fonte de Marseillan. As dunas, fortalecidas com paliçadas, formavam ali uma ligeira saliência. Quando se atinge o alto desse desnível, vê-se, de um lado, a praia, que se inclina suavemente para o mar; do outro lado, uma área mais acidentada, composta de dunas e planos, cobertos, aqui e ali, de bosques de azinheiras. Instalaram-se no lado da praia, embaixo da saliência das dunas. Em torno de 200 casais se aglomeravam num espaço reduzido. Havia também alguns

homens sós. Outros observavam a linha das dunas, cuidando, alternadamente, das duas direções.

"Durante as duas semanas que passamos lá, fomos à praia todas as tardes", continua Bruno, em seu artigo. "Naturalmente, pode-se morrer, desejar a morte e olhar com severidade os prazeres humanos. Na medida em que se rejeita essa posição extremista, as dunas da Praia de Marseillan constituem — o que tentarei demonstrar — o lugar adequado de uma proposta humanista, visando a maximizar o prazer de cada um sem criar sofrimento moral insuportável para ninguém. O gozo sexual (o mais intenso experimentado pelo ser humano) baseia-se, antes de tudo, nas sensações táteis, em particular na excitação deliberada de zonas epidérmicas específicas, forradas de corpúsculos de Krause, eles próprios em ligação com neurônios suscetíveis de acionar no hipotálamo uma poderosa liberação de endorfinas."

"A esse sistema simples, veio superpor-se, no neocórtex, graças à sucessão das gerações culturais, uma construção mental mais rica, apelando às fantasias e (principalmente entre as mulheres) ao amor.

As dunas da Praia de Marseillan — é a minha hipótese, ao menos — não devem ser consideradas como o lugar de uma exacerbação descabida de fantasias, mas, ao contrário, como um dispositivo de reequilíbrio dos interesses sexuais em jogo, como o suporte geográfico de uma tentativa de retorno a normalidade — com base, essencialmente, num princípio de boa vontade,"

"Concretamente, cada um dos casais, reunidos no espaço separando as dunas da água, pode tomar a iniciativa de carícias sexuais públicas. Com frequência, é a mulher que masturba ou chupa o companheiro; muitas vezes, é o homem que retribui. Os casais vizinhos observam tais carícias com especial atenção, aproximam-se para ver melhor, imitam-nos, aos poucos. A partir do casal inicial, propaga-se, rapidamente, na praia, uma onda de carícias e

luxúria inacreditavelmente excitante. Com o aumento do frenesi sexual, inúmeros casais se aproximam e entregam-se a bolinações em grupo. Importante: cada aproximação resulta de um consentimento prévio, com frequência, explícito. Quando uma mulher deseja evitar uma carícia, indica isso com a cabeça, provocando, de imediato, no homem desculpas cerimoniosas e cômicas."

"A extrema correção dos participantes masculinos parece ainda mais surpreendente quando nos aventuramos para o interior, além da linha das dunas, numa área classicamente reservada aos amadores de *gang bang* e de pluralidade masculina. Ali também o germe é um casal entregue a uma carícia íntima — quase sempre uma felação. Rapidamente, os dois parceiros veem-se cercados por dez ou 20 homens sós. Sentados, em pé ou agachados, eles se masturbam assistindo à cena. Às vezes, as coisas ficam por ali, o casal voltando ao abraço inicial e os espectadores, aos poucos, dispersando-se. Outras vezes, com um sinal, a mulher indica que deseja masturbar, chupar ou ser penetrada por outros homens que, então, se sucedem, sem qualquer precipitação.

Quando ela deseja parar, indica-o também com um simples gesto. Não se troca nenhuma palavra. Ouve-se claramente o vento que sopra entre as dunas, contornando os maciços de ervas. Às vezes, o vento para; o silêncio, então, é total, somente interrompido pelos ruídos do gozo."

"Não se trata aqui, de jeito nenhum, de pintar a estação natural do Cabo de Agde sob o aspecto idílico de não sei qual falanstério fourierista. Como em qualquer outro lugar, uma mulher de corpo jovem e harmonioso e um homem sedutor e viril veem-se ali cobertos de propostas lisonjeiras. Como em qualquer outro lugar, um indivíduo obeso, envelhecido ou sem graça estará ali condenado à masturbação — resta que essa prática, proscrita nos lugares públicos, é ali considerada com benevolência, Surpreende o fato de que práticas sexuais tão diversas,

muito mais excitantes que as representadas em qualquer filme pornográfico, possam acontecer sem engendrar a menor violência, nem sequer a menor falta de cortesia."

"Introduzindo, de novo, a noção de 'sexualidade social-democrata', sinto-me inclinado a ver nisso uma aplicação inusitada das mesmas qualidades de disciplina e de respeito a todo contrato que permitiram aos alemães fazer duas guerras mundiais, terrivelmente mortíferas, com uma geração de intervalo, antes de reconstruir, num país em ruínas, uma economia poderosa e exportadora. Seria interessante examinar, à luz das proposições sociológicas relativas ao Cabo de Agde, o comportamento de pessoas oriundas de países em que tais valores ocupam lugar destacado (Japão, Coreia)."

"Essa atitude respeitosa e legalista, que assegura a cada um, se respeitados os termos do contrato, inúmeros momentos de gozo pacífico, parece, em todo caso, dispor de um poder de convicção fortíssimo, pois se impõe facilmente, sem qualquer regulamento explícito, aos elementos minoritários presentes na estação (bofes lepenistas do Languedoc, delinquentes árabes, italianos de Rimini)."

Nesse ponto, Bruno interrompeu o artigo, depois de uma semana em Agde. Aquilo que faltava dizer era mais doce, delicado e incerto. Tinham-se acostumado, depois das tardes na praia, a tomar o aperitivo pelas sete horas. Escolhia um Campari. Christiane, em geral, um Martini branco. Bruno contemplava os movimentos do sol no reboco — branco no interior, ligeiramente rosa no exterior. Sentia prazer em ver Christiane andar nua pelo apartamento, ir buscar o gelo e as azeitonas. Estranho, muito estranho, o que sentia. Respirava com mais facilidade, ficava, às vezes, minutos inteiros sem pensar. Não tinha mais medo. Uma tarde, oito dias após a chegada, disse a Christiane: "Acho que estou feliz". Ela estancou,

com a mão crispada no congelador, e soltou um longo suspiro.

"Quero viver contigo", continuou Bruno. "Acho que já basta, fomos infelizes demais assim, durante muito tempo. Mais tarde, virá a doença, a invalidez e a morte. Mas creio que podemos ser felizes juntos até o fim. Em todo caso, gostaria de tentar. Acho que te amo."

Christiane chorou. Mais tarde, diante de uma travessa de frutos do mar no Netuno, consideraram a questão do ponto de vista prático. Ela poderia, facilmente, ir a Paris todos os fins de semana, mas, certamente, seria difícil obter uma transferência. Em função da pensão alimentícia, o salário de Bruno não bastava para o sustento dos dois. E, além disso, havia o filho de Christiane. Também por isso seria preciso esperar. Apesar de tudo, era possível. Pela primeira vez depois de muitos anos, alguma coisa parecia possível.

No dia seguinte, Bruno escreveu uma carta, curta e emocionada, para Michel. Declarava-se feliz e lamentava o fato de que nunca tinham conseguido se compreender inteiramente. Desejava-lhe que, na medida do possível, alcançasse uma certa forma de felicidade. Assinava: "Teu irmão, Bruno".

17

A carta encontrou Michel em plena crise de desânimo intelectual. Segundo a hipótese de Margenau, podia-se comparar a consciência individual a um campo de probabilidades num espaço de Fock, definido como soma direta de espaços de Hilbert. Esse espaço podia, em princípio, ser construído a partir de acontecimentos eletrônicos elementares ao nível dos micróscitos sinápticos. O comportamento normal era, então, assimilável a uma deformação elástica do campo; o ato livre, a uma ruptura. Mas em que topologia? Nada tinha de evidente que a topologia natural dos espaços hilbertianos pudesse dar conta do surgimento do ato livre. Não havia certeza sequer sobre a possibilidade de pôr o problema, na atualidade, a não ser em termos extremamente metafóricos. Michel, entretanto, estava convencido de que para isso seria indispensável um novo paradigma. Todas as noites, antes de desligar o computador, programava uma busca na Internet dos resultados experimentais publicados no dia. Na manhã seguinte, examinava-os e constatava que, por toda parte, os centros de pesquisa pareciam, cada vez mais, avançar às cegas, num empirismo sem sentido. Nenhum resultado permitia chegar à menor conclusão, nem mesmo a formular a menor hipótese teórica. A consciência individual aparecia, bruscamente, sem razão aparente, no meio das linhagens animais. Precedia, sem nenhuma dúvida, amplamente à linguagem. Com seu finalismo inconsciente, os darwinianos destacavam como

sempre hipotéticas vantagens seletivas ligadas à sua aparição e, como sempre, isso não explicava nada, era apenas uma inofensiva reconstrução mítica; mas o princípio antrópico, no caso, tampouco convencia. O mundo se tinha dotado de um olho capaz de contemplá-lo; um cérebro capaz de compreendê-lo; sim, e daí? Isso não contribuía em nada para a compreensão do fenômeno. Uma consciência de si, ausente nos nematódeos, fora evidenciada nos lagartos pouco especializados, tipo *Lacerta agilis*, e implicava, muito provavelmente, a presença de um sistema nervoso central, além de alguma coisa mais. Essa alguma coisa permanecia absolutamente misteriosa. O surgimento da consciência não parecia ser associável a nenhum outro dado anatômico, bioquímico ou celular. Desanimador.

Que teria feito Heisenberg? Que teria feito Niels Bohr? Ganhar terreno, refletir. Andar nos campos, escutar música. O novo jamais se produz pela simples interpolação do antigo. As informações acrescentam-se às informações como punhados de areia, predefinidas em sua natureza pelo paradigma que delimita o campo das experiências. Mais do que nunca, precisa-se de um ângulo novo.

Quentes e breves, os dias corriam tristonhos. Na noite de 15 de setembro, Michel teve um sonho inabitualmente feliz. Estava ao lado de uma garotinha que cavalgava na floresta, cercada de borboletas e flores (ao acordar, percebeu que a imagem, reaparecida depois de 30 anos, era a da abertura do *Príncipe Saphir*, um folhetim capaz de tocar o coração, que olhava nas tardes de domingo, na casa da avó). No instante seguinte, caminhava sozinho, no meio de um campo imenso e cheio de vales verdejantes. Não distinguia o horizonte. As colinas pareciam repetir-se ao infinito, sob um céu luminoso, de um belo cinza claro. Entretanto, avançava sem hesitação e sem pressa. Sabia que, alguns metros abaixo, corria um rio subterrâneo, ao

longo do qual, instintivamente, seus passos o conduziriam. Em torno dele» o vento ondulava o ervaçal.

Ao acordar, ele se sentiu jovem e ativo, como nunca estivera desde o licenciamento, mais ou menos dois meses antes. Saiu, dobrou na avenida Emile Zola, caminhou entre as tílias. Embora só, não sofria. Parou na esquina da rua dos Entrepreneurs. Vendedoras asiáticas instalavam-se nas caixas da loja Zolacolor, que estava abrindo. As vendedoras asiáticas se instalavam em suas caixas; eram umas nove horas. Entre as torres de Beaugrenelle, o céu aparecia estranhamente claro. Tudo sem saída. Talvez devesse ter falado com a vizinha, a garota da 20 Anos. Informada dos fatos da sociedade, trabalhando numa revista generalista, provavelmente conhecia os mecanismos de adesão ao mundo; os fatores psicológicos tampouco deviam ser-lhe estranhos. Aquela garota devia ter muito a ensinar-lhe.

Voltou quase correndo, subiu num pulo os andares que levavam ao apartamento da moça. Tocou três vezes, demoradamente, a campainha. Ninguém respondeu. Desamparado, retomou o caminho de casa. Na frente do elevador, questionou-se: era depressivo? Tal questão fazia sentido? Havia alguns anos que os cartazes se multiplicavam no bairro incitando a ter cuidado com a Frente Nacional. A extrema indiferença que manifestava, em todos os sentidos, pela questão, já era, em si mesma, um sinal inquietante. A tradicional lucidez dos depressivos, quase sempre descrita como um desinteresse radical pelas preocupações humanas, revela-se, em primeiríssimo lugar, como falta de interesse pelas questões de fato pouco interessantes. Assim, pode-se, em princípio, imaginar um depressivo apaixonado, enquanto um depressivo patriota parece inconcebível.

De volta à sua cozinha, percebeu que a crença, fundamento natural da democracia, numa determinação livre e racional das escolhas políticas individuais resultava, provavelmente, de uma confusão entre liberdade e

imprevisibilidade. As turbulências de um líquido em movimento, em contato com as pilastras de uma ponte, são imprevisíveis. Ninguém pensaria, contudo, em considerá-las livres. Serviu-se um copo de vinho branco, puxou as cortinas e deitou-se para refletir. As equações da teoria do caos não faziam qualquer referência ao meio físico no qual ocorrem as suas manifestações. Essa ubiquidade permitia-lhes encontrar aplicação em hidrodinâmica, assim como em genética das populações, em meteorologia como em sociologia dos grupos. Bom poder de modelização morfológica para capacidades preditivas quase nulas.

Ao contrário, as equações da mecânica quântica permitiam prever o comportamento dos sistemas microfísicos, com excelente precisão, até mesmo com precisão total, caso se abandonasse toda esperança de retorno a uma ontologia material. Era prematuro, ao menos, e talvez impossível, conjugar essas duas teorias. Entretanto, Michel estava certo disso, a constituição de atratores, através da rede evolutiva dos neurônios e das sinapses, era a chave explicativa das opiniões e das ações humanas.

Na procura de uma fotocópia de publicações recentes, conscientizou-se de que na última semana esquecera-se de abrir a correspondência. Naturalmente, havia sobretudo publicidade. A empresa TMR ambicionava, com o lançamento de Costa Romântica, criar uma nova norma institucional no campo dos cruzeiros de luxo. Descrevia-se o navio como um autêntico paraíso flutuante. Eis como poderiam passar-se — só dependia dele — os primeiros instantes do cruzeiro: "Antes de tudo, você entra num grande hall banhado de sol, sob uma imensa cúpula de vidro. Pelos elevadores panorâmicos, chegará ao convés. Ali, pele imensa vidraça da proa, poderá contemplar o oceano como numa tela gigante'.

Separou o prospecto, decidido a estudá-lo mais a fundo. Perambular no convés, contemplar o mar por trás de uma

redoma transparente, vagar durante semanas sob um céu idêntico... Por que não? A Europa ocidental bem que poderia afundar sob as bombas enquanto eles desembarcavam, incólumes e bronzeados, num continente novo.

Entrementes, precisava-se viver, o que se podia fazer com alegria, inteligência e responsabilidade. As Últimas notícias do Monoprix destacavam, mais do que nunca, a noção de empresa cidadã. Outra vez, o editorialista combatia o lugar-comum pelo qual gastronomia e forma seriam incompatíveis. Com suas linhas de produtos, marcas, com a escolha rigorosa de cada referência, toda a ação do Monoprix, desde a sua criação, testemunhava o inverso. "O equilíbrio é possível para todos e já", afirmava, sem hesitação, o redator. Após essa primeira página belicosa, ou mesmo engajada, o resto da publicação regozijava-se com conselhos espertos, jogos educativos, "você sabia". Michel divertiu-se calculando seu consumo diário de calorias. Nas últimas semanas, não varrera, nem passara roupa, nem nadara, nem jogara tênis, nem transara. Só podia assinalar três atividades: ficar sentado, deitado, dormir. Feitas as contas, necessitava de 1750 quilocalorias/dia. Segundo a carta de Bruno, este parecia ter nadado e transado muito.

Refez o cálculo com os novos dados: as necessidades energéticas subiam para 2700 quilocalorias/dia.

Havia uma segunda carta, da prefeitura de Crécy-en-Brie. Por causa da ampliação de um terminal de ônibus, seria necessário reorganizar o cemitério municipal e transferir alguns túmulos, entre os quais o da avó de Michel. Conforme o regulamento, um membro da família devia assistir à mudança dos restos. Cobia-lhe fixar, entre 10h30 e 12 horas, um encontro com o pessoal do serviço de concessões funerárias.

18

Reencontro

Um trem de periferia substituíra o *autorail* de Crécy-la-Chapelle. O vilarejo também tinha mudado bastante. Parou na praça da estação, olhou em torno, surpreso. Um hipermercado Casino instalara-se na avenida General Leclerc, na saída de Crécy. Por toda parte, prédios novos.

Tudo datava da abertura da Eurodisney, explicou-lhe o empregado da prefeitura e, sobretudo, da ampliação da linha do RER até Marne-la-Vallée. Muitos parisienses escolheram mudar-se para ali. Os preços dos terrenos quase triplicaram; os últimos agricultores venderam as chácaras. Havia agora um ginásio, uma sala polivalente, duas piscinas. Alguns problemas de delinquência, não mais do que em outros lugares.

Indo para o cemitério, revendo velhas casas e canais intactos, experimentou o sentimento confuso e triste de quando se volta ao reduto da infância. Atravessando a passarela da ronda, achou-se diante do moinho. O banco, no qual ele e Annabelle gostavam de sentar-se, após a aula, ainda estava lá. Enormes peixes nadavam contra a correnteza em águas turvas. O sol apareceu, rapidamente, entre duas nuvens.

O homem esperava Michel perto da entrada do cemitério. "O senhor é..." "Sim." Qual era a palavra moderna para "coveiro"? Segurava uma pá e um saco de lixo, grande e preto de plástico. Michel seguiu-o. "Não precisa olhar...", resmungou o outro, caminhando para a sepultura aberta.

Difícil compreender a morte. Somente a contragosto o ser humano resigna-se a ter dela uma imagem exata. Michel vira o cadáver da avó, 20 anos antes, quando a beijara pela última vez. Ao primeiro olhar, entretanto, surpreendeu-se com o que a escavação lhe mostrava. Apesar de enterrada num caixão, na terra revirada só se distinguiram pedaços de madeira, uma tábuia podre e coisas brancas indistintas. Ao tomar consciência do que tinha diante dos olhos, virou bruscamente a cabeça, forçando-se a olhar na direção oposta; mas já era tarde. Vira o crânio sujo de terra, com as órbitas vazias, das quais pendiam tufos de cabelos brancos. Enxergara as vértebras espalhadas, misturadas com terra. Compreendera.

O homem continuou a enfiar os restos no saco plástico, dando uma olhada para Michel, prostrado ao seu lado. "Sempre o mesmo...", murmurou. "Não conseguem evitar, precisam olhar. Um caixão pode durar 20 anos!", disse com uma espécie de cólera. Michel permaneceu a alguns passos enquanto o outro despejava o conteúdo do saco na sua nova morada. Trabalho feito, o homem levantou-se e aproximou-se: "Tudo bem?" Assentiu. "A lápide será transferida amanhã. Assine o registro."

Então era assim. Depois de 20 anos, era assim. Ossos misturados com terra, e a massa de cabelos brancos, incrivelmente numerosos e vivos. Revia a avó bordando na frente da televisão, indo para a cozinha. Era assim. Passando diante do Bar dos Esportes, percebeu que tremia. Entrou e pediu um pastis. Sentado, viu que o interior diferia muito do das suas lembranças. Havia um bilhar americano, videogames, uma televisão, ligada na MTV,

passando clips. A capa de *Newlook*, colocada como um cartaz publicitário, chamava para as fantasias de Zara Whites e o grande tubarão branco da Austrália*! Aos poucos, caiu num sono leve.

Annabelle o reconheceu. Acabava de pagar os cigarros e dirigia-se para a saída quando o avistou, afundado na banquetta. Hesitou, antes de aproximar-se, dois ou três segundos. Sentou-se, na banquetta de couro sintético, na frente dele. Quase não tinha mudado. O rosto continuava inacreditavelmente liso e puro; os cabelos, de um louro luminoso. Parecia impossível que tivesse 40 anos; no máximo, 27 ou 28.

Estava em Crécy por razões não muito diferentes. "Meu pai morreu faz uma semana", disse. Câncer do intestino. Foi demorado, sofrido — terrivelmente doloroso. Fiquei algum tempo para ajudar mamãe. De resto, moro em Paris, como tu."

Michel baixou os olhos. Houve um momento de silêncio. Na mesa ao lado, dois jovens falavam de lutas de karatê.

"Vi Bruno, por acaso, há três anos, num aeroporto. Ele me disse que eras pesquisador, alguém importante, reconhecido no seu campo. Disse-me também que não tinhas casado. Comigo, tudo é menos brilhante. Sou bibliotecária do município. Também não me casei. Pensei muito em ti. Tive ódio quando não respondeste as minhas cartas. Faz 23 anos, mas, às vezes, ainda penso nisso."

Acompanhou-o até a estação. Caía a tarde. Eram quase seis horas. Pararam sobre a ponte do Grand Morin. Havia plantas aquáticas, castanheiros e salsos. A água estava calma e verde. Corot amava essa paisagem e pintara-a várias vezes. Um velho, imóvel no jardim, lembrava um espantalho. "Agora, estamos no mesmo ponto", disse Annabelle, "à mesma distância da morte".

Subiu no estribo para beijá-lo nas faces, pouco antes de o trem sair. "Ainda nos veremos", disse ele. "Sim".

Convidou-o para jantar no sábado seguinte. Morava num pequeno estúdio da rua Legendre. Apesar do espaço mínimo, o ambiente era caloroso — o teto e as paredes, de madeira escura, como a cabine de um navio. "Moro aqui há oito anos, desde que passei nu» concurso para bibliotecária. Antes, trabalhava na TF 1, no departamento de coprodução. Não aguentava mais, não gostava daquele meio. Ao mudar de emprego, perdi dois terços do salário, mas é melhor. Trabalho na biblioteca do XVII^o, na seção infantil."

Preparara carneiro ao curry e lentilhas indianas. Durante a refeição, Michel falou pouco. Questionou Annabelle sobre a família. O irmão mais velho assumira a empresa paterna. Casado, tinha três filhos — um menino e duas meninas. Infelizmente, a empresa andava mal, pois a concorrência, no terreno da ótica de precisão, tornara-se duríssima. Várias vezes, quase tinham declarado falência. O irmão se consolava bebendo pastis e votando em Le Pen. O caçula atuava no marketing da L'Oreal. Divorciado, sem filhos, fora nomeado, recentemente, para a chefia do departamento na América do Norte e transferira-se para os Estados Unidos. Viam-no muito pouco. Portanto, dois destinos, mas quase tão sintomáticos.

"Não fui feliz", disse Annabelle. "Acho que dava muita importância ao amor. Entregava-me facilmente. Os homens me largavam assim que obtinham o desejado, e eu sofria. Os homens não transam por amor, mas por excitação. Levei anos para compreender essa banalidade. Todo mundo vivia assim ao meu redor, num ambiente liberado, mas eu não sentia nenhum prazer em provocar nem em seduzir. Mesmo a sexualidade acabou por me aborrecer. Não suportava mais o sorriso de triunfo dos homens quando tirava o

vestido, o ar idiota deles no momento do gozo e, mais do que tudo, a grosseria após a transa. Lamentáveis, moles e pretensiosos. É triste, no fim, ser considerada como animal de troca — mesmo se eu era vista como uma bela peça, esteticamente irretocável, que dava orgulho levar para jantar. Só uma vez acreditei estar vivendo alguma coisa séria e fui morar com um cara, um ator» que tinha algo de muito interessante fisicamente, mas não conseguia decolar — ficavam para mim as contas do apartamento. Vivemos dois anos juntos, até que engravidei. Pediu-me para abortar. Aceitei, mas ao voltar do hospital, sabia que tudo estava terminado. Na mesma noite, deixei-o, indo para um hotel. Aos 30 anos, era o meu segundo aborto, não suportava mais. Em 1988, começava-se a ter consciência dos perigos da AIDS. Para mim, isso foi como que uma libertação. Transei com dezenas de homens e não valia a pena lembrar de nenhum deles. Pensamos, hoje, que, em certa fase da vida a gente sai e se diverte. Em seguida, aparece a imagem da morte. Todos os homens que conheci estavam aterrorizados pelo envelhecimento e pensavam, sem parar, na idade. Essa obsessão começa muito cedo — detectei-a em pessoas de 25 anos — e, na sequência, só se agrava. Decidi parar, sair do jogo. Levo uma vida calma, sem alegria. De noite, leio, preparo-me chás e bebidas quentes. Todos os finais de semana, visito meus pais. Cuido bastante do meu sobrinho e de minhas sobrinhas. É verdade que sinto falta de um homem. Por vezes, de noite, tenho medo, custo a dormir. Existem os tranquilizantes, os soníferos. Não basta. Em realidade, gostaria que a vida passasse bem rápido." Michel ficou em silêncio. Não estava surpreso. A maioria das mulheres tem uma adolescência excitada, com muito interesse pelos rapazes e pelo sexo. Depois, aos poucos, cansam, não sentem mais grande vontade de abrir as pernas, de ficar de quatro para mostrar o rabo. Buscam, então, uma relação de ternura que não

encontram, uma paixão que não são mais capazes de sentir; começam os anos difíceis.

Aberto, o sofá-cama ocupava quase todo o espaço disponível. "É a primeira vez que o uso", disse ela. Deitaram-se. Abraçaram-se.

— Não tomo pílula há muito tempo e não tenho camisinha em casa. Tens alguma?

— Não... — sorriu ao pensar naquilo.

— Quer terminar na minha boca?

— Sim — respondeu, finalmente, depois de refletir por um momento.

Foi bom, mesmo sem intenso prazer sexual (no fundo, nunca tinha sido; tão intenso no caso de alguns, o prazer sexual é moderado, ou mesmo insignificante, para outros. Questão de educação, de conexões neuronais ou o quê?). Felação sobretudo emocionante, símbolo do reencontro e de um destino interrompido. Mas, em seguida, quando Annabelle se virou para dormir, foi maravilhoso abraçá-la. Seu corpo era leve e suave, morno e infinitamente liso. Cintura muito fina, ancas largas, pequenos seios firmes. Meteu uma perna entre as dela, as mãos na barriga e nos seios. Doce e quente, estava no começo do mundo. Dormiu quase de imediato.

Primeiro, viu um homem, uma porção vestida no espaço, somente com o rosto descoberto, os olhos brilhantes, a expressão dificilmente decifrável. Diante dele, havia um espelho. Ao primeiro olhar, o homem tivera a impressão de cair no vazio. Mas se acomodara, sentara-se. Considerou a sua imagem em si mesma, como uma forma mental independente dele, passível de ser comunicada a outros. Depois de um minuto, uma relativa indiferença impôs-se. Se desviasse a cabeça por alguns segundos, teria de recomeçar tudo. Precisaria, de novo, penosamente, como no procedimento de adaptação a um objeto próximo,

destruir o sentimento de identificação à sua própria imagem. O eu é uma neurose intermitente da qual o homem ainda está longe de curar-se.

Em seguida, viu uma parede branca, na parte interna da qual se formavam caracteres que, aos poucos, se tornavam espessos, formando um baixo-relevo movediço, animado por uma pulsação repugnante. Primeiro surgia a palavra "PAZ", depois "GUERRA"; enfim, de novo, "GUERRA". A seguir, o fenômeno cessava de repente. A superfície voltava a ser lisa. A atmosfera liquefazia-se, cortada por uma onda. O sol era enorme e amarelo. Viu o lugar onde se formava a raiz do tempo, cujas ramificações prolongavam-se através do universo; gavinhas nodosas no centro que encerravam, amarravam e aglutinavam porções do espaço; viscosas e frescas na extremidade.

Viu o cérebro do homem morto, porção do espaço, contendo o espaço.

Por último, viu o agregado mental do espaço, e o seu contrário. Viu o conflito mental que estruturava o espaço, e a sua desapareição. Viu o espaço como uma linha muito fina que separava duas esferas. Na primeira, estava o ser, e a separação. Na segunda, o não-ser, e o desaparecimento individual. Calmamente, sem hesitar, voltou-se e dirigiu-se para a segunda esfera.

Desprendeu-se e ergueu-se na cama. Ao lado, Annabelle respirava regularmente. O despertador Sony, em forma de cubo, marcava 03:37. Conseguiria dormir de novo? Devia? Tinha Xanax.

Na manhã seguinte, fez café para ele. Tomava chá com pão torrado. O dia estava bonito, mas um tanto frio. Annabelle olhou o corpo nu, estranhamento adolescente em sua magreza persistente. Tinham 40 anos. Difícil de acreditar. Contudo, não podia mais ter filhos sem correr sério risco de malformações genéticas. Já a potência viril

dele achava-se amplamente atenuada. No plano dos interesses da espécie, eram dois indivíduos decadentes, de valor genético medíocre. Ela tinha vivido, cheirado coca, participado de surubas, dormido em hotéis de luxo. Situada, pela beleza, no epicentro do movimento de liberação dos costumes que caracterizara a sua juventude, sofrerá consideravelmente — e devia, em definitivo, quase pagar com a vida. Situado, por indiferença, na periferia do movimento, assim como da vida humana, de tudo, só fora superficialmente atingido. Contentara-se em ser um cliente fiel do Monoprix e em coordenar pesquisas em biologia molecular. Essas existências tão distintas deixaram poucos rastros visíveis em seus corpos separados. Mas a vida realizara o trabalho de destruição, bloqueando-lhes a capacidade de replicação das células e de suas organelas. Mamíferos inteligentes, que poderiam ter-se amado, contemplavam-se na grande luminosidade da manhã de outono. "Sei que é muito tarde", disse ela. "Tenho vontade, apesar disso, de tentar. Ainda guardo a minha carteira de trem do ano escolar 74-75, o último em que fomos ao liceu juntos. Cada vez que a olho, sinto vontade de chorar. Não compreendo como as coisas puderam chegar a esta merda. Não consigo aceitar."

19

Em meio ao suicídio ocidental, estava claro que não tinham nenhuma chance. Continuaram, entretanto, a se ver uma ou duas vezes por semana. Annabelle foi ao ginecologista e recomeçou a tomar pílula. Ele conseguia penetrá-la, mas gostava mesmo era de dormir ao lado dela, sentir-lhe a carne viva. Certa noite, sonhou com um parque de atrações situado em Rouen, na margem direita do Sena. Uma roda-gigante quase vazia girava sob um céu lívido, dominando a silhueta dos cargueiros atracados, de estruturas metálicas corroídas pela ferrugem. Avançava entre barracas de cores ao mesmo tempo opacas e gritantes. Um vento glacial, chuvoso, chicoteava-lhe o rosto. No momento em que saía do parque, jovens, vestidos de couro, o atacavam, armados com navalhas. Depois de alguns minutos, deixavam-no ir embora. Sangravam-lhe os olhos. Sabia que ficaria cego para sempre; a mão esquerda fora quase decepada. Contudo, sabia também, apesar do sangue e do sofrimento, que Annabelle ficaria a seu lado, protegendo-o, eternamente, com seu amor.

No fim de semana de Todos os Santos, foram para Soulac, na residência de férias do irmão de Annabelle. Na manhã seguinte à chegada, estavam na praia. Cansado, Michel sentou-se num banco enquanto ela continuava a andar. O mar roncava ao largo, enrolando-se num movimento fluido, cinza, prateado. As ondas quebravam

nos bancos de areia, formando no horizonte uma bruma cintilante e bela. A silhueta de Annabelle, quase imperceptível em seu blusão claro, seguia o fio das águas. Um velho pastor alemão circulava entre os móveis de plástico branco do Café da Praia, também este apagado pela cortina de ar, de água, de sol.

Para o jantar, grelharam um barbo. A sociedade concedia-lhes um leve excedente em relação à estrita necessidade alimentar. Podiam, logo, tentar viver; mas, de fato, já não sentiam muita vontade. Michel compadecia-se de Annabelle, das imensas reservas de amor que estremeciam dentro dela, estragadas pela vida. Sentia compaixão, talvez o único sentimento humano ainda capaz de atingi-lo. Quanto ao resto, uma reserva glacial invadira-lhe o corpo. Realmente, não podia mais amar.

De volta a Paris, passaram momentos felizes, semelhantes às publicidades de perfume (descer correndo, juntos, as escadarias de Montmartre; imobilizar-se, abraçados, no Pont des Arts, repentinamente iluminado pelos faróis dos barcos de turismo fazendo meia-volta). Tiveram também os momentos de briguinhas das tardes de domingo; os momentos de silêncio em que o corpo se dobra sob os lençóis; as faixas de silêncio e tédio em que a vida se desfaz. Escuro, o apartamento de Annabelle obrigava a acender as luzes desde as quatro da tarde. Às vezes tristes, eram, sobretudo, sérios. Sabiam que viviam a última relação de fato humana, sensação que dava a cada minuto algo de dilacerante. Sentiam, um pelo outro, um grande respeito e uma imensa piedade. Certos dias passavam por instantes de ar fresco, de forte sol tonificante. Mas, em geral, sentiam que uma nuvem preta se estendia sobre eles, sobre a terra em que pisavam. Em tudo, pressentiam o fim.

20

Bruno e Christiane também acabavam de retornar a Paris. Não podia ser diferente. Na manhã da volta ao trabalho, pensou no médico desconhecido que lhe proporcionara um extraordinário presente: duas semanas de atestado sem justificativa. Assim, dirigiu-se à rua de Grenelle. Ao chegar, deu-se conta de que estava bronzeado e em plena forma. Situação ridícula. Percebeu também que não estava nem aí. Os colegas, os seminários de reflexão, a formação humana dos adolescentes, a abertura para outras culturas... Nada disso tinha mais a menor importância. Christiane chupava-lhe o pau e cuidava dele quando estava doente. Christiane era importante. Soube naquele instante que nunca mais reveria o filho.

Patrice, o filho de Christiane, deixara o apartamento numa zorra total: pedaços de pizza esmagados, latas de Coca, baganas pelo chão. Hesitou um momento, quase foi para um hotel. Decidiu, por fim, limpar tudo, recomeçar. Noyon era uma cidade suja, desinteressante e perigosa. Habitou-se a passar os fins de semana em Paris. Quase todos os sábados, iam a uma boate para casais: 2 + 2, Chris e Manu, Chandelles. A primeira noite na Chris e Manu ficou marcada na memória de Bruno. Ao lado da pista de dança, havia várias salas, banhadas por uma estranha iluminação malva, com uma fileira de camas. Em torno deles, casais transavam, se acariciavam ou se chupavam. A maioria das mulheres estava nua. Algumas ficavam só de blusa ou camiseta, outras apenas levantavam o vestido. Na sala

maior havia uns vinte casais. Quase ninguém falava. Só se ouvia o barulho do ar-condicionado e o ofegar das mulheres que se aproximavam do orgasmo. Ele se sentou numa cama, ao lado de uma morena alta, de seios pesados, chupada por um cara de uns 50 anos, que ficou de camisa e gravata. Christiane abriu a calça dele e masturbou-o, sempre olhando em torno. Um homem se aproximou, passou-lhe a mão embaixo da saia. Ela soltou o colchete. A saia caiu no carpete. Ajoelhado, o homem começou a acariciá-la, enquanto ela continuava a masturbar Bruno. Perto dele, na cama, a morena gemia cada vez mais forte. Agarrou os seios dela. Parecia um rato de tão excitado. Com a ponta da língua, Christiane titilou-lhe o sulco e freio da glândula. Outro casal se sentou ao lado deles. A mulher, uma ruivinha de uns 20 anos, usava uma minissaia preta de napa. Olhou para Christiane, que sorriu, tirou a camiseta e mostrou-lhe os seios. A outra levantou a saia, descobrindo uma xoxota cheia, com pelos também ruivos. Christiane guiou-lhe a mão até o sexo de Bruno. A mulher começou a masturbá-lo, enquanto Christiane, novamente, aproximava a língua. Em poucos segundos, tomado por um sobressalto incontrolável de prazer, ejaculou no rosto dela. Levantou-se com um salto, abraçou-a: "Sinto muito, sinto muito", disse. Ela o beijou, apertou-se contra ele, que sentiu o esperma nas faces dela. "Não importa", disse ela com ternura. "Não tem a menor importância." Pouco depois, perguntou: "Queres ir embora?" Bruno, com tristeza, assentiu. A excitação desaparecera. Vestiram-se e saíram.



Nas semanas seguintes, conseguiu controlar-se um pouco mais, dando início a um período bom, uma época feliz. Sua vida tinha encontrado um sentido, limitado aos fins de semana com Christiane. Descobriu um livro, na parte de saúde da FNAC, escrito por uma sexóloga americana, que pretendia ensinar os homens a dominar a ejaculação através de uma série gradual de exercícios. Tratava-se, essencialmente, de tonificar um pequeno músculo arqueado, o pubo-coccigiano, localizado justo abaixo dos testículos. Com uma contração violenta desse músculo, pouco antes do orgasmo, acompanhada de uma inspiração profunda, seria possível, em princípio, evitar a ejaculação. Bruno passou a se exercitar. A causa era boa. Cada vez que saíam, ficava estupefato ao ver homens, certas vezes mais velhos do que ele, penetrarem várias mulheres em sequência, fazendo-se masturbar e chupar durante horas, sem nunca perder a ereção. Também o aborrecia constatar que tinham paus muito maiores do que o dele. Christiane repetia que isso não importava para ela. Acreditava, pois se via que estava apaixonada, mas lhe parecia também que a maioria das mulheres encontradas nas boates sentia uma ligeira decepção quando mostrava o pau. Nunca houve qualquer observação, prevalecendo a elegância, o ambiente amistoso e polido, mas certos olhares não o enganavam; aos poucos percebia que também no plano sexual não estava à altura. Experimentava, contudo, momentos extraordinários de prazer, fulgurantes, no limite do desmaio, arrancando-lhe verdadeiros urros; mas isso nada tinha a ver com a potência viril; correspondia, antes de tudo, à sensibilidade dos órgãos. Por outro lado, acariciava bem, dizia-lhe Christiane; sabia que era verdade; raramente uma mulher não chegava ao orgasmo com ele. Pela metade de dezembro, percebeu que Christiane estava mais magra e com o rosto coberto de placas vermelhas. As dores lombares não cediam e, por isso, aumentara as doses de

medicamentos; mas havia mais do que isso. Christiane mudou rapidamente de assunto. Parecia incomodada. Bruno ficou com má impressão daquilo. Sempre tão doce e gentil, ela seria certamente capaz de mentir para não inquietá-lo. Nos sábados à noite, Christiane cozinhava. Depois de um bom jantar, iam para uma boate. Ela usava saias com fendas, corpetes transparentes, cintaliga ou, às vezes, um body aberto na frente. A xoxota aveludada e excitante ficava logo molhada. Maravilhosas noites como nunca teria esperado viver. Certas vezes, num trezinho, o coração de Christiane disparava, batia rápido demais. Transpirava terrivelmente. Bruno sentia medo. Paravam. Ela se aconchegava nos braços dele, beijava-o, acariciava-lhe os cabelos e o pescoço.

21

Naturalmente, também ali não havia saída. Homens e mulheres que frequentam boates para casais desistem rapidamente da busca do prazer (que exige sofisticação, sensibilidade, calma), em troca de uma atividade sexual fantasmática, falsa quanto ao princípio, calcada diretamente das cenas de *gang bang* dos pornôns da "moda" exibidos pelo Canal+. Em homenagem a Karl Marx, que colocou no centro de seu sistema, como uma enteléquia deletéria, o enigmático conceito de "baixa tendencial da taxa de lucro", seria tentador postular, no coração do sistema libertino no qual acabavam de entrar, a existência de um princípio de baixa tendencial da taxa de prazer. Seria, ao mesmo tempo, simplificador e inexato. Fenômenos culturais, antropológicos, derivados, o desejo e o prazer não explicam, finalmente, quase nada da sexualidade. Longe de ser um fator determinante, são, ao contrário, sociologicamente determinados. Num sistema monogâmico, romântico e de amor, só podem ser alcançados através do ser amado, por princípio, único. Na sociedade liberal em que viviam Bruno e Christiane, o modelo sexual proposto pela cultura oficial (publicidade, revistas, organismos sociais e de saúde pública) era o da aventura. Num tal sistema, o desejo e o prazer aparecem ao fim de um processo de sedução que enfatiza a novidade, a paixão e a criatividade individual (qualidades, de resto, exigidas dos empregados na vida profissional). O achatamento dos critérios de sedução intelectuais e moral, em benefício de

outros puramente físicos, levaram, aos poucos, os frequentadores de boates para casais a um sistema levemente diferente, que se poderia considerar como a fantasia da cultura oficial: o sadismo. Nesse sistema, os paus são uniformemente rígidos e desmesurados, os seios siliconados, as xoxotas depiladas e úmidas. Leitoras, com frequência, de *Connexion* ou de *Hot Video*, as frequentadoras das boates para casais tinham, nas noites, um objetivo simples: ser transpassadas pelo maior número possível de paus enormes. Os clubes SM constituíam, para elas, em geral, a etapa seguinte. O gozo depende dos costumes, teria, certamente, dito Pascal, se estivesse interessado nesse tipo de coisa.

Com sua pica de 13 centímetros e suas ereções espaçadas (nunca tinha resistido muito tempo, a não ser no começo da adolescência, além disso, o tempo de latência entre duas ejaculações aumentara, depois, bastante: bom, já não era jovem), Bruno, no fundo, estava completamente deslocado naqueles lugares. Sentia-se, porém, feliz de dispor de tantas xoxotas e bocas quantas nunca teria ousado sonhar. Devia isso a Christiane. Os momentos mais agradáveis eram aqueles em que ela acariciava outras mulheres. As parceiras encantavam-se com a agilidade da sua língua, com a habilidade dos seus dedos para descobrir e excitar-lhes o clitóris. Infelizmente, quando decidiam retribuir-lhes, a decepção, em geral, levava a melhor. Desmesuradamente alargadas pelas penetrações em série, às vezes com vários dedos ou com a mão inteira, tinham xoxotas tão sensíveis quanto um bloco de banha. Obcecadas pelo ritmo frenético das atrizes dos pornôes convencionais, masturbavam com brutalidade — como se o pau fosse uma vara de carne insensível —, com um ridículo movimento de pistão (a onipresença da música tecno, em detrimento de ritmos de qualidade mais sutis, certamente, influía também nessas performances extremamente mecânicas). Ejaculava rápido, sem verdadeiro prazer. Para

ele, então, a festa estava terminada. Christiane entregava-se ao roldão, sempre tentando redespertar o desejo dele. Ao acordar, transavam de novo. Semidormindo, as imagens da noite voltavam, suavizadas. Momentos de extraordinária ternura.

O ideal seria, no fundo, convidar alguns casais e passar a noite em casa, conversando tranquilamente e acariciando-se. Fariam isso, Bruno estava convencido. Precisava retomar os exercícios de tonificação muscular indicados pela sexóloga americana. A história com Christiane, que lhe trouxera mais alegria que qualquer outro acontecimento na sua vida, era importante e séria. Ao menos, pensava assim ao vê-la vestir-se ou mexer na cozinha. Na maior parte do tempo, quando ela estava longe, durante a semana, pressentia uma calhordice, uma última e sórdida sacanagem da existência. A desgraça só atinge o paroxismo quando se esteve muito próximo da felicidade.



O acidente aconteceu numa noite de fevereiro, quando estavam na Chris e Manu. Deitado num colchão, na peça central, a cabeça escorada por travesseiros, Bruno segurava a mão de Christiane que, ajoelhada, as pernas bem abertas, o rabo à disposição dos passantes, chupava-lhe o pau. Os homens colocavam preservativos e, em rodízio, penetravam-na. Passaram cinco, sem que ela desse sequer uma olhada. Com os olhos semicerrados, como num sonho, passava a língua no pênis de Bruno, explorando centímetro por centímetro. De repente, soltou um gritinho,

um só. O cara atrás dela, um grandalhão de cabelos crespos, olhar vazio e meio perdido, continuava a penetrá-la, compenetrado, com fortes golpes de rins. "Pare! Pare!", inquietou-se Bruno. Tinha a impressão de gritar, mas a voz não se impunha, nada mais do que um grunhido.

Levantou-se e empurrou brutalmente o tipo, que ficou parado, o pênis erguido, os braços pendentes. Christiane caiu para o lado, o rosto concorrido pelo sofrimento. "Não podes te mexer?" Com a cabeça, ela respondeu que não. Bruno correu para o bar e pediu o telefone. A equipe da SAMU chegou em dez minutos. Todo mundo tinha colocado a roupa. Num silêncio total, viram os paramédicos colocando Christiane numa maca. Bruno foi com ela na ambulância. Estavam bem perto do Hôtel-Dieu. Esperou várias horas no corredor, sobre um tapete de linóleo, antes que o residente de plantão viesse avisá-lo de que Christiane dormia, fora de perigo.

No domingo, tirou-se uma amostra da medula óssea. Bruno voltou pelas seis horas. Já era noite. Uma chuva fina e gelada caía sobre o Sena. Sentada na cama, recostada em travesseiros, Christiane, ao vê-lo, sorriu. O diagnóstico era simples: a necrose das vértebras coccigianas atingira um ponto irremediável. Esperava por isso, de um momento a outro, fazia meses. Os medicamentos retardaram a evolução da doença sem conseguir bloqueá-la. Agora, nada mais havia a temer, nenhuma complicação, mas ela ficaria, para sempre, parálitica.

Ela saiu do hospital dez dias mais tarde. Bruno estava lá. Agora, a situação era diferente. A vida caracteriza-se por longos períodos de tédio e indefinição. Em geral, é bem morna. De repente, surge uma bifurcação que se torna definitiva. Christiane obteve uma pensão por invalidez. Nunca mais precisaria trabalhar. Tinha direito até mesmo a uma empregada doméstica. Ainda desajeitada, moveu a

cadeira de rodas até Bruno. Faltavam-lhe forças nos braços. Depois de beijá-la no rosto e na boca, Bruno disse: "Agora, vens morar comigo, em Paris". Ergueu o rosto e olhou-o nos olhos, sem que ele pudesse suportar. "Tens certeza?", perguntou com doçura. "É isso mesmo que queres?" Bruno não respondeu. Ao menos, custou a fazê-lo. Depois de 30 segundos de silêncio, ela acrescentou: "Nada te obriga. Ainda te resta um pouco tempo para viver. Não precisas desperdiçá-lo com uma inválida". Os elementos da consciência contemporânea não se adaptam mais à nossa condição de mortais. Jamais, em qualquer outra época e em qualquer outra civilização, pensou-se tanto na idade. Cada um tem na cabeça uma perspectiva simples de futuro: chegará o momento em que a soma dos prazeres físicos restantes será menor do que a soma das dores (em resumo, sente, no fundo de si mesmo, os ponteiros girarem — sempre no mesmo sentido). Esse balanço racional dos prazeres e das dores que cada um, cedo ou tarde, acaba por fazer, desemboca, inexoravelmente, a partir de certa idade, no suicídio. É engraçado observar, a respeito disso, que Deleuze e Debord, dois intelectuais respeitados deste final de século, suicidaram-se sem razão precisa, simplesmente porque não suportavam a perspectiva da própria decadência física. Esses suicídios não provocaram nenhuma surpresa, nenhum comentário; em geral, os suicídios de pessoas idosas, de longe os mais frequentes, parecem-nos absolutamente lógicos. Pode-se também observar, como traço sintomático, a reação do público diante da possibilidade de um atentado terrorista: na quase totalidade dos casos, as pessoas preferem morrer na hora do que ficar aleijadas ou desfiguradas. Em parte, claro, porque estão saturadas da vida, mas sobretudo porque nada, inclusive a morte, parece pior do que viver num corpo mutilado.

Contornou perto de La Chapelle-en-Serval. Teria sido mais simples se jogar numa árvore ao atravessar a floresta

de Compiègne. Tinha hesitado alguns segundos a mais: pobre Christiane. Ainda hesitara alguns dias a mais antes de telefonar. Sabia que ela estava só com o filho em seu edifício popular. Podia imaginá-la na cadeira de rodas, perto da televisão. Nada o forçava a cuidar de uma inválida, tinha dito ela. Sabia que ela estava morta sem ódio. Encontraram a cadeira fechada, perto das caixas de correio, junto à escada. Estava com o rosto inchado e o pescoço quebrado. Bruno constava na lista de "pessoas a avisar em caso de acidente". Morreu antes de chegar ao hospital.

O complexo funerário ficava logo depois de Noyon, na estrada de Chauny, e devia virar justo após Baboeuf. Dois funcionários de macacão azul esperavam num pré-fabricado branco, quente demais, com vários aquecedores, mais ou menos como numa sala de aula de escola técnica. Os vidros davam para prédios baixos, modernos, de uma zona semirresidencial. O caixão, ainda aberto, repousava sobre uma mesa com cavaletes. Bruno se aproximou, viu o corpo de Christiane e caiu para trás. A cabeça bateu violentamente no chão. Os empregados levantaram-no com cuidado. "Chore! Precisa chorar!", incitou-o o mais velho, com uma voz aflita. Sacudiu a cabeça. Sabia que não conseguiria. O corpo de Christiane não se mexeria mais, não respiraria, não falaria. O corpo de Christiane não poderia mais amar. Não havia mais nenhum destino possível para aquele corpo e a culpa era dele. Todas as cartas tinham sido tiradas, todos os dados lançados, o último jogo feito: fracasso definitivo. Tanto quanto seus pais, não fora capaz de amar. Num estranho estado de desprendimento sensorial, como se flutuasse alguns centímetros acima do chão, viu os homens aparafusando a tampa do caixão. Seguiu-os até o "muro do silêncio", uma parede cinza de concreto, com três metros de altura, onde ficavam as gavetas funerárias. Metade estava vazia. O empregado mais velho consultou as instruções e dirigiu-se

para a 632. Seu colega empurrava o carrinho com o caixão. A atmosfera estava úmida e fria; começou mesmo a chover. A gaveta 632 ficava a meia altura, cerca de um metro e meio acima do chão. Com um movimento ágil e eficaz, que não durou mais de alguns segundos, levantaram o caixão e o fizeram desaparecer na fenda. Com uma pistola, vaporizaram cimento de secagem ultrarrápida na abertura. Bruno assinou o registro. Podia, se quisesse, ficar um pouco ali.

Tomou a autoestrada A1 e chegou pelas 11 horas na entrada de Paris. Pedira um dia de licença. Não esperava que a cerimônia fosse tão curta. Entrou por Châtillon e estacionou na rua Albert Sorel, bem na frente do edifício da ex-mulher. Não precisou esperar muito tempo; dez minutos depois, seu filho surgiu com uma mochila nas costas. Parecia inquieto e falava sozinho enquanto caminhava. Em que pensaria? Era um garoto meio solitário, dissera-lhe Anne; em vez de almoçar com os outros, no colégio, preferia voltar para casa e esquentar o prato deixado por ela antes de sair pela manhã. Teria sentido a sua falta? Provavelmente, mas nunca disse nada. As crianças suportam o mundo construído para eles pelos adultos. Tentam se adaptar da melhor maneira. Depois, em geral, reproduzem-no. Victor chegou à porta, digitou o código. Estava a alguns metros do carro, mas não via Bruno, que se mexeu no banco e estendeu a mão para descer. A porta do edifício bateu atrás da criança. Bruno permaneceu imóvel alguns segundos, antes de desabar. O que poderia dizer ao filho, que mensagem transmitir? Nada. Não tinha nada. Sabia que sua vida estava acabada, mas não compreendia o fim. Tudo continuava escuro, doloroso e confuso.



Ligou o carro e tomou a autoestrada do Sul. Depois da saída de Antony, pegou a direção de Vauhallan. A clínica psiquiátrica da Educação Nacional ficava um pouco afastada de Verrières-le-Buisson, bem ao lado do bosque de Verrières. Lembrava-se muito bem do parque. Estacionou na avenida Victor Considérant e caminhou os poucos metros que o separavam da grade. Reconheceu o enfermeiro de plantão. Ele disse: "Voltei".

Saorge — Terminal

A comunicação publicitária, demasiado focalizada na sedução do mercado dos juniores, perdeu-se, com frequência, em estratégias em que a condescendência luta com a caricatura e a derrisão. Para superar esse déficit de escuta, inerente a nosso tipo de sociedade, é necessário conseguir que cada colaborador das nossas forças de venda torne-se um “embaixador” junto aos seniores.

(Corinne Mégy — *O verdadeiro rosto dos seniores*)

Talvez tudo isso devesse terminar assim; talvez não existisse outro meio, nenhuma outra saída. Talvez fosse preciso desenredar o que estava entremeado, realizar o esboçado. Assim, Dzerjinski devia ir a um lugar chamado Saorge, 44° de latitude Norte, 7°30 de longitude Leste e altitude ligeiramente superior a 500 metros. Em Nice, hospedou-se no hotel Windsor, um meio-luxo de ambiente pretensioso, com um quarto decorado pelo medíocre artista Philippe Perrin. Na manhã seguinte, tomou o trem Nice-Tende, conhecido pela beleza do trajeto. Atravessaram a periferia norte da cidade, com seus conjuntos habitacionais populares de árabes, outdoors do Minitel rosa e 60% de

votos do Front nacional. Depois da parada de Peillon-Saint-Thècle, entraram num túnel. Ao sair na luz ofuscante, Dzerjinski avistou, à direita, a silhueta alucinante do vilarejo suspenso de Peillon. Cruzavam o interior de Nice. Pessoas vinham de Chicago ou Denver para contemplar as belezas dali. Mergulharam, em seguida, nos desfiladeiros da Roja. Dzerjinski desceu na estação de Fanton-Saorge e caminhou durante uma meia hora. Na metade do percurso penetrou num túnel. Não havia tráfego de automóveis.

Segundo o *Guide du routard*, que comprara no aeroporto de Orly, o vilarejo de Saorge, com suas casas altas, escalonadas em degraus, dominando o vale, vertiginosamente a pique, tinha "algo de tibetano". Era possível. Pois foi lá que Janine, sua mãe, que se fizera rebatizar Jane, escolheu para morrer, depois de cinco anos em Goa, na parte ocidental da península indiana.

"Enfim, ela escolheu vir para cá, não bater as botas aqui", corrigiu Bruno. "Parece que a puta velha se converteu ao islamismo, através da mística sulista, uma babaquice do gênero. Instalou-se com um bando de bichos-grilos numa casa abandonada fora do povoado. Dado que os jornais não falam mais disso, imagina-se que os bichos-grilos e os hippies desapareceram. Ao contrário, são cada vez mais numerosos; graças ao desemprego, aumentaram consideravelmente. Pululam. Fiz minha enquetezinha..." Baixou a voz: "A astúcia é que agora se chamam neorrurais, mas, na realidade, não cultivam nada, contentando-se em receber o salário-desemprego e uma subvenção picareta para a agricultura de montanha". Sacudiu a cabeça com um ar astucioso, esvaziou o copo de um gole, pediu outro. Marcou encontro com Michel no Chez Gihu, o único café do vilarejo. Com seus cartões-postais estúpidos, fotos emolduradas de trutas e o cartaz da "Boule saorgienne" (cuja comissão diretora contava com nada menos do que 14

membros), o lugar evocava, com perfeição, um ambiente "Caça-Pesca-Natureza-Tradição", nas antípodas do movimento neowoodstockiano vituperado por Bruno. Com precaução, tirou da carteira um panfleto intitulado SOLIDARIEDADE ÀS OVELHAS BRIGASQUES! "Escrevi-o de madrugada...", murmurou. "Conversei com os criadores, ontem à noite. Não encontram saída, estão com ódio, as ovelhas são literalmente dizimadas. A culpa é dos ecologistas e do Parque Nacional do Mercantour. Reintroduziram lobos, hordas de lobos, que comem as ovelhas!..." Sua voz elevou-se de um golpe. Bruscamente, começou a soluçar. Na mensagem a Michel, Bruno informava que vivia de novo na clínica psiquiátrica de Verrières-le-Buisson, de modo "provavelmente definitivo". Tinha sido, ao que parece, liberado para a ocasião.

— Então, nossa mãe está morrendo... — cortou Michel, preocupado em entrar logo no assunto.

— Absolutamente! No Cap d'Agde, é a mesma coisa; parece que interditaram ao público a zona das dunas. A decisão foi tomada sob pressão da Sociedade de Proteção do Litoral, controlada, provavelmente, pelos ecologistas. As pessoas nada faziam de mal. Transavam, numa boa, em grupo. Mas parece que isso incomoda as andorinhas-domar, essa variedade de pardais. Que tomem no rabo! Verdadeiros nazistas, querem impedir-nos de fazer surubas e de comer queijo de leite de ovelha. Cúmplices, os socialistas são contra as ovelhas, pois elas são de direita, enquanto os lobos são de esquerda. Contudo, os lobos parecem-se com os pastores alemães, de extrema direita. Em quem confiar? — balançou sombriamente a cabeça.

"Estás em que hotel de Nice?", perguntou de repente.

— No Windsor.

"Por que no Windsor?", Bruno recomeçava a se enervar. "Gostas de luxo, agora? Que há contigo?", martelava as frases com energia crescente. "Pessoalmente continuo fiel ao Mercure. Ao menos, tomaste informações? Sabias que o

Mercure *Baía dos Anjos* tem um sistema de preços decrescente conforme a estação do ano? Em período azul, o quarto custa 330 francos, preço de um duas estrelas, com conforto três estrelas, vista para o Promenade des Anglais e *room service* 24 horas por dia?" Bruno quase berrava. Apesar do comportamento um tanto extravagante do cliente, o dono do Chez Gilou (era inverossímil que se chamasse Gilou?) escutava com atenção. Histórias de dinheiro e de relação qualidade-preço sempre interessam aos homens. Faz parte das suas características.

"Ah, aí vem o Dutrolha", disse Bruno, com um tom debochado, completamente diferente, apontando um rapaz, de uns 22 anos, tez parda, cabelos pretos trançados, que acabava de entrar no café, vestindo um culote militar e uma camiseta Greenpeace, bem na moda rasta. "Bom dia, Dutrolha", agitou-se Bruno. "Este é meu irmão. Vamos dar uma olhada na velha?" O outro concordou sem uma palavra. Por alguma razão, decidira, aparentemente, não responder às provocações.

O caminho deixava o vilarejo para trás e subia, num suave aclave, pela beira da montanha, em direção à Itália. Após uma colina alta, desembocaram num vale muito amplo, com as pontas arborizadas. A fronteira não estava a mais de uns dez quilômetros. A Leste, distinguiam-se alguns picos cobertos de neve. A paisagem, totalmente deserta, dava a impressão de amplitude e de serenidade. "O médico veio vê-la", explicou o Hippie Negro. "Não se pode transportá-la e, além disso, nada mais se pode fazer. É a lei da natureza...", disse, sério.

— Ouviste isso? — zombou Bruno. — Ouviste esse palhaço? A "natureza", eles só têm essa palavra na boca. Agora que ela está doente, querem que bata logo as botas, como um animal na toca. É minha mãe, Dutrolha — disse com grandiloquência. — Viste o *look* do cara? — recomeçou. — Os outros são iguais ou pior. Uns merdas.

— A paisagem é muito bonita por aqui — respondeu, distraído, Michel.

Baixa e grande, a casa, de pedras grosseiras, coberta de zinco, ficava perto de uma fonte. Antes de entrar, Michel tirou do bolso uma máquina de fotografia Canon Prima Mini (zoom móvel, 38-105 mm, 1.290 francos, na FNAC). Girou sobre si mesmo e focou longamente antes de bater. Voltou para junto dos outros.

Afora Hippie-o-Negro, a peça principal era ocupada por uma criatura disforme e alourada, certamente holandesa, que tricotava um poncho perto da lareira, e por um hippie mais velho, cabelos grisalhos compridos, barbicha também grisalha, rosto fino de cabra inteligente: "Está ali...", indicou Hippie-o-Negro. Puxou um pedaço de tecido pendurado na parede e levou-os ao quarto contíguo.

Certo, foi com interesse que Michel observou a criatura morena, encolhida na cama, cujo olhar os seguiu enquanto entravam na peça. Era apenas a segunda vez que via a mãe e, tudo o indicava, a última. Ficou surpreso com a sua magreza, que fazia saltar-lhe as maçãs do rosto e deformava-lhe os braços. Tez terrosa, muito escura, respirava com dificuldade, com certeza no fim. Mas, acima do nariz, que parecia um gancho, os olhos, imensos e brancos, brilhavam na penumbra. Aproximou-se, com precaução, da silhueta deitada. "Não adianta", disse Bruno, "ela não pode mais falar". Talvez, mas estava consciente. Será que o reconhecia? Sem vida, não. Talvez o confundisse com o pai; era bem possível. Michel sabia que na sua idade se parecia enormemente com o pai. E apesar de tudo, seja como for, certos indivíduos desempenham um papel fundamental na vida de alguém, dando-lhe um bom impulso, dividindo-a, positivamente, em duas partes. Para Janine, rebatizada Jane, havia um antes e um depois do pai de Michei. Antes de encontrá-lo, não passava de uma burguesa libertina e cheia da grana; depois, tornou-se outra coisa, nitidamente mais catastrófica. A palavra

"encontro" não passa, de resto, de uma maneira de falar, pois encontro, de fato, não acontecera. Cruzaram-se, procriaram, nada mais. O mistério, no fundo de Marc Dzerjinski, ela não chegou a compreender; não conseguiu sequer aproximar-se dele. Pensaria nisso ao final de uma vida calamitosa? Não era nenhum pouco inverossímil. Bruno desabou numa cadeira ao lado da cama. "Não passas de uma puta velha", soltou em tom didático. "Mereces capotar." Michei sentou-se diante dele, na cabeceira da cama, e acendeu um cigarro. "Pediste para ser incinerada", continuou Bruno, inspirado. "Colocarei o que sobrar de ti num vaso e, todas as manhãs, mijarei em cima das tuas cinzas." Balançou a cabeça com satisfação. Jane pigarreou. Hippie-o-Negro reapareceu. "Querem beber alguma coisa?", perguntou, com um tom glacial. — Claro, meu camaradinha — gritou Bruno. — Isso é coisa que se pergunte? Desce logo uma, Dutrolha. O rapaz saiu e voltou com uma garrafa de uísque e dois copos. Bruno serviu-se fartamente; engoliu tudo de um golpe. "Desculpe-o, está perturbado", murmurou Michei. "É isso mesmo", confirmou Bruno, "deixe-nos com a nossa dor, Dutrolha". Esvaziou o copo com um estalo de língua. Serviu-se de novo. "Têm interesse em andar de quatro, esses veados...", observou. "Legou-lhes tudo o que tinha, mas eles sabem que os filhos têm direitos inalienáveis sobre a herança. Se quiséssemos contestar o testamento, ganharíamos com certeza". Michel se calou, pois não tinha vontade de discutir a questão. Houve um momento de silêncio pesado. Ao lado, ninguém falava tampouco. Ouvia-se a respiração rouca e enfraquecida da moribunda.

"Ela quis permanecer jovem, foi isso...", disse Michel, com uma voz cansada e tolerante. "Preferiu viver com gente jovem, longe dos filhos, que lhe lembravam o fato de pertencer a outra geração. Não é difícil explicar ou compreender. Agora, quero ir embora. Será que ela vai morrer em seguida?"

Bruno levantou os ombros em sinal de ignorância. Michel ergueu-se e entrou na outra peça. Hippie-o-Mouro estava só, descascando cenouras naturais. Tentou questioná-lo, saber exatamente o que dissera o médico, mas o velho marginal só pôde dar informações vagas e fora de propósito. "Era uma mulher luminosa", destacou, com a cenoura na mão. "Achamos que está prestes a morrer, pois atingiu um nível de perfeição espiritual suficientemente avançado." Que significaria isso? Inútil entrar nos detalhes. O velho imbecil não falava realmente; contentava-se em fazer barulho com a boca. Michel deu meia-volta, impaciente, e voltou para junto de Bruno. "Esses hippies babacas...", desabafou, sentando-se, "continuam achando que a religião é um procedimento individual baseado na meditação, na busca espiritual... São incapazes de perceber que se trata, ao contrário, de uma atividade puramente social, baseada em ritos, regras e cerimônias. Segundo Auguste Comte, a religião tem como único papel levar a humanidade a um estado de perfeita unidade".

— Auguste Comte tu mesmo! — interveio Bruno com raiva. — A partir do momento em que não se crê mais na vida eterna, não há mais religião possível. E se a sociedade é impossível sem religião, como pareces pensar, não há mais sociedade tampouco. Tu me lembras esses sociólogos que imaginam que o culto da juventude é uma moda passageira nascida nos anos 50, tendo chegado ao apogeu nos anos 80. Na realidade, o homem sempre esteve aterrorizado pela morte, nunca pôde considerar, sem terror, a perspectiva do próprio desaparecimento, nem mesmo do próprio declínio. De todos os bens terrestres, a juventude física é, sem dúvida, o mais precioso; e só cremos, hoje, nos bens terrestres. "Se Cristo não ressuscitou", diz São Paulo, com franqueza, "então nossa fé é vã". Cristo não ressuscitou; perdeu o combate contra a morte. Escrevi um roteiro para um filme paradisíaco sobre o tema da nova Jerusalém. O filme passa-se numa ilha povoada por

mulheres nuas e cachorrinhos. Por causa de uma catástrofe biológica, os homens desapareceram, assim como a quase totalidade das espécies animais. O tempo parou; o clima é sempre igual e agradável; as árvores dão frutos o ano inteiro. As mulheres são sempre núbéis e frescas; os cachorrinhos, espertos e alegres. As mulheres banham-se e acariciam-se; os cãesinhos, de todas as cores e raças, brincam em torno delas. Há poodles, fox-terriers, griffons bruxelois, Shi-Tzu, cavalier king Charles, yorkshires, bichons frisés, westies e harrier beagles. O único cão grande é labrador, manso e doce, que serve de conselho para os outros. Único rastro da existência masculina: um vídeo com participações de Edouard Balladur¹ na televisão. A fita tem um efeito calmante sobre certas mulheres e também sobre a maioria dos cães. Há igualmente um filme da Vida dos animais, apresentado por Claude Darget; ninguém o olha, mas serve de memória e de testemunho da barbárie das épocas anteriores.

— Então, podes escrever... — disse, com suavidade, Michel. Não estava surpreso. A maioria dos psiquiatras foi benevolência os rabiscos dos pacientes. Não que lhes atribuam um valor terapêutico, mas é sempre uma ocupação, pensam. Melhor do que cortar os pulsos com uma navalha.

"Existem, apesar de tudo, pequenos dramas na ilha", prosseguiu Bruno, emocionado. "Por exemplo, um dia, um dos cachorrinhos aventura-se longe demais nadando no mar. Felizmente, a dona percebe, pula num barco e, remando a mil, consegue salvá-lo. O pobrezinho bebeu água demais, desmaiou e pode-se imaginar que morrerá; mas a dona consegue reanimá-lo, fazendo-lhe respiração artificial; tudo acaba bem, com o cãozinho novamente alegre." Calou-se bruscamente. Ficou com o ar sereno, quase em êxtase. Michel olhou o relógio e, depois, em torno dele. A mãe não fazia nenhum ruído. Era quase meio-dia: o

ambiente estava excessivamente calmo. Levantou-se e retornou à peça central. Hippie-Mouro desaparecera, deixando as cenouras de lado. Pegou uma cerveja, caminhou até a janela. A vista dava para quilômetros de encostas cobertas de pinheiros. Entre os montes nevados, avistava-se, ao longe, o tremor azulado de um lago, numa atmosfera suave e perfumada. Bela manhã de primavera.

Ele já estava ali um tempo difícil de definir e sua atenção, separada do corpo, flutuava pacificamente entre os montes quando foi devolvido à realidade pelo que considerou, inicialmente, como um urro. Precisou de alguns segundos para reorganizar a percepção auditiva, antes de correr para o quarto. Sempre sentado na beira da cama, Bruno cantava a plenos pulmões:

*Eles vieram, estão todos aqui
Desde que ouviram este grito
Ela vai morrer lalalá Mamãeeee...*

Inconsequentes, inconsequentes, levianos e palhaços, sim são os homens. Bruno levantou-se para cantar ainda forte

*Eles vieram, estão todos aqui
Mesmo os do sul da Itália
Até mesmo Giorgio, o filho maldito
Com os braços cheios de presentes*

No silêncio seguinte a essa demonstração vocal, podia-se, nitidamente, ouvir uma mosca atravessar a peça, antes de pousar no rosto de Jane. Os dípteros caracterizam-se por um único par de asas membranosas implantadas no segundo anel do tórax, por um par de balancins (para o equilíbrio no voo), fixados no terceiro anel do tórax, e por

um aparelho bucal haustelar sugador ou lambedor. No momento em que a mosca passeava pela superfície do olho, Michel desconfiou de alguma coisa. Aproximou-se de Jane, sem, todavia, tocá-la. "Acho que está morta", disse, depois de algum tempo de observação.

O médico confirmou sem dificuldade o diagnóstico. Estava acompanhado de um funcionário municipal. E foi aí que os problemas começaram. Para onde levar o corpo? Um mausoléu da família, talvez? Michel não tinha a menor ideia. Sentia-se esgotado e confuso. Se tivessem relações familiares calorosas e afetivas, não estariam naquela situação — cobertos de ridículo diante de um funcionário municipal, de resto, correto. Bruno desinteressou-se completamente da situação. Sentado, meio de lado, jogava Tetris no notebook. "Bem, podemos propor uma concessão no cemitério de Saorge", arriscou o funcionário. "Seria meio longe para quem não é da região, mas, quanto ao transporte do corpo, bem mais prático. O enterro poderia ser feito nesta tarde, ainda temos tempo. Suponho que não haverá problema quanto ao atestado de óbito..." "Nenhum problema", adiantou-se o médico, num impulso excessivo. "Trouxe os formulários." Brandiu um maço de fomas com um sorriso travesso. "Merda, perdi", disse Bruno a meia voz. O computador emitiu uma musiquinha alegre. "Também de acordo com a inumação, senhor Clément?", perguntou, mais alto, o homem. "De jeito nenhum", Bruno levantou-se com um salto, "minha mãe queria ser incinerada, dava grande importância a isso." O empregado fechou a cara. O município de Saorge não estava equipado para uma incineração. A baixa demanda não justificava o investimento num material tão específico. Não havia jeito. "São as últimas vontades de minha mãe", declarou Bruno, com importância. Silêncio. O empregado refletia com pressa. "Há um crematório em Nice", disse timidamente. "Daria para ir e vir, se concordam em enterrá-la aqui. Obviamente, tudo por conta de vocês." Ninguém

respondeu. "Vou telefonar", continuou o sujeito, "precisamos saber os horários de incineração." Consultou a agenda, tirou um celular e começou a digitar um número. Bruno interveio de novo: "Deixa pra lá", disse com um gesto amplo. "Vamos enterrar aqui. Não estamos nem aí para as últimas vontades dela." Com autoridade, dirigiu-se a Michel: "Tu pagas". Sem discutir, ele pegou o talão de cheques e perguntou o preço de uma vaga por 30 anos. "Boa escolha, com 30 anos dá tempo de ver o que acontece", observou o funcionário.

O cemitério ficava uma centena de metros abaixo do vilarejo. Dois homens de macacão azul carregavam o caixão, modelo básico, de pinho branco, estocado numa sala municipal. Os serviços fúnebres pareciam extraordinariamente organizados em Saorge. Apesar de ser fim de tarde, o sol ainda estava quente. Bruno e Michel caminhavam lado a lado, dois passos atrás dos homens. Hippie Mouro, decidido a acompanhar Jane até a última morada, seguia também. Caminho pedregoso, árido: tudo isso devia ter algum sentido. Um rapace, provavelmente um gavião, planava lentamente, a meia altura. "Deve ser um campo de serpentes^{1*}", inferiu Bruno. Recolheu uma pedra branca muito pontuda. Pouco antes da entrada do cemitério, uma cobra apareceu entre dois arbustos, no costado do muro. Bruno mirou e atirou com toda as forças. Errou por pouco.

"As serpentes têm lugar na natureza", observou Hippie Mouro com certa severidade.

"Cago e ando para a natureza." Bruno estava novamente fora de si. "Natureza de merda, bosta de natureza...", murmurou raivosamente durante alguns minutos. Entretanto, conteve-se na hora da descida do caixão, contentando-se com todos os tipos de cacarejos e de movimentos de cabeça, como se o acontecimento sugerisse reflexões inéditas, mas ainda muito vagas para serem reveladas explicitamente. Depois da cerimônia, Michel deu

uma gorjeta aos homens — supunha que fosse costume. Faltavam 15 minutos para o trem. Bruno decidiu ir junto.

Separaram-se na plataforma da estação de Nice. Ainda não sabiam, mas nunca mais se veriam.

— Tudo bem, na tua clínica? — perguntou Michel.

— Sim, sim, tranquilo, na boa, tenho meu lítio — Bruno sorriu, com ar astucioso. — Não voltarei imediatamente para a clínica. Tenho uma noite de folga. Vou a um bar de putas; há muitos em Nice. Piscou. Ficou sério: "Com o lítio, não tenho mais ereção, mas não importa, gosto mesmo assim".

Michel concordou, distraído, antes de entrar no vagão. Reservara um leito.

¹ Ex-primeiro-ministro francês. Homem de direita, considerado por muitos como o exemplo da moderação enfadonha e afetada (N.T.).

Parte três

Sem limites

1

De volta a Paris, encontrou uma carta de Desplechin. Segundo o artigo 66 do regulamento interno do CNRS, precisava solicitar a reintegração ou a prorrogação da licença dois meses antes do final desta. Cortês e cheio de humor, Desplechin ironizava a burocracia. De toda maneira, o prazo estava vencido em três semanas. Soltou a carta na escrivaninha, num estado de incerteza profunda. Fazia um ano que decidia, livremente, o campo das suas pesquisas: a que chegara? Em definitivo, a quase nada. Ligou o computador e constatou, com pavor, que havia 80 páginas de mensagens, apesar de uma ausência de apenas dois dias. Uma das comunicações provinha do Instituto de Biologia Molecular de Palaiseau. A colega que o substituíra pesquisava o DNA dos mitocôndrios. Ao contrário do DNA do núcleo, aquele parecia desprovido de mecanismos de reparação do código atingido pelos ataques dos radicais. Não chegava a ser uma surpresa. Da Universidade de Ohio vinha algo mais interessante. A partir de estudos sobre *Saccharomyces*, mostrava-se que as variedades de reprodução sexual evoluem menos rápido que as reproduzidas por clonagem; as mutações aleatórias, portanto, parecem mais eficazes que a seleção natural. Divertida, a montagem experimental contradizia claramente a hipótese clássica da reprodução sexuada como motor da evolução; mas, de qualquer maneira, isso só tinha um interesse anedótico. Assim que o código genético fosse decifrado (questão de meses), a humanidade poderia,

controlar a própria evolução biológica. A sexualidade, então, seria vista exatamente como é: uma função inútil, perigosa e regressiva. Mas, ainda que se chegasse a detectar o surgimento das mutações, ou mesmo a eliminar os seus eventuais efeitos deletérios, nada, no momento, esclarecia-lhes o determinismo. Nada, em consequência, permitia dar-lhe um sentido definido e utilizável. Era, sem dúvida, nesse sentido que deviam avançar as pesquisas.

Livre dos arquivos e dos livros que atulhavam as estantes, o escritório de Desplechin parecia imenso. "Sim, aposento-me no fim do mês", disse ele, com um sorriso discreto. Dzerjinski ficou de boca aberta. Convive-se com as pessoas durante anos, às vezes durante dezenas de anos, habituando-se a evitar as questões pessoais e os assuntos realmente importantes, mas mantém-se a esperança de que, mais tarde, em circunstâncias mais favoráveis, será possível, justamente, abordar tais temas, tais questões; indefinidamente adiada, a perspectiva de um relacionamento mais humano e mais completo nunca se apaga totalmente, por ser impossível, pois nenhuma relação humana aceita um limite definitivamente estreito e rígido. Mantém-se, portanto, a perspectiva de uma relação "autêntica e profunda". Esta permanece, durante anos, às vezes dezenas de anos, até que um acontecimento definitivo e brutal (em geral a morte) venha anunciar que é tarde demais, que a relação "autêntica e humana", cuja imagem se acariciava, não acontecerá: Em 15 anos de vida profissional, Desplechin era a única pessoa com quem desejara estabelecer um contato para além dos limites da justaposição do acaso, puramente utilitária, infinitamente tediosa, do ambiente de trabalho. Eh, bem, fracasso total. Olhou apavorado para as caixas de livros empilhadas no chão: "Acho que faríamos melhor indo beber alguma coisa por aí", propôs Desplechin, resumindo com pertinência a atmosfera do momento.

Passaram pelo Museu de Orsav e se instalaram numa mesa da calçada do século XIX. Ao lado, meia dúzia de turistas italianas tagarelavam com vivacidade, feito inocentes voláteis. Dzerjinski pediu uma cerveja; Desplechin, um uísque seco.

— Que vai fazer, agora? — Não sei... — Desplechin parecia realmente não saber. — Viajar... Um pouco de turismo sexual, talvez. Sorriu. Seu rosto, quando sorria, ainda tinha muito charme. Um charme desencantado, certo, pois, visivelmente, tratava-se de um homem destruído, mas, assim mesmo, um verdadeiro charme. "Estou brincando... Na verdade, isso não me interessa nenhum pouco. O conhecimento, sim... Ainda me resta um desejo de conhecimento. Muito pouca gente o têm, sabe-se, mesmo entre os pesquisadores; a maioria contenta-se em fazer carreira, desviando-se logo para o administrativo; contudo, é extremamente importante na história da humanidade. Pode-se imaginar uma fábula na qual um reduzido grupo de homens — no máximo algumas centenas de pessoas no planeta — entrega-se, obsessivamente, a uma atividade muito difícil, bastante abstrata, absolutamente incompreensível para os não-iniciados. Esses homens nunca serão conhecidos pelo restante da população; não terão poder, nem fortuna, nem honrarias. Ninguém consegue nem sequer compreender o prazer que encontram nessa pequena atividade. Entretanto, são, por uma razão muito simples, a maior potência do mundo: detêm as chaves da certeza racional. Tudo o que declaram como verdadeiro, mais cedo ou mais tarde, será reconhecido como tal pela população em geral. Nenhuma potência econômica, política, social ou religiosa pode enfrentar a evidência da certeza racional. O Ocidente, acima de qualquer medida, interessou-se pela filosofia e pela política e bateu-se, de maneira insensata, por questões filosóficas ou políticas. O Ocidente também amou desvairadamente a literatura e as artes; mas nada teve

mais peso em sua história do que a necessidade de certeza racional, à qual tudo foi sacrificado: religião, felicidade, esperanças e, em definitivo, a vida. Deve-se lembrar disso quando se julgar a civilização ocidental." Calou-se, pensativo. Seu olhar flutuou um instante entre as mesas. Depois, recaiu sobre o copo.

"Lembro-me de um garoto, muito complexo, atormentado, que conheci, na aula, quando tinha 16 anos. Vinha de uma família rica, mais do que tudo tradicional, e, de resto, partilhava os valores do seu meio. Um dia, no meio de uma discussão, ele me disse: 'O que determina o valor de uma religião é a qualidade da moral que permite fundar'. Fiquei mudo de surpresa e de admiração. Nunca soube se chegara sozinho a tal conclusão ou se a encontrara em algum livro; em todo caso, a frase impressionou-me enormemente. Faz 40 anos que reflito sobre isso. Hoje, acho que ele estava errado. Parece-me impossível, em matéria de religião, de situar-se de um ponto de vista exclusivamente moral. Contudo, Kant tem razão quando afirma que o próprio Salvador da humanidade deve ser julgado conforme os critérios universais da ética. Mas acabei por pensar que as religiões são, antes de tudo, tentativas de explicação do mundo; e nenhuma tentativa de explicação do mundo pode resistir ao confronto com a nossa necessidade de certeza racional. A prova matemática e o método experimental são aquisições definitivas da consciência humana. Sei bem que os fatos parecem contradizer-me; sei bem que o islamismo — de longe a mais estúpida, a mais falsa e mais obscurantista de todas as religiões — parece atualmente ganhar terreno; mas isso não passa de um fenômeno superficial e transitório: a longo prazo, o islamismo está condenado, ainda mais, com certeza, do que o cristianismo."

Dzerjinski ergueu a cabeça. Escutara com muita atenção. Nunca havia imaginado que Desplechin fosse sensível a tais questões. Este hesitou antes de continuar.

"Perdi Philippe de vista depois do *bac*, mas soube que, alguns anos mais tarde, suicidou-se. Enfim, não penso que as coisas estejam ligadas: ser, ao mesmo tempo, homossexual, católico integrista e monarquista, convenhamos, não deve ser uma mistura muito simples."

No fundo de si mesmo, Dzerjinski nunca tinha sido, percebeu naquele instante, invadido por reais dúvidas religiosas. Contudo, sabia, desde muito tempo, que a metafísica materialista, depois de ter liquidado as crenças religiosas dos séculos anteriores, fora ela própria destruída pelos avanços mais recentes da física. Era curioso que ele e os físicos que conhecia não sentissem a menor inquietude espiritual.

"De minha parte", disse, ao mesmo tempo em que tomava consciência, "parece que me limitei ao positivismo de base da maioria dos pesquisadores, pelo qual os fatos existem, encadeiam-se de acordo com leis, a noção da causa não é científica, sendo o mundo a soma dos conhecimentos que temos dele."

— Não sou mais pesquisador —, respondeu Desplechin, com uma simplicidade desconcertante. "Por isso, sem dúvida, deixo-me invadir, tardiamente, por questões metafísicas. Mas não tenho razão. Deve-se continuar a pesquisar, a experimentar, a descobrir novas leis; o resto não tem nenhuma importância. Lembre-se de Pascal: 'Precisa-se dizer em geral: isso se faz por figura e movimento, pois isso é verdadeiro. Mas dizer quais, e operar a máquina, isso é ridículo, pois inútil, incerto e penoso'. Certo, mais uma vez é ele que tem razão contra Descartes. De resto, decidiu o que vai fazer? Refiro-me — desculpou-se com um gesto — a essa história de prazos."

— Sim, gostaria de ser nomeado para o Centro de Pesquisas Genéticas de Galway, na Irlanda. Preciso trabalhar rapidamente com montagens experimentais simples, em condições de temperatura e pressão suficientemente precisas, com uma boa gama de

marcadores radioativos. Sobretudo, necessito de uma enorme potência de cálculo — creio que eles têm dois Cray em paralelo.

— Pensa em dirigir uma nova pesquisa? — a voz de Desplechin traía uma ponta de excitação; percebendo isso, voltou a esboçar o sorriso discreto, com o qual parecia zombar de si mesmo. — O desejo de conhecimento — murmurou.

— Na minha opinião, o erro está em querer trabalhar unicamente a partir do DNA natural. O DNA é uma molécula complexa que evoluiu meio por acaso. Existem redundâncias injustificadas, longas sequências não codificadoras, enfim, de tudo um pouco. Se pretende-se realmente testar as condições de mutação em geral, deve-se partir de moléculas autorreprodutivas mais simples, com, no máximo, algumas centenas de ligações.

Desplechin sacudia a cabeça, com os olhos brilhantes, já sem tentar dissimular a excitação. As turistas italianas tinham ido embora; o café estava quase vazio.

— Será demorado — continuou Michel. — *A priori* nada distingue as configurações mutáveis. Mas devem existir condições de estabilidade estrutural ao nível subatômico. Se conseguirmos calcular uma configuração estável, mesmo sobre uma centena de átomos, tudo se resumirá a uma questão de potência de tratamento... Enfim, talvez eu me adiante um pouco.

— Talvez não... — Desplechin tinha agora a voz lenta e sonhadora do homem que entrevê perspectivas infinitamente longínquas, configurações mentais fantasmáticas e desconhecidas.

— Preciso trabalhar em completa independência, fora da hierarquia do Centro. Existem coisas, da ordem pura das hipóteses, longas e difíceis demais para explicar.

— Claro. Escreverei a Walcott, que dirige o Centro. É um bom sujeito, que não incomodará nada. Vocês já trabalharam juntos, acho, uma história de vacas, não?

— Uma coisinha de nada, sim.

— Não se preocupe. Eu me aposento — desta vez, havia uma ponta de amargura no sorriso —, mas ainda tenho poder para isso. No plano administrativo, ficará destacado, passível de prorrogação pelo tempo que quiser. Ninguém poderá mudar tal decisão.

Separaram-se, pouco depois, perto do Pont Royal. Desplechin estendeu-lhe a mão. Por causa de suas preferências sexuais, não tinha filhos. Sempre achara ridículo um casamento como álibi. Durante alguns segundos, apertando-lhe a mão, pensou que estava vivendo algo superior. Sentindo-se extremamente cansado, seguiu margeando o rio, ao longo das bancas dos livreiros. Por um ou dois minutos, Dzerjinski olhou o homem que se afastava na luz minguante.

2

Jantou na casa de Annabelle na noite do dia seguinte e explicou-lhe, com muita clareza, de maneira sintética e precisa, as razões da sua ida para a Irlanda. Tudo encadeava-se nitidamente: o programa a seguir estava traçado. O essencial consistia em não se polarizar no DNA, mas em considerar globalmente o ser vivo como sistema autorreprodutível.

Num primeiro tempo, Annabelle não respondeu nada, embora não pudesse reprimir uma ligeira torção da boca. Serviu-lhe mais vinho. Tinha preparado um peixe e, mais do que nunca, o pequeno apartamento lembrava uma cabine de barco.

"Não previste me levar..." As palavras ressoaram no silêncio, que se prolongou. "Nem sequer pensaste nisso...", disse ela, numa mistura de despeito e surpresa. Começou a soluçar. Michel não fez um gesto; de qualquer maneira, naquele instante, teria sido rejeitado. As pessoas devem chorar, não há outra coisa a fazer. "E dizer que a gente se entendia bem aos 12 anos...", insistiu ela, em meio às lágrimas.

Ergueu os olhos para ele. Puro, seu rosto exibia uma beleza extrema. Falou sem pensar:

"Faz um filho em mim. Preciso de alguém. Não terás de educá-lo, de cuidar dele, nem mesmo precisarás reconhecê-lo como filho. Não peço que o ames, nem que me ames. Mas quero um filho. Sei que tenho 40 anos. Azar: corro o risco. É minha última chance. Às vezes, lamento ter

abortado, mesmo se o primeiro homem de quem engravidei era um lixo, e o segundo, um irresponsável. Aos 17 anos não podia imaginar que a vida fosse tão limitada e com possibilidades tão restritas."

Michei acendeu um cigarro para refletir. "Que ideia engraçada...", resmungou. "Engraçado querer se reproduzir quando já não se gosta da vida." Annabelle levantou-se e tirou, uma a uma, todas as peças de roupa. "De qualquer maneira, vamos transar", disse. "Faz ao menos um mês que não transamos. Parei de tomar pílula há duas semanas; hoje, estou num período fértil." Colocou as mãos na barriga, levou-as até os seios, abriu ligeiramente as pernas. Estava bela, desejável e atraente. Por que ele não sentia nada? Inexplicável. Acendeu outro cigarro e percebeu, de repente, que de nada adiantava refletir. Faz-se um filho ou não se faz um filho. Essa decisão não pertence à ordem racional. Esmagou a ponta do cigarro no cinzeiro. Murmurou: "Aceito".

Annabelle ajudou-o a despir-se e masturbou-o lentamente para que pudesse entrar nela. Michei não sentia grande coisa, exceto a suavidade e o calor da vagina. Parou, rapidamente, de mexer-se, impressionado com a evidência geométrica do acasalamento, maravilhado também com a flexibilidade e a riqueza das mucosas. Annabelle beijou-o e envolveu-o com os braços. Ele fechou os olhos, sentiu mais fortemente a existência do próprio sexo, recomeçou a ir e vir. Pouco antes de ejacular, teve uma visão — extremamente clara — da fusão dos gametas e, em seguida, das primeiras divisões celulares. Parecia uma fuga para a frente, um pequeno suicídio. Uma onda de consciência percorreu-lhe o pênis. Sentiu o esperma saltar. Annabelle recebeu-o com um longo suspiro. Ficaram imóveis.



"Devia ter vindo há um mês para uma coleta de material...", disse o ginecologista com voz cansada. "Em vez disso, para de tomar pílula, sem me avisar, e inventa de engravidar. A senhora, convenhamos, não é mais uma menina!" A atmosfera do consultório era fria e um pouco úmida. Annabelle surpreendeu-se, ao sair, com o sol de junho.

Telefonou na manhã seguinte. A análise celular revelava anomalias "bastante sérias". Seria preciso fazer uma biópsia e uma curetagem da mucosa uterina. "Quanto à gravidez, evidentemente, melhor desistir por agora. Vale mais fazer as coisas a partir de bases sólidas, hein?", disse, sem ar inquieto, apenas um pouco aborrecido.

Annabelle fez então o terceiro aborto — o feto só tinha duas semanas; bastava uma rápida aspiração. A aparelhagem progredira muito desde a sua última intervenção e, para surpresa dela, tudo acabou em menos de dez minutos. Os resultados das análises chegaram três dias depois. "Bem, creio que não há nenhuma dúvida" — o médico parecia terrivelmente velho, competente e triste. "A senhora tem um câncer de útero, numa situação de pré-metástase." Arrumou os óculos no nariz, examinou novamente os papéis; a impressão geral de competência aumentou sensivelmente. De fato, não estava surpreso: o câncer do útero ataca, com frequência, as mulheres nos anos que precedem à menopausa; não ter filhos constitui

um fator de agravamento do risco. Não havia dúvida quanto às modalidades de tratamento — todas conhecidas: "Será necessário fazer uma histerectomia abdominal e uma salpingo-ovariotomia bilateral. Trata-se de procedimentos operatórios bem dominados agora; os riscos de complicação praticamente inexistem." Deu uma olhada para Annabelle: droga, ela não reagia, completamente de boca aberta; prenúncio, provavelmente, de uma crise. Recomendava-se, em geral, encaminhar a paciente para uma psicoterapia de apoio — preparara uma listinha de endereços — e sobretudo insistir com uma ideia forte: o fim da fertilidade não significava, de modo algum, o fim da vida sexual. Certas pacientes, ao contrário, tinham o desejo consideravelmente aumentado.

"Então, vão tirar meu útero", disse ela, incrédula. "O útero, os ovários e as trompas de falópio; melhor evitar o risco de proliferação. Vou prescrever um tratamento hormonal de substituição — de resto, prescreve-se isso cada vez mais, mesmo no caso de simples menopausa."

Voltou para a casa dos pais, em Crécy-en-Brie. Marcou a operação para 17 de julho. Michel acompanhou-a, com a mãe dela, ao hospital de Meaux. Annabelle não sentia mais medo. A intervenção cirúrgica durou pouco mais de duas horas. Despertou no dia seguinte. Pela janela, via o céu azul, o movimento leve do vento entre as árvores. Não sentia quase nada. Tinha vontade de ver a cicatriz do baixo-ventre, mas não ousou pedir à enfermeira. Parecia-lhe estranho pensar que era a mesma mulher, mas sem os órgãos reprodutores. A palavra "ablação" flutuou algum tempo na sua mente, antes de ser substituída por uma imagem mais brutal: "Esvaziaram-me, esvaziaram-me como uma galinha".

Deixou o hospital uma semana depois. Michel escrevera a Walcott para avisar que adiava a partida. Depois de

algumas tergiversações, aceitou se instalar na casa dos pais de Annabelle, no antigo quarto do irmão dela. Ela percebeu que ele simpatizara com a mãe no período em que estivera hospitalizada. O irmão mais velho de Annabelle também começou a aparecer mais depois que Michel se mudou para lá. Não tinham grande coisa a se dizer: Michel nada conhecia dos problemas das microempresas. Jean-Pierre nada sabia das questões levantadas pelo desenvolvimento da pesquisa em biologia molecular. Entretanto, uma cumplicidade masculina, parcialmente fictícia, acabava por se impor durante o aperitivo da noite. Annabelle devia repousar e, sobretudo, não levantar objetos pesados, mas podia fazer sozinha a sua higiene corporal e comer normalmente. À tarde, ficava sentada no jardim. Michel e a mãe dela colhiam morangos ou ameixas. Parecia uma curiosa colônia de férias ou a volta à infância. Annabelle sentia a carícia do sol no rosto e nos braços. Quase sempre, ficava sem fazer nada; às vezes, bordava ou confeccionava pequenos objetos de pelúcia para o sobrinho e as sobrinhas. Um psiquiatra de Meaux prescrevera-lhe soníferos e doses fortes de tranquilizantes. Dormia, de qualquer maneira, muito e tinha sonhos uniformes: felizes e tranquilos. O poder da mente é imenso enquanto permanece no próprio domínio. Michel estava deitado, na cama, ao lado dela; com uma mão posta abaixo da sua cintura, sentia-lhe as costelas subirem e descerem com regularidade. O psiquiatra fazia visitas regulares, inquietava-se, murmurava, falava de "perda de aderência ao real". Annabelle tinha se tornado muito doce, meio estranha, ria com frequência sem razão; às vezes, de repente, seus olhos se enchiam de lágrimas. Tomava, então, um Tercian extra.

A partir da terceira semana, pôde sair e dar curtos passeios à beira do rio ou nos bosques próximos. Era um mês de agosto extraordinariamente belo; os dias sucediam-se idênticos e radiosos, sem a menor ameaça de

tempestade, sem que nada tampouco pudesse pressagiar um fim. Michel segurava-lhe a mão. Muitas vezes, sentavam-se num banco à beira do Grand Morin. A grama da margem estava calcinada, quase branca. À sombra das faias, o rio desenrolava indefinidamente suas ondulações líquidas, de um verde-escuro. O mundo exterior tinha suas próprias leis, que não eram humanas.

3

Em 25 de agosto, um exame de controle revelou metástases na região abdominal que, normalmente, continuariam a espalhar-se, com a generalização do câncer. Podia-se tentar uma radioterapia; a bem da verdade, era a única coisa a fazer. Mas não cabia dissimular, era um tratamento pesado, com percentuais de cura que não ultrapassavam os 50%.

Comeram em silêncio. "Vais ficar boa, filhinha", disse-lhe a mãe, com uma voz meio trêmula. Annabelle enlaçou-a pelo pescoço e colou o rosto ao dela; ficaram assim por um minuto. Depois que a mãe foi se deitar, continuou a se arrastar pela sala. Folheou alguns livros. Sentado na poltrona, Michel a olhava. "Podemos procurar outro médico...", disse, após um longo silêncio. "Sim, podemos", respondeu ela fracamente.

Não podia transar; a cicatriz era recente e dolorosa, mas ela o apertou nos braços. Ouvia o rangido de seus dentes no silêncio. Em certo momento, passando a mão no rosto dele, percebeu que estava molhado de lágrimas. Acariciou-lhe suavemente o sexo. Era, ao mesmo tempo, excitante e tranquilizador. Michel tomou dois comprimidos de Mepronizine e dormiu.



Pelas três da manhã, Annabelle se levantou, cobriu-se com um robe de chambre e desceu para a cozinha. Ao mexer no armário, encontrou uma tigela com seu nome gravado, que a madrinha lhe havia dado quando fez dez anos. Esmagou cuidadosamente ali o conteúdo do tubo de Rohypnol e acrescentou um pouco de água e açúcar. Não sentia nada, exceto uma tristeza de ordem extremamente geral, quase metafísica. A vida era assim, pensou; uma bifurcação se produzira em seu corpo, imprevisível e injustificada, impedindo-o de ser fonte de prazer e alegria; ao contrário, rapidamente seria para ela e para os outros fonte de incômodo e infelicidade. Logo, cabia destruí-lo. Um relógio de madeira, de aparência maciça, herança da avó, marcava ruidosamente os segundos. Móvel mais antigo da casa, a mãe já o tinha quando casou. Acrescentou mais um pouco de açúcar. Não aceitava, a vida parecia-lhe uma inadmissível brincadeira de mau gosto. Assim era. Em algumas semanas de doença, com surpreendente rapidez, experimentara um sentimento bastante comum entre os velhos: não queria ser um fardo para os outros. Sua vida, pelo final da adolescência, começara a andar muito rápido; depois, houve um período de tédio; no fim, tudo se acelerou novamente.

Pouco antes do amanhecer, virando-se na cama, Michel notou a ausência de Annabelle. Vestiu-se e desceu. Inanimado, o corpo dela jazia no sofá da sala. Na mesa, uma carta. A primeira frase dizia: "Prefiro morrer entre os que amo".

O chefe do serviço de urgência do hospital de Meaux era um homem de uns 30 anos, moreno, cabelos cacheados, rosto aberto. Michel teve dele, imediatamente, uma boa impressão. Havia pouca chance de que escapasse, disse o médico. Podiam ficar junto dela, não via nenhum inconveniente. Estado estranho e desconhecido, o coma. Annabelle, tudo indicava, não tinha consciência da presença deles ali. Entretanto, uma fraca atividade elétrica persistia no cérebro, correspondendo a uma atividade mental de natureza absolutamente misteriosa. Mesmo o prognóstico médico nada tinha de certo: há casos de pacientes mergulhados em coma profundo semanas, meses, que voltam, de repente, à vida; na maioria das vezes, porém, o coma derivava, infelizmente, para a morte. Annabelle só tinha 40 anos; ao menos, o coração resistiria. Era só o que se podia dizer no momento.

Amanhecia na cidade. Sentado ao lado de Michel, o irmão de Annabelle sacudia a cabeça, murmurando: "Não é possível... Não é possível..." Parecia que essas palavras tinham poder. Mas, sim, era possível. Tudo é possível. Uma enfermeira passou diante deles empurrando um carrinho metálico no qual se chocavam garrafas de soro.

Um pouco mais tarde, o sol rasgou as nuvens, e o céu ficou azul. O dia seria lindo, tão lindo quanto os anteriores. A mãe de Annabelle se levantou com esforço: "Melhor descansar um pouco", disse, controlando o tremor da voz. O filho também se ergueu, braços caídos, e seguiu-a como um autômato. Com a cabeça, Michel indicou que não os acompanharia. Não sentia o menor cansaço. Nos minutos seguintes, experimentou, sobretudo, a estranha presença do mundo observável. Estava sentado, só, num corredor ensolarado, numa cadeira de plástico tramado. Naquela ala

extremamente calma do hospital, de vez em quando uma porta abria-se a distância, uma enfermeira saía e dirigia-se para outro corredor. Os barulhos da cidade, alguns andares mais abaixo, chegavam abafados. Perdido em divagações, Michel passava em revista as circunstâncias, as etapas do mecanismo que lhes havia destruído a vida. Tudo aparecia definitivo, límpido e irrefutável. Tudo aparecia na evidência imóvel de um passado limitado. Parecia inverossímil que uma garota de 17 anos pudesse ter sido tão ingênua; parecia, sobretudo, inverossímil que uma garota de 17 anos pudesse ter dado tanta importância ao amor. Passados 25 anos da adolescência de Annabelle, as coisas tinham mudado muito, a crer nas pesquisas de opinião e nas revistas. Mais informadas e racionais, as garotas de hoje estariam, antes de tudo, mais preocupadas com o êxito na escola, decididas, sobretudo, a garantir um futuro profissional decente. Sair com um garoto, para elas, era somente uma atividade de lazer, um divertimento composto, em partes mais ou menos iguais, de prazer sexual e de satisfação narcísica. Depois, tratavam de arranjar um casamento conveniente, baseado na adequação socioprofissional e numa certa coincidência de gostos. Claro, afastavam-se, assim, da felicidade — sendo esta indissociável de estados fusionais e regressivos incompatíveis com o uso prático da razão —, mas esperavam escapar aos sofrimentos sentimentais e morais que haviam torturado suas predecessoras. Tal esperança acabava, rapidamente, em decepção: o desaparecimento dos tormentos passionais deixava, com efeito, o campo livre ao tédio, à sensação de vazio, à espera angustiada do envelhecimento e da morte. Assim, a primeira parte da vida de Annabelle fora muito menos triste e morna do que a segunda; desta, no fim, não guardava nenhuma lembrança.

Pelo meio-dia, Michel empurrou a porta do quarto. A respiração de Annabelle estava extremamente fraca; o lençol que lhe cobria o peito, quase imóvel — segundo o

médico, bastava para a oxigenação dos tecidos. Se a respiração baixasse ainda mais, seria preciso acionar um dispositivo de apoio. Por ora, a agulha de uma perfusão penetrava-lhe no braço, pouco abaixo do cotovelo, e um eletrodo marcava-lhe a tēmpora; nada mais. Um raio de sol atravessou o lençol imaculado e iluminou uma mecha dos seus magníficos cabelos claros.

O rosto dela, com os olhos fechados, apenas um pouco mais pálido do que de costume, parecia infinitamente tranquilo. Todo medo parecia tê-la abandonado; Michel teve a sensação de que nunca a vira tão feliz assim. É verdade que tendia a confundir o coma com a felicidade. Apesar disso, ela parecia infinitamente feliz. Passou a mão nos cabelos dela, beijou-lhe a testa e os lábios mornos. Evidentemente, era tarde demais; mas, apesar de tudo, correto. Ficou no quarto até o anoitecer. De volta ao corredor, abriu um livro de meditações budistas recolhidas pelo doutor Evans-Wentz (andava com o livrinho no bolso, de capa vermelha, havia várias semanas).

*Que todos os seres no Leste
Que todos os seres no Oeste
Que todos os seres no Norte
Que todos os seres no Sul
Sejam felizes, não percam a felicidade;
Possam viver sem inimizade.*

Não era inteiramente deles a culpa, pensou. Viviam num mundo sofrível, de competição e de luta, de vaidade e de violência, não num mundo harmonioso. Por um lado, nada tinham feito para mudá-lo, em nada contribuído para melhorá-lo. Devia ter feito um filho em Annabelle. De repente, lembrou-se que o tinha feito ou, antes, que começara a fazê-lo, ao menos, havia aceitado essa

perspectiva; esse pensamento encheu-o de alegria. Compreendeu então a paz e a ternura que o tinham invadido nas últimas semanas. ao menos, durante algumas semanas, ela teve a sensação de ser amada.

*Se alguém pratica o pensamento do amor
E não se entrega a práticas licenciosas;
Se corta os laços das paixões
E volta seu olhar para o Caminho,*

*Pelo fato de ter sido capaz de praticar esse amor,
Renascera no céu de Brahma
Obterá rapidamente a Libertação
E ganhará para sempre o Domínio do
Incondicionado.*

*se nem pensa em prejudicar,
Se não procura impor-se humilhando outros
Se pratica o amor universal
Ao morrer, não terá pensamentos de ódio.*

À noite, a mãe de Annabelle encontrou-o para saber as últimas notícias. Não, a situação não evoluíra; os estados de coma profundo podem ser muito estáveis, lembrou-lhe a enfermeira, com paciência; passavam-se, às vezes, semanas antes que se pudesse estabelecer um prognóstico. Entrou para ver a filha. Depois de um minuto, saiu soluçando: "Não entendo...", disse, sacudindo a cabeça. "Não entendo a vida. Uma boa moça, sabia. Sempre afetuosa, sem histórias. Não se queixava, mas eu sabia que não era feliz. Não teve a vida que merecia."

Desanimada, foi embora em seguida. Estranhamente, Michel não sentia fome nem sono. Ia e vinha no corredor. Desceu para o hall. Um antilhano, sentado na recepção,

fazia palavras cruzadas. Cumprimentou-o com a cabeça. Pegou um chocolate quente no distribuidor automático e aproximou-se dos vidros. A lua flutuava entre os edifícios. Alguns carros circulavam na avenida de Châlons. Tinha conhecimentos suficientes de medicina para saber que a vida de Annabelle estava por um sopro. A mãe dela estava certa em não querer compreender; o homem não é feito para aceitar a morte: nem a sua, nem a dos outros.

Aproximou-se do recepcionista e pediu-lhe papel. Meio surpreso, este alcançou-lhe um maço de folhas timbradas do hospital (foi esse cabeçalho que, mais tarde, permitiu a Hubczejak identificar o texto no meio da massa de notas encontrada em Clifden). Alguns seres humanos agarram-se com ferocidade à vida; deixam-na, como dizia Rousseau, de má vontade. Não era o caso de Annabelle.

*Criança nascida para a felicidade,
Oferecia a quem o quisesse o tesouro do seu coração
Daria a vida por outras vidas,
Entre os seus pequeninos irmãos*

*Pelo choro das crianças
Pelo sangue da raça
Seu sonho sempre presente
Deixaria um rastro
Inscrito no tempo,
Inscrito no espaço*

*Inscrito na carne
Para sempre sacrificada
Nas montanhas, no ar
E na água dos rios,
No céu modificado.*

Agora estás aqui

*No teu leito de morrente
Tão calma no coma
Para sempre comovente.
Nossos corpos se tornarão frios e apenas presentes
Na grama, minha Annabelle
Será o vazio
Do ser individual.
Pouco teremos amado
Sob a forma humana
Talvez o sol, e a chuva sobre nossas tumbas, o vento
e a geada
Ponham fim às nossas penas.*

4

Annabelle morreu dois dias depois. Foi melhor para a família. Em casos de falecimento, há a tendência a se dizer uma babaquice desse gênero. Mas é verdade que a mãe e o irmão dela dificilmente teriam suportado um estado prolongado de incerteza.

No pavilhão branco de concreto e de aço, o mesmo onde a avó tinha morrido, Dzerjinski tomou consciência, pela segunda vez, da potência do vazio. Atravessou o quarto e aproximou-se do corpo de Annabelle.

Era o mesmo que conhecera, mas o calor começava, lentamente, a abandoná-lo. A carne estava quase fria.

Alguns seres vivem até os 70 ou 80 anos pensando que há sempre algo novo, que a aventura, como se diz, espera na esquina. Precisa-se, em definitivo, quase matá-los ou, ao menos, reduzi-los a um estado adiantado de invalidez para que se tornem razoáveis. Não era o caso de Michel Dzerjinski, que vivera só, num vazio sideral. Contribuíra para o avanço do conhecimento, era a sua vocação, a maneira pela qual exprimia seus dons naturais, mas não conhecera o amor. Annabelle, apesar da sua beleza, tampouco; agora, estava morta; seu corpo repousava a meia altura, doravante inútil, análogo a um peso puro, na luz. Fechou-se o caixão.

Na carta de adeus, pediu para ser incinerada. Antes da cerimônia, tomaram um café no Relais H da entrada. Na mesa ao lado, um cigano, sob perfusão, falava, com dois amigos de visita, sobre carros. A iluminação era fraca —

algumas arandelas no teto, no meio de uma decoração desagradável, lembrando enormes rolhas de cortiça.

Saíram, ao sol. Os pavilhões do crematório ficavam não muito longe do hospital, no mesmo complexo. A câmara de incineração era um cubo branco de concreto, enorme, no meio de um átrio da mesma cor, de reverberação ofuscante. O ar quente ondulava em torno deles como uma miríade de cobrinhas.

Prendeu-se o caixão sobre uma plataforma móvel que levava ao interior do forno. Houve 30 segundos de recolhimento coletivo antes que o mecanismo fosse acionado. A engrenagem da plataforma rangeu ligeiramente.

Fechou-se a porta. Podiam acompanhar a queima através de um visor de pyrex. Quando o fogo jorrou de enormes lança-chamas, Michel olhou para outro lado. Durante uns 20 segundos, um clarão vermelho dominou-lhe o campo visual. Depois, acabou. As cinzas foram recolhidas numa caixinha, um paralelepípedo branco de pinho, e entregues ao irmão de Annabelle.

Voltaram, lentamente, para Crécy. O sol brilhava entre as folhas dos castanheiros, na Alameda da Prefeitura. Ali, 25 anos, Annabelle e Michel passeavam ao sair da aula. Umhas 15 pessoas esperavam no jardim da casa da mãe de Annabelle, cujo irmão caçula viera dos Estados Unidos para a cerimônia. Magro, nervoso, visivelmente estressado, elegante demais para a ocasião.

Annabelle pediu que as suas cinzas fossem dispersas no jardim da casa dos pais. Assim foi. O sol começava a cair. Uma poeira; uma poeira quase branca que se depositou suavemente na terra como um véu, entre as roseiras. No mesmo instante, ouviu-se a campainha da passagem de nível. Michel lembrou-se de seus 15 anos, quando Annabelle o esperava na estação e se jogava nos seus

braços. Olhou a terra, o sol, as rosas; a superfície elástica da grama. Incompreensível. Silêncio. A mãe de Annabelle serviu um vinho como última homenagem à filha. Alcançou o copo e fitou os olhos de Michel: "Pode ficar alguns dias, se quiser", disse-lhe, baixinho. Não, ia partir, trabalhar, não sabia fazer outra coisa. O céu pareceu-lhe cortado por raios. Percebeu que chorava.

5

Quando o avião se aproximou do teto nebuloso que se estendia, ao infinito, abaixo do céu intangível, teve a impressão de que toda a sua vida conduzia para aquele momento. Durante alguns segundos ainda, só teve a imensa cúpula do anil e uma vasta superfície ondulada na qual se alternavam um branco ofuscante e um branco opaco. Depois, entraram numa zona intermediária, móvel e cinza, de percepção confusa. Abaixo, no mundo dos homens, havia pradarias, animais e árvores; tudo verde, úmido e infinitamente detalhado.



Walcott, homem atarracado, de gestos vivos, esperava-o no aeroporto de Shannon. Uma coroa de cabelos arruivados cercava sua pronunciada calvície. Dirigia em velocidade a Toyota Starlet entre campos e colinas, em meio à bruma. O Centro ficava um pouco ao norte de Galway, no município de Rosscahill. Walcott mostrou-lhe as instalações e apresentou os técnicos que o ajudariam na realização das experiências e na programação do cálculo das configurações moleculares. Equipamentos ultramodernos,

salas limpíssimas — tudo financiado pela Comunidade Econômica Europeia. Numa sala refrigerada, Dzerjinski deu uma olhada nos dois grandes Cray, em forma de torre, cujos painéis de controle brilhavam na penumbra. Dispunham de milhões de processadores, de arquitetura maciçamente paralela, prontos para integrar as lagrangianas, as funções de onda, as decomposições espectrais, os operadores de Hermite. Aquele seria, doravante, o universo de sua vida. Cruzava os braços no peito, apertava-os contra o corpo» mas não conseguia dissipar uma impressão de tristeza, de frio interior. Walcott ofereceu-lhe um café no distribuidor automático. Pelas vidraças, viam-se colinas verdejantes que mergulhavam nas águas escuras do Lough Corrib.

Na estrada que desce para Rosscahill, passaram diante de um campo, em leve declive, onde pastavam vacas menores do que a média, de belo pelo castanho-claro. "Reconhece-as?" — perguntou Walcott com um sorriso. "Sim, descendem das primeiras vacas produzidas, já há dez anos, pelas suas pesquisas. Na época, nosso centro era muito pequeno, mal equipado, e a sua ajuda foi um enorme empurrão. Robustas, reproduzem-se sem dificuldades e dão um leite excelente. Quer ver?" Estacionou no acostamento. Dzerjinski se aproximou da cerca de pedra. As vacas ruminavam e esfregavam a cabeça nos flancos das companheiras; duas ou três estavam deitadas. Michel criara ou, ao menos, aperfeiçoara o código genético que dirigia a replicação das células delas. Para estas, deveria ser como um Deus; contudo, pareciam indiferentes a ele. Uma camada de bruma desceu do alto da colina, encobrindo os animais. Michel voltou para o carro.

Ao volante, com o para-brisa encoberto pela chuva, Walcott fumava um Craven. Com a sua voz suave, discreta (discrição que não parecia um sinal de indiferença), perguntou: "Está de luto?" Michel, então, contou-lhe a história de Annabelle. E o seu fim. Walcott escutava, de vez

em quando, sacudia a cabeça ou suspirava. Depois, permaneceu em silêncio. Acendeu e apagou um cigarro antes de dizer: "Não sou de origem irlandesa, nasci em Cambridge. Parece que continuo muito inglês. Diz-se com frequência que os ingleses têm como qualidades o sangue-frio e a reserva — uma maneira também de encarar os acontecimentos da vida, inclusive os mais trágicos, com humor. É bastante verdade, mas completamente idiota. O humor não salva. O humor, em definitivo, não serve para grande coisa. Pode-se encarar as coisas da vida com humor durante anos, por vezes durante muitos anos; em alguns casos, praticamente até o fim; mas, definitivamente, a vida parte o coração. Apesar da coragem, do sangue-frio e do humor, sempre se acaba com o coração partido. Então, termina o riso. No fim das contas, há só a solidão, o frio e o silêncio. Nada além da morte."

Acionou o limpador de para-brisa e ligou o motor. "Muita gente aqui é católica", disse ainda. "Enfim, está mudando. A Irlanda moderniza-se. Várias empresas de alta tecnologia instalaram-se aqui, aproveitando-se dos benefícios fiscais e da redução dos encargos sociais. Nesta região, tem-se Roche e Lilly. E, claro, Microsoft; todos os jovens deste país sonham em trabalhar na Microsoft. As pessoas vão menos à missa, existe mais liberdade sexual do que há alguns anos, cada vez mais discotecas e antidepressivos. Enfim, o quadro clássico..."

Costearam novamente o lago. O sol ressurgiu no meio de um banco de bruma, desenhando na superfície da água irisações faiscantes. "Apesar de tudo, o catolicismo continua muito forte aqui", prosseguiu Walcott.

"Os técnicos do Centro, por exemplo, são, na maioria, católicos, o que não facilita as minhas relações com eles. Embora corteses, consideram-me alguém meio à parte, com quem não se pode realmente falar."

O sol se livrou completamente, formando um círculo de um branco perfeito; o lago inteiro, banhado de luz,

apareceu. No horizonte, as cadeias das Twelve Bens Mountains se superpunham, numa gama decrescente de cinza, como as camadas de um sonho. Michel e Walcott permaneceram em silêncio. Na entrada de Galway. Walcott falou de novo: "Sou ateu, mas compreendo que se possa ser católico aqui. Este país tem algo muito particular. Tudo vibra constantemente: do pasto dos campos até a superfície da água, tudo parece indicar uma presença. A luz é móvel e suave, como uma matéria mutante. Verá. O céu também é animado.

6

Alugou um apartamento perto de Clifden, na Sky Road, numa antiga casa da Guarda Costeira, reestruturada para turistas. Decoradas com roldanas e lampiões, as peças continham objetos que, supostamente, deviam agradar aos locatários. Não se incomodava com isso. Ali, como na vida em geral, sabia que se sentiria, para sempre, como num hotel.

Não tinha intenção de voltar à França, mas nas primeiras semanas precisou ir a Paris várias vezes por causa da venda do apartamento e da transferência de suas contas. Pegava o voo das 11h50 em Shannon. O avião sobrevoava o mar; o sol incandescia a superfície das águas; as ondas pareciam vermes que se acavalavam e retorciam numa enorme distância. Abaixo dessa imensa película de vermes, sabia-o, moluscos engendravam a própria carne; peixes, de dentes afiados, devoravam os moluscos, antes de ser devorados por outros peixes mais fortes. Dormia e tinha pesadelos. Quando acordava, o avião sobrevoava a campanha. Nesse estado de sonolência, surpreendia-se com a cor uniforme dos campos. Amarelos, verdes, às vezes, mas sempre monótonos. A periferia de Paris era cinza. O avião perdia altitude, descia lentamente, irresistivelmente atraído pela vida, pela palpitação de milhões de vidas.

A partir da metade de outubro, uma bruma espessa, vinda diretamente do Atlântico, cobriu a península de

Clifden. Os últimos turistas partiram. Não fazia frio, mas um cinza brusco, fundo e suave banhava tudo. Dzerjinski saía pouco. Trouxera três DVD, com mais de 40 Gb de dados. De vez em quando, ligava o computador e examinava uma configuração molecular; em seguida, espichava-se na cama enorme, um maço de cigarros ao alcance da mão. Ainda não tinha voltado ao Centro. Via, pela vidraça, o movimento lento das massas de bruma.

Por volta de 20 de novembro, o céu limpou, o tempo ficou mais frio e seco. Michel se acostumou a dar longos passeios a pé pela estrada costeira. Passava de Gortrumnagh e Knockavally e ia, com frequência, a Claddaghduff; às vezes, até Aughrus Point. Achava-se então no ponto mais ocidental da Europa, a ponta extrema do mundo ocidental. Diante dele, estendia-se o Oceano Atlântico: quatro mil quilômetros de oceano separavam-no da América.

Segundo Hubczejak, esses dois meses de reflexão solitária ao longo dos quais Dzerjinski não fez nada, não realizou nenhuma experiência, não programou nenhum cálculo, devem ser considerados como um período chave durante o qual se cristalizaram os principais elementos da sua reflexão posterior. Os últimos meses de 1999 foram, de qualquer maneira, para a humanidade ocidental, uma época estranha, marcada por uma expectativa especial, uma espécie de ruminação surda.

É 31 de dezembro de 1999, uma sexta-feira. Na clínica de Verrières-le-Buisson, onde Bruno passaria o resto de seus dias, aconteceu uma festinha, reunindo pacientes e atendentes. Beberam champanhe e comeram chips sabor páprica. Mais tarde, Bruno dançou com uma enfermeira. Não estava infeliz; sob o efeito dos medicamentos, todo o desejo desaparecera nele. Gostava da hora do aperitivo, de ver jogos na TV com os demais, antes do jantar. Não

esperava mais nada da sucessão dos dias. A última noite do milênio correu bem para ele.

Nos cemitérios do mundo inteiro, os humanos recém-falecidos continuaram a apodrecer nos seus túmulos, transformando-se, aos poucos, em esqueletos.



Michel passou a noite em casa. Estava longe demais para ouvir os ecos da festa do vilarejo. Várias vezes atravessavam sua memória imagens, suavizadas e tranquilas, de Annabelle; imagens, também, da avó.

Lembrou que aos 13 ou 14 anos comprava lanternas, pequenos objetos mecânicos, que gostava de desmontar e montar sem parar. Lembrou-se também de um avião a motor, presente da avó, que nunca conseguiu fazer decolar. Era um belo avião cáqui; acabou ficando na caixa. Perpassada por tendências, sua existência apresentava, contudo, certos traços individuais. Existem seres, existem pensamentos. Os pensamentos não ocupam espaço. Os seres ocupam uma porção do espaço; podemos vê-los. A imagem deles se forma no cristalino, atravessa a coróide e bate na retina. Sozinho, na casa vazia, Michel assistiu a um modesto desfile de lembranças. Apenas uma certeza, ao longo da noite, tomava conta aos poucos de sua mente: poderia, em breve, voltar ao trabalho.

Por toda parte no planeta a humanidade cansada, esgotada, duvidando de si mesma e de sua própria história, preparava-se como podia para entrar num novo milênio.

7

Alguns dizem:

*"A civilização que construímos ainda é frágil,
Estamos apenas saindo da noite,
Dos últimos séculos de infelicidade, ainda
carregamos a imagem hostil;
Não seria melhor que tudo isso continuasse
escondido?"*

*O narrador levanta-se, concentra-se e lembra
Com equanimidade, mas firmeza, levanta-se e
lembra
Que uma revolução metafísica aconteceu.*

Assim como os cristãos podiam ter uma
representação das civilizações antigas, podiam formar
uma imagem completa das civilizações antigas, sem ser
atingidos por interrogações ou dúvidas,

*Pois tinham superado um estágio,
Um patamar,
Tinham atravessado um ponto de ruptura;
Assim como os homens da era materialista podiam
assistir, sem compreender, sem mesmo realmente ver, à
repetição das cerimônias rituais cristãs,
Também não podiam ler e reler as obras originárias
da antiga cultura cristã fora de uma perspectiva quase
antropológica*

Incapazes de compreender os debates que tinham agitado seus ancestrais em torno das oscilações do pecado e da graça;

Da mesma forma, podem, hoje, escutar a história da em materialista Como uma velha história humana.

*História triste, mas não ficaremos, realmente, tristes
Pois não nos partamos mais com esses homens.*

Filhos da carne e dos desejos deles, rejeitamos as suas categorias e filiações

Não conhecemos as alegrias deles; não conhecemos tampouco os sofrimentos deles,

*Afastamos Com indiferença E sem nenhum esforço
Esse universo de morte.*

Os séculos de dor que são nossa herança,

Podemos, hoje, tirá-los do aquecimento

Algo aconteceu como uma segunda partilha,

E temos o direito de viver a nossa vida.

Entre 1905 e 1915, trabalhando quase sozinho, com conhecimentos matemáticos restritos, Albert Einstein conseguiu, a partir da primeira intuição que constituía o princípio da relatividade limitada, elaborar uma teoria geral da gravitação, do espaço e do tempo que exerceria influência decisiva sobre a evolução posterior da astrofísica. Esse esforço aleatório, solitário, realizado, conforme os termos de Hilbert, "para honra do espírito humano", em campos sem utilidade aparente e, na época, inacessíveis à comunidade dos pesquisadores, pode ser comparado aos trabalhos de Cantor que estabeleceram uma tipologia do infinito em ato, ou aos esforços de Gottlob Frege para redefinir os fundamentos da lógica.

Pode-se também, destacar que Hubczejak, na introdução a *Clifden Notes*, compará-lo à atividade intelectual solitária de Dzerjinski, em Clifden, entre 2000 e 2009 — ainda mais que, tanto quanto Einstein, Dzerjinski não dispunha de bagagem matemática suficiente para desenvolver suas intuições a partir de uma base de fato rigorosa.

Topologia da meiose, sua primeira publicação, lançada em 2002, teve, contudo, considerável repercussão. Estabelecia, pela primeira vez com base em argumentos termodinâmicos irrefutáveis, que a separação cromossômica ocorrida no momento da meiose, gerando gametas haploides, era, em si mesma, uma fonte de instabilidade estrutural; em outros termos, que toda espécie sexuada era necessariamente mortal. *Três conjecturas de topologia nos espaços de Hilbert*, publicada em 2004, surpreenderia. Foi tomada como uma reação à dinâmica do contínuo, uma tentativa — de ressonâncias estranhamente platônicas — de redefinição de uma álgebra das formas. Embora reconhecendo o interesse das conjecturas propostas, os matemáticos profissionais não deixaram de sublinhar a ausência de rigor das proposições, o caráter um pouco anacrônico da abordagem. De fato, Hubczejak confirma, Dzerjinski não tinha, na época, acesso às publicações matemáticas mais recentes, além de que parecia não se interessar muito por elas. Sobre as suas atividades entre 2004 e 2007, dispõe-se, em realidade, de pouquíssimos registros. Ia, com frequência, ao Centro de Galway, mas as relações com os pesquisadores eram puramente técnicas, funcionais. Aprendera alguns rudimentos do supercomputador Cray, o que lhe permitia não ter de recorrer aos programadores. Apenas Walcott, que morava perto de Clifden, e de vez em quando o visitava à tarde, parece ter mantido relações mais próximas com ele. Segundo Walcott, Dzerjinski citava, volta e meia, Auguste Comte, especialmente as cartas a Clotilde de Vaux e a *Síntese subjetiva*, obra inacabada do filósofo. Inclusive

no plano do método científico, Comte podia ser considerado o verdadeiro fundador do positivismo. Nenhuma metafísica, nenhuma ontologia concebível na sua época conseguiu encantá-lo.

Colocado na situação intelectual de Niels Bohr entre 1924 e 1927, é verossímil imaginar que Comte, destacava Dzerjinski, teria mantido a sua atitude de positivista intransigente e aderido à interpretação de Copenhague. No entanto, a insistência do filósofo francês na realidade dos estados sociais em comparação com a ficção da existência individual, seu interesse constantemente renovado pelos processos históricos e pelas correntes de pensamento, seu sentimentalismo exacerbado, sobretudo, permitem pensar que, talvez, ele não fosse hostil a um projeto de refundação ontológica mais recente, cuja consistência vinha das pesquisas de Zurek, Zeh e Hardcastle: a substituição de uma ontologia de objetos por uma ontologia de estados.

Somente uma ontologia de estados, com efeito, poderia restaurar a possibilidade prática das relações humanas. Numa ontologia de estados, as partículas seriam indiscerníveis e só poderiam ser classificadas através de um observável numérico. As únicas entidades suscetíveis de reidentificação e nomeação, em tal ontologia, seriam as funções de onda e, através delas, os vetores de estado — daí a possibilidade analógica de dar novamente sentido à fraternidade, à simpatia e ao amor.

Epílogo

Sobre a vida, a aparência física, o caráter dos personagens que passaram por essa narrativa, conhecemos muitos detalhes. Este livro deve, no entanto, ser considerado ficção, uma reconstrução plausível de memórias parciais, e não reflexo de uma verdade unívoca e atestável. Embora *Clifden Notes* — mistura complexa de memórias, impressões pessoais e reflexões teóricas sobre os acontecimentos de sua vida postas no papel por Dzerjinski entre 2000 e 2009, enquanto trabalhava em sua grande teoria —, escolhas, confrontos e dramas que condicionaram sua visão particular de existência, em sua biografia como em sua personalidade, permanecem obscuras. O que se segue, por outro lado, pertence à história, e os eventos decorrentes da publicação das obras de Dzerjinski foram tão frequentemente rastreados, comentados e analisados que podemos nos limitar a um breve resumo.

Em junho de 2009, a revista *Nature* publicou edição especial sob o título *Prolegômenos da replicação perfeita* — oitenta páginas com a síntese das últimas obras de Djerzinski que provocaram imediatamente enorme onda de choque na comunidade científica. Em todo o mundo, dezenas de pesquisadores em biologia molecular tentaram repetir os experimentos propostos, para verificar os detalhes dos cálculos. Ao fim de alguns meses saíram os

primeiros resultados, e depois, semana após semana, confirmavam com precisão a validade das hipóteses de partida. No fim de 2009 não havia mais dúvida: os resultados de Dzerjinski eram válidos, podiam ser considerados cientificamente demonstrados. As consequências práticas, claro, eram vertiginosas: qualquer código genético, qualquer que fosse sua complexidade, podia ser reescrito de forma padrão, estruturalmente estável, inacessível a distúrbios e mutações. Cada célula poderia, portanto, ser dotada de uma capacidade infinita para repetições sucessivas. Qualquer espécie animal evoluída podia ser transformada em espécie reproduzível por clonagem e imortal.

Frédéric Hubczejak tinha vinte e sete anos quando descobriu o trabalho de Dzerjinski, junto com várias centenas de pesquisadores na superfície do planeta. Ele estava completando seu doutorado em bioquímica na Universidade de Cambridge; era nervoso, desorganizado e inquieto, tinha viajado pela Europa por anos seguidos — há traços de sucessivas inscrições nas universidades de Praga, Göttingen, Montpellier e Viena - em busca de "um novo paradigma, mas algo mais: não apenas outra maneira de olhar o mundo, mas outra maneira de me situar nele". Em todo caso, foi o primeiro, e durante anos, o único, a defender a proposta radical da obra de Dzerjinski: a humanidade desapareceu, a humanidade deveria dar à luz uma nova espécie, assexuada e imortal, superando individualidade, separação e evolução. É supérfluo notar a hostilidade que tal projeto desencadeou entre os defensores das religiões reveladas — judaísmo, cristianismo e islamismo, enfim unidos para anatematizar essas obras "gravemente atentatórias à dignidade humana baseada na singularidade de sua relação com o Criador"; somente os budistas observaram que se toda a reflexão do

Buda partia originalmente da consciência desses três impedimentos, velhice, doença e morte, e que o Honrado do Mundo preferiu se dedicar à meditação, não rejeitariam necessariamente *a priori* uma solução de natureza técnica. Em todo caso, Hubczejak obviamente pouco podia esperar das religiões estabelecidas. Mais surpreendente foi que os defensores tradicionais do humanismo reagiram com rejeição radical. Mesmo que essas reações agora pareçam difíceis de entender, devemos lembrar o lugar central ocupado pelos humanos na era materialista (isto é, durante os poucos séculos entre o desaparecimento de cristianismo medieval até a publicação das obras de Dzerjinski), com seus conceitos de liberdade individual, dignidade humana e progresso. A natureza confusa e arbitraria dessas noções naturalmente os impediu de chegar à eficácia social — assim, a história humana do século XV ao XX da nossa era pode ser essencialmente caracterizada como dissolução e desintegração; pois os estratos educados ou semieducados que contribuíram para o estabelecimento dessas noções se agarraram a elas com particular vigor, e é compreensível que Frederic Hubczejak tivesse, nos primeiros anos, dificuldade em ser ouvido.

A história desses poucos anos em que Hubczejak transformou em aceitável um projeto inicialmente recebido com reprovação e desgosto unânimes por uma parcela crescente da opinião pública mundial, até finalmente ser financiado pela Unesco, retrata uma mente extraordinariamente brilhante, pragmática e inquieta — a imagem de um extraordinário agitador de ideias. Ele certamente não tinha as qualidades de um grande pesquisador, mas soube aproveitar o respeito ao nome e ao trabalho de Michel Dzerjinski na comunidade científica internacional. Tinha ainda menos o espírito de um filósofo original e profundo, mas sabia, ao prefaciar e comentar as edições de *Meditação sobre o entrelaçamento* e *Notas de Clifden*, apresentar as reflexões de Dzerjinski de forma

precisa, acessível a um público amplo. O primeiro artigo de Hubczejak, *Michel Dzerjinski e a interpretação de Copenhague*, apesar do título, é uma longa meditação sobre uma observação de Parmênides: "O ato do pensamento e o objeto do pensamento se confundem." Em seu trabalho seguinte, *Tratado da limitação concreta*, assim como no texto sobriamente intitulado *Realidade*, ele promoveu uma curiosa síntese entre o positivismo lógico do círculo de Viena e o positivismo religioso de Comte, e isso sem bloquear seus impulsos líricos, como testemunha esta passagem frequentemente citada: "Não há silêncio eterno de espaços infinitos, pois na verdade não há silêncio, nem espaço, nem vazio. O mundo que conhecemos, o mundo que criamos, o mundo humano é redondo, suave, homogêneo e quente como o seio de uma mulher." Ele sabia como incutir em seu público crescente a ideia de que a humanidade, no estágio que tinha alcançado, poderia e deveria controlar toda a evolução do mundo — e, em particular, podia e devia controlar sua própria evolução biológica. Nessa luta, ele recebeu o precioso apoio de um bom número de neokantianos que, aproveitando a súbita impopularidade do pensamento nietzscheano, tomaram o controle de importantes alavancas de poder no mundo intelectual, acadêmico e editorial.

Era consenso, no entanto, que o verdadeiro gênio de Hubczejak foi, por sua visão precisa das questões, a capacidade de usar em proveito de sua tese a ideologia bastarda e confusa do fim do século XX denominada Nova Era. Foi o primeiro em seu tempo a enxergar que, para além da massa de superstições obsoletas, contraditórias e ridículas, a Nova Era respondia a um sofrimento real, resultante do deslocamento psicológico, ontológico e social. Para além da mistura repugnante do fundamentalismo ecológico, da atração pela tradição e pelo "sagrado", que herdou de sua associação com o movimento hippie e as ideias de Esalen, a Nova Era manifestou um desejo genuíno

de ruptura com o século XX, o imoralismo, o individualismo, o aspecto libertário e antissocial; testemunhou a consciência angustiada de que nenhuma sociedade é viável sem o eixo unificador de uma religião qualquer. Foi de fato um apelo poderoso para a mudança de paradigma.

Consciente de que havia compromissos necessários, Hubczejak não hesitou, no "Movimento Potencial Humano" — que criou em fins de 2011 —, a retomar abertamente certos temas da Nova Era, como a "constituição do córtex de Gaia", a famosa comparação "10 bilhões de pessoas na superfície do planeta, 10 bilhões de neurônios no cérebro humano", o apelo a um governo mundial baseado na "Nova aliança" — e seu slogan quase publicitário, *DEMAIN SERA FÉMININ* (o amanhã será feminino)". Ele fez isso com tal habilidade que aumentou a admiração dos analistas, evitando com cuidado qualquer derivação irracional ou sectária e conseguindo reter o apoio poderoso da comunidade científica.

Um certo cinismo tradicional no estudo da história humana tende a apresentar "habilidade" como um fator de sucesso fundamental, enquanto que, na ausência de uma forte convicção, é incapaz de produzir uma mutação verdadeiramente decisiva. Todos que conheceram ou confrontaram Hubczejak em debates concordam que seu poder de convicção, sedução e carisma extraordinário encontrou sua fonte em profunda simplicidade, uma convicção pessoal autêntica. Em todas as circunstâncias, ele disse quase exatamente o que pensava — e para seus críticos, enredados em impedimentos e limitações de ideologias ultrapassadas, essa simplicidade tinha efeitos devastadores. Uma das primeiras censuras dirigidas a seu projeto foi quanto à supressão das diferenças sexuais, tão constitutivas da identidade humana. A isso Hubczejak respondeu que não era sua intenção recriar as espécies humanas até seus mínimos detalhes, e sim produzir uma

nova, racional espécie, e que o fim da sexualidade como modalidade de reprodução não significava — pelo contrário — o fim do prazer sexual. As sequências de codificação que causam a formação de corpúsculos de Krause durante a embriogênese foram identificadas recentemente, disse. No estágio atual da espécie humana eles eram pobremente disseminados na superfície do clitóris e da glândula. Nada impediria no futuro multiplicá-los em toda a superfície da pele — oferecendo assim, no campo dos prazeres, novas e quase inéditas sensações eróticas.

Outras críticas — provavelmente as mais profundas — focalizaram o fato de que, nas novas espécies criadas a partir do trabalho de Dzerjinski, todos os indivíduos teriam o mesmo código genético; um dos elementos fundamentais da personalidade humana, portanto, desapareceria. A isso Hubczejak respondeu ferozmente que essa individualidade genética de que fomos, por uma perversidade trágica, tão ridiculamente orgulhosos, foi precisamente a fonte da maior parte de nossos infortúnios. À ideia de que a personalidade humana estava em perigo de desaparecer ele contrapôs o exemplo concreto e observável de gêmeos idênticos que, através de suas histórias individuais, e apesar de uma herança genética estritamente igual, desenvolvem personalidades, enquanto permanecem ligados por misteriosa fraternidade — uma fraternidade que, segundo Hubczejak, era precisamente o elemento mais necessário para a reconstrução de uma humanidade reconciliada.

Não há dúvida de que Hubczejak foi sincero ao se mostrar mero seguidor de Dzerjinsky, um simples artista cuja única ambição era colocar em prática as ideias do mestre. Prova dessa fidelidade é a ideia bizarra expressa na página 342 de *Clifden Notes*: o número de indivíduos de uma nova espécie deve permanecer constantemente igual a um número primo; então teríamos que criar um indivíduo, depois dois, depois três, depois cinco... em suma, seguir

escrupulosamente a distribuição dos números primos. Naturalmente, o objetivo de ter uma população divisível apenas por si mesma e um era dar atenção simbólica aos perigos que os subgrupos representam em qualquer sociedade, mas parece que Hubczejak introduziu esse requisito nas especificações sem questionar seu significado. De modo geral, sua leitura positivista dos trabalhos de Dzerjinski o levaria a subestimar a dimensão da mudança metafísica que deve necessariamente acompanhar uma mutação biológica tão profunda — uma mutação que não tinha precedente na história humana.

Sua ignorância das sutilezas filosóficas do projeto, e mesmo sua inabilidade para reconhecer sutilezas filosóficas em geral, não prejudicou nem atrasou sua realização. Isso revela a medida — em todas as sociedades ocidentais e em particular nos segmentos mais avançados representados no movimento da Nova Era — da aceitação da ideia de que uma mutação fundamental era indispensável se a sociedade quisesse sobreviver a sobrevivência — uma mutação que restauraria o senso de comunidade, de permanência e de sagrado. Mostra também em que medida as questões filosóficas perderam, na mente do público, qualquer referência definitiva. O ridículo global em que o trabalho de Foucault, Lacan, Derrida e Deleuze caíra repentinamente, após décadas de superestimação insensata, não era para deixar o campo aberto a qualquer novo pensamento filosófico, mas sim para desacreditar todos os intelectuais das "ciências humanas". Mas o surgimento de pesquisadores em todas as áreas do pensamento tornou-se inevitável. Mesmo o interesse ocasional, contraditório e flutuante que os simpatizantes da Nova Era fingiam de tempos em tempos para experimentar tal e qual crença decorrente de "antigas tradições espirituais" era apenas um estado de angústia pungente, no limite da esquizofrenia. Como outros na sociedade, e talvez mais até, confiavam apenas na ciência, a ciência era para eles um

critério único e irrefutável da verdade. Como outros na sociedade, no fundo do coração acreditavam que a solução para qualquer problema — psicológicos, sociológicos ou, em geral, humanos — só poderia ser uma solução técnica. Em 2013, Hubczejak lançou seu famoso slogan, que deveria ser o verdadeiro gatilho para um movimento de opinião mundial: "A MUTAÇÃO NÃO SERÁ MENTAL, MAS GENÉTICA."

Os primeiros financiamentos foram votados pela Unesco em 2021, para uma equipe de pesquisadores sob a direção de Hubczejak. Para dizer a verdade, no nível científico ele não dirigiu muito; mas teve que ser incrivelmente eficaz num papel que pode ser descrito como de "relações públicas". A extraordinária rapidez com que os primeiros resultados saíram foi uma surpresa. Não demorou para que se soubesse que muitos pesquisadores, adeptos ou simpatizantes do "Movimento do potencial humano", de fato tinham começado a trabalhar bem antes, sem esperar a luz verde da Unesco, em seus laboratórios da Austrália, do Brasil, do Canadá ou do Japão.

A criação do primeiro ser, do primeiro representante de uma nova espécie inteligente criada pelo homem "à sua imagem e semelhança", ocorreu em 27 de março de 2029, vinte anos depois do desaparecimento de Michel Dzerjinski. Sempre em homenagem a Dzerjinski, e embora não houvesse franceses na equipe, a síntese ocorreu no laboratório do Instituto de biologia molecular de Palaiseau. A transmissão televisionada do evento, naturalmente, teve um impacto enorme — um impacto que excedeu em muito o de uma noite de julho de 1969, quase sessenta anos antes: a transmissão ao vivo dos primeiros passos do homem na lua. Como prelúdio para o relatório, Hubczejak fez um discurso muito breve no qual, com a franqueza de sempre, declarou que a humanidade seria honrada como "a

primeira espécie animal do universo conhecido a criar ela mesma as condições de sua própria substituição".

Hoje, quase cinquenta anos depois, a realidade confirmou em grande parte o conteúdo profético das palavras de Hubczejak — a um ponto tal que ele provavelmente não suspeitou. Ainda há alguns seres humanos da raça antiga, especialmente em áreas que há muito passaram pela influência das doutrinas religiosas tradicionais. Sua taxa de reprodução, no entanto, diminuiu de ano para ano, e sua extinção agora parece inevitável. Contrariamente a todas as previsões pessimistas, essa extinção é calma, apesar de alguns atos de violência isolados, cujo número cai constantemente. Fica-se mesmo surpreso ao ver com que docilidade, com que resignação e, talvez, com que alívio os humanos consentiram em seu próprio desaparecimento.

Rompido o elo filial que nos liga à humanidade, nós vivemos. Os homens acham que vivemos felizes. É verdade que conseguimos superar as forças insuperáveis do egoísmo, da crueldade e da raiva. Vivemos, de algum modo, uma vida diferente. A ciência e a arte ainda existem em nossa sociedade mas, sem o estímulo da vaidade pessoal, a busca do Verdadeiro e do Belo assumiu um caráter menos urgente. Para os humanos da raça antiga, nosso mundo é como um paraíso. Às vezes até acontece de nos chamarmos — de certa forma, com um pouco de humor — pelo nome com que tanto sonharam: "deuses".

A história existe, ela se impõe, ela domina, seu império é inescapável. Mas além do plano histórico rigoroso, a ambição final deste trabalho é saudar essas espécies infelizes e corajosas que nos criaram. Esta espécie dolorosa e vil, pouco diferente do macaco, que ainda assim tinha tantas aspirações nobres. Torturada, contraditória, individualista, briguenta e infinitamente egoísta, às vezes

capaz de explosões de violência inaudita, essa espécie nunca deixou de acreditar na bondade e no amor. Esta espécie que pela primeira vez na história do mundo conseguiu imaginar a possibilidade de sua própria transcendência e que, alguns anos depois, conseguiu pôr essa transcendência em prática. No momento em que seus últimos representantes se extinguem, consideramos legítimo render à humanidade essa última homenagem, uma homenagem que também desaparecerá e se perderá nas areias do tempo. É necessário, no entanto, que essa homenagem seja feita pelo menos uma vez. Este livro é dedicado ao homem.

FIM

*Partículas Elementares foi composto por
ComTexto Editoração Eletrônica
no tipo A garamond, corpo 12/14,5,
e impresso na Gráfica e Editora La Salle
para a Organização Sulina de Representações S.A.
Porto Alegre, outubro de 1999.*

Digitalização: Lucas Antonio (agosto de 2017)